

maria cecília naclério homem

higienópolis

grandeza e decadência de um bairro paulistano



história dos bairros de são paulo

prefeitura do município de são paulo
secretaria municipal de cultura

maria cecília naclério homem

higienópolis

grandeza e decadência de um bairro paulistano

departamento do patrimônio histórico

divisão do arquivo histórico



02903

Sistema Alexandria
A.L. : 1375606
Tombo : 2715



981. 61

H 765 R

e. 1

série: história dos bairros de são paulo

volume 17: higienópolis

HISTÓRIA DOS BAIRROS DE SÃO PAULO

Vol.	Bairro
1	Brás
2	Pinheiros
3	Penha
4	Santo Amaro
5	Jardim da Saúde
6	Santana
7	São Miguel Paulista
8	Vila Mariana
9	Bom Retiro
10	Sé
11	Ibirapuera
12	Luz
13	Nossa Senhora do Ó
14	Ipiranga
15	Bela Vista
16	Liberdade
17	Higienópolis

PRIMEIRO PRÊMIO DO XII CONCURSO DE MONOGRAFIAS SOBRE A HISTÓRIA DOS BAIRROS DE SÃO PAULO, PROMOVIDO PELA DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, OUTORGADO PELA COMISSÃO JULGADORA, CONSTITUÍDA PELOS PROFESSORES TITO LÍVIO FERREIRA, MYRIAM ELLIS E NACI LEONZO.

à memória de
Modesto Naclério Homem Netto,
meu Pai

a Zilda,
minha Mãe.

Agradecimentos a

Caio Prado Júnior
Gustavo Neves da Rocha Filho
Ronei Bacelli
pelas sugestões e pelo estímulo recebidos.

Heloísa Haruê Cardoso,
pela colaboração na pesquisa de campo.

Ricardo Mendes
Carlos Ruggi
pela colaboração na parte fotográfica

Cleide Stanis Montanari
Maria Cristina Eça Maspes
que executaram as plantas

Marly Solanowski
que datilografou o texto

Ronei, Antonio, Tino, Paulão e Marly
pela montagem do trabalho

um agradecimento especial a todos os que abriram seus arquivos ou forneceram depoimentos para esta pesquisa.

ÍNDICE

Introdução	15
Capítulo I	
A expansão urbana de São Paulo no último quarto do Século XIX e o Bairro de Higienópolis	19
Capítulo II	
O Bairro de Higienópolis: antecedentes	33
Capítulo III	
O Bairro de Higienópolis	59
O empreendimento de Martinho Burchard e Victor Nothmann ..	59
A atuação da Prefeitura Municipal em Higienópolis	71
Os primeiros compradores	74
Os anglo-saxões e as primeiras residências	80
A gente do café, novas residências e arquitetos	84
Mais uma vez a Rua Maranhão onde se ergueu a Igreja de San- ta Terezinha do Menino Jesus	110
Conclusão	114
Capítulo IV	
O Bairro de Higienópolis e a "Belle Epoque" Paulista	117
Capítulo V	
O Bairro de Higienópolis hoje	145

O primeiro momento: de 1930 a 1949	150
O segundo momento: de 1950 até nossos dias	161
 Conclusão	181
 Bibliografia	185
Fontes primárias	185
Depoimentos	185
Mapas	193

ADENDO — Plantas de quatro obras marcantes do Bairro: residência de D. Veridiana da Silva Prado, Antonio Álvares Penteado, Caio Prado e "Apartamentos Prudêncio e Capitalização".

INTRODUÇÃO

Quem passa hoje pela Avenida Higienópolis ou pelas ruas do Bairro do mesmo nome, pode ver alguns casarões antigos coexistindo ao lado de inúmeros arranha-céus. Tais casarões atestam o esplendor do Bairro e o tipo da classe social que o ocupou — paulistas abastados da passagem do século — e documentam toda uma época da história do café que começa em finais do Império e atravessa a "República Velha". Igualmente evocam uma etapa de nossa evolução urbana, quando a riqueza da bem sucedida cafeicultura propiciou o progresso material de São Paulo, sua reconstrução em padrões diferentes e a edificação de seus primeiros monumentos de maior envergadura, conduzindo a capital da Província à Metrópole do Café.

Ainda pode ser vista a casa que foi de D. Veridiana da Silva Prado, construída em 1884 e ocupada atualmente pela sede do Clube São Paulo. Foi um dos primeiros palacetes de São Paulo. Em frente, fazendo par com a casa de D. Veridiana, ficava a "Vila Penteado" de 1902, antiga residência do fazendeiro e industrial Antonio Álvares Penteado, depois sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, abrigando hoje um setor dessa Escola. De grandes proporções, em meio a vastos jardins, ocupava toda a quadra delimitada pela Avenida e pelas Ruas Itambé, Maranhão e Sabará. Hoje está escondida, separada da Avenida Higienópolis por uma barreira de arranha-céus. Ambas as residências estavam justamente localizadas na entrada do Bairro, como a anunciar ao visitante que chegava pela Consolação ou subia a Rua Major Sertório, a opulência dos palacetes e o luxo dos habitantes. Ao avançar por aquelas ruas, o visitante se defrontava com um dos bairros residenciais mais bonitos

de São Paulo, orgulho da cidade, incluído nos guias turísticos como passeio obrigatório e dos mais aprazíveis que a capital oferecia nos começos do século e até mesmo no período da II Grande Guerra.

Mais adiante vêm-se outros remanescentes de importância como o palacete que abriga o Consulado da Itália, antiga casa do Senador Rodrigues Alves; a casa de outro importante fazendeiro de café, Carlos Leônio Baptista de Magalhães, na esquina com a Rua Albuquerque Lins, hoje ocupada pela Secretaria de Segurança Pública, e o chalé da família Pereira Lima, de n.º 663. Na Rua Maranhão ainda se encontram o palacete dos Nickelsburgs, a casa mais antiga do loteamento de Martinho Burchard, e a velha casa de Edgard de Souza.

Quanto aos demais exemplares de residências, dispersos entre os edifícios, estão bastante descaracterizados, ocupados por instalações bancárias, como a casa de Cássio da Silva Prado projetada pelo arquiteto Victor Dubugras, na Avenida Higienópolis, hoje sede do Banco Francês e Italiano, ou por escritórios comerciais, escolas e clínicas médicas.

Agora a Avenida Higienópolis alterou-se completamente. Está sempre congestionada, transformada em corredor, tal o trânsito que por ali escoa diariamente, ligando a Consolação à Angélica, reduzida mesmo à "simples travessa da Angélica" como a localizam os "chaufeurs" de táxi.

Alvo da especulação imobiliária intensa, que veio ocorrendo na cidade durante todos estes anos, o Bairro transformou-se em floresta de concreto armado, de elevada concentração demográfica. As novas construções procuraram beneficiar-se do antigo prestígio social de que gozaram os primeiros moradores, para conferir "status" à classe média alta que o ocupa atualmente.

É bem verdade que os arranha-céus proliferaram por toda a urbe, denotando um novo período econômico e sócio-cultural da cidade, um novo modo de vida para os paulistas. Surgiu então uma nova etapa urbana para São Paulo, a do seu crescimento vertical.

Da mesma forma o Bairro evoluiu para uma área de função escolar intensa, a segunda maior de São Paulo depois da Cidade Universitária. Algumas dessas escolas já existiam desde a formação do Bairro, mas a maioria chegou instalando-se quer em velhas casas quer em prédios especialmente construídos.

Com este trabalho objetivamos traçar a história do Bairro de Higienópolis, contar, na medida do possível, como e porque surgiu, como se vivia no Bairro, lugar de residência de personalidades importantes de São Paulo, da classe dominante econômica e politicamente. Desejamos fixar um tanto de sua memória e da nossa tradição ameaçadas de perda pelo esquecimento ou pela sanha da especulação imobiliária,

com vistas a chegar até nossas raízes e à nossa estrutura. Que ele possa contribuir para explicar um pouco do presente e transmitir os valores espirituais de geração para geração.

Higienópolis aqui será tomado como um setor urbano que se destacou por determinadas características, por origens comuns e unidade econômico-social. Está situado a Oeste da cidade, nos flancos do espião da Avenida Paulista entre Santa Cecília, Avenida Consolação e Pacaembu. Nasceu no lado ímpar da Avenida Higienópolis para cima de um loteamento composto de dezoito ruas, a maioria das quais levando topônimos nossos: Itambé, Sabará, Mato Grosso, Itacolomi, Cubatão, Aracaju, Rio de Janeiro, Pernambuco, Mangabeira, Goiás, Pará, Sergipe, Alagoas, Piauí e Maranhão.

No lado par da dita Avenida, complementou-se com outros loteamentos, os quais obedeceram os mesmos objetivos, quais sejam: os de Bairro exclusivamente residencial, classe A, com todo serviço de infra-estrutura urbana, situação que ainda hoje o torna privilegiado.

Entretanto, o conjunto não coincide com nenhuma das divisões que lhe foram impostas. Do ponto de vista administrativo, faz parte da Administração Regional da Sé; do ponto de vista judiciário, pertence o lado par ao Subdistrito de Santa Cecília, e o ímpar ao Subdistrito da Consolação; enquanto que a Paróquia do Sagrado Coração de Maria engloba o lado par e a de Santa Terezinha do Menino Jesus, o lado ímpar. Assim sendo, serão considerados por nós, Bairro de Higienópolis ambos os lados, par e ímpar da Avenida do mesmo nome, e o conjunto de ruas que compuseram o loteamento original.

Da mesma forma, trataremos dos contornos enquanto se relacionem com o Bairro ou possam explicar a sua formação, pois que, pelo espírito que os animou ou os anima, vêm muitas vezes compor a unidade.

CAPÍTULO I

A EXPANSÃO URBANA DE SÃO PAULO NO ÚLTIMO QUARTO DO SÉCULO XIX E O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS

"Higienópolis!... As Babilônias dos meus desejos baixos... Casas nobres de estilo... Enriqueceres em tragédias...

Mas a noite é toda um véu-de-noiva ao luar!

A preamar dos brilhos das mansões,

O jazz-band da cor... o arco íris dos perfumes...

O dono dos cofres abarrotados de vidas...

Ombros nus, ombros nus, lábios pesados de adultério...

E o rouge — cogumelo das podridões

Exército de casacas eruditamente bem talhadas...

— Cavalheiro... Sou conde! — Perdão.

Sabe que existe um Brás, um Bom Retiro?

— Apre! respiro... Pensei que era pedido.

Só conheço Paris!"

Tenho os pés chagados nos espinhos das calçadas...

Higienópolis!... As Babilônias dos meus desejos baixos...

Casas nobres de estilo... Enriqueceres em tragédias...

Mas a noite é toda um véu-de-noiva ao luar!

A preamar dos brilhos das mansões...

O jazz-band da cor... O arco-íris dos perfumes...

O clamor dos cofres abarrotados de vidas...

Ombros nus, ombros nus, lábios pesados de adultério...

E o rouge — cogumelo das podridões...

Exércitos de casacas eruditamente bem talhadas...

Sem crimes, sem roubos o carnaval dos títulos...
 Si não fosse o talco adeus sacos de farinha!
 Impiedosamente...

— Cavalheiro... — Sou Conde! — Perdão
 Sabe que existe um Braz, um Bom Retiro?
 — Apre! respiro... Pensei que era pedido.
 Só conheço Paris!
 — Venha comigo então..
 Esqueça um pouco os braços da vizinha...
 — Percebeu, hein! Dou-lhe gorgeta e cale-se.
 O sultão tem dez mil... Mas eu sou conde!
 — Vê? Estas paragens trevas de silêncio...
 Nada de asas, nada de alegria... A Lua...
 A rua toda nua... As casas sem luzes...
 E a mirra dos martírios inconscientes...
 — Deixe-me pôr o lenço no nariz
 Tenho todos os perfumes de Paris!
 — Mas olhe, em baixo das portas, a escorrer...
 — Para os esgotos! Para os esgotos!
 — a escorrer
 um fio de lágrimas sem nome!...

Mário de Andrade. Colloque Sentimental.
PAULICÉIA DESVAIRADA, São Paulo, Livraria Alves, 1922, pág. 108.

Esse flagrante de Higienópolis e de São Paulo nos versos de Mário de Andrade, além de fortemente imbuídos de crítica social, traça-nos o perfil dos tipos que viviam em Higienópolis: a alta burguesia e as suas preferências culturais, voltadas para a Europa; a separação de classes em São Paulo e das zonas que compunham a cidade.

O comportamento da burguesia do qual se refere o autor e a diversificação urbana remontam ao último quarto do século passado, quando, graças à expansão cafeeira em nosso Estado, tem origem o processo que conduziria o pequeno burgo ainda de aspecto colonial, à metrópole do café das primeiras décadas deste século.

As atividades cafeeiras fizeram da capital paulista, em posição privilegiada, no entroncamento de caminhos e reunindo as prerrogativas de centro comercial e sede administrativa da Província, a grande subsidiária de sua riqueza. A ferrovia, que facilitou o transporte do produto e deu à cidade a condição de centro redistribuidor de café, a superpopulação que o ouro verde atraiu, compreendendo a grande imigração subvencionada, e as demais obras de infra-estrutura, como luz, água,

sistema de esgotos, etc., fizeram de São Paulo uma grande cidade e propiciaram também uma nova função — a industrial.

Data de fins do século a transformação mais radical ocorrida na história de São Paulo quando a cidade passou de 28.000 habitantes em 1875 a 200.000 no limiar do novo século. A maioria dessa população era composta de estrangeiros, italianos, espanhóis, portugueses, alemães, ingleses, franceses, eslavos, etc., entre os quais sobressaía o elevado número de italianos que serviriam de mão-de-obra não só para a lavoura como à indústria nascente e transformariam São Paulo no princípio do século em "cidade de italianos".

A Abolição da Escravatura em 1888, liberara capitais e a nova República proporcionara autonomia ao Estado, que pôde, assim, administrar sua própria riqueza. Assistiu-se então ao progresso material do Estado e de sua capital que passou de décimo para segundo lugar em importância entre as demais cidades brasileiras, somente superada pelo Rio de Janeiro, a Capital Federal.

A cidade recebeu uma série de benfeitorias: além das já mencionadas, foi arborizada, foram feitos passeios para pedestres, organizados sistemas de transportes coletivos (tílbiris e bondes a tração animal), suas ruas alargadas, surgindo novos edifícios e novos bairros, residenciais e operários. As técnicas construtivas foram alteradas e novos materiais introduzidos e vulgarizados. O tijolo substituiu a taipa, material construtivo este costumeiro no Planalto até fins do século. O tijolo se fez acompanhar de outros materiais: telha francesa, Pinho de Riga, ardósia, etc., valendo-se a cidade, para tanto, da importação, já que nossa indústria ainda era incipiente, não produzindo nem material de construção suficiente nem variado.

Chegaram a ser importadas estruturas inteiras de ferro, como a do Viaduto do Chá que Jules Martin, seu construtor, encomendou em Duisburgo, Alemanha, ou casas pré-fabricadas a exemplo do chalé que o Dr. Domingos Jaguaribe importou e mandou montar na Rua D. Veridiana, ou ainda estações de ferro completas. A Estação da Luz, por exemplo, que é de 1900, veio completa da Inglaterra, desde os tijolos até os parafusos.

Com os novos materiais, a São Paulo dos anos 1860-1900 conheceu novos estilos, os mais variados, que estavam em voga na Europa pelo menos havia meio século.

O século XVIII valorizara as ruínas da antigüidade greco-romana que o Romantismo manteve, e, por sua vez, colocou em moda a vida na Idade Média, os seus castelos e catedrais. Os arquitetos procuraram restaurar os antigos castelos, conventos e igrejas, por onde ressuscitaram os chamados estilos históricos, surgindo os "neos" da História da Arquitetura: o neoclássico, o neogótico, neobizantino ou regionais,

os quais, aliados aos novos materiais e técnicas da Revolução Industrial, o ferro, o cristal, etc. constituíram o chamado Ecletismo. Distinto do Rio de Janeiro que conheceu o neoclassicismo desde os inícios do século anterior, trazido diretamente da França pela missão de Le Breton (e de onde se irradiou para cidades mais importantes como Salvador e Recife), São Paulo apenas conheceu outros estilos que não o colonial português quando enriqueceu. Nos fins do século passou diretamente das singelas construções de taipa para as modernas construções da Europa contemporânea, esta em pleno Ecletismo. A existência lado a lado de estilos diferentes de arquitetura ou a conciliação dos mesmos numa só obra foi possível graças à importação de materiais até então desconhecidos entre nós e à imitação da Europa contemporânea, nosso ideal de cultura.

Em 1870 Alfredo Moreira Pinto, que estudara na nossa Academia de Direito, deixou São Paulo de volta à sua cidade, o Rio de Janeiro. Quando retornou, trinta anos depois, admirou-se de seu progresso, e não mais reconheceu a cidade. Era uma nova cidade, que assim a descreveu:

.....

São Paulo, quem te viu e quem te vê!
 Naqueles tempos usavas calças de brim, paletot, saco e chapéu de palha, hoje envergas casaca, usas colarinho à Luis XIV, gravata de setim branco, botinas de verniz e tens à cabeça um vistoso castor ou debaixo do braço o aristocrático claque.
 Não posso mais dar-te o tratamento de tú; fidalga como és, mereces hoje o tratamento de excelência.
 Está V. Ex. completamente transformada, com proporções agigantadas, possuindo opulentos e lindíssimos prédios, praças vastas e arborizadas, ruas todas calçadas, percorridas por centenas de pessoas, por faustosos e ricos trens tirados por soberbas parelhas de cavalos de raça e cortadas por diversas linhas de bondes; belas avenidas, como a denominada Paulista, encantadores arrabaldes como os Campos Elíseos, a Luz, Santa Cecília, Santa Ifigênia, Higienópolis e Consolação, com uma população alegre e animada, comércio ativíssimo, luxuosos estabelecimentos bancários, centenas de casas de negócios e as locomotivas soltando seus sibilos progressistas, diminuindo as distâncias e estreitando "em fraternal amplexo as povoações do interior". (1)

1) MOREIRA PINTO, Alfredo. A cidade de São Paulo em 1900. Col. Paulística. São Paulo, Governo do Estado, v. XIV, 1979, p. 9-10

Será exatamente dentro desse processo de expansão de São Paulo, cujos resultados tão bem descreveu o autor, balizado grosso modo pelas três últimas décadas do século passado, que nasceu o Bairro de Higienópolis.

Até então, o pequeno núcleo central urbano ficara adstrito à colina histórica em que se dera a fundação da cidade, limitado pelos Vales do Tamanduateí e do Anhangabaú e separado por vários outros pequenos núcleos ou freguesias, por quilômetros de espaços vazios.

Ao redor do núcleo central ou dos demais, estavam dispostos uma série de chácaras, sítios ou fazendas que se acomodavam à topografia irregular do Planalto aproveitando-se dos acidentes geográficos para a demarcação dos seus limites. Nestes como no centro, residiam as famílias paulistas mais importantes. As chácaras eram autosuficientes, possuindo pomar, criação e cultivo de gêneros para a subsistência dos moradores. Conforme demonstra o mapa da cidade de 1881 (2) (vide mapa 1) e como já o definira Teodoro Sampaio (3), as tendências de expansão se norteavam pelos antigos caminhos terrestres que articulavam o centro com aqueles núcleos e conduziam os paulistas para o mar e o sertão: Caminho do Mar que saía pela Liberdade; a Leste da cidade, partia o caminho chamado do Norte porque, conduzindo ao Vale do Paraíba, dava passagem para o Nordeste; o caminho do Sul de Minas chamado do Guaré saía pela Luz e o dos Goiazes pela Lapa, passando por Jundiaí e Campinas; finalmente, para Oeste e Sul, os Caminhos de Pinheiros e de Santo Amaro.

Ao longo desses caminhos, junto às saídas da cidade, foram surgindo vendas, armazéns de beira de estrada, pousos de tropas, igrejas e chácaras, e, depois, casas populares pequenas, pois o povo, como disse Carlos Lemos, vivia e viveu sempre na periferia de São Paulo, enquanto os abastados viviam em sobrados do centro. (4). Aqueles elementos constituíam o embrião de muitos de nossos bairros mais modestos, como o Brás, Penha, Santana, Água Branca, Lapa, Pinheiros e tantos outros.

A explosão demográfica a partir dos anos 1870 determinaria, assim como as novas atividades econômicas, a compartimentação da cidade por funções. São Paulo se desenvolveria na margem esquerda do Rio Tietê, balizada pelas várzeas, enquanto a Freguesia do Ó, do outro lado, permaneceria isolada. A Cidade expandiu-se sobre as chácaras que a circundavam, surgindo novos bairros (consultem-se os mapas 1, 2 e 3).

2) Cia. Cantareira e Esgoto, levantado por Henry B. Joyner M. I.

3) SAMPAIO, Teodoro. São Paulo no século XIX. Revista do IHGSP. v. VI, 1900-1901, p. 159-205.

4) LEMOS, Carlos A. C. O MIS e os ricos. Folha de São Paulo, 29-7-1977, p. 3

O antigo triângulo central, representando hoje pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro, perdeu sua função residencial e concentrou as atividades de comércio, administrativas, religiosa e de lazer. Ali se aglomeraram bancos, lojas, cafés, restaurantes, hotéis, teatros e cíne-teatros, ao lado das antigas igrejas (Igreja do Colégio, Sé, S. Gonçalo, São Francisco, Santo Antonio, Misericórdia, Rosário, São Bento, Boa Morte, Carmo) mal comportando tais funções por se encontrar "espremido no espaço acanhado que lhe reservaram os barrancos que o cercam de três lados, vai-se alargando pelas elevações fronteiras, do outro lado daqueles barrancos, graças à facilidade de acesso que lhe porportionaram os viadutos já referidos o primeiro dos quais, o do Chá, foi inaugurado em 1892." (5)

Os velhos sobrados onde residiam os grandes comerciantes e fazendeiros de café até 1880-90, se deterioraram, ou foram transformados em casas comerciais, ou cederam lugar a novas construções.

Assistiu-se à saída do Barão de Souza Queiroz, da Rua São Bento para a Rua São Luís, à do Conselheiro Antonio Prado e de seu cunhado Elias Chaves, que eram vizinhos na Rua São Bento, para respectivamente a Chácara do Carvalho (1891-3) e o Palácio dos Campos Elíseos (1898), enquanto o sobrado do Barão de Tatuí era demolido para ceder lugar ao novo Viaduto do Chá; o velho sobrado de taipa do Barão de Iguape, fora alugado para casa de comércio na parte baixa e os altos para a sucursal do Grande Hotel de França (1880). (6)

A elite paulista ocuparia gradativamente a zona Oeste da cidade, numa trajetória que incluiu Higienópolis. Este viria a ser exatamente o primeiro degrau de sua ascensão rumo à Avenida Paulista. Primeiramente, desceu do centro em direção ao Norte, chegando até a Estação da Luz. Ocupou a Rua da Estação (hoje Rua Mauá) e outras ruas de Santa Ifigênia como Rua Alegre (atual Brigadeiro Tobias), Rua Timbiras, Aurora, Florêncio de Abreu, etc., onde se instalou em residências aristocráticas já com forte influência da moderna arquitetura européia. Caminhou sempre, sem ultrapassar os trilhos da estrada de ferro, chegando aos Campos Elíseos até a Barra Funda, onde o Conselheiro Antonio Prado fez construir a Chácara do Carvalho (1891-3). Depois, evitando os terrenos de várzea do Rio Tietê, partiu nossa burguesia rumo ao Oeste, subindo pelas vertentes do espião mestre do maciço central, em direção ao Rio Pinheiros. Enquanto mais próximo do centro, no sopé do espião, antigas chácaras cediam lugar a bairros médios como a Consolação, Santa Cecília, Vila Buarque e a Liberdade, e no alto do espião, a Vila Mariana. Higienópolis surgiu na

5) PRADO JR., Caio. O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo. Evolução Política do Brasil e outros estudos. 9.^a ed. São Paulo, Brasiliense, 1975, p. 127.

6) SOUZA, Pedro Luis Pereira de. Casa Barão de Iguape. São Paulo, 1959, p. 14.

encosta do mesmo, numa seqüência dos Campos Elíseos, "à procura de terrenos mais altos e saudáveis. E subindo sempre, as residências alcançaram o alto do espião, onde se instala, acompanhando-o fielmente, a Avenida Paulista. Já então a progressão cafeeira se interrompera, as novas fortunas saem da indústria e do comércio quase todo em mãos de estrangeiros, imigrantes enriquecidos nesta Canaã americana: a Avenida Paulista será o bairro residencial dos milionários desta nova fase da economia paulista, estrangeiros ou de recente origem estrangeira quase todos. E a arquitetura do bairro o dirá bem claramente." (7)

Depois de 1910 outros bairros da burguesia surgiram, os denominados "jardins". Jardim América, Jardim Paulista, Jardim Europa (este bairro mais recente) nas encostas do espião, na vertente do Pinheiros, os quais já obedeciam a um novo tipo de traçado, de influência inglesa.

Quanto aos bairros industriais e operários formaram-se nas terras mais baixas, das várzeas dos rios Tietê e Tamanduateí o que foi propiciado pelo custo inferior das terras e pela presença das ferrovias, as quais promoveram a organização do espaço naquela parte da cidade. Assim, ao longo das mesmas, surgiram os bairros seguintes: Pari, Brás, Moóca, Ipiranga, Vila Prudente, este margeando a "São Paulo Railway", Belenzinho e Penha, a Vila Gomes Cardim, ao longo da "São Paulo-Rio" (depois Estrada de Ferro Central do Brasil). A Oeste, constituíram-se às margens da "São Paulo Railway" e da Estrada de Ferro Sorocabana, o Bom Retiro, a Barra Funda, a Agua Branca, a Lapa, etc. Pinheiros, antiga aldeia indígena, na várzea do rio do mesmo nome, transformou-se em bairro proletário.

Grande parte dos referidos bairros que surgiram nesse período foram resultantes de um novo procedimento, que se passou a utilizar para a ocupação do solo urbano — os loteamentos. Os loteamentos foram resultantes de uma nova mentalidade capitalista que se formou no Brasil urbano, propiciados pelo alto índice demográfico das cidades, o que teve como consequência, a valorização sempre crescente dos imóveis.

Nessa época, formaram-se em São Paulo inúmeras iniciativas particulares para procederem a loteamentos ou arruamentos. Os próprios proprietários de chácara, conscientes da valorização que suas terras alcançaram nas zonas urbanas, deram início a tais atividades, cuja execução ocorreria sempre a seu bel-prazer desarticuladas das demais atividades no gênero ocorridas paralelamente, muitas das quais eram clandestinas.

7) PRADO JR., Caio, op. cit. p. 127.

Higienópolis nasceu em fins do século, mercê da especulação imobiliária de um grupo especialmente formado para tal fim, composto de dois alemães, Martinho Burchard e Victor Nothmann. As glebas receberiam como moradores em primeiro lugar, anglo-saxões que, como Burchard e Nothmann eram os prósperos comerciantes ou profissionais liberais que se incluíam entre os primeiros estrangeiros que São Paulo recebeu em meados do século passado. A estes São Paulo deveu a instalação do primeiro comércio de luxo que a cidade conheceu, como as lojas, livrarias, hotéis, ateliês de costura, etc., além de grandes casas importadoras.

O Bairro receberia, sobretudo, a gente do café, verdadeiros empresários que distribuiam seu tempo entre as colheitas de café nas fazendas e as cidades, onde mantinham residência e se ocupavam do comércio do produto, de financiamento ou de casas bancárias, de ferrovias, e fundavam as primeiras indústrias, muitas surgidas de atividades decorrentes da cafeicultura. Nas cidades também exerceram importantes funções políticas e administrativas. Porém, a maioria dos moradores de destaque em Higienópolis, como será notado, haviam deixado suas fazendas para trás, isto é, estas constituíam uma ocupação secundária para conferirem maior dedicação aos negócios urbanos, como a indústria, o comércio, a administração, etc.

Seriam as pessoas de maior projeção na São Paulo da época, prósperos comerciantes estrangeiros, profissionais liberais, fazendeiros e comissários de café e os primeiros grandes nomes da indústria, a dizer, a elite paulistana, que ocuparia Higienópolis. E esta foi a sua principal característica: a de ter ocupado posição de bairro mais elegante da cidade. Higienópolis serviu de cenário para a atuação de figuras que tiveram importante papel em nossa sócio-cultura, e nesse cenário se sobressairam quase que exclusivamente as famílias Silva Prado e Álvares Penteado, e sua imensa parentela extensiva, como os Pachecos e Chaves, Mendonças, Alves de Lima, Ramos, Uchoas, etc., o que teremos ocasião de demonstrar.

PL

CIDADE DE

LEV

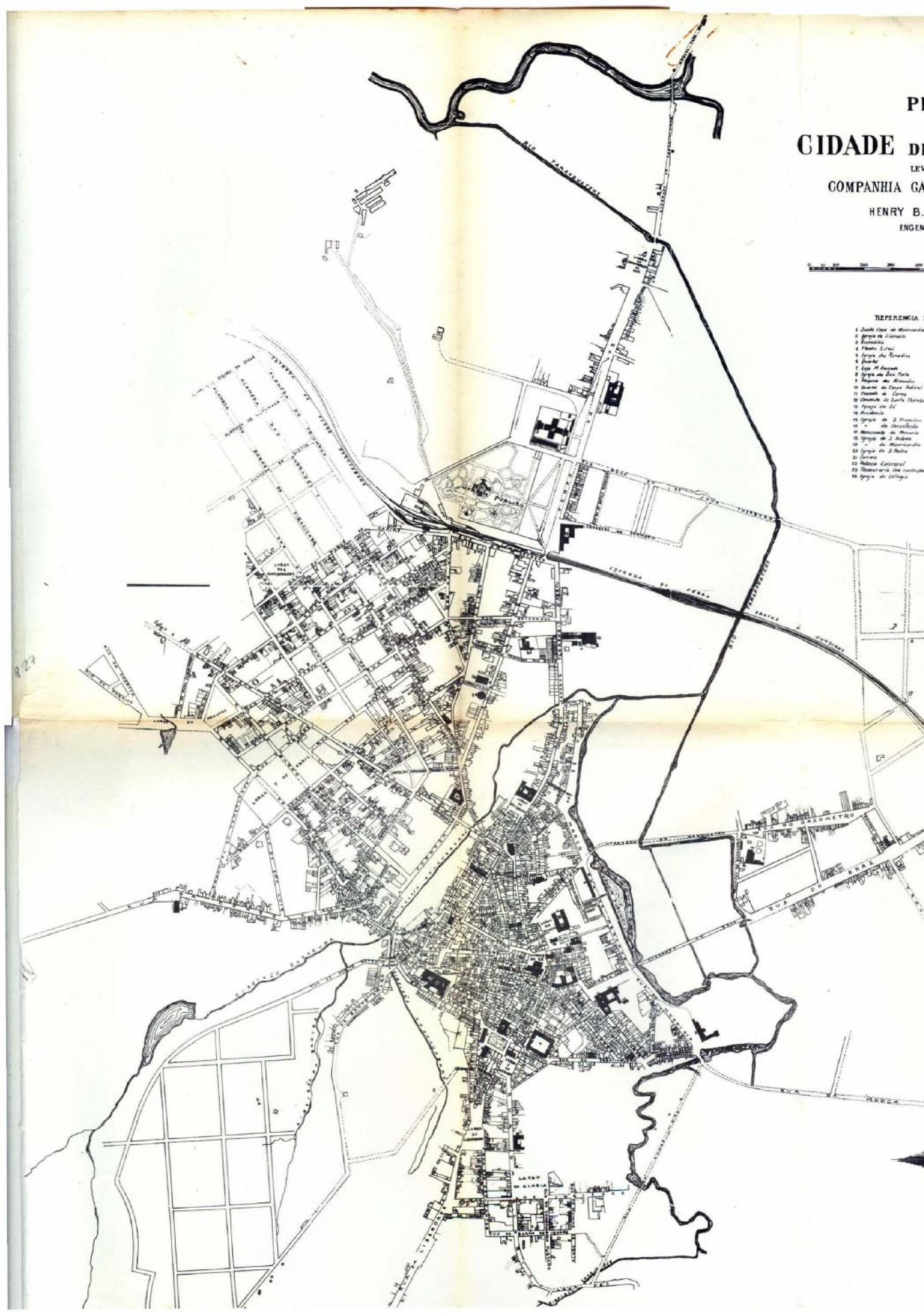
COMPANHIA GA

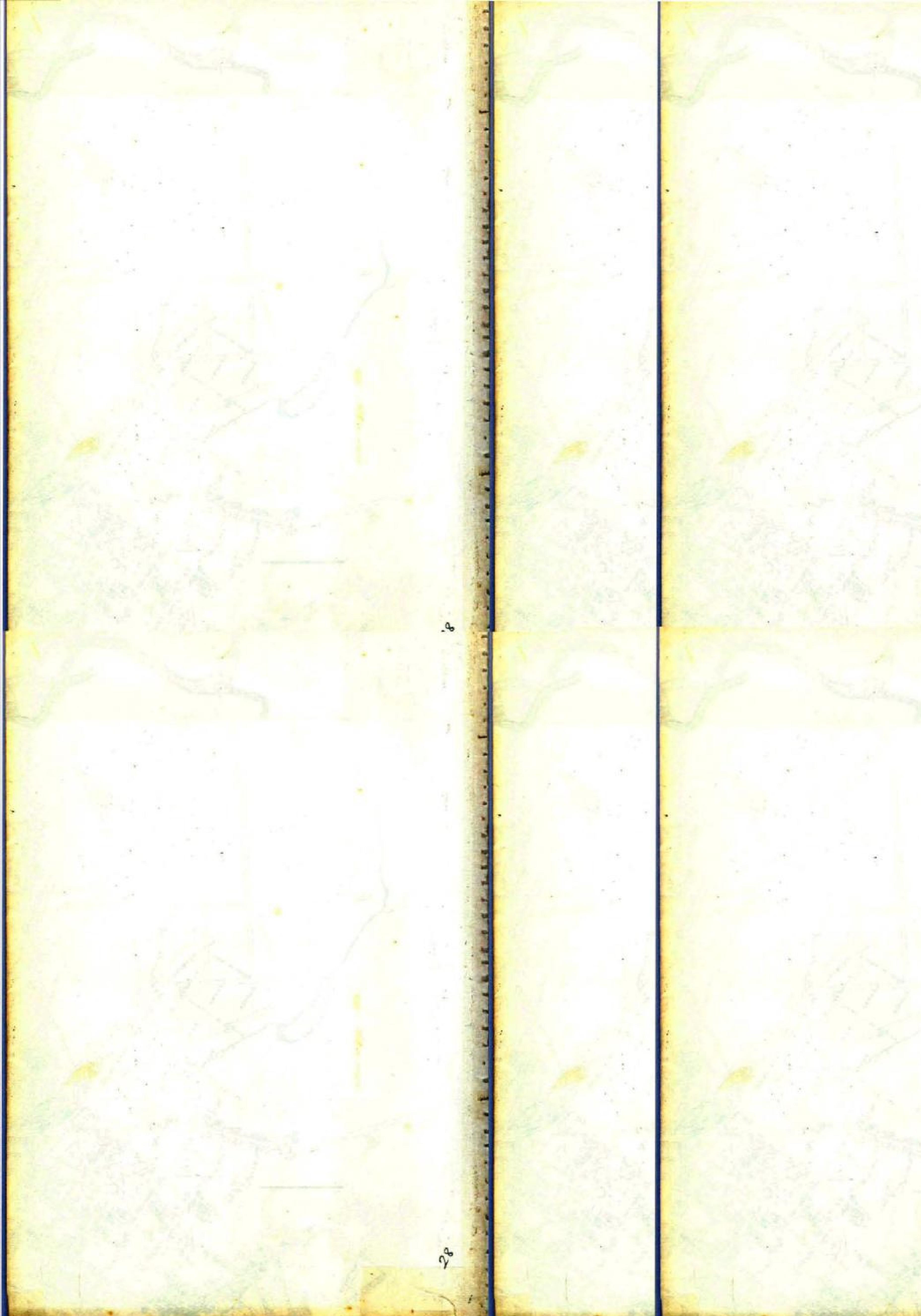
HENRY B.
ENG

0 500 1000 1500 2000

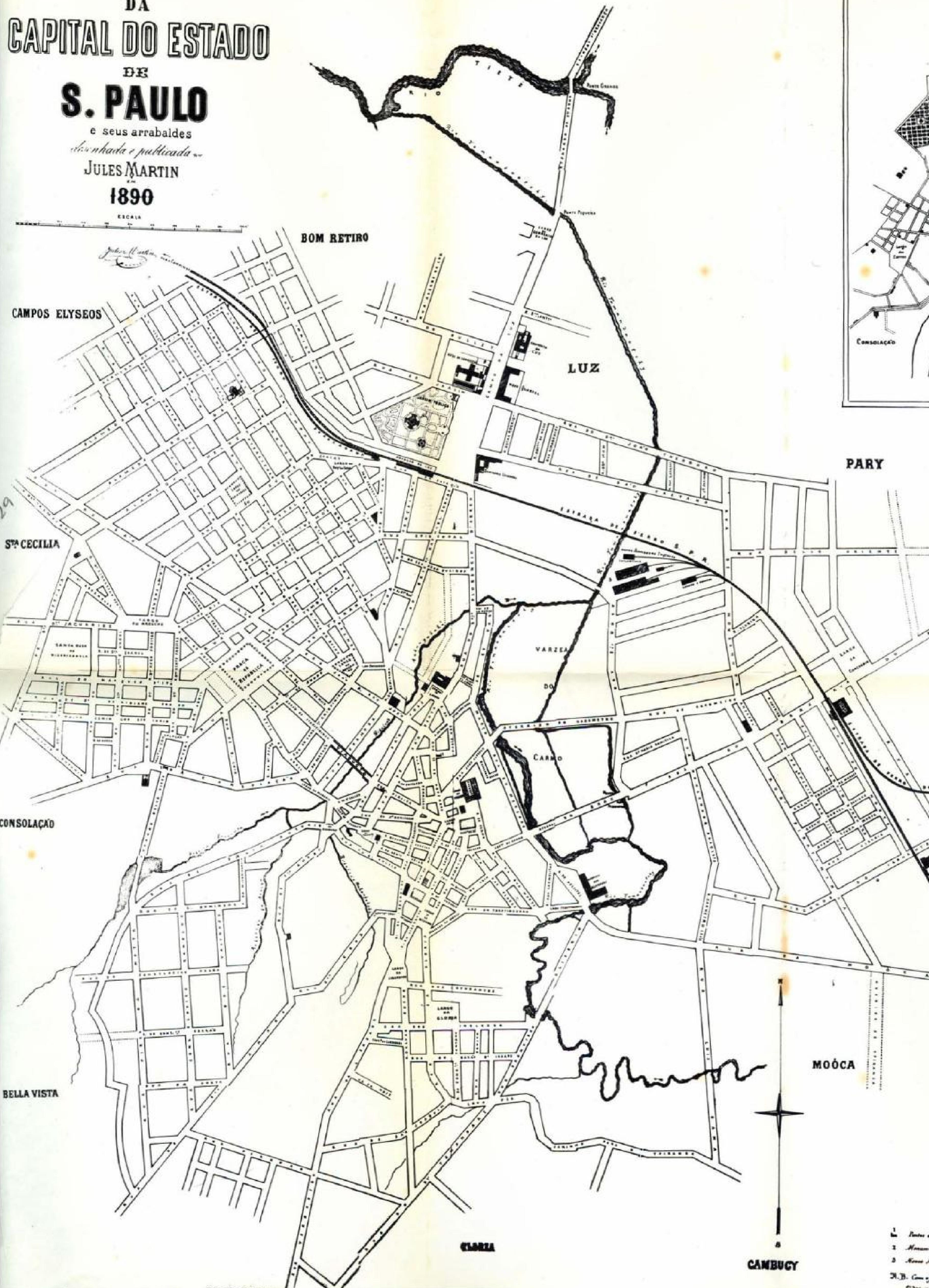
REFERENCIA

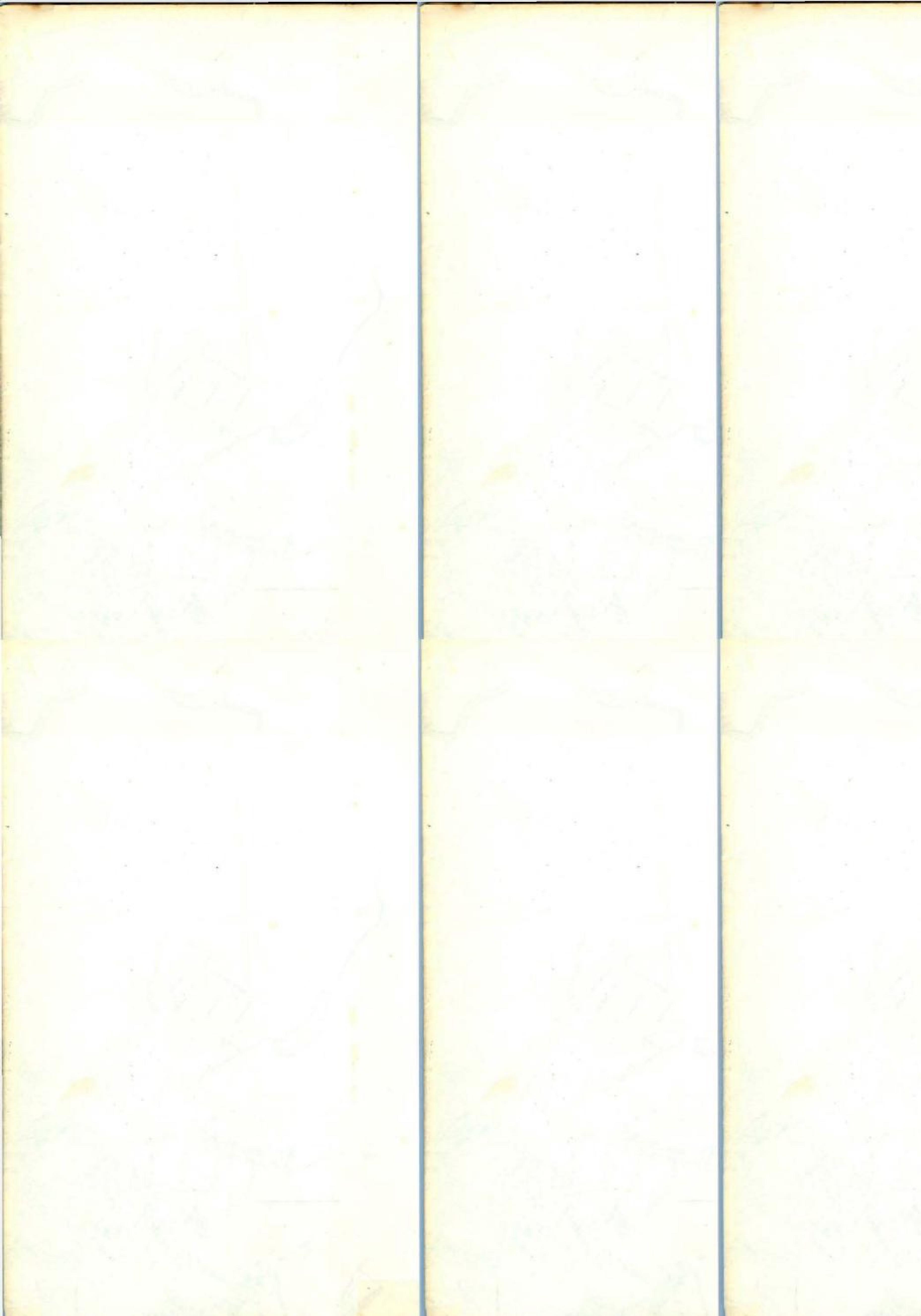
- 1 Chácara de Marcondes
- 2 Igreja de São Gonçalo
- 3 Escola
- 4 Praça São José
- 5 Igreja da Piedade
- 6 Pórtico
- 7 Lago M. Antônio
- 8 Igreja da Boa Vista
- 9 Capela dos Milagres
- 10 Praça de Armas
- 11 Praça de Armas
- 12 Chácara de Santa Clara
- 13 Igreja de São José
- 14 Academia
- 15 Igreja de São Francisco
- 16 - da Consolação
- 17 Residência de Marcondes
- 18 Igreja de São Pedro
- 19 - da Matriz
- 20 Igreja de São Pedro
- 21 Farol
- 22 Relógio Episcopal
- 23 Demarcação das estradas
- 24 Igreja do Colégio

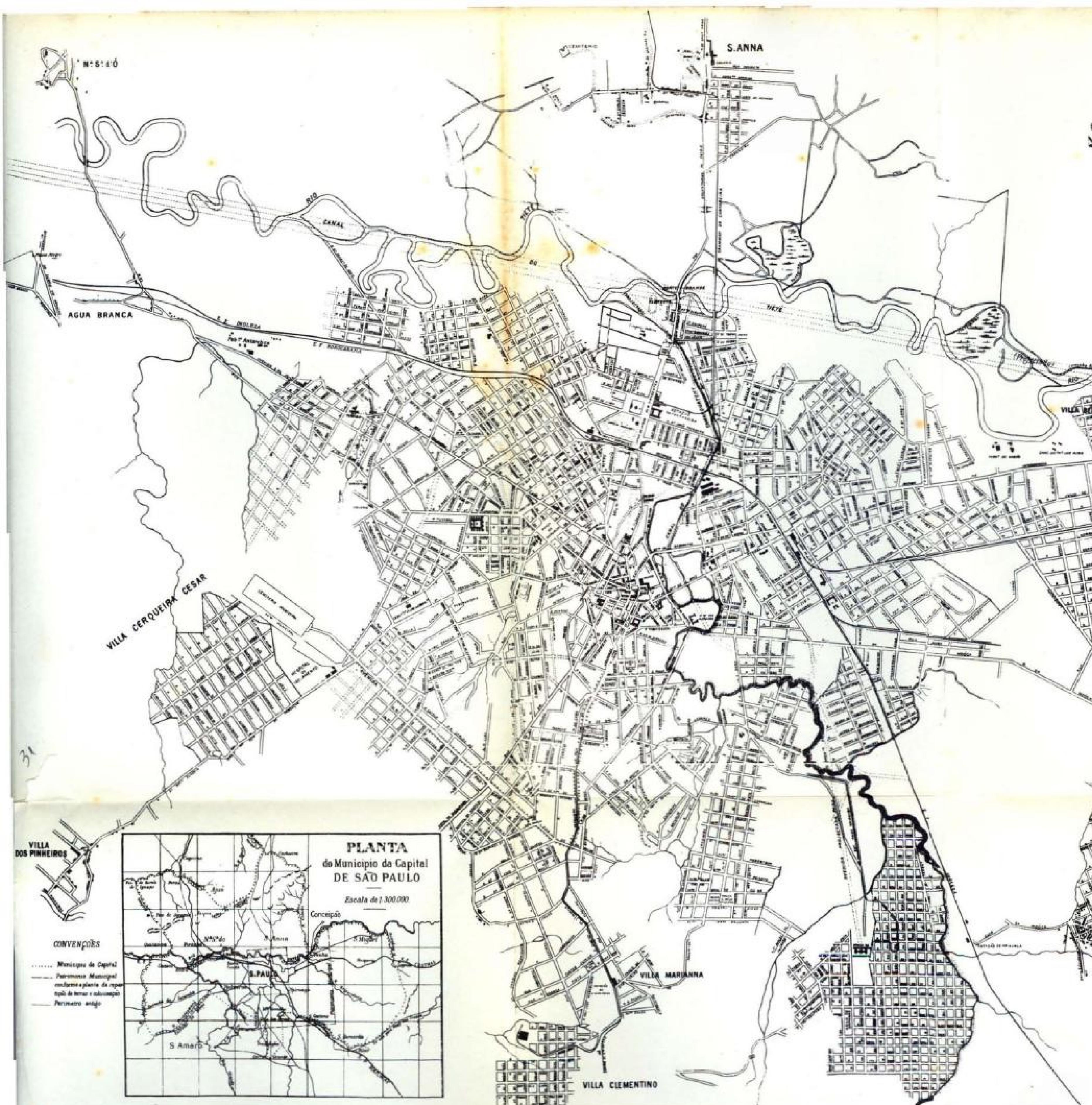


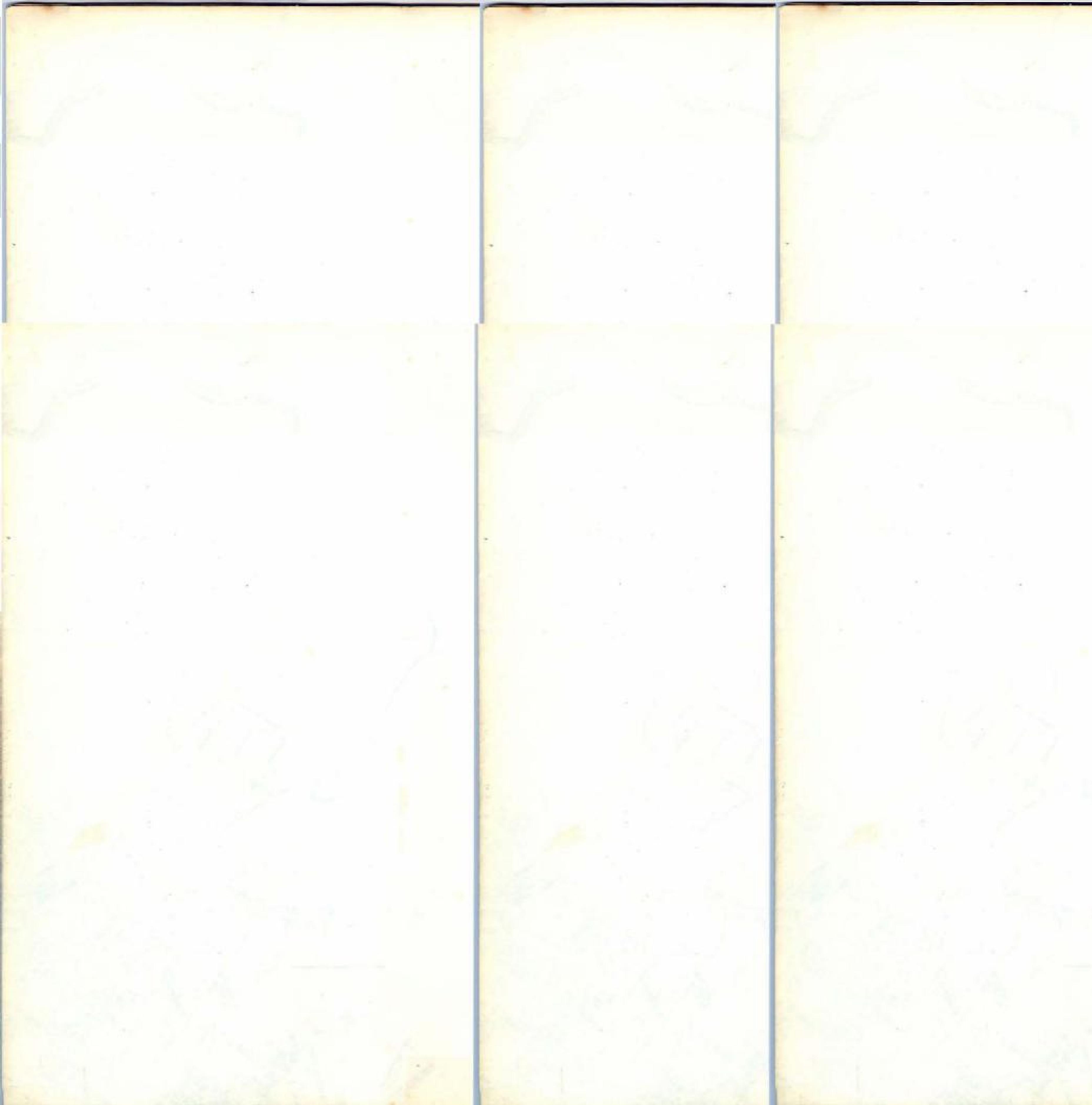


**PLANTA
DA
CAPITAL DO ESTADO
DE
S. PAULO**
e seus arrabaldes
Imprimida e publicada
JULES MARTIN
1890









CAPÍTULO II

O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS: ANTECEDENTES

Antes de passarmos ao Bairro de Higienópolis propriamente dito, procuraremos dar os primeiros elementos de ocupação local e aqueles que já nesse período de expansão urbana de fins do século passado, concorreram para atrair a atenção para a região, constituindo o processo resultante nos loteamentos originais do Bairro, que se dariam a partir dos anos 1890-95.

O Bairro de Higienópolis nasceu em duas etapas que se pode precisar: a primeira, dos altos de Santa Cecília, ligado a três nomes femininos: D. Maria Antonia da Silva Ramos, D. Veridiana Valéria da Silva Prado e D. Maria Angélica Souza Queiroz Aguiar de Brros, cuja presença é evocada pelas ruas que levam seus nomes. A segunda parte, a mais alta, do lado ímpar da Avenida Higienópolis para cima, encontrando as Avenidas Paulista e Municipal (hoje Avenida Dr. Arnaldo), cujos terrenos seriam loteados por Martinho Burchard e Victor Nothmann.

Toda essa imensa área já era ocupada por grandes propriedades de conhecidos membros da sociedade paulista de fins do Império e de início da República. Quase concomitantemente, acorreram muitos estrangeiros, entre outros motivos, em busca do clima da serra, dos mais saudáveis e secos. Situado em ponto mais alto, nas encostas do espinho da Avenida Paulista na face Norte, o lugar era tido como dos mais agradáveis. Dali se descortinava uma bela paisagem composta

do casario esparsos em meio à vegetação, no Morro do Chá, Campos Elíseos e Santa Cecília, bairros que apenas nasciam. A Norte, dominava majestoso, o Pico do Jaraguá.

Dadas as suas propriedades climáticas, o local recebeu o nome de Higienópolis, que quer dizer "cidade ou lugar de higiene".

A primeira notícia referente ao lugar apareceu exatamente vinculada à referida elite em 1880, comentando-se que o "Arrabalde do Pacaembu prosperava a olhos vistos pois que ali já havia a propriedade de D. Maria Antônia". (1)

D. Maria Antônia da Silva Ramos (1815-1902) era filha do Barão de Antonina (2), próspero negociante que chegou a Senador do Império. Foi casada com o Tenente-Coronel Mariano José Ramos. Ernesto Mariano da Silva Ramos, um dos filhos do casal, foi Presidente da Câmara de São Paulo.

A referida propriedade de D. Maria Antonia ficava entre as atuais Ruas da Consolação, Maria Antonia, Veridiana e Major Sertório. Residia na Rua de São João, quase esquina com a Rua Ipiranga (hoje transformadas em avenidas) e usava aquelas terras para pomar e pasto de seus cavalos, que eram levados até ali por seus escravos. (3) (Para acompanhar melhor a leitura deste capítulo vide mapa n.º 4).

Mas não há dúvida de que, primeiramente, a "subida para a Serra", como também se dizia com relação a Higienópolis, foi propiciada pela existência de dois antigos caminhos ficando Higienópolis a certa altura do ângulo formado pelos mesmos: o antigo Caminho de Sorocaba ou Caminho de Pinheiros (atual Avenida Consolação), e o Caminho de Jundiaí, depois Estrada de Campinas.

No Caminho de Pinheiros transitavam as tropas de burros vindas de Sorocaba. O Caminho de Sorocaba era dos mais movimentados porque nessa vila se realizavam as feiras de bestas de carga, onde eram vendidos os animais provenientes do Rio Grande do Sul e de lá eram distribuídos para o resto do Brasil.

Em fins do século XVI, conforme Teodoro Sampaio, era o "principal caminho para o sertão". (4) Affonso de Freitas assim especifica o seu trajeto: a atual Rua Direita, primeiramente de Santo Antonio, depois da

1) Almanaque Seckler para o ano 1880.

2) João da Silva Machado (1782-1875), Barão de Antonina, foi negociante de tropas em São Paulo. Já próspero, tornou-se chefe da Legião Imperial da Guarda Nacional, Deputado Provincial por São Paulo, Senador pelo Paraná, em 1854. Foi diretor da Real Fábrica de Ferro Ipanema.

3) Depoimento de Augusto Ramos de Freitas, seu bisneto, dado à autora em janeiro 1978.

4) SAMPAIO, Teodoro. São Paulo de Piratininga no fim do século XVI. Revista do IHGSP, v. IV, 1900-1901, p. 257.



Foto 1 — D. Maria Antonia da Silva Ramos (1815-1902) Arquivo Ciro de Freitas.

Misericórdia, era o antigo Caminho que do Colégio dos Jesuítas conduzia ao sertão pela atual Ladeira Falcão, Ponte do Lorena, Largo do Piques, Consolação e Pinheiros. (5).

O Caminho de Pinheiros foi reaberto pelo engenheiro militar Mal. Daniel Pedro Müller, em 1814, o qual foi também remodelador do Piques e autor do obelisco que até hoje se encontra no local. (6)

Posteriormente no mesmo século, a aldeia de Pinheiros passara a fornecer legumes e verduras para a capital, trazidos por carros de bois e levados diretamente ao Largo do Piques (atual Ladeira da Memória). Nesse Largo se concentravam as casas de negócios atacadistas e era muito movimentado devido às tropas que para lá acorriam de todas as partes da Província. O Caminho de Pinheiros também foi rota religiosa a exemplo do Caminho da Penha. A Igreja da Consolação recebia a imagem de N. S. do Monte Serrate da Capela de Pinheiros. Os paulistas tinham grande devoção por essa imagem que vinha de Pinheiros trasladada em procissão. (7)

Pela saída de Sorocaba se expandiu parte da cidade antecedida havia muito pela capela e depois Igreja da Consolação (de 1853) e pelo Cemitério da Consolação (1854-8). Era do Caminho de Pinheiros, pouco antes de chegar ao Cemitério, que se bifurcava, a Rua do Pacaembú de Cima (atual Avenida Higienópolis), estrada de terra que cortava os terrenos de D. Maria Antonia e corria em direção ao Vale do Ribeirão Pacaembú, chegando até as Perdizes. Antes porém de descer para o Vale, encontrava a Estrada das Boiadas, atual Rua Rio de Janeiro. Em breve o nome desta senhora estendeu-se ao trecho que passava por sua chácara, denominando-se Rua Maria Antonia.

Quanto ao Caminho de Jundiaí, é representado hoje pela Rua das Palmeiras. Partia na altura do atual Largo Santa Cecília, em direção à Água Branca onde havia uma chácara e um pouso de tropas descrito por Saint-Hilaire em 1819.(8) O tráfego fora avolumado nesse Caminho. Em Jundiaí, no século XVIII, eram preparadas as expedições para o Norte e Goiás. Em meados do século passado chegou a não ter

5) FREITAS, Afonso. Plan' História da Cidade de São Paulo — 1800 - 1874 in: Tradições e reminiscências paulistanas. 2.^a ed. São Paulo, Martins, 1955, p. 134-135.

6) O Mal. Pedro Müller executou também as Pontes do Carmo e o Campo dos Curros. Elaborou um mapa corográfico da cidade de 1836, foi autor de Ensaio de um quadro estatístico da Província de São Paulo, 1837.

7) Antonio Egydio Martins faz referência a uma dessas vindas, que se teria dado a 12 de setembro de 1875, permanecendo a imagem em São Paulo até 7 de junho do ano seguinte in: MARTINS, Antonio Egydio. São Paulo antigo 1554-1910, São Paulo, Diário Oficial, 2.^º v., 1912.

8) SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à Província de São Paulo. São Paulo, Martins, p. 213 e 215.

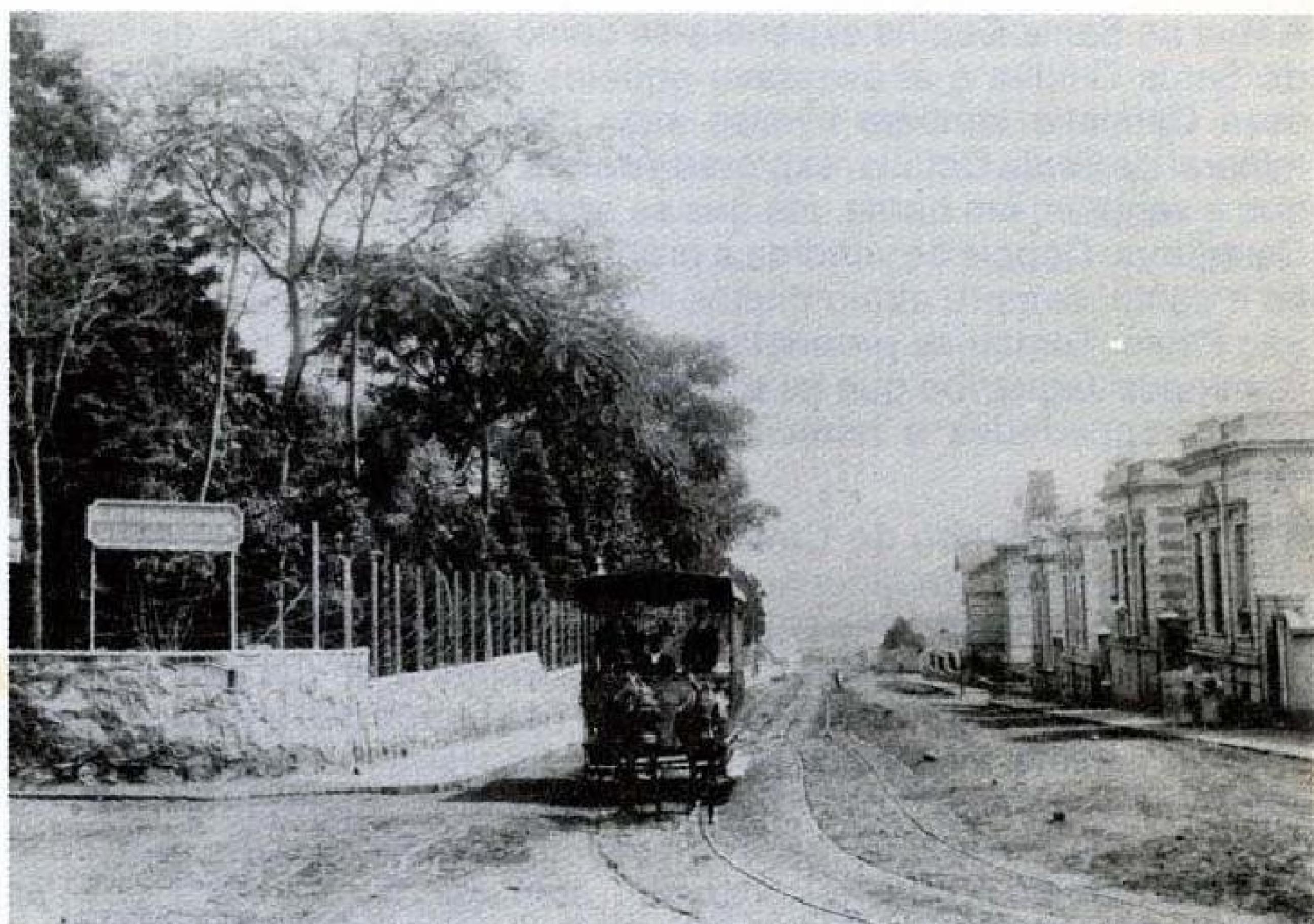


Foto 2 — Rua D. Veridiana na última década do século, ponto final de uma linha de bondes puxados a burro. Da esquerda para a direita o arvoredo da Chácara de D. Veridiana e casas térreas com porão, no alinhamento da rua, e chalé. Coleção Escritório G. L. Burchard.

condições para dar vazão ao "avultado número de tropas que efetivamente transitavam naquela direção." (9)

Por essa época, a saída para Jundiaí atraiu moradores e estes fizeram um abaixo assinado à Câmara de São Paulo, datado de 1860 para que cedesse terreno para a construção de uma capela com os oragos de Santa Cecília e de São José, junto "a saída para Jundiaí", "num largo atapetado de graminha." (10)

Com a expansão da cafeicultura pelas terras roxas no Oeste da então Província de São Paulo, o Caminho de Jundiaí passou a ser designado Estrada de Campinas. Surgiram desde meados do século passado inúmeras chácaras na região: Chácara do Arouche que pertencia ao Mal. Toledo Rendon, Chácara das Palmeiras, Chácara do Cons. Martim Francisco II, do Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, etc.

9) Relatório do Governo da Província de 1852 in: BRUNO, Ernani da Silva, op. cit., p. 583.

10) SOUZA, Everardo Valim Pereira de. A Paulicéia há 60 anos. Revista do Arquivo Municipal, v. CXI, 1946, p. 58 e ARROYO, Leonardo. Igrejas de São Paulo. 2.^a ed. São Paulo, Ed. Nacional, p. 235 e 237.

A Rua de Santa Cecília expandia-se como um raio por trás da capela de Santa Cecília e atravessava aquelas chácaras. Tudo indica que esse Caminho também tivesse sido utilizado em função da água mineral de Santa Cecília, explorada desde 1867 por seus proprietários que a vendiam em barris, até que se organizasse o sistema da antiga Cantareira. Depois de vendida a propriedade, cessou o comércio, que no entanto, sempre atraiu muitos doentes, a mando dos médicos de São Paulo. Tornou-se proprietário do lugar, na década de 1880, o Dr. Domingos Jaguaribe que faria analisar a água em 1898, confirmando suas propriedades e reiniciando sua exploração com o nome de Vitalis.

A Rua do Pacaembú de Cima, ou simplesmente do Pacaembú, era uma designação tradicional. Fazia parte do Bairro do Pacaembú, Freguesia da Consolação (11), e certamente evocava a grande extensão de terras que integraram a antiga Sesmaria do Pacaembú. Esta Sesmaria, doadas por Martim Afonso de Souza aos padres jesuítas em 1561 (12), ficava a Oeste do pequeno núcleo urbano, no local denominado Campo Largo. Em 1753, quando os padres arrendaram aquelas terras a João Ferreira Braga, eram assim especificados os seus limites: "um sítio de terras no Pacaembú, começando na estrada que vai para os Pinheiros, a entestar com o córrego do defunto João Dias (Córrego Água Branca) e para a parte do Caminho do Mboacaba, até a paragem do córrego chamado Pacaembú por preço de 1.640\$000 cada ano..." (13)

Dessa forma a Sesmaria ocupava uma área imensa que se estendia do Caminho que levava a Pinheiros, pelo Caminho de Emboacaba, no alto do espião (14), (representado pela Avenida Dr. Arnaldo) até o córrego Água Branca e daí para baixo, abrangendo as terras banhadas pelo Ribeirão Pacaembú, o qual deu seu nome à Sesmaria. Esta compreendia pois, a extensão ocupada atualmente pelos bairros das Perdizes, Pacaembú e Higienópolis.

11) Criada por Lei Provincial de 1870 e desmembrada de Santa Efigênia. Pertenciam à Freguesia da Consolação as Paróquias de Santa Cecília, Monte Serrate de Pinheiros, Santa Cruz de N. S. da Conceição, de Perdizes e a Capela do Cemitério Municipal.

12) Cf. notícia no Arquivo Aguirra, no Museu Paulista da USP.

13) 1º de março 1753, cf. cópia do documento no arquivo citado.

14) O Caminho do Emboacaba era uma bifurcação do Caminho de Pinheiros. Taunay dá como sendo um galho da via que levava a Parnaíba, "hoje a acompanhar terrenos do Hospital do Isolamento e do Cemitério do Araçá, servia de separação das terras do Pacaembu e do Mandihy, propriedades dos jesuítas, das do Emboacava, pertencentes ao velho Afonso Sardinha". TAUNAY, Affonso Escragnolle. São Paulo no século XVI. Tours, E. Arrault e Cie., 1921, p. 214.

Teodoro Sampaio esclarece que Emboacava era um forte ou tranqueira que se mandou construir para a defesa da cidade, no século XVI às margens do Rio Tietê, próximo a São Paulo, na estrada do sertão. SAMPAIO, Teodoro. O tupi na geografia nacional, Bahia, 1928, 3.ª ed., p. 198.

A topografia irregular e a grande extensão da Sesmaria determinaram o seu desmembramento em três partes: Pacaembú de Cima, de Baixo e do Meio, e como tal foram arrendadas pelos padres.

Em 1767 o Fisco Real confiscou-a, assim como os demais bens dos jesuítas, expulsos de Portugal e de suas colônias. Vendida em hasta pública em 1779, aquela divisão foi mantida e as partes arrematadas respectivamente por Gabriel Antunes de Fonseca, Clemente José Gomes Camponeses e Manoel Simões. (15)

Foi em parte das terras do Pacaembú de Cima que nasceu o Bairro de Higienópolis. A princípio, simples paragens de índios, junto ao ribeirão que se denominou Pacaembú, nome composto de Paca - yembó, que quer dizer arroio das pacas. (16) No século XVIII ali eram colocados os escravos que haviam contraído varíola. O Pacaembú de Cima pertenceu a vários proprietários, entre os quais o lendário e famigerado Tomás de Molina, espanhol rico e fidalgo de Granada. A sede de sua casa ficava onde está hoje o Asilo Sampaio Viana, antigo Asilo Wanderley. (17) Em 1877 foi adquirida por Joaquim Floriano Wanderley, mantendo-se em suas mãos até 1895, quando, vindo a falecer, os herdeiros do espólio venderam uma parte para Martinho Burchard constituindo "grosso modo", metade do Bairro de Higienópolis.

As terras de Floriano Wanderley eram cobertas de matas virgens, ricas em madeira de lei. Chegaram até o Caminho de Pinheiros, onde se limitaram com as do Barão de Ramalho. Em 1889 a Prefeitura adquiriu uma parte dos terrenos de Wanderley para a ampliação do Cemitério da Consolação. (18)

A designação Pacaembú permaneceu em referências e em documentos mesmo após a abertura do Bairro de Higienópolis, perdurando até início do século XX. Em 1899 uma planta da Prefeitura referia-se ao cruzamento das Ruas Itambé, D. Maria Antonia, Major Sertório e D. Veridiana como Encruzilhada do Pacaembú, enquanto a Avenida Higienópolis figurou como antiga Rua Pacaembú, nas escrituras de compra e venda dos terrenos do novo Bairro.

15) Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 12-3-1960.

16) SAMPAIO, Teodoro, op. cit., p. 279.

17) D. Tomás de Molina foi primeiro para a Argentina e, sobrevindo a independência deste país, veio para São Paulo. Sua vida fora cheia de peripécias. Dizia-se que raptara a noiva e que encontrara um tesouro. Morreu ou assassinado por roubo ou de febre amarela. Tomás Molina residiu e foi proprietário da Chácara do Ipiranga (onde se abriu a Rua Visconde do Rio Branco). Almanaque de "O Estado de São Paulo", 1940, p. 193. Em 1885 comprou a Chácara do Pacaembú e vendeu-a cinco anos depois, ao Cel. Francisco de Paula Macedo. Esteve também em mãos de Rafael Tobias de Aguiar, que a penhorou em 1833, e entre outros, de Mariano Pires de Macedo (1837) e de D. Luis Simões (1864).

18) Cf. mapa levantado por C. Reis, de 12-11-1889. Arquivo Histórico Municipal "Washington Luiz".

A primeira casa de que tivemos notícia na Rua do Pacaembú de Cima foi a de João Lúcio, que em 1880 solicitava licença da Prefeitura para a construção da mesma. (19) Conforme documentação da Prefeitura apareceu em 1889 novo pedido de construção para a Rua do Pacaembú. (20)

Mas em 1884 vários fatos importantes iriam concorrer para a ocupação daquelas terras: D. Veridiana Prado veio instalar-se nos altos de Santa Cecília que se transformaria no lado par da Avenida Higienópolis, na sua Chácara "Vila Maria", enquanto a Santa Casa mudaria da Rua Glória para a Rua de Santa Cecília.

Tais iniciativas foram consideradas fora de propósito na época porque o lugar era tido como dos mais distantes do centro. O próprio pessoal da Santa Casa assim criticaria a decisão do segundo Barão de Piracicaba:

"— Onde já se viu, diziam eles, querer você seu Rafael, mandar nossos doentes... lá para Jundiaí!"

"— Para lá já temos trem, não se assustem." (20) respondeu o Cel. Rafael Tobias de Barros que adquiriu um terreno da Chácara do Dr. Rego Freitas, fazendo doação do mesmo à Santa Casa. O terreno foi ampliado mediante outra doação do Dr. Rego Freitas.

Na realidade, a escolha do local para as novas instalações da Santa Casa causou muita controvérsia e parece ter sido feita com segundas intenções. Já havia sido lançada a pedra fundamental no antigo Bexiga, pelo próprio Imperador, e os mesários ainda estavam a discutir das vantagens da construção de um novo prédio para o hospital nos lados de Santa Cecília. Alguns ponderaram que o lugar oferecia maior espaço livre, outros que os terrenos eram mais baratos, etc. O Dr. Rego Freitas que, como sabemos, era o proprietário daquelas terras, argumentou que a ida da Santa Casa para lá "significaria a atração do progresso para o Bairro." (22)

De fato, naqueles anos, os limites da cidade mal tocavam os Largos do Arouche e dos Guaianazes, ou apenas chegavam ao convento da Luz, à Estação do Norte, Largo da Glória para estancar na Rua Riachuelo, por trás da Academia de Direito (ver reprodução da Planta da Cidade de São Paulo, Cia. Cantareira e Esgotos, 1881, mapa 1).

O último ponto de bonde a tração animal era em frente à Rua da

19) Livro de Obras Particulares n.º 1 e 15. Arquivo Histórico Municipal "Washington Luiz".

20) Id. ib. v. 2,E 1-16.

21) SOUZA, Everardo Vallim Pereira de. op. cit., p. 58.

22) Informações fornecidas por Laima Mesgravis, autora de A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Cons. Estadual de Cultura, 1978.

Consolação "como se os fiéis e passageiros temessem enveredar pelo caminho vermelho e barrancoso que levava ao Cemitério Municipal. (23) Este ficava fora da cidade, "no fim do mundo, à beira da Estrada de Sorocaba, ladeada de capinzais e vacarias". (24) Parece, portanto, que a presença do Cemitério da Consolação fora até certo ponto repulsiva para o lugar.

"— Tão longe" disseram os amigos e parentes de D. Veridiana Prado quando esta resolveu mandar construir seu "petit château" (25) nos altos da Santa Cecília, estimulada talvez por sua amiga D. Maria Antonia, ou pelo gosto das inovações e dos novos hábitos europeus que acompanhava o progresso da cidade.

Não há dúvida nenhuma de que foi D. Veridiana quem mais contribuiu para a evidência do local graças não só ao prestígio social de que gozava, mas também às suas iniciativas e ao seu modo de vida.

Era filha de Antonio da Silva Prado, Barão de Iguape, próspero comerciante de açúcar e de tropas, o qual recebera do Governo Imperial o direito da cobrança de impostos sobre as tropas de mulas. (26) D. Veridiana casou-se em 1838 com seu meio-tio, Martinho da Silva Prado, que se tornou importante cafeicultor. O casal teve seis filhos, quatro dos quais teriam grande atividade no mundo econômico e político: Antonio Prado, Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Imperador, em 1885-88, após ter sido sucessivamente vereador, deputado provincial e nacional; Caio da Silva Prado, seria Presidente das Províncias de Alagoas e Ceará (de 1887-89); enquanto Martinico Prado foi o primeiro Deputado republicano em São Paulo (1878-89), importante líder político, um dos convencionais de Itu e principais promotores da Abolição e da imigração subvencionada (27); Eduardo Prado, o filho caçula, muito extravagante, era monar-

23) CARVALHO, Afonso José de. São Paulo antigo (1882-1886). Revista do IHGSP, v. XLI, 1942, p. 47-64.

24) SOUZA, E. Vallim Pereira de. op cit., p. 57.

25) Teodoro Sampaio observou o fato com o significado do "primeiro passo dado na vereda do progresso em que não faltaram imitadores". SAMPAIO, Teodoro. São Paulo no século XIX. Revista do IHGSP, 1900-1901, v. VI, p. 199.

26) Antonio da Silva Prado (1790-1875), Barão de Iguape, foi em determinada época, uma das figuras de proa em São Paulo. Foi o primeiro Presidente do Banco do Brasil, sucursal de São Paulo e seu principal acionista. Em 1858, cerca de metade das ações do Banco do Brasil estavam em mãos de seus parentes. Amigo particular dos Andradadas e de D. Pedro I, de quem chegou a ser confidente, foi em 1819 nomeado Capitão da Milícia de São Paulo e depois vereador em 1822. Em 1826 tornou-se Capitão-mor da cidade de São Paulo e Vice-Presidente da Província de São Paulo em 1841.

27) Antonio e Martinico da Silva Prado foram ativos cafeicultores. Abriram inúmeras fazendas adquiridas com o pai: a Santa Veridiana, a Guatapará e São Martinho, etc. consideradas estas duas as maiores fazendas de café em sua época. Com o tempo, vemos a família dedicar-se à construção de ferrovias e à indústria. Em 1867, incorporara a Cia. Paulista de Vias Férreas e Fluviais estendendo a rede de Jundiaí até a Fazenda Santa Veridiana, onde chegou em 1880.

quista e escritor de projeção. Tornou-se conhecido como amigo de Eça de Queiroz e personagem do romance desse escritor A Cidade e as Serras.

D. Veridiana vinha de sua chácara na Rua da Consolação. Morava num sobrado de taipa do século XVIII que ficava ao lado da Igreja. A chácara se estendia até a altura das atuais Avenida 9 de Julho e Rua Augusta. Nessa casa vivia desde 1848, e usava-a quando passava temporada em São Paulo ou para dar a luz a seus filhos, deixando a Fazenda Campo Alto onde residia com o marido.

Em 1877 separou-se do marido e ficou ocupando a parte inferior daquela casa destinando ao mesmo a parte superior. No ano seguinte adquiriu o terreno de Santa Cecília onde construiria em 1884, um palacete, formando a chácara que denominou "Vila Maria". Trouxe a planta da Europa, em estilo Renascença francês, a qual foi construída pelo engenheiro Luiz Liberal Pinto (28) com material todo importado. Trocara assim seu sobrado de taipa pela nova residência. Repetia porém, o sistema de sua chácara da Consolação, onde mantinha jardim, pomar e criação, ao mesmo tempo que dava continuidade ao hábito observado entre famílias abastadas em São Paulo, de residirem em chácaras nas proximidades de um núcleo urbano. Esta forma de morar, como se notou, constituía meio caminho entre a casa-grande de fazenda e a cidade.

A casa de D. Veridiana, como ficou conhecida, ficava em meio a jardins especialmente desenhados, entre bosques, lago e pomar. Para se chegar aos seus fundos, nos limites com a futura Avenida Angélica, era preciso atravessar um matagal. Tudo leva a crer que se tratou da primeira casa no gênero em São Paulo, com planta e materiais importados, inaugurando a série de palacetes importantes que existiu na cidade na virada do século, os quais eram implantados com características de chácaras.

A "Vila Maria" pode ser também considerada um dos primeiros exemplares de residência do Ecletismo em São Paulo, onde, mesmo os novos prédios públicos de maiores proporções, como o Teatro São José e o Ginásio, o Real Ginástico Português, o Hospital da Beneficência, o templo dos Protestantes e o Seminário Episcopal, "não se haviam afastado da arquitetura pesada e monótona, quase tosca, que a mãe pátria nos ensinou", conforme observação de Junius, feita em 1882. (29)

28) Informação do historiador J. F. de Almeida Prado (ou Yan de Almeida Prado) à autora.

29) JUNIUS, ou DINIZ, Firmino Albuquerque. Notas de viagem. 2.ª ed., Coleção Paulística, v. V, Governo do Estado de São Paulo, 1978, p. 56.



Foto 3 — D. Veridiana Valéria (ou Valésia) da Silva Prado (1826-1910).

A cidade então mal conhecia o estilo neoclássico vignolesco: o "Grande Hotel", primeiro edifício no estilo, era recente. Projetado pelo arquiteto germânico Von Puttkamer por iniciativa de outros dois alemães: Frederico Glette e Victor Nothmann, fora concluído em 1878. E o edifício do Museu do Ipiranga, em neoclássico italianizante, projeto de Tomás Gaudêncio Bezzi, de 1881, somente seria construído em 1885-95, pelo arquiteto Luigi Pucci. Quanto a Ramos de Azevedo, só iniciaria seus trabalhos na cidade de São Paulo depois de 1886, ano assinalado como o de início de carreira do jovem arquiteto na capital, trazido de Campinas pelo Dr. Antonio de Queiroz Telles, Presidente interino da Província. (30)

Quanto às novas residências, parecia predominar entre as elegantes as de tipo achalesado, gosto introduzido pelos ingleses nos anos 1860, quando construíram a Estrada de Ferro "São Paulo Railway" (31), ou segundo moda saída da Corte no Rio de Janeiro para as províncias (32), e desde então se proliferaram pela cidade. Junius, em 1882 referiu-se aos bairros da cidade como "ornados de boas casas, algumas de construção elegante, à imitação dos chalés suíços". (33)

Em pouco tempo nos bairros novos surgiram palacetes no gênero da casa de D. Veridiana, muitos na mesma modalidade francesa, como nos Campos Elíseos e no próprio Bairro de Higienópolis, enquanto se inaugurava um sistema que se tornou corrente entre as famílias mais abastadas, a de importação de plantas da Europa, algumas calcadas em monumentos famosos. Assim, D. Maria Angélica de Barros, em 1891, ao fazer construir seu novo palacete na Avenida Angélica esquina com Alameda Barros, procurou replicar o castelo de Charlottenburg, mediante planos, materiais e até decoração encomendados pessoalmente na Alemanha.

Na década seguinte, a casa de D. Veridiana viria a formar, com a Chácara do Carvalho, a de D. Angélica e o Palacete de Elias Chaves, o conjunto de residências mais importantes da cidade.

A Chácara de D. Veridiana ocupava uma grande área, delimitada pela antiga Rua de Santa Cecília até a altura da atual Avenida Angélica. Voltada para Santa Cecília, defrontava-se com a Chácara do Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, da qual se separava pela Rua Tuyassu entre a atual Rua Martinico Prado, onde havia a fonte de Santa

30) LOBO, Pelágio A. Francisco de Paula Ramos de Azevedo in: Velhas figuras de São Paulo, Biblioteca de Academia Paulista de Letras, v. 5, São Paulo, 1977, p. 255.

31) Informação do historiador Yan de Almeida Prado in: BRUNO, Ernani da Silva, op. cit., v. III, p. 454.

32) Como ainda sugere o próprio Yan de Almeida Prado in: Arquitetos de São Paulo em 1880, Habitat 3, 1951, p. 50.

33) JUNIUS, ou DINIZ, Firmino de Albuquerque, op. cit. p. 35.



Foto 4 — Casa de D. Veridiana da Silva Prado, na Rua da Consolação. Sobrado de taipa do século XVIII, demolido na década de 1940. Foto de Caio Prado Jr., de 1944.

Cecília e a Rua Marquês de Itu. O portão de entrada dava para a Rua Marquês de Itu, de forma que os fundos iam ter no Caminho do Pacaembú.

Extremamente refinada, voltada para os moldes culturais europeus, e muito avançada com relação à mulher de sua época, D. Veridiana promoveu em sua casa o primeiro salão cultural aberto que a cidade de São Paulo teve, onde recebeu figuras de proa do mundo intelectual e artístico nacional e estrangeiro.

D. Veridiana exerceria papel marcante tanto com relação à ocupação de Higienópolis quanto ao tipo de vida que se desenvolveu nesse Bairro. Assumiu a liderança da vida social paulista continuada por seus descendentes e parentela extensiva até pelo menos a segunda geração. E essa liderança foi desenvolvida em Higienópolis, como teremos ocasião de narrar.

D. Veridiana ainda faria construir as duas primeiras casas do lado oposto da Rua de Santa Cecília, na esquina com a Rua Marquês de Itu. Encarregou o arquiteto Pucci do projeto e da construção das mesmas aproveitando material que sobrara da construção do palacete. Na verdade eram quatro casas, pois que cada prédio possuía duas alas que alugou e depois vendeu a parentes.

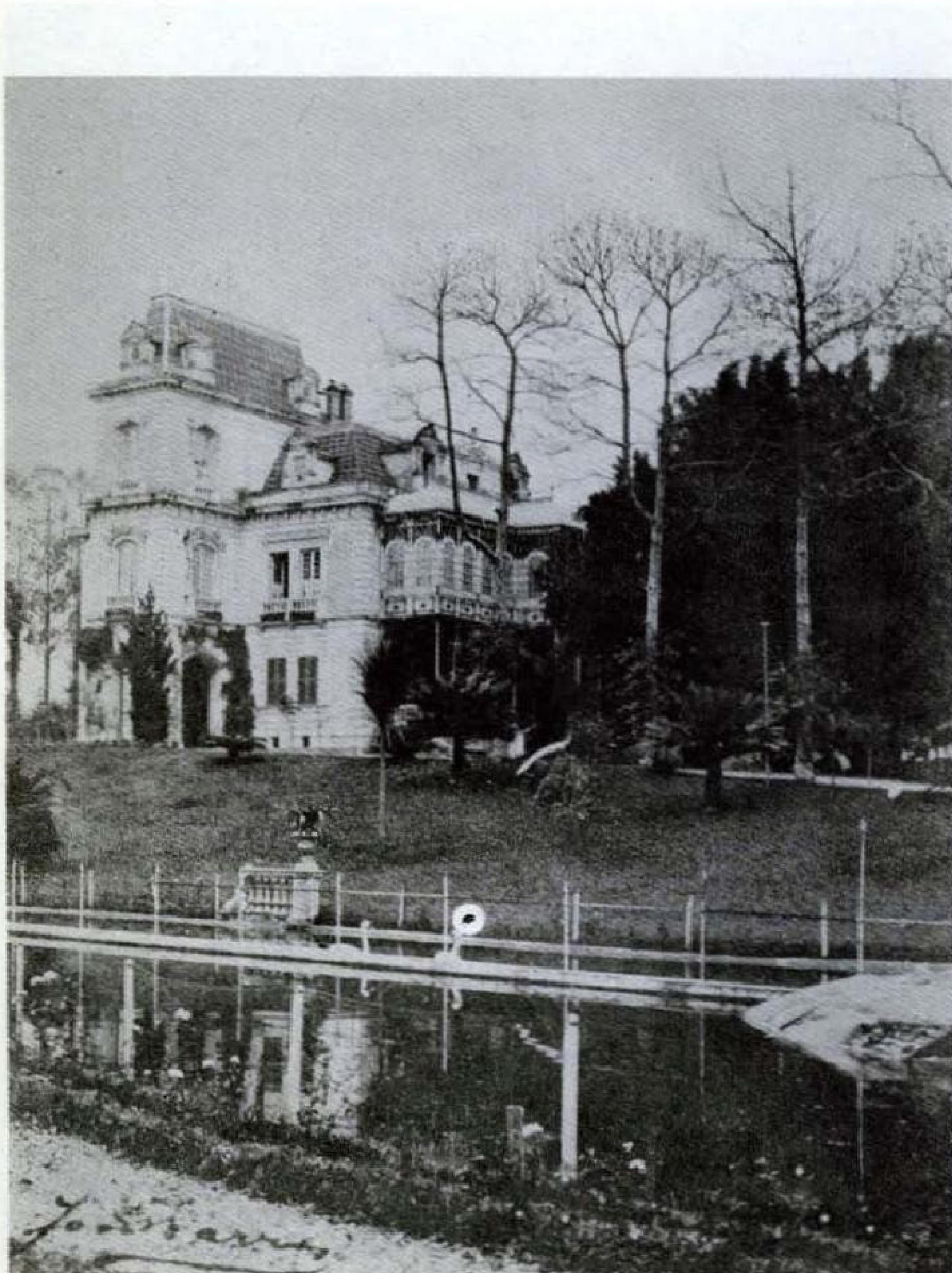


Foto 5 — Palacete de D. Veridiana da Silva Prado, na Rua D. Veridiana, esquina com Avenida Higienópolis. Construído em 1884 mediante planta e materiais importados da França. Foto de fim de século, mostrando os jardins originais, sobre parte dos quais avançou a Rua General Jardim. Arquivo de Maria Helena Prado Ramos.

D. Veridiana deu nome a duas ruas: a de Santa Cecília que em breve passou a chamar-se Rua D. Veridiana. Nessa época, coincidindo com o loteamento da Chácara do Dr. Rego Freitas, a atual Rua General Jardim também se chamou Rua D. Veridiana talvez porque fosse o caminho ideal para quem saísse do Largo dos Curros (hoje Praça da República) e quisesse atingir sua casa (34). Conquanto, no futuro, a Rua Marquês de Itu assumiria a função de passagem para o centro para os moradores de Higienópolis.

Tudo indica que as terras que seguiam pelo lado par do Caminho do Pacaembú tivessem pertencido a José Pedro Galvão de Moura Lacerda e a D. Maria Angélica Aguiar de Barros. As de D. Angélica vinham da Estrada de Campinas e subiam pela atual Rua Martim Francisco entestando com as do Dr. Jaguaribe e de D. Veridiana e seguiam acima do lado esquerdo da atual Rua Veiga Filho, onde encontrariam as de Pedro Galvão, e daí continuavam a subir até o Caminho do Pacaembú. A seguir, desciam pela hoje Rua Conselheiro Brotero.

Essas terras fizeram parte da antiga Chácara das Palmeiras. A Chácara das Palmeiras tinha 25 alqueires e até 1874 pelo menos, quando esteve em hasta pública, possuía casa grande, senzala, cocheira, armazéns e terras cultivadas com chá, pomar e mandioca, conforme as notícias do edital de praça.

Pertencera ao Brig. Francisco José Leite Pereira da Gama Lobo e depois ao médico Frederico Borghoff. O Dr. Francisco Aguiar de Barros, casado com D. Angélica, arrematou-a em hasta pública e procurou ampliar seus limites para 30 alqueires.

D. Angélica vinha da Rua São Luís onde residia numa chácara de seu pai, o Barão de Souza Queiroz. Nasceu em 1842, e casou-se em 1862, com o Dr. Aguiar de Barros que era filho dos Barões de Itu. O casal abriu nos primeiros tempos uma fazenda de café. Ao retornarem para São Paulo, e apreciando muito a vida de fazenda, D. Angélica quis residir fora da cidade.

Conta-nos seu neto, Paulo de Barros Ulhôa Cintra (35) que a ida da Rua São Luís à chácara de D. Angélica era uma verdadeira viagem tal o mau estado dos caminhos e a falta de recursos na época.

A família Barros composta de dez filhos, residia na casa grande, de taipa, que ficava na altura da Alameda Barros (parte dessa casa abriga a atual sede da Casa Pia São Vicente de Paulo). Possuía um

34) Ato n.º 19 de 18 de dezembro de 1894 "denomina Rua General Jardim, na Vila Buarque, a rua paralela à do Marquês de Itu, antes denominada Veridiana por existir outra com igual denominação".

35) Depoimento à autora em 22 de junho de 1979.

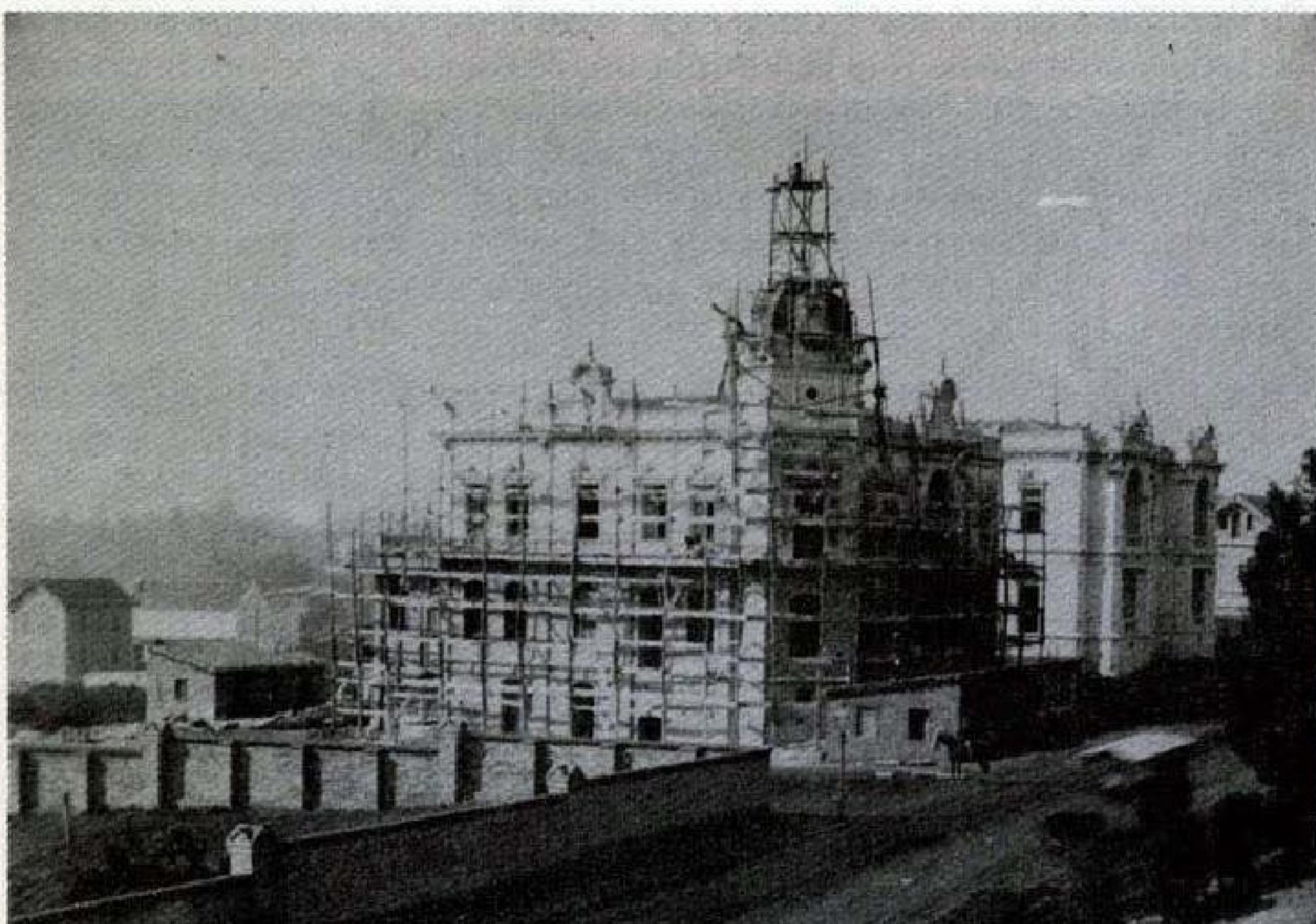


Foto 6 — Rua D. Veridiana por volta de 1894, vendo-se as casas que D. Veridiana mandou construir, na esquina com Rua General Jardim, conforme projeto e construção do arquiteto L. Pucci. Coleção Escritório G. L. Burchard.

renque de palmeiras que iam até a Estrada de Campinas as quais continuavam a ladear essa estrada, de onde o nome da Rua das Palmeiras. Por volta de 1893, D. Angélica deixou a casa grande para residir no palacete da Avenida Angélica, doando-a à referida Casa Pia. (36)

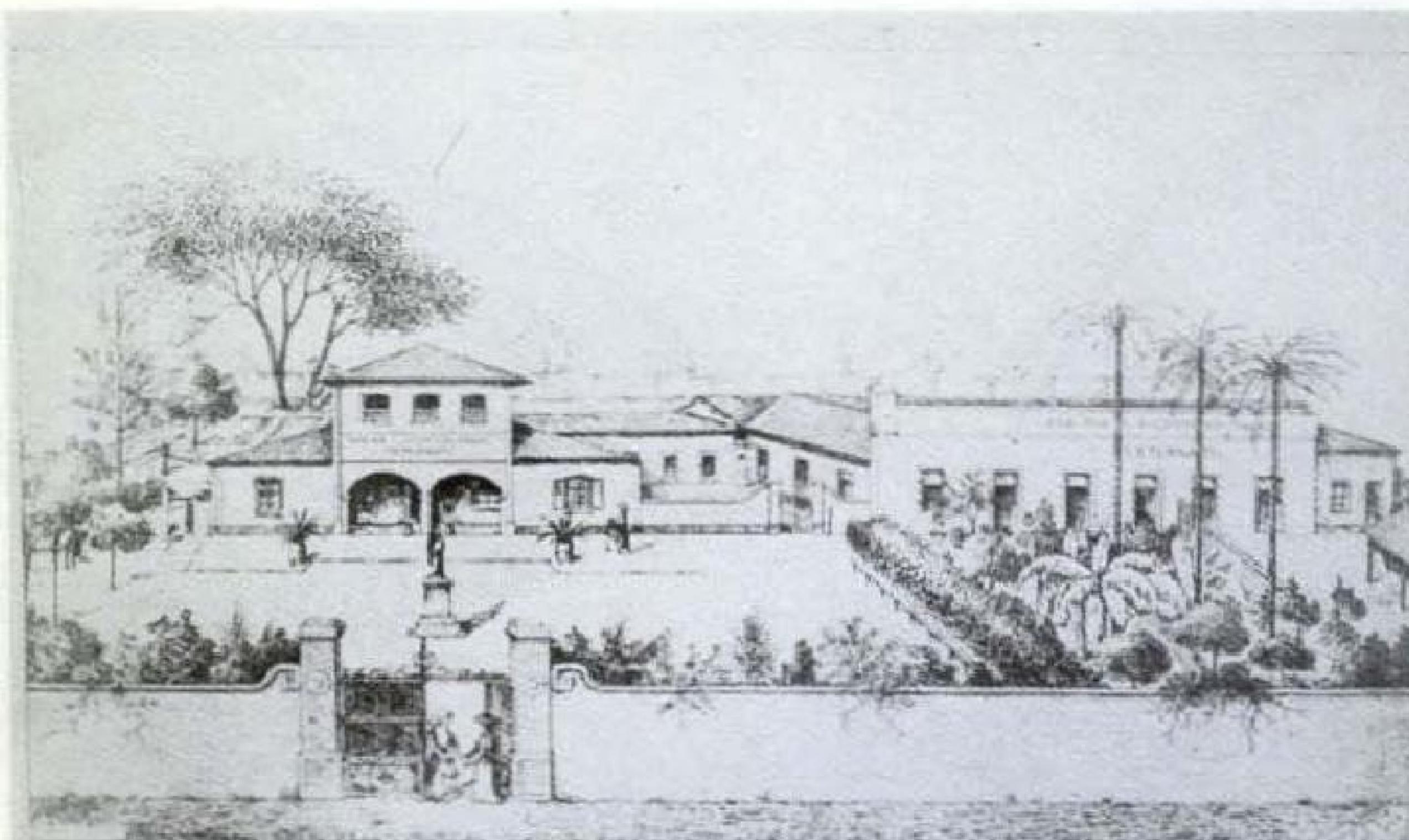
Fronteiros à casa de D. Veridiana ficavam os terrenos do Barão de Ramalho. O lugar denominava-se Campinho, o qual, fazendo frente com o Caminho do Pacaembú, subia na altura da atual Rua Itambé, limitando-se ao Sul e a Oeste com as terras de Floriano Wanderley, dos quais se separava por um valo.

Joaquim Ignácio Ramalho, nascido em São Paulo, em 1809, era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia de Direito de São Paulo, onde lecionou durante longos anos. Em 1845 foi Presidente da Província de Goiás, tendo sido membro do Conselho de S. Majestade. Foi casado com D. Paula da Costa Ramalho e depois de receber inúmeros títulos foi agraciado com o de Barão de Água Branca e, em 1887, com o de Barão de Ramalho.

36) Id., ib.



Foto 7 — D. Maria Angélica Souza Queiroz Aguiar de Barros (1842-1922). Arquivo Paulo de Barros Ulhoa Cintra.



CASA PIA DE S. VICENTE DE PAULO, FUNDADO EM 19 DE JULHO DE 1851 — ANTIGO EDIFÍCIO
1894 — 1900

Foto 8 — Antiga sede da Chácara das Palmeiras, onde residiu D. Maria Angélica de Barros, doada à Casa Pia de S. Vicente de Paula, em 1894. Em parte deste prédio de taipa do século XVIII, funciona ainda hoje a sede da Casa Pia, na Alameda Barros.



Foto 9 — Palacete de D. Maria Angélica Aguiar de Barros (1991-3), (inspirado no Palácio de Chalottenburg, Alemanha) hoje desaparecido. Situava-se na Avenida Angélica com Alameda Barros. Arquivo Paulo de Barros Ulhoa Cintra.



Barão de Ramalho

Foto 10 — Joaquim Inácio Ramalho (1809-1902).

O Barão de Ramalho residia na Rua da Consolação em casa térrea, com grande pátio. Era uma chácara vizinha à de D. Veridiana e de Martinho Prado, possuindo pomar e muitas jabuticabeiras. Usava os terrenos do Pacaembú como pasto para seus cavalos.

Encravado nas terras de Wanderley, no Caminho do Pacaembu (no atual Colégio N. S. Sion), havia um chalé em meio ao arvoredo, alugado para o Hotel da França e administrado pela Cia. Higienópolis.

O clima aprazível e o ar ameno das encostas haviam motivado a instalação no chalé de um Hotel ou casa de repouso, denominada, Sanatório ou Hotel Higienópolis.

Por volta de 1884, Guilherme Lébeis, próspero comerciante alemão, ao adquirir no centro, nos "Quatro Cantos" (confluência da Rua Direita com Rua São Bento) o Hotel de França, alugou também aquele chalé, onde os seus hóspedes gostavam de passar o inverno em busca do clima mais ameno e do ar puro.

Conta Armando Lébeis, neto de Guilherme (37), que durante a temporada lírica apresentada no primeiro Teatro São José, que ficava atrás da velha catedral da Sé, os hóspedes saíam de coche para assistir às óperas. Além do cocheiro, iam em companhia de um empregado armado, preparado portanto para enfrentar a verdadeira aventura que significava chegar até o centro, à noite. Segundo lembra Armando Lébeis, o trajeto que o coche seguia era: Ruas Pacaembú e Maria Antônia, depois Rua da Consolação até o Piques, de onde subiam pela Ladeira de São Francisco até o Largo da Sé.

Posteriormente, no lugar do Sanatório instalou-se uma escola — o Instituto Brazilia Buarque — em prédios baixos de madeira. Era o Instituto preparatório à Escola Normal. Seu mentor foi o Prof. Cyridião Buarque, renomado pedagogo da antiga Escola Normal da Praça. O Instituto levou o nome de sua mulher, D. Brazilia, também professora.

Enquanto se procurava o lugar pelo clima saudável, os norte-americanos subiam as encostas para erigir uma escola. Tratava-se dos missionários presbiterianos, liderados pelo Reverendo George Chamberlain, os quais pretendiam construir uma sucursal para a Escola Americana, que haviam fundado em São Paulo em 1870.

Antes do clima agradável, o que estimulou a vinda dos "yankees" foi a idoneidade dos títulos das propriedades do lugar. Chamberlain se havia antes voltado para os lados da Liberdade, quando pela primeira vez necessitou de local para Escola e a Igreja. Aquele bairro, situado em zona antiga da cidade, próximo à saída do Caminho do Mar e da ferrovia, era muito procurado, estando suas terras por isso, mais vulne-

37) Depoimento à autora em maio de 1979.

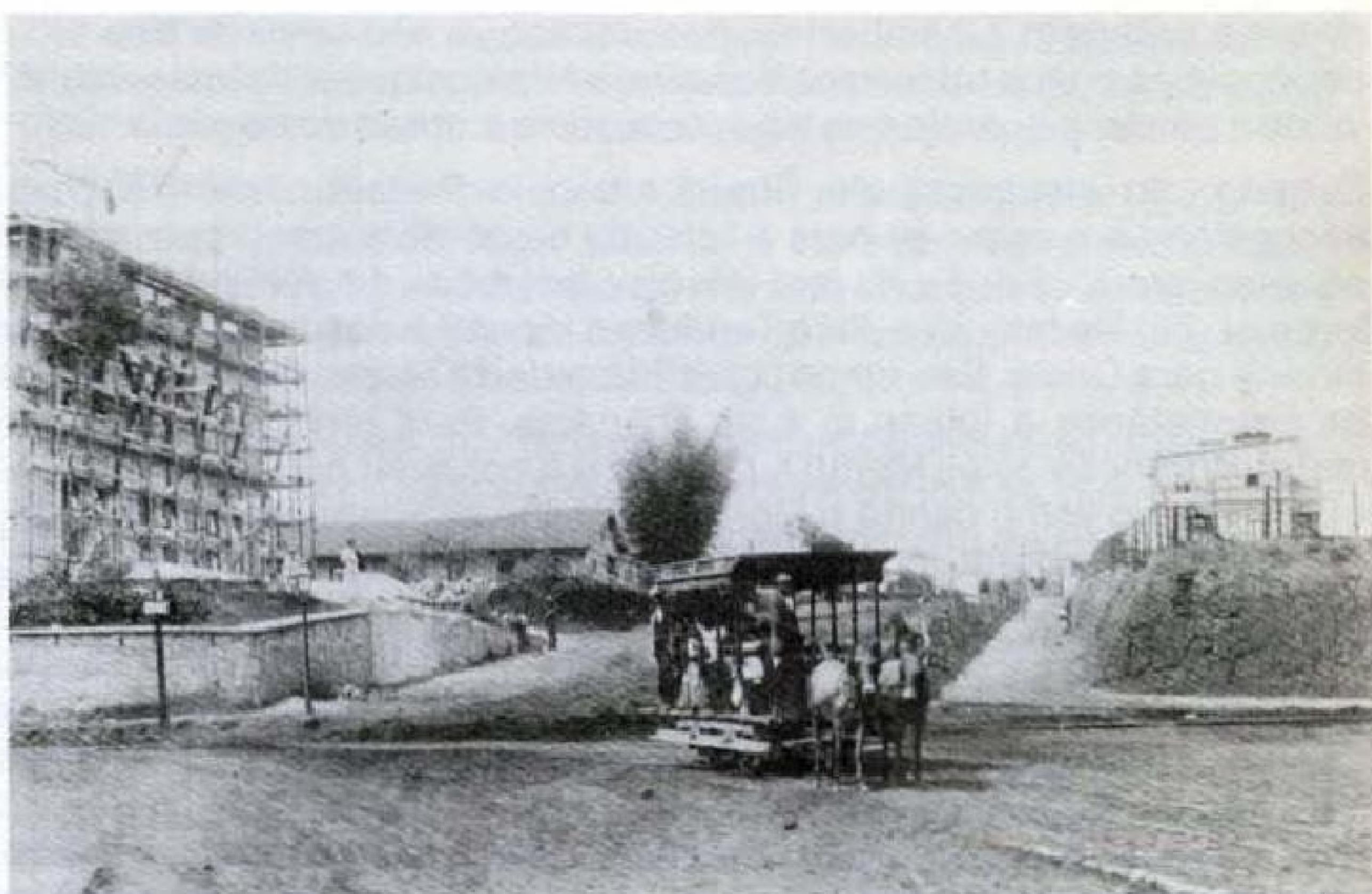


Foto 11 — Rua Itambé por volta de 1894. Em primeiro plano a linha de bonde a tração animal que servia a Vila Buarque. À esquerda, o Prédio Mackenzie em construção e os prédios mais antigos da Escola Americana, além de uma sebe de bambus, remanescente de primitiva cerca viva. À direita a quadra onde seria construída a "Vila Penteado" e o chalé do Dr. Sá. Coleção Escritório G. L. Burchard.



Foto 12 — Vista de Santa Cecília e da Vila Buarque em fins do século. No primeiro plano a Rua D. Veridiana e arvoredo da "Vila Maria". Coleção Escritório G. L. Burchard.

ráveis à grilagem. Chamberlain descobriu que não eram de boa procedência os títulos referentes aos terrenos pelos quais se interessara, vindo a perder a quantia que adiantara como entrada do negócio. (38)

Sabedor do insucesso de Chamberlain, o Prefeito João Teodoro aconselhou-o a voltar-se para a "cidade nova" pois acreditava serem aquelas terras, já que estavam intactas, em mãos de gente de grande fortuna. (39) De fato, fora João Teodoro o incentivador da expansão da cidade para Oeste. Seu plano urbanístico de 1874, procurou estimular os proprietários a lotearem suas chácaras. Para tanto, autorizara o litógrafo francês Jules Martin a projetar e a construir o Viaduto do Chá que uniria ao velho centro o Morro do Chá já ocupado por um núcleo urbano. Este, porém, continuava separado do centro, pelo Vale do Anhangabaú, lugar temido como mal assombrado por abrigar em suas matas quilombos de escravos fugidos. À noite, os negros saíam assaltando hortas e quintais.

Chamberlain comprou o primeiro terreno para sua Escola e Igreja no loteamento da Chácara do Chá, na esquina da Rua de São João com Rua Ipiranga. Em pouco tempo, aquele espaço foi insuficiente para abrigar o número crescente de crianças que procuravam estudar na Escola Americana dada a novidade do seu método, inteiramente voltado à prática, aos esportes e à educação mista. Desta vez necessitava de espaço para instalação do internato masculino.

Chamberlain lembrou-se do conselho do Prefeito João Teodoro e dirigiu-se para a Consolação. Mas lhe foi difícil encontrar terrenos avulsos exatamente devido à existência de grandes chácaras. Por influência do gramático Eduardo Carlos Pereira, que também era pastor presbiteriano, D. Maria Antonia acabou por doar à Igreja Presbiteriana cerca de 27.000 m², na esquina da Rua Maria Antonia com Rua Itambé. (40)

Na verdade ocorreu uma venda simbólica, isto é, D. Maria Antonia recebeu apenas 800 mil réis, quantia necessária para abrir um valo divisório, em cuja extensão se plantariam bambus. (41) Assim nascia o embrião do futuro Mackenzie. Nessa área edificaram-se em 1850 o Prédio "Couto de Magalhães", internato para meninos e, dez anos depois, o Prédio Mackenzie, na esquina da Rua Maria Antonia.

Como vimos, durante os anos 1880, o local em que nasceu o Bairro de Higienópolis era ocupado por grandes chácaras pertencentes à elite paulistana; uma dessas chácaras, de Joaquim Floriano Wanderley

38) GARCEZ, Benedicto Novaes. O Mackenzie, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1970, p. 56-57.

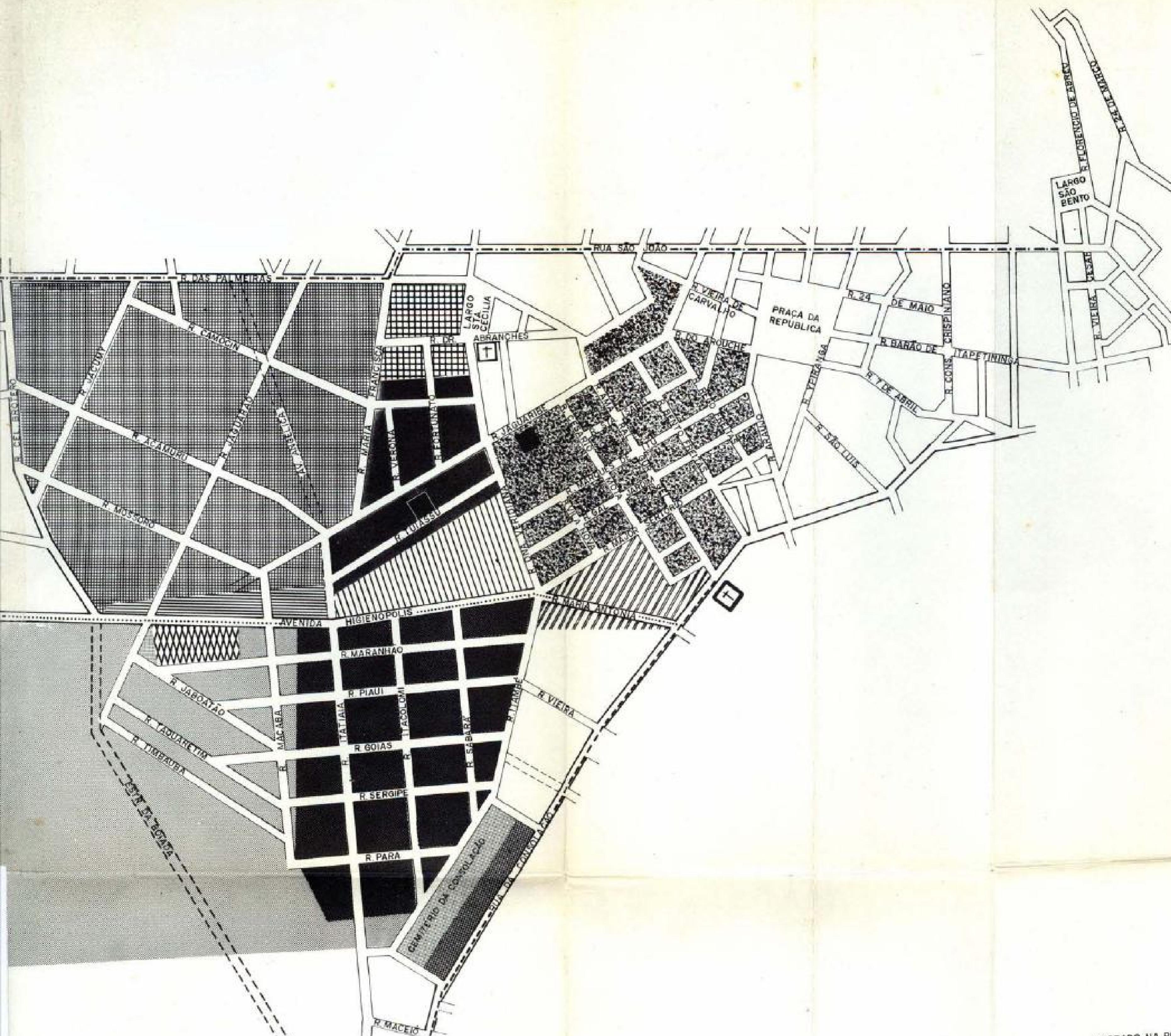
39) _____ op. cit., 57.

40) _____ op. cit., p. 78 e s.

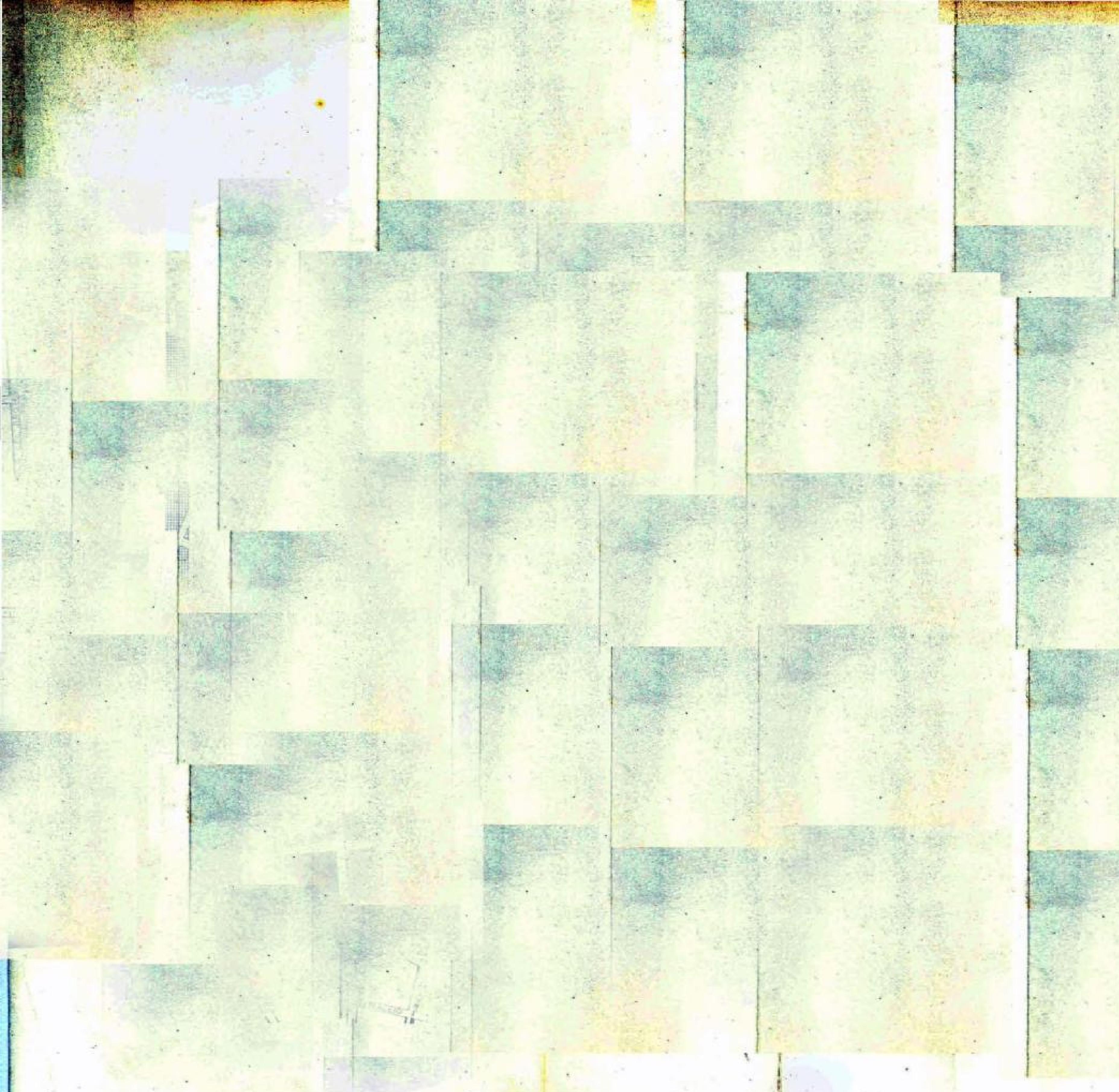
41) Depoimento de Augusto de Freitas.

representara a evolução da antiga sesmaria do Pacaembú que deu nome àquelas terras e ao Bairro do Pacaembú, na Freguesia da Consolação.

As demais formas de ocupação eram o Hotel Higienópolis e os prédios da Escola Americana, e foram motivadas ou pelo clima ou pela existência de grandes propriedades, e pela idoneidade dos títulos de posse das terras.



BASEADO NA PRÉ-
CAPITAL DE SÃO
PETERSBURGO (CARDIN) DO AN-



CAPÍTULO III

O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS

1. O EMPREENDIMENTO DE MARTINHO BURCHARD E VICTOR NOTHMANN

O Bairro de Higienópolis somente se formaria na década seguinte por iniciativa de dois comerciantes alemães, Martinho Burchard e Victor Nothmann que lotaram a área que vai do lado ímpar da Rua do Pacaembú, para cima, em direção à Avenida Paulista. Consistiu na compra e no loteamento das duas glebas sem benfeitoria alguma, localizadas entre a Rua da Consolação e o Vale do Ribeirão Pacaembú, a saber: os terrenos do Barão de Ramalho e uma porção da antiga propriedade de Joaquim Floriano Wanderley.

As terras do Barão de Ramalho foram adquiridas por Burchard, em 1890, em sociedade com Nothmann. A área media 360.611 m², 45 cm. (1) Nothmann adquiriu também uma área ao Sul entre a Consolação e a Estrada do Araçá, em forma triangular. Em 1895 Burchard comprou, sob a denominação de Pacaembú, o terreno do espólio de Wanderley, que media 206.800 m². (2)

1) Escritura pública de 17 de setembro de 1890, 1.º Tab. de São Paulo, Elias Machado de Oliveira, registrada sob n.º 4.425, livro de notas n.º 2 fls. 20.

2) Escritura pública de 17 de junho de 1895, tendo metade do terreno em comum com Alexander & Cia.

Burchard já se havia associado a Nothmann em outro ramo de comércio. Em 1890 apareceu com parte da firma "V. Nothmann e Cia.", que foi a primeira firma importadora de tecidos de São Paulo, fundada pelo próprio Nothmann, em 1870.

Victor Nothmann teria começado sua vida no Brasil como mascate, profissão bastante utilizada pelos estrangeiros recém-chegados. (3) Na década de 1880, lançou-se no ramo imobiliário, tornando-se sócio de outro comerciante alemão, Frederico Glette, quanto à abertura do Bairro dos Campos Elíseos. Glette tivera a iniciativa de adquirir em 1879, a Chácara do Campo Redondo (4) que foi loteada em 1886. Era uma grande área, que abrangia parte da Luz, do Bom Retiro e da Barra Funda. Nela, os sócios abriram as Alamedas Glette, Nothmann, Ribeiro da Silva, as Avenidas Duque de Caxias e General Osório, e as Ruas dos Gusmões, dos Andradadas, Helvétia, etc., constituindo-se dessa forma, o Bairro dos Campos Elíseos.

Glette e Nothmann haviam gastado 100 contos com a abertura dos Campos Elíseos, e apuraram 800 contos! (5)

O ramo imobiliário tornara-se pois um excelente negócio. Organizaram-se inúmeras iniciativas particulares voltadas nesse sentido. Martins (6) dá como motivo de interesse súbito dos paulistas pela especulação imobiliária a quebra do Banco Mauá, ocorrida em 1875, o que teria causado pânico entre os capitalistas, e o consequente receio de guardar dinheiro em casas bancárias.

Raffard, que também se admirou da febre especulativa que ocorria em São Paulo em 1890 (7), atribuiu-a à liberação dos capitais dos fazendeiros, antes empregados na construção de ferrovias, enquanto muitas destas reduziam seus dividendos, assim como ao temor de depreciação das propriedades agrícolas e de quaisquer outros títulos, em consequência da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República.

Seja como for, a especulação imobiliária se mostrava agora um negócio rendoso, pois a cidade crescia a olhos vistos. Em 1875 a cidade possuía menos de 3.000 prédios. Onze anos depois estava com mais

3) DEFFONTAINES, Pierre. *Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil*. Geografia II, 1936, p. 1.

4) Também denominada Chácara Mauá e do Charpe. Pertenceu ao Bispo D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, onde se instalara o Colégio Ipiranga, de Ferdinand Boeschenstein e de Daniel H. Ullmann.

5) MARTINS, A. Egydio. *São Paulo antigo, 1554-1910*. São Paulo, Diário Oficial, 1912, v. 2, p. 14 e 15.

6) _____ op. cit., p. 91.

7) RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na paulicéia*. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. LV, 1892, p. 159-258.

de 7.000. (8) Naquele ano, uma casa no centro da cidade ainda não valia nada. Basta lembrar que quando o Barão de Iguape faleceu (1875) sua neta Ana Brandina da Silva Prado (conhecida como Chuchuta), que se casou com Antonio Pereira Pinto Jr., a contragosto da família, foi deserdada mediante recepção da casa do avô, que ficava nos "Quatro Cantos", isto é, na Rua São Bento esquina com Rua Direita, enquanto sua irmã Anésia, neta predileta, foi contemplada com uma cômoda! Uma casa em São Paulo, portanto, chegou a valer menos do que um móvel.

A própria Prefeitura estimulava os proprietários a lotearem suas terras isentando-os de impostos. O Conselheiro Antonio Prado quando Prefeito de São Paulo (1899-1910), isentaria vários deles de tais obrigações durante os primeiros cinco ou seis anos, "exceto se forem vendidos os terrenos ou passarem para mãos de terceiros".

Vemos assim, a divisão sucessiva de chácaras em São Paulo, e em especial a Oeste da cidade. Em 1899, foram isentas de impostos pelo referido prazo, a Baronesa de Limeira que abria ruas em sua Chácara do Riachuelo (no prolongamento da Rua de São João) e a família Dulley, no Bom Retiro.

Ainda nos anos de 1880, os herdeiros do Dr. Rego Freitas venderam a sua Chácara à empresa constituída pelo Senador Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda e pelo engenheiro Manuel Buarque de Macedo, filho do Conselheiro Buarque de Macedo (9), que promoveram o arruamento da Vila Buarque.

Em 1890, Joaquim Eugênio de Lima iniciou loteamento da Chácara Bella Cintra, que deu origem à Avenida Paulista, aberta ao tráfego em 1891, e às ruas paralelas e perpendiculares à mesma.

Em 1901, seriam isentas de impostos D. Maria Angélica de Barros e D. Veridiana Prado quanto ao arruamento respectivamente, das Chácaras das Palmeiras e da Consolação.

Tais loteamentos e outros mais surgiram praticamente nos últimos anos do século passado. Basta comparar entre si os mapas de Jules Martin, de 1890 e o de Gomes Cardim, de 1897 (mapas 2 e 3 deste trabalho).

Neste último mapa vemos a cidade expandir-se em quase todas as direções. A Leste, margeando a ferrovia do Norte, foi acrescida do loteamento do Hipódromo, da Quarta e Quinta Paradas (esta última Vila Gomes Cardim) e da Vila Bernardino de Campos. Nas proximidades da ferrovia inglesa estão a Vila Prudente, empreendimento dos

8) MARTINS, Antonio Egydio, op. cit., p. 122.

9) Informações fornecidas à autora pelo historiador Sérgio Buarque de Hollanda.

irmãos Falchi e o loteamento do Bairro do Ipiranga. Mais ao sul, surgiram as Vilas Mariana e Clementino.

O mapa de Gomes Cardim já inclui a Oeste, além da Vila Cerqueira César, o loteamento de Higienópolis, período em que Burchard e Nothmann trabalhavam em outros empreendimentos, também presentes nesse mapa: o da Várzea do Salles, na Barra Funda, o da Chácara Cadette, nas Perdizes, além do Hipódromo, acima referido.

As terras onde se desenvolveria o Bairro de Higienópolis foram descobertas ao mesmo tempo. Ficou na memória dos paulistas a corrida que esses especuladores travaram para a aquisição dos terrenos do Barão de Ramalho, o qual ainda ignorava o valor dos mesmos.

O Barão viu os dois compradores desfilarem em seu escritório, em questão de meia hora. Numa manhã, recebeu a visita de Burchard que lhe ofereceu 200 contos, soma considerada fabulosa na época. O Barão aceitou a oferta, fechando o negócio na base da palavra. Pouco depois, para assombro do Barão chegou Nothmann oferecendo-lhe 250 contos.

"— Afinal de contas que história é essa, os senhores descobriram mina de ouro naqueles pastos? E sem esperar resposta, acrescentou positivo: "Mas não aceito a oferta, já dei minha palavra e os terrenos estão vendidos." (10)

O loteamento de Higienópolis foi considerado em seu tempo o de maior extensão territorial e de importância econômica e social.

A área foi adquirida e loteada para formação de um bairro de classe A, exclusivamente residencial. Tratava-se da terceira área residencial urbana de elite na cidade de São Paulo, antecipada, como dissemos, pela Santa Efigênia e Campos Elíseos.

Para tanto, trataram Burchard e Nothmann de dotá-la de toda sorte de benfeitorias, de dividi-la em grandes lotes e de obter junto à Câmara Municipal regulamento que assegurasse seu uso exclusivamente residencial, a exemplo do que fora feito com relação à Avenida Paulista. (11)

Assim, em 3 de junho de 1898, o Dr. Pedro A. Gomes Cardim, Intendente de Obras da Câmara Municipal, assinou a lei n.º 355, segundo a

10) Esta história é contada ainda hoje por antigos paulistas. Pedro Luis Pereira de Souza em seu livro Casa Barão de Iguape. São Paulo, 1959, p. 173-4, transcreve a versão do Dr. Antonio C. Vicente de Azevedo. Este inclui Glette como acompanhante de Nothmann, mas achamos o fato impossível visto que Glette, pelo que pudemos apurar, faleceu antes de 1890.

11) Quatro anos antes, Joaquim Eugênio de Lima conseguira uma lei para a nova Avenida Paulista, obrigando as futuras construções a respeitarem um recuo de 10m. com relação ao alinhamento das calçadas, bem como de 2m. lateralmente.

qual eram obrigadas "as construções de casas nas Avenidas Higienópolis e Itatiaia (atual Avenida Angélica) a respeitarem 6 metros entre o alinhamento e a frente da casa, pelo menos, para jardim e arvoredos, e bem assim, um espaço não menor de 2 metros de cada lado".

Essa lei significava uma alteração nos hábitos de viver em São Paulo, que se tornou muito mais complexo e sofisticado: a libertação das casas e sobrados construídos sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos, conforme tradição colonial portuguesa. Ao mesmo tempo que, conjugada com grandes lotes, possibilitaria a fusão das chácaras residenciais com os sobrados urbanos. (12)

Subentendia-se ainda a re-europeização de nossa cultura, que buscava manter-se a par dos modelos europeus da época ditados pelos países mais progressistas, como a França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Bélgica, etc. Ocorreria em São Paulo a vulgarização dos jardins a ponto de, futuramente, toda casa que se prezasse iria ter seu jardim fronteiro. Junius em 1882, observou a grande novidade, ou seja, o gosto que se apoderou dos paulistas, pela "cultura de flores e plantas exóticas." Continuava o autor: "Antigamente conheciam-se cravos, rosas, saudades, dálias, perpétuas, jasmins e mais uma ou outra muito comum". (13) Nessa moda incluía-se o cultivo tanto de plantas europeias quanto exóticas e tropicais.

O loteamento foi realizado sob a designação de Boulevards Burchard, correspondendo às duas áreas que o compuseram: os terrenos que pertenceram ao Barão de Ramalho constituíam o Boulevard Burchard n.º I, bem como aqueles comprados dos herdeiros de Joaquim Wanderley, o Boulevard Burchard n.º II.

O retalhamento obedeceu ao traçado geométrico de tabuleiro de xadrez, conforme tradição latina proveniente do acampamento romano, que os loteamentos procuraram seguir, embora acomodando-se a suas possibilidades topográficas, sempre irregulares. Quanto ao traçado de Higienópolis, adaptou-se para os lados do Ribeirão Pacaembú às dificuldades do terreno que encontra os barrancos do Vale desse Rio. A cidade só conheceria na década de 1910 uma outra forma de traçado urbano, através do trabalho do urbanista inglês Barry Parker, que veio contratado pela Cia. City para projetar os loteamentos dos Bairros-Jardins e do Pacaembú.

O loteamento de Higienópolis ficou ilhado com relação às chácaras que o circundavam mesmo após a abertura de outros bairros cujas

12) Vide a respeito: REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro de Arquitetura no Brasil, 4.^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1978.

13) JUNIUS, op. cit., p. 35.

ruas foram traçadas sem articulação alguma entre cada conjunto, donde a atual descontinuidade que se observa entre as mesmas, sempre interrompidas — fato aliás que se repetiu em toda cidade que se desenvolveu, a partir de então, estruturada em loteamentos desarticulados produzidos por iniciativas particulares sucessivas sem obedecer qualquer planejamento da Prefeitura.

Nenhum empreendimento de Burchard e de Nothmann recebeu o tratamento que dispenderam a este. Dotaram-no de todas as benfeitorias urbanas: água, esgoto, iluminação (à gás), arborização e linha de bonde. Tais melhoramentos constituíam uma aquisição recente, de certos bairros privilegiados, encontrando-se grande parte da cidade à espera de maior conforto.

As novas ruas foram arborizadas com uma variedade de tipos de árvores. A Avenida Higienópolis recebeu plátanos, espécie recém introduzida no Brasil, e licustres. A Rua Sabará era toda plantada de magnólias. Nas demais ruas, catalpas, carvalhos e licustres. Conseguiram junto à antiga Cia. Viação Paulista, uma linha de bondes a tração animal que fazia o seguinte percurso: subia pela Rua Major Sertório e daí para a Rua Itambé, entrando pela Rua Maranhão, e retornava pela Avenida Higienópolis em toda sua extensão.

Além disso, beneficiaram-se da existência de escolas próximas. Além do Mackenzie, no antigo Sanatório Higienópolis funcionava o Instituto Brazilia Buarque. Como hospitais contariam além da Santa Casa, com o Hospital Samaritano, existente desde 1892, no local onde ainda hoje se encontra, na Rua Conselheiro Brotero, próximo à Avenida Higienópolis. O Samaritano foi fundado com recursos deixados por José Pereira Achau, de origem chinesa, que faleceu em 1884, deixando seus bens para tais fins; o Hospital, construído pela firma "Krug & Filho", resultou da iniciativa de diversos homens de negócios, nacionais e estrangeiros, entre os quais figuravam os próprios Victor Nothmann e Burchard, unidos aos presbiterianos do Mackenzie, ao Dr. Horácio Lane, a Henrique Schaumann, William Gordon Speers, William A. Lee, Fernando Lee, etc., sobressaindo ainda nessa iniciativa o nome de D. Maria Paes de Barros. Segundo costumava contar esta senhora, a idéia de se fundar o Hospital Samaritano nasceu do fato de que nos hospitais paulistas era vedado aos pacientes protestantes exerceram sua religião. (14)

De tais vantagens se prevaleciam os negociantes, aliados à beleza do lugar e ao clima salubre, como se lê num discreto e pequeno anúncio de jornal conservado ainda hoje no Escritório Germaine Burchard (15):

14) Depoimento a Jovina Pessoa.

15) Com vasto e precioso material iconográfico referente à abertura do Bairro.

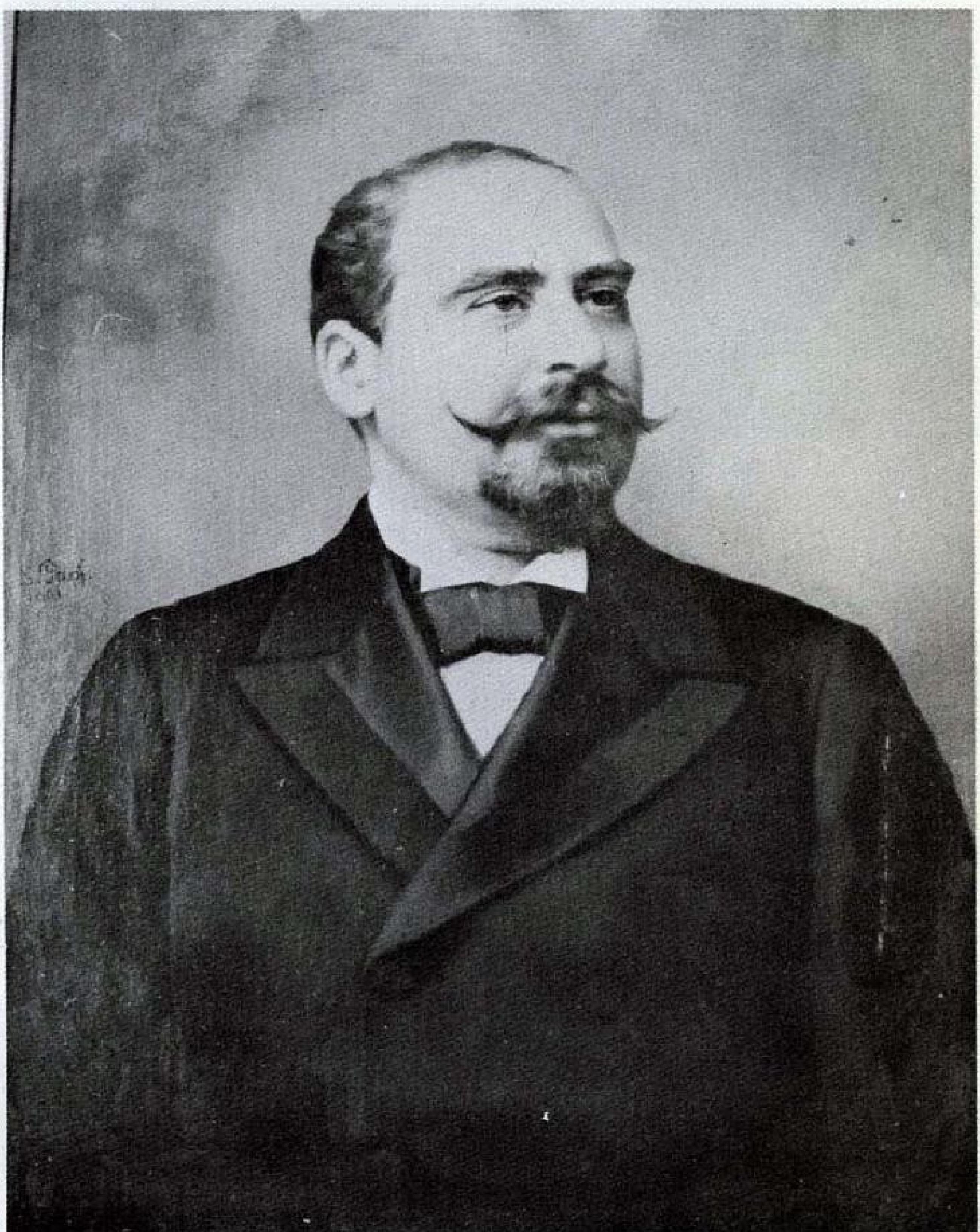


Foto 13 — Martinho Burchard (1851-1903), conforme óleo assinado S. Paup, 1901.
Coleção Escritório G. L. Burchard.



Foto 14 — Vitor Nothmann. Reprodução de MOURA, Paulo Cursino de. São Paulo de outrora. São Paulo, Martins, 1943.

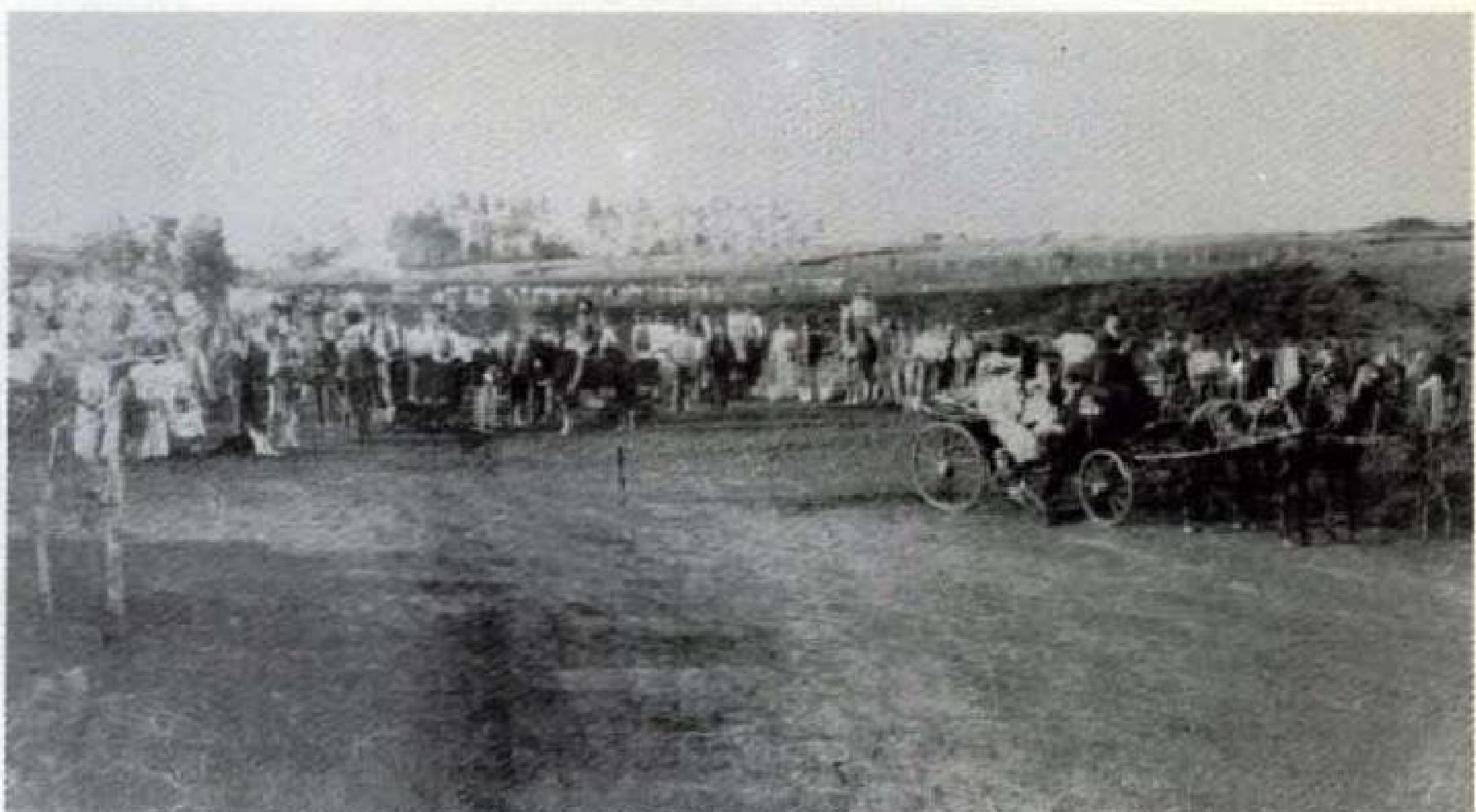


Foto 15 — Abertura da Rua Pará, em finais do século, destacando-se Marinho Burchard montado a cavalo, de chapéu e barbas pretas. Coleção G. L. Burchard. Foto 20 — Grupo

"Boulevard Burchard

São estes esplêndidos terrenos situados no ponto mais alto e mais saudável desta cidade, com linha de bonde em toda Avenida Higienópolis, servido também pelos bondes que percorrem a Rua D. Veridiana, bem como já servidos com água, gás e esgotos.

Contém este aprazível bairro 14 ruas todas arborizadas, com um aspecto delicioso.

Ali se acham situados os colégios — ginásios infantis, o Ginásio Americano (Colégio Mackenzie) e em construção, o Seminário Sinobal da Igreja Presbiteriana de São Paulo, bem como em construção diversos prédios de muito gosto, o que tudo vai cada vez mais aumentando o valor aliás reconhecido daqueles terrenos.

Pela elevação desses terrenos em uma boa altura acima da cidade, vê-se (sic) de todos os pontos os mais risonhos e encantadores panoramas.

Ficam assim prevenidos os srs. capitalistas de bom gosto para um bom emprego de capital.

Para informações, tratar na R. S. Bento, 59."

O loteamento foi realizado em duas etapas, começando pelo Boulevard Burchard n.º I, tendo sido este a primeira parte ocupada, onde se localizaram as casas mais antigas.

O Bairro estruturou-se em duas artérias principais, Avenida Higienópolis que ligaria a Consolação ao Pacaembú e Perdizes, e a Avenida



Foto 16 — Avenida Higienópolis (Boulevard Burchard) recém-aberta e arborizada, vendo-se em primeiro plano o bonde puxado a burro, a quadra onde seria erguida a "Vila Penteado" e a placa indicativa do Instituto Brasilia Buarque, na esquina com Rua D. Veridiana. Ao fundo já aparecem as primeiras construções do bairro. Foto de fins do século. Coleção Escritório G. L. Buchard.



Foto 17 — Abertura da Avenida Itatiaia (Avenida Angélica), em 1898. Coleção Escritório G. L. Buchard.

Itatiaia, que se tratava de parte da atual Avenida Angélica. Aberta a 8 de março de 1889, a Itatiaia articulava a Avenida Higienópolis à Avenida Municipal, hoje Avenida Dr. Arnaldo. A ligação da Avenida Higienópolis com a rua das Palmeiras foi posterior e recebeu primeiramente, o nome de Avenida Circular. Esta mais a Itatiaia, constituíram a futura Avenida Angélica.

As ruas foram abertas a partir de 1893, às expensas dos negociantes, com exceção da Avenida Circular, que se realizou com o auxílio da Prefeitura. (16)

No loteamento não constava local específico para igreja nem estava prevista a Praça Buenos Aires. Esta só seria realizada muito depois, de 1913 a 1916, por iniciativa da Prefeitura Municipal. Quanto à Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus, atual paróquia do Bairro, seria levantada apenas em 1926-28. Até lá, Higienópolis dependeria da Paróquia do Imaculado Coração de Maria, edificada em 1887, em terras que pertenciam ao Dr. Jaguaribe, na rua do mesmo nome, em substituição à Igreja do Páteo do Colégio demolida em 1896. (17).

A Avenida Higienópolis finalizava com um belvedere que Burchard denominou Terraço Germaine, de onde se avistavam os Bairros das Perdizes, Freguesia do Ó, Santana, e a Serra da Cantareira, e, muito próximos, uma série de morros que se recostavam uns sobre os outros. Estava prevista também a Praça de Santa Lúcia, na antiga Encruzilhada do Pacaembú, a qual, no entanto, não foi executada. Ambos os nomes Germaine e Lúcia foram inspirados no de sua filha que se chamava Germaine Lucie, nascida e criada na França, e de sua sobrinha Lúcia, filha de Hermann Burchard.

Nos inícios deste século, Higienópolis tornara-se um dos lugares mais aprazíveis de São Paulo. Dessa forma referiu-se Moreira Pinto ao Boulevard Burchard: "Esplêndido, magnífico, belíssimo, tais foram as exclamações que irromperam dos meus lábios ao visitar esse boulevard, criação recente do infatigável Sr. Martinho Burchard, um teuto paulista, um empreendedor arrojado, um verdadeiro yankee." (18)

Com a morte de Burchard, ocorrida aos 42 anos, em 1903, foi desfeito por sua filha e herdeira a sociedade com Victor Nothmann, assim como o que manteve com a firma "Alexander & Cia.", no tocante ao Boulevard Burchard n.º II. Germaine Burchard, sucessivamente Condessa de Gontant-Biron e Princesa Sanguzko, passou a responder pela admi-

16) A lei n.º 343, de 11 de março de 1898, autorizava a Prefeitura a dispender 17:168\$900 para "auxiliar Martinho Burchard a ligar a R. Itatiaia à R. das Palmeiras." Do mesmo modo, alguns reparos não especificados foram feitos na Av. Higienópolis às expensas da Prefeitura.

17) ARROYO, Leonardo. Igrejas de São Paulo. São Paulo, Ed. Nacional, 1966, p. 247-9.

18) PINTÓ, Alfredo Moreira. op. cit., p. 251.



Foto 18 — Abertura da Rua Maranhão, em finais do século. Coleção Escritório G. L. Burchard.



Foto 19—Corte da primeira quadra da Rua Itambé, em 1898, vendo-se os trabalhadores. Martinho Burchard aparece montado a cavalo. Ao fundo o chalé do Dr. Sá. Coleção Escritório G. L. Burchard.

nistração dos imóveis deixados por seu pai, no escritório da Rua São Bento, hoje em mãos de seu viúvo, o Príncipe Roman Sanguzko.

Os lotes restantes do Bairro de Higienópolis continuaram a ser vendidos pelo Escritório. Até por volta de 1920, ainda se vendeu a maioria dos terrenos das ruas superiores.

2. A ATUAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL EM HIGIENÓPOLIS

O nome Boulevard Burchard entretanto, não vingou para o Bairro. Em 1894, a própria Câmara Municipal adotava Higienópolis para especificar os arrabaldes que ficavam junto à sexta seção urbana (19), os quais iniciavam além da bifurcação com as ruas Itambé, D. Veridiana, D. Maria Antonia, Major Sertório e Avenida Higienópolis.

Quanto à avenida principal, aberta com o nome pretencioso de Boulevard Martinho Burchard, passou, por indicação de José Vicente de Azevedo a chamar-se Avenida Higienópolis, nome aliás, que já vinha sendo utilizado oficialmente pela Prefeitura (conforme também se vê na citação supra). Entretanto, o Antigo Caminho do Pacaembú conheceria mais uma designação: Avenida Martinho Prado Jr., dado pela Prefeitura em 1906, em homenagem ao Convencional de Itu, recém falecido. (20) Contudo, essa denominação seria por tempo breve. Em 1913 foi restabelecida a anterior, segundo lei do prefeito Raimundo Duprat (21), a qual também oficializava a Avenida Higienópolis. Nesse mesmo ano, denominava Rua Dr. Martinico Prado a Rua Vitalis, situada próxima à divisa da antiga chácara de D. Veridiana com a do Dr. Jaguaribe. (22)

No início do século o loteamento já se encontrava à mercê da Prefeitura, que se encarregaria do alinhamento e do calçamento das ruas, o que só seria feito paulatinamente (com paralelepípedos, como era o hábito), ao longo de doze anos. A primeira rua a ser calçada foi a Rua Sergipe (1902), seguida da Rua Piauí, esta em duas etapas (1906 e 1912), a Avenida Angélica, em várias etapas (1907, trecho Avenida Martinho Prado Jr. — Rua Jaguaribe, e 1908, trecho Avenida Municipal — Rua Maceió) e daí por diante.

19) Compunham a 6.^a seção urbana: Lgo. da Consolação, R. da Consolação, R. Caio Prado até o Cemitério, em volta deste, R. Itambé, R. Veridiana, Lgo. Santa Cecília, R. das Palmeiras e Al. Glette.

20) Lei n.^o 906 de 4 de junho de 1906.

21) Lei n.^o 1.734 de 25 de agosto de 1913, por iniciativa do vereador Alfredo Penteado.

22) A 18 de setembro.

As ruas do Bairro só seriam oficializadas a partir de 1912. A primeira foi a Rua Rio de Janeiro (antiga Estrada das Boiadas), (23) seguida da Avenida Higienópolis (1913). Em 1916 seriam oficializadas a maioria das ruas do Bairro de Higienópolis juntamente com ruas da Vila Buarque e Santa Cecília. (24)

Da mesma forma a Prefeitura se encarregaria da desapropriação de terras para benfeitorias como alargamento de certas vias etc., algumas vezes com vistas à articulação entre antigos loteamentos. Assim, em 1912, desapropriou terrenos na Rua Rio de Janeiro, necessários à conservação da vista sobre o Vale do Pacaembú e adquiriu terrenos do Dr. Jaguaribe para a ligação da Avenida Martinho Prado Jr. com a Rua Albuquerque Lins e para o prolongamento da Rua Sabará até a Rua Aureliano Coutinho.

Nesse mesmo ano, comprou terrenos da herdeira de Martinho Burchard, Germaine Lucie Burchard, para construir uma área ajardinada, entre as Ruas Piauí, Alagoas, Bahia e Avenida Angélica, com o nome de Praça Higienópolis. Somente a 18 de setembro de 1913 é que recebeu a denominação atual de Praça Buenos Aires. Esta praça foi feita segundo projeto do arquiteto paisagista francês Bouvard, que foi convidado para projetar os jardins do Vale do Anhangabaú e do Parque D. Pedro II, na mesma época.

A Praça Buenos Aires possui uma elevação central onde se construiu um mirante. Na parte inferior junto à Avenida Angélica recebeu um espelho d'água bem como eram distribuídas várias esculturas pelos jardins. Em cada esquina da Avenida encontram-se as esculturas em bronze "veado atacado" e "leão atacado" executadas na França pelas Fondries d'Art ou Val D'Cane. Na parte inferior, próxima à Rua Bahia, uma cópia de "Hércules e o Leão" de S. Siliencis, levando a data de 1682 e no centro do espelho d'água, a "escultura do lago", ambas em concreto. Em época mais recente foi colocado o busto de Firmiano Pinto, ex-prefeito de São Paulo. Em 1945, ano do Centenário de Rivadavia, a colônia brasileira em Buenos Aires inaugurou o busto do pensador argentino, colocado próximo à Rua Piauí.

A escultura "Mãe" de Caetano Fraccaroli é de 1964, vencedora de um concurso nacional feito sobre esse tema, promovido pelos Diários Associados. Estes pretendiam realizar na Praça Buenos Aires a festa anual em homenagem às mães. A obra de Fraccaroli foi escolhida entre 150 projetos do Brasil todo, esculpida num só bloco de mármore

23) Ato n.º 449 de 16 de fevereiro de 1912.

24) Ato n.º 972 de 24 de agosto de 1916, oficializava as Ruas Maceió, Aracaju, Sergipe, Itacolomi, Sabará, Itambé, Piauí. Em Santa Cecília as Ruas D. Veridiana, Conselheiro Brotero, Jaguaribe e Fortunato. Na Vila Buarque, as Ruas Maria Antonia, Major Sertório e Rego Freitas.

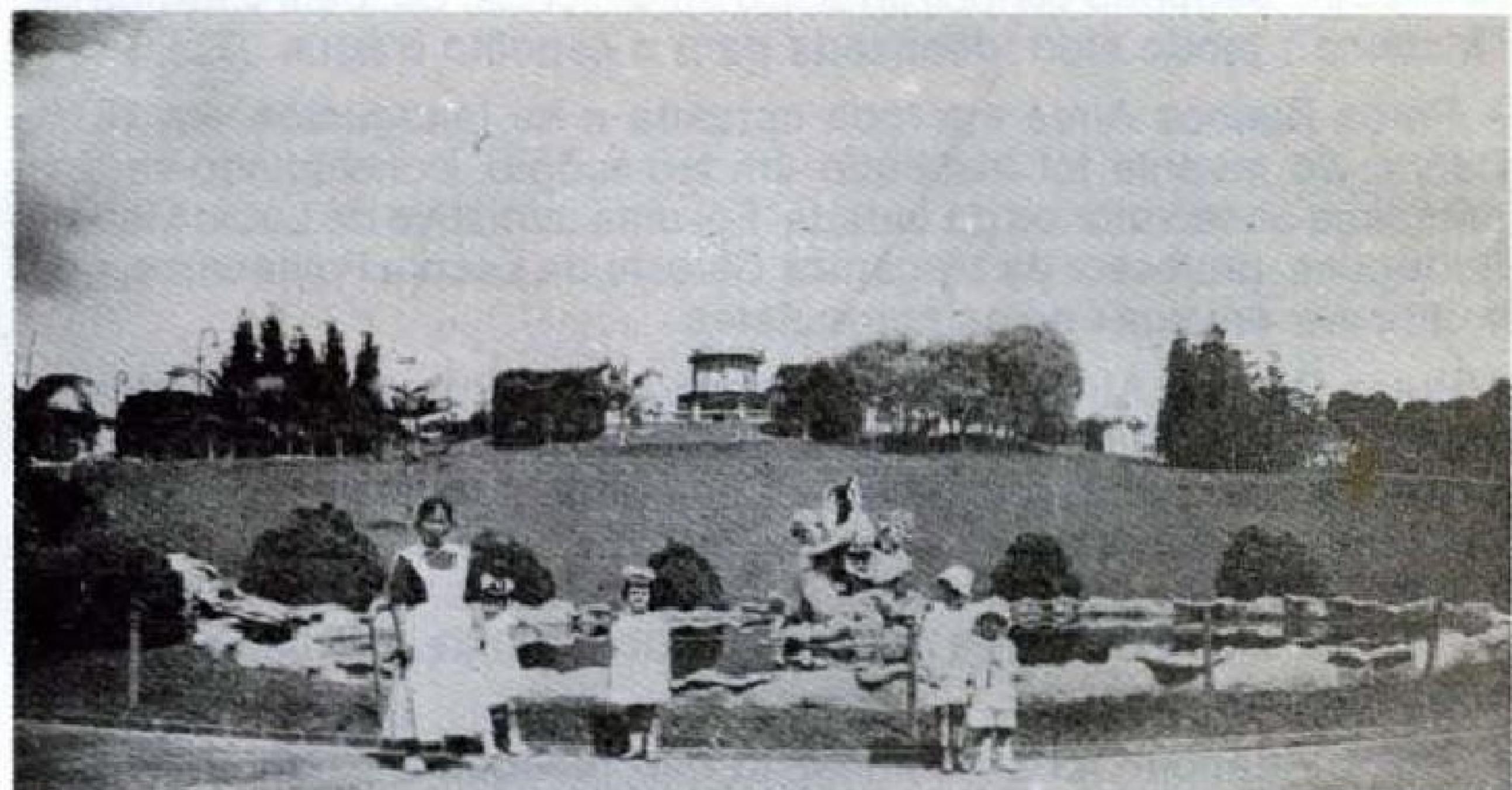


Foto 20 — A Praça Buenos Aires por volta de 1918. A capital paulista comemorando o centenário da Independência. São Paulo. Soc. Ed. Independência, 1922.



Foto 21 — O mesmo local hoje. Foto da autora.

que pesava 40 toneladas, oferecido pelo Governo do Estado do Paraná. A escultura depois de pronta, teve um peso reduzido para 24 toneladas. Segundo conta o artista, o difícil foi sair da idéia clássica da "Madona", tendo sido idealizada para o espelho d'água. (25)

A Praça Buenos Aires era toda cercada e foi inaugurada em 1916. Dentro do mirante foi instalado um telescópio, constituindo-se dos primeiros observatórios da cidade. Foi uma iniciativa de Lúcio Martins Rodrigues, professor de Mecânica Celeste da Escola Politécnica, que o utilizava em suas aulas curriculares.

A Praça Buenos Aires, a partir de então, constituiu o lugar preferido pelas crianças do Bairro, que lá iam brincar como até hoje o fazem, aos cuidados das babás ou pajens. Compartilha seus espaços desde 1952 com a escola de 1.º Grau da Prefeitura, a Escola de Educação Infantil "Monteiro Lobato", montada junto à rua Bahia, com 137 crianças. Existe ainda uma área com brinquedos infantis, exclusiva de seus pequenos usuários.

A Praça Villaboim foi a designação que recebeu a confluência das ruas Piauí, Aracaju e Itápolis. Ao falecer o jurista e deputado Manuel Pedro Villaboim, em 1937, a Câmara Municipal concedeu-lhe a homenagem (ato 1.298 de 9 de outubro de 1937).

No que diz respeito ao Terraço Germaine ou Saint Germain, conhecido popularmente e depois designado Terraço Higienópolis, seu ajardinamento data de 1940, quando era prefeito Francisco Prestes Maia. Hoje, invadido pelo mato, encontra-se reduzido a verdadeiro mercado de frutas, abrigando enorme banca que encobre o busto do engenheiro Adolfo Augusto Pinto, antigo chefe do escritório central da Cia. Paulista de Estradas de Ferro e da São Paulo Railway, e um dos primeiros moradores da Avenida Higienópolis.

O Bairro de Higienópolis, para efeitos de administração, encontra-se dividido entre os subdistritos de Santa Cecília e Consolação, sendo a linha demarcatória a Avenida Higienópolis (vide mapa 5). Essa divisão data de 1899, quando foi criado o subdistrito de Santa Cecília.

3. OS PRIMEIROS COMPRADORES

Os primeiros compradores de terrenos do loteamento de Burchard e Nothmann foram compatriotas seus ou descendentes estimulados pelos próprios negociantes, além dos presbiterianos da Escola Americana.

25) Depoimento de Caetano Fraccaroli à autora, em maio de 1978.

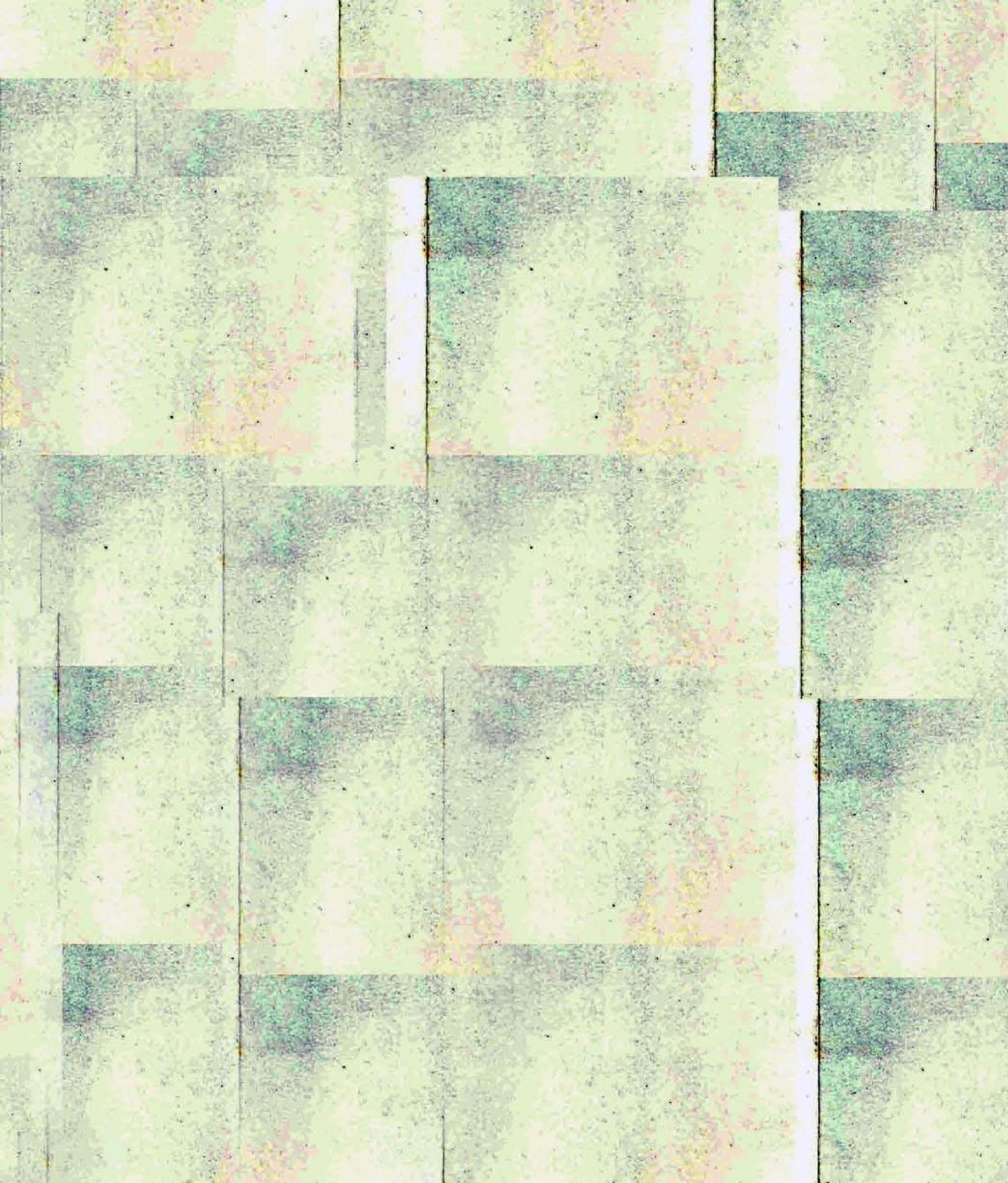
SÃO PAULO
ZONA CENTRAL
ESCALA - 1:17.500
GUIA DE SÃO PAULO



— Manhã
— Ferrovias
- - - Divisão de Subdistrito

DESENHO DE:

POLIMAPAS EDITORA LTDA.
R. DR. STÉPHENOT RODRIGUES, 120 - TERRAS - SÃO PAULO
— FONES: 34-8020 - 37-1380 - 34-5675 —



Os lotes mais próximos à Avenida Higienópolis foram os primeiros a serem vendidos bem como a área mais próxima à Consolação, o que corresponderia ao Boulevard Burchard n.º I, conforme é comprovado pelo mapa 6 (26), que deverá acompanhar a leitura do item 3.

Tais terrenos, que foram adquiridos em 1890 à razão de 550 réis o m², estavam no fim da década valendo por volta de 900\$000 o m² nas ruas superiores e 1.150\$000 o m², na Avenida Higienópolis. Os lotes mediam em média 35 m de frente x 47,50 m de fundos, e as casas iam sendo implantadas com características de chácaras, em meio a jardins, pomares, hortas e lugar para a criação.

A Rua Maranhão foi a rua preferida pelos anglo-saxões, os quais também seriam os primeiros construtores e moradores do Bairro. O mapa citado fornece entre os proprietários de lotes nessa rua nomes como Henry Werhein, Julio B. Nickelsburg, J. Thorn, A. Wagner, Ernesto Steindel, Franz Müller, H. Trost, A. Farwig, Charles thomkins, além do próprio Martinho Burchard e de uma área destinada ao Seminário Sinodal da Igreja Presbiteriana.

Na Avenida Higienópolis, aparece maior número de nomes nacionais. Ao lado de lotes comprados por Max Hehl, J. Maria Schaumann, Dr. Schulmann, Charles Walker, J. Gara Baumgardner, figuram como compradores Antonio Álvares Penteado, Caio Prado, Paulo Machado, Mello e Sousa, Fernando Chaves, Antonio Pereira de Queiroz, Plínio Prado, Joaquim Mendonça Filho, Salvador Toledo Piza, etc.

Com relação aos presbiterianos do futuro Mackenzie, desde inícios da década de 1890, adquiriram terrenos de Burchard para ampliar a área constituída nos anos anteriores. Lauton Amnesley, sogro do Rev. Chamberlain, comprou 14.800 m² na esquina das ruas Itambé e Piauí, dos quais 7.300 m² foram doados pelos seus herdeiros à Escola Americana, ficando os restantes para sua residência na Consolação, depois Chácara do médico Horácio Lane. A área total que ocuparam, entre residências particulares e dependências escolares foi de 45.470 m² (27), além do terreno da Rua Maranhão, destinado ao Seminário.

Já nos primeiros tempos, o Bairro era comentado tanto por suas qualidades paisagísticas quanto por ser área preferida pelos anglo-saxões. Em 1893, o Diário Popular descreveu Higienópolis “com sua atmosfera de “cottage squares” inglesa, um dos mais bonitos lugares da cidade e local predileto dos ingleses e dos americanos yankees”. (28)

26) Fornecido pelo Escritório “Germaine Lucie Burchard”.

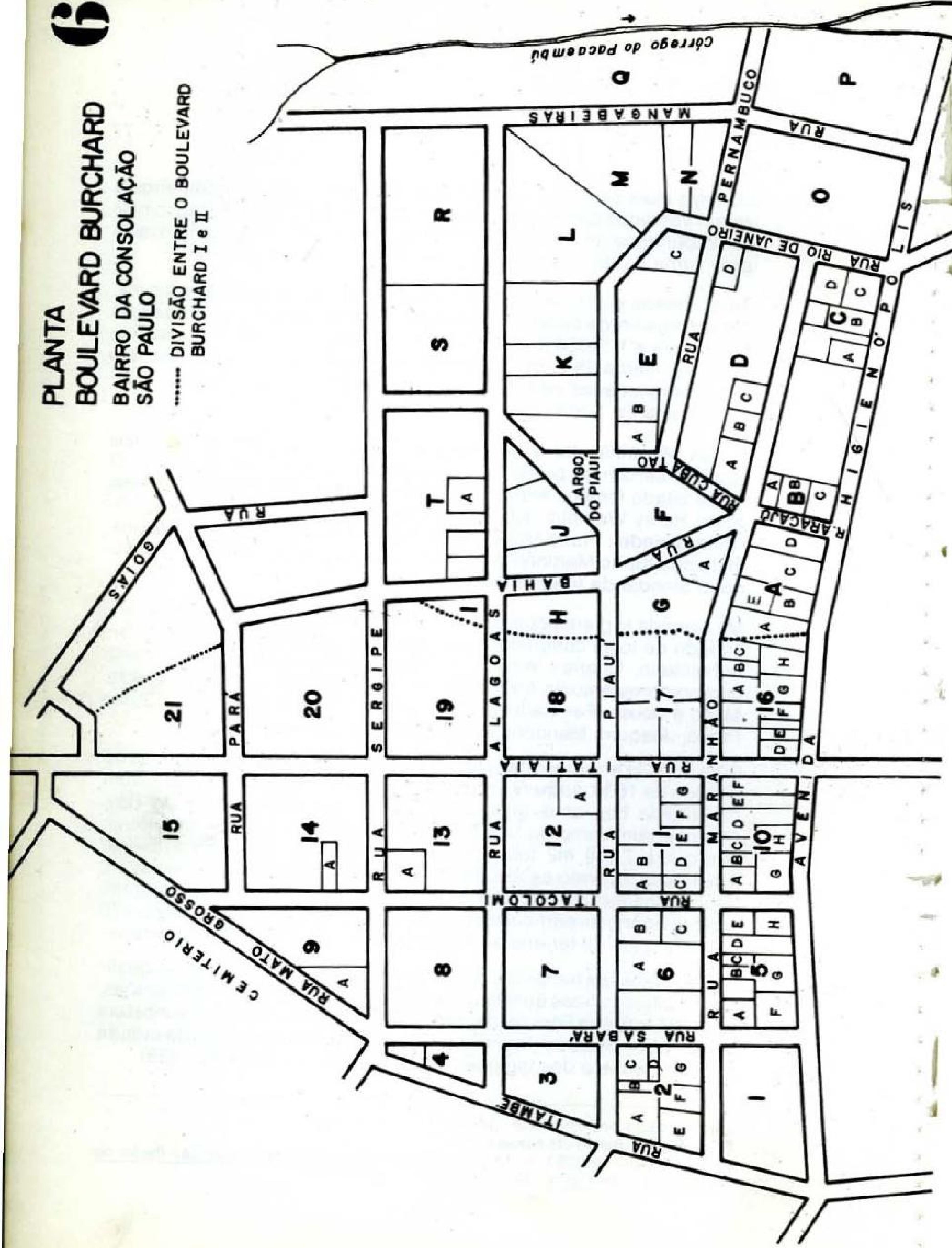
27) GARCEZ, Benedicto Novaes, op. cit.

28) 1.º de abril de 1893, in: MORSE, Richard. Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole. São Paulo, DIFEL, 1970, p. 357.

PLANTA BOULEVARD BURCHARD

BAIRRO DA CONSOLAÇÃO
SÃO PAULO

..... DIVISÃO ENTRE O BOULEVARD
BURCHARD I e II



LEGENDA DO MAPA.6

1 —	Antonio Álvares Penteado	C	V. N. Biancalana e Cia.
5 — AF	Caio da Silva Prado	D	Willie Niess
BCD	Max Hehl	E	Henry Wertheim
G	Joaquim Eugênio do Amaral Pinto	F	Julio Nickelsburg
F	J. Maria Schaumann	G	Ernesto Steidel
E	Antonio Wagner	6 — A	Seminário Sinodal da Igreja
10 — A	J. Thenn	B	José Martins Fontes
B	Heinrich Trost	C	Joaquim Augusto de Souza
CD		11 — AC	Franz Müller
E	Max Hehl	BD	Heinrich Trost
F	José Carlos Machado de Oliveira	E	A. Farwig
G	Dr. Paulo Machado	F	Ignacia Mesquita
16 — A	Siegmund Nickelsburg	G	Martinho Burchard
B		G — A	Charles C. Thomkins
D	Dr. Samuel Malfatti	D — A	Edificado
D	Dr. Mello e Souza	B	Carolina Burchard
E	Max Hehl	C	Helena Burchard
F	Dr. Samuel Malfatti	D	Hermann Levy
H	Charles Walker	E — A	Marguerita Magnus
A-A	Dr. Antonio Pereira de Queiroz	B	Richard Magnus
B	Plínio Prado	C	Rodrigues dos Santos
C	Dr. Joaquim de Mendonça Filho	12 — A	Lopes Figueira
D	Salvador de Toledo Piza e Almeida	13 — A	Doação da Maternidade
E	Victor Nothmann	T — A	Antonio Teixeira
B-A	Dr. Bento Barreto	S —	Antonio Álvares Penteado
B	J. Krug	G —	Agnes Amafellers
C-A	Martinho Burchard	14 —	Daniel Berger
B	Gastão Nothmann		
C	Alice Ferreira		
D	Lucia Burchard		
2 — A	Joaquim Eugênio do Amaral Pinto		
B	Victor Nothman		

4. OS ANGLO-SAXÕES E AS PRIMEIRAS RESIDÊNCIAS

A primeira casa do loteamento de que tivemos notícia foi a de Franz Müller, construída em 1895, seguida das de Henrique Trost, vizinha da primeira, e de Henrique Schaumann, na Avenida Higienópolis. (Acompanhe-se a leitura dos itens 4 e 5 com o mapa 7.)

Müller e Trost eram sócios. Possuíam uma casa importadora comercial na Rua da Quitanda chamada "Müller and Trost" que vendia de tudo, desde linhas até ferragens e maquinaria. Compraram dois lotes vizinhos na Rua Maranhão esquina com Itacolomi fazendo fundos com Rua Piauí. Conta Joaquim Müller Carioba, neto de Franz Müller, que os dois associados haviam achado o local muito bonito e entusiasmaram-se acabando por comprar os lotes. "— Naquele tempo tudo ali era pasto, diziam, e quando chovia os carroções atolavam no barro vermelho". Franz Müller residia antes, na Rua dos Bambus, atual Avenida Rio Branco e o Largo Paissandú. Quando ia inspecionar as obras da casa nova avisava: "— Vamos subir a serra."

Em 1898 Müller saiu do Bairro de Higienópolis, para residir em Americana, onde adquiriu uma fábrica de tecidos (Carioba). A casa da Rua Maranhão ainda hoje lá se encontra, tendo sido residência da família Nickelsburg durante muitos anos.

Foi de Henrique Schaumann, conceituado médico de São Paulo e filho do fundador da Botica Veado D'Ouro, a primeira casa do lado ímpar da Avenida Higienópolis. Foi construída pelo ano de 1897, de tendência neoclássica, mas nesta não residiu, preferindo alugá-la.

Apesar de as casas de Müller e de Schaumann terem sido de tendência neoclássica, predominaram os chalés entre as primeiras construções do Bairro de Higienópolis, tendo sido os arquitetos saxões e norte-americanos, de preferência, os primeiros profissionais a construírem no Bairro. Já em 1893, Oscar Kleinschmidt, projetou os prédios da Faculdade de Engenharia Mackenzie, na esquina da Rua Itambé com Maria Antonia.

O ano de 1897 parece ter marcado o início das edificações sistemáticas do Bairro. Nesse ano a Prefeitura recebeu pelo menos cinco pedidos de licença para construções, a maioria dos quais para chalés.

Entre estes contaram-se três pedidos para a Avenida Higienópolis, o da construção da casa de Martinho Burchard, projetada em "estilo campestre" no n.º 20 da Avenida, pelos arquitetos norte-americanos Guilherme e Jorge Krug, detentores da firma Krug & Filho. O do arquiteto alemão Maximilian Hehl, futuro autor do projeto da Catedral de São Paulo, para a construção de uma casa com entre-sol para J. Machado de Oliveira, na esquina com Avenida Circular, enquanto

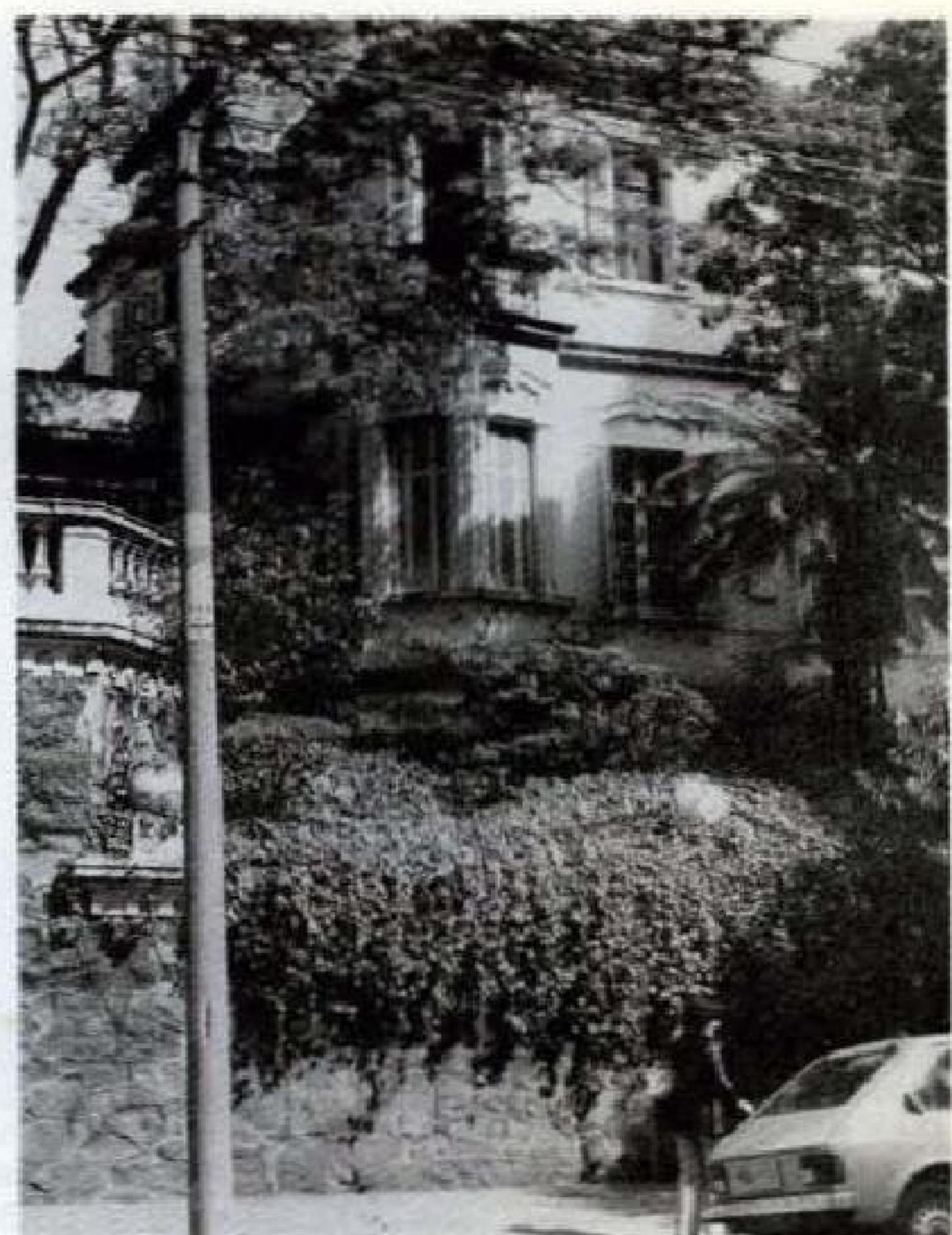


Foto 22 — Casa de Franz Müller, na Rua Maranhão. Foto da autora.



Foto 23 — Casa de Henrique Schaumann, onde viveu a família Plínio da Silva Prado (1897-1922). É considerada a primeira casa da Avenida Higienópolis, lado ímpar, esquina da Rua Itacolomi. Foto Paulo Plínio da Silva Prado, de 1913.



Foto 24 — Chalés de Martinho Burchard, na Avenida Higienópolis, projetados pelo arquiteto Guilherme Krug \$ Filho em 1897. No terraço, entre outros, Martinho Burchard. Foto de fins do século. Coleção Escritório G. L. Burchard.



Foto 25 — A Rua Maranhão, por volta de 1905, vendo-se casas tipo chalé. II Brasile e gli italiani Fanfulla 1907.



Foto 26 — Avenida Higienópolis nos começos do século. À direita pode-se ver os primeiros palacetes nos terrenos que pertenciam à chácara "Vila Maria". II Brasile e gli itagliai. São Paulo, Fanfulla, 1907.

João Lourenço Martins assinava como arquiteto solicitando licença para a construção de um chalé para o Dr. Adolfo Augusto Pinto, na Avenida Higienópolis, n.º 19.

Guilherme Krug faria ainda um chalé para uso próprio e outro em terreno pertencente a Martinho Burchard, na Rua Aracajú com fundos para o Colégio Brazilia Buarque (antecessor do Colégio N. S. Sion) para Antonio Proost Rodovalho. Nessa mesma época foi construído outro chalé para Burchard, na Avenida Higienópolis, ao lado do primeiro.

A construção de chalés predominaria ainda entre as demais nesse final do século, feitos sobretudo para os moradores de origem anglo-germânica e norte-americana. Em 1898 o dentista norte-americano Dr. T. G. Baumgardner encomendava a Guilherme Krug Filho a construção de uma casa em estilo campestre na Avenida Higienópolis, n.º 22, e o Dr. José Weissohn, teria seu chalé construído na Avenida Higienópolis n.º 15, com cocheira, por um mestre-de-obra italiano, Calloni Attilio. Ainda em finais do século, o médico Dr. Sá (29) construiu um

29) Cf. Yan de Almeida Prado à autora em 1974.

chalé na Rua Maranhão, esquina com Itambé e frente à quadra da futura "Vila Penteado" enquanto na Rua D. Veridiana era montado o chalé do Dr. Jaguaribe, importado da Suécia.

Em 1901, veríamos o próprio Ramos de Azevedo construir um chalé em Higienópolis para residência do Dr. Carlos Gomes Shalders, entre a Rua Itacolomi e a Itatiaia, futuramente com saída para a Rua Maranhão, enquanto Max Heft procurou construir em estilo neoclássico quatro casas geminadas, térreas com porão, na Rua Maranhão n.º 10, e outra casa térrea com porão, híbrido, mistura de neoclássico e chalé, para o Dr. Hottinger, na Rua Maranhão, 24. (30)

Assim sendo, até fins do século o Bairro de Higienópolis teve como maioria de seus moradores os anglo-saxões ou descendentes, e predominaram os chalés ao lado de algumas poucas residências com elementos neoclássicos e de linhas severas, tendo sido também de origem saxônica e norte-americana os primeiros arquitetos. Aqueles moradores concentraram-se, de preferência, na Rua Maranhão, mas também houve os que se instalaram na Avenida Higienópolis. Nesta, sobressaía isolada quer pelo estilo quer pelo espaço, a casa de D. Veridiana, ainda que voltada para Santa Cecília. Quanto às demais ruas, conservavam-se totalmente vazias.

5. A GENTE DO CAFÉ, NOVAS RESIDÊNCIAS E ARQUITETOS

O Bairro de Higienópolis só foi totalmente ocupado na primeira década do século, quando subiram os fazendeiros de café e primeiros industriais, e quando também se desmembravam as chácaras do lado par da Avenida Higienópolis.

Repetiam-se os estilos conhecidos da cidade: chalés, casas neoclássicas, as térreas com porão e platibandas (geralmente casas geminadas e de aluguel), e de influência francesa (com telhados de ardósia, e mansardas), ou a mistura destes na mesma obra, além das que se poderia dizer anódinas, termo que expressa muito bem as de estilo indefinido e que Alfredo Mesquita usou para explicar aqueles sobrados com escadinha de mármores e marquise com colunas de ferro pintadas, em geral, de prateado. Esse tipo de casa proliferou por São Paulo e ainda hoje se encontra facilmente. Mas surgiria um outro estilo trazido pela nova geração, importado diretamente de Paris — o "art nouveau" — que, de Higienópolis se estendeu aos bairros vizinhos:

30) Livros de Obras Particulares da Prefeitura, no Arquivo Histórico Municipal "Washington Luiz".



Foto 27 — "Vila Penteado", o grande vestíbulo. Il Brasile e gli itagliani. São Paulo, Fanfulla, 1907.

Vila Buarque, Santa Cecília, etc. e daí a toda a cidade, embora de forma impura, pois acabaria por se mesclar aos anteriores.

Entre os primeiros moradores nacionais do Bairro de Higienópolis, estavam membros da família de D. Veridiana que começaram a chegar desde fins do século. Os Silvas Prados e seus parentes se instalariam de preferência, no Boulevard Burchard n.º 1, a ponto de Higienópolis transformar-se, pouco depois, num reduto quase que exclusivo dos Prados e de sua imensa parentela. Apenas o ramo do Conselheiro Antonio Prado manteve-se na Chácara Carvalho, exceção feita a alguns de seus filhos, que também moraram em Higienópolis. (3)

31) O Conselheiro Antonio Prado residiu na Chácara do Carvalho com filhos, noras, genros, além da imensa criadagem. Chegaram a residir na chácara cerca de 150 pessoas de uma só vez.

Fernando Pacheco e Chaves (32), ao que tudo indica, foi um dos primeiros a subir. Em 1897, adquiriu a "Vila Germaine" antigo chalé de Martinho Burchard, e aí permaneceu até por volta de 1904 quando foi residir no Palácio dos Campos Elíseos, recém construído por seu pai. No chalé de Higienópolis nasceu o jornalista e escritor Elias Chaves Neto.

Ainda entre os primeiros Prados a residirem no Bairro figurou outro neto de D. Veridiana, Plínio da Silva Prado (33), casado com sua prima Lucila Chaves. Em 1898 Henrique Schaumann alugou-lhe a casa da Avenida Higienópolis na esquina com Rua Itacolomi, onde o casal viveu até por volta de 1922, ocasião em que a casa foi vendida.

Outra parte da família Prado residiu junto à Avenida Higienópolis, na Rua D. Veridiana, nas casas geminadas construídas por essa senhora, na esquina com Rua Marquês de Itu. Desde pelo menos 1899, sua neta Lavínia, casada com Alberto de Oliveira, morou numa das 4 alas. Outra ala foi habitada por Ernesto Ramos (34) e sua mulher Marieta Pacheco e Chaves. Quando o velho Elias Chaves vendeu o Palácio dos Campos Elíseos para o Governo do Estado, veio residir na casa da esquina. Na segunda ala desta casa residiram primeiro Eponina Chaves do Amaral e seu marido Dr. Erasmo do Amaral, e depois Artur Spengler, casado com Albertina Prado de Oliveira, filha de Alberto de Oliveira.

Ainda residiram numa dessas casas Corina Prado de Mendonça e Joaquim Mendonça, antes de construírem a casa de Higienópolis do lado par. (35)

Em 1902, deu-se um acontecimento que seria de suma importância para o prestígio do Bairro de Burchard. Subia para Higienópolis proveniente de Santa Ifigênia, Antonio Álvares Leite Penteado, fazendeiro de café e industrial, detentor de uma das maiores fortunas da época. Adquirira a primeira quadra do lado ímpar da Avenida Higienópolis onde fez construir uma rica residência, a "Vila Penteado". Esta, por suas proporções, pelo luxo e pelo prestígio social de seus moradores, constituiu um dos palacetes excepcionais da cidade e o mais importante do loteamento de Burchard.

Antonio Álvares Leite Penteado era possuidor de uma das maiores fazendas de café, a Fazenda Palmares, que formara em Santa Cruz das Palmeiras, e que chegou a ter 750.000 pés de café.

32) Neto de D. Veridiana, filho do fazendeiro Elias Chaves e de Anésia Prado Pacheco e Chaves, ele mesmo um dos sócios da fazenda de café "Santa Lídia", em Ribeirão Preto, com 235.000 cafeeiros.

33) Filho de Martinho da Silva Prado.

34) Descendente de D. Maria Antonia.

35) Os únicos estranhos à família que ali residiram foram o industrial Kowarick e Francisco da Silva Telles.



Foto 28 — "Vila Penteado", sala de jantar. Il Brasile e gli itagliani. São Paulo, Fanfulla, 1907.

Foi pioneiro de indústria de aniagens no Brasil, tendo fundado a Fábrica Penteado em 1899. (36) Alvares Penteado casou suas três filhas Antonieta, Stella e Eglantina com netos de D. Veridiana: Caio, Martinho e Antonio Prado Jr. (37) os quais acabaram por residir no Bairro, nas proximidades da "Vila Penteado", dando grande estímulo à sociedade local.

Em 1901, incumbiu o arquiteto sueco Carlos Ekman do projeto de construção de um grande palacete em Higienópolis, a que chamaria "Vila Penteado". Este palacete foi o lançador do estilo "art nouveau" em São Paulo, enquanto Victor Dubugras construia no estilo, a casa de

36) Dados apresentados no artigo de nossa autoria A Vila Penteado como residência. Catálogo Vila Penteado. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1976, p. 70-76.

37) Os dois primeiros eram filhos de Martinico Prado, e o terceiro, do Conselheiro Antonio Prado.

Horácio Sabino na Avenida Paulista. (38) Estivera o futuro Conde de Álvares Penteado na Feira Internacional de Paris, de 1900, ocasião em que entrou em contato com esse estilo, em grande voga na Europa. Entusiasmado, escolheu-o para a sua residência de Higienópolis onde comprou ainda terreno de Burchard, junto ao Pacaembú, no qual havia uma nascente que garantiria o abastecimento de água de sua residência. Fez calçar a Rua Maria Antonia para facilitar o acesso à "Vila Penteado", pois naquele tempo a Avenida Higienópolis ainda estava por calçar, encontrando-se coberta de saibro.

A "Vila Penteado" ficava em terreno ligeiramente sobranceiro à Avenida Higienópolis. De grandes proporções com dois andares e porão parecia metade palácio, metade chácara. Situava-se em meio a jardins, horta, cocheiras, pomar, lago artificial e estufa com plantas exóticas. Junto à Avenida Higienópolis um renque de jabuticabeiras levavam até uma quadra de tênis construída no ângulo formado com a Rua Sabará. Era tudo muito bem cuidado por criadagem estrangeira e verdadeiro exército de jardineiros (cerca de dez), que moravam numa casa especialmente construída no terreno do Pacaembú.

O palacete possuía duas alas: na primeira da esquerda residia o industrial com sua mulher Ana Lacerda Álvares Penteado e dois de seus filhos, Sílvio e Armando Álvares Penteado. Na ala direita, Eglantina e Antonio Prado Jr.

Em 1903, sua filha Antonieta e Caio Prado foram residir na "Vila Antonieta", no n.º 3 da Avenida Higienópolis, esquina com Rua Sabará. Essa casa, feita também por Carlos Ekman, possuía forte tendência "art nouveau". Na "Vila Antonieta" nasceram o escritor Caio Prado Jr. e o pintor Carlos Prado.

Dois anos depois o terreno ao lado da "Vila Antonieta" seria ocupado por outra vila feita nos moldes da primeira, pelo casal Stella e Martinho da Silva Prado.

A partir de então, o lado ímpar da Avenida Higienópolis ficaria estruturado da seguinte forma: entre as casas de Stella Penteado e de Paulo Plínio, o arquiteto Maximilian Emiliano Hehl construiu sua residência, mistura de castelo medieval, com ameias, e "art-nouveau". Essa arquitetura complicada motivou ao palacete a exclamação "Château de France".

No quarteirão seguinte os terrenos subiam com maior aclive. Na esquina da Rua Itacolomi, Toledo Malta, comissário de café, fez construir

38) BRUAND, Yves. Architecture contemporaine au Brésil. Lille, 1973, Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Paris. Ex. datilografado na Biblioteca da FAU-USP.



Foto 29 — "Vila Antonieta", na Avenida Higienópolis, antigo n.º3. Projeto e construção de Carlos Ekman, de 1903, para o casal Antonieta e Caio da Silva Prado. Arquivo Caio Prado Jr.

a eclética e luxuosa "Vila Nina" nome dado em homenagem à sua mulher, Nina Cerquinho Toledo Malta. Seguiam-se as casas de 3 engenheiros, professores da Escola Politécnica, o chalé de Gomes Shalders e duas casas geminadas de Ataliba Pereira do Valle e de Fonseca Rodrigues, onde hoje funcionam respectivamente o Externato Nuno de Andrade e a Cultura Inglesa. Na esquina com Avenida Angélica residiu em casa com torre, D. Aninha Penteado e posteriormente o jornalista Júlio Mesquita com a família. Seu sogro, Cerqueira César, ia visitá-lo todas as tardes. Nessa casa nasceu e passou parte de sua infância Alfredo Mesquita, o qual conta que o jornalista acabou não comprando a casa a conselho de Ramos de Azevedo, que afirmava não ver futuro para o Bairro de Higienópolis.

Depois da Avenida Angélica, as casas eram em geral de construção mais modesta. A primeira era a casa de um Siqueira, irmão de Joaquim Miguel Siqueira, Secretário da Agricultura do Governo do Estado. Era uma casa simples com marquise, e colunas de ferro e vidro fosco. Ao lado residiam os Mattos Barretos em casa térrea com porão habitável. A terceira casa era a de Fernando Chaves, habitada a partir de 1921 por Maria Helena Prado Ramos, casada com Eduardo da Silva Ramos. Ao lado, o outro chalé de Burchard, a "Vila Olga" que parece ter sido construído pelo mesmo arquiteto dada a grande semelhança existente entre os dois chalés. Pertencia agora ao escritor Paulo Prado, filho do



Foto 30 — "Vila Antonieta", sala de jantar. Arquivo Caio Prado Jr.

Conselheiro. Nessa casa nasceu a idéia da Semana de 1922 e nela hospedou-se o poeta francês Blaise Cendrars. Vinha depois a casa de Aymoré Pereira Lima que ainda se encontra de pé, em estilo achale-sado, com escada e terraço fronteiros, em meio a farta vegetação. A seguir, ficava a primitiva residência de Joaquim Mendonça, casado com Cornélia Prado, sua primeira mulher. Era mais uma das anódinas, mas muito rica e ficava em terreno elevado. Seu vizinho, Augusto Mendonça Uchoa, irmão de Flávio Mendonça Uchoa, morava num chalé, onde posteriormente residiria a família de Sinhazinha Salles.

Do outro lado da Rua Aracaju, depois do chalé do dentista norte-americano Baumgardner, vinha o Colégio N. S. do Sion erguido nos terrenos do antigo Hotel Higienópolis, vendidos em 1902 pela Cia. Higienópolis às religiosas de Sion. Por iniciativa da Irmã Maria Angelina, nesse mesmo ano (39) Ramos de Azevedo adaptou o antigo prédio do Sanatório para acolher provisoriamente as religiosas. No

39) Cf. se vê em pedido de licença feito do próprio punho de Ramos de Azevedo, no Livro de Obras Particulares da Prefeitura, referente à letra H daquele ano, no Arquivo Histórico Municipal "Washington Luiz".



Foto 31 — "Vila Antonieta", interior. Arquivo Caio Prado Jr.

ano seguinte, o Escritório Técnico "Ramos de Azevedo" construiu o prédio principal com 3 pavimentos mais subsolo, que constitui o corpo central do Colégio, cujo projeto é atribuído ao arquiteto italiano Domiciano Rossi, filiado ao Escritório. (40)

Quanto às demais dependências do Colégio, datam de 1910 e 1926, e a capela de 1941. As religiosas trataram de ampliar a área inicial adquirindo os terrenos que ficavam na esquina da Rua Rio de Janeiro e na Rua Maranhão. Eram os terrenos que Martinho Burchard doara a seus afilhados Gastão Nothmann, Lucia Burchard de Revoredo e Alice Ferreira Cerquinho, além de um terreno de sua filha, Germaine Burchard.

Enquanto os terrenos se elevavam nos dois últimos quarteirões, do lado oposto afundavam em forte declive, onde se estendiam capinzais verde angola, em torno de casas baixas. Em uma delas, durante algum tempo, uma velha nobre belga arruinada, com o nome bem flamengo de Vicq Cumpitch, criava bicho da seda, na procura talvez de melhorar

40) SALMONI, A. e DEBENEDETTI, E. Archittetura italiana a São Paulo. São Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1955.

a sua sorte. Plantara numerosas amoreiras, origem das que se estenderam pelo Bairro, disseminadas pelos jardineiros portugueses que tratavam dos jardins. (41) Em continuação, elevava-se a casa dos Procópios e o chalé do engenheiro Adolfo Augusto Pinto, irmão do construtor da casa de D. Veridiana, que foi diretor da Cia. Paulista de Estrada de Ferro. (42)

A última casa da Avenida Higienópolis esquina da Rua Conselheiro Brotero era de aparência rústica e ficava em meio a vasta chácara. Pertencia ao inglês Dr. G. H. Ford, diretor do London Bank of South America, o qual costumava passear todas as tardes a cavalo, com seus filhos, pelo deserto Pacaembú. Esta casa permaneceu fechada por muito tempo. Dizia-se que nela faleceu um morfético, razão pela qual ninguém se interessou em comprá-la, até ser adquirida por Júlio Mesquita, que não chegou a nela residir, vendendo-a a Cássio Muniz.

Entretanto, boa parte do lado par da Avenida Higienópolis ainda seria paulatinamente ocupada, permanecendo os lotes vagos ocupados com chácaras de flores ou hortas.

Em 1901, ao falecer o escritor Eduardo Prado, sua mãe, D. Veridiana assumiu suas dívidas, dando início ao loteamento de sua propriedade, realizado pela Casa Prado e Chaves. (43) Muitos lotes foram comprados por membros de sua família, incluindo os da parte de Santa Cecília, onde houve o prolongamento das Ruas General Jardim e Marquês de Itu até a Rua Aureliano Coutinho, que por sua vez passou a articular-se com a Avenida Higienópolis, de modo que nessa parte inferior à Avenida se constituiu um apêndice de Higienópolis. A partir de 1912 o casal Corina Prado e Joaquim Mendonça construíram uma residência na esquina da Higienópolis com Rua Sabará. O terreno inferior, no ângulo formado pelas Ruas General Jardim e Marquês de Itu foi adquirido por Caio Prado que o utilizou como pomar e horta para o abastecimento de sua casa, aos cuidados de jardineiros portugueses. Nele, quando criança, Caio Prado Jr., chegou a criar galinhas. Posteriormente, foi construída nesse lote uma casa para Yolanda da Silva Prado que se casou com um primo, Flávio Uchoa Filho. Ao lado, na Marquês de Itu, Cícero Prado residiu em casa que depois vendeu a Roberto Simonsen.

Ainda na Rua D. Veridiana, D. Vitoria Cincinato Almeida Lima comprou três lotes onde construiu residência para si e duas filhas.

41) Informação do historiador Yan de Almeida Prado à autora em 1974.

42) Adolfo Augusto Pinto escreveu entre outras obras: História da viação pública de São Paulo, em 1903, e Minha vida (memórias de um engenheiro paulista). São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Imprensa Oficial do Estado, 1970.

43) Depoimento de Maria Helena Prado Ramos à autora em 1978.

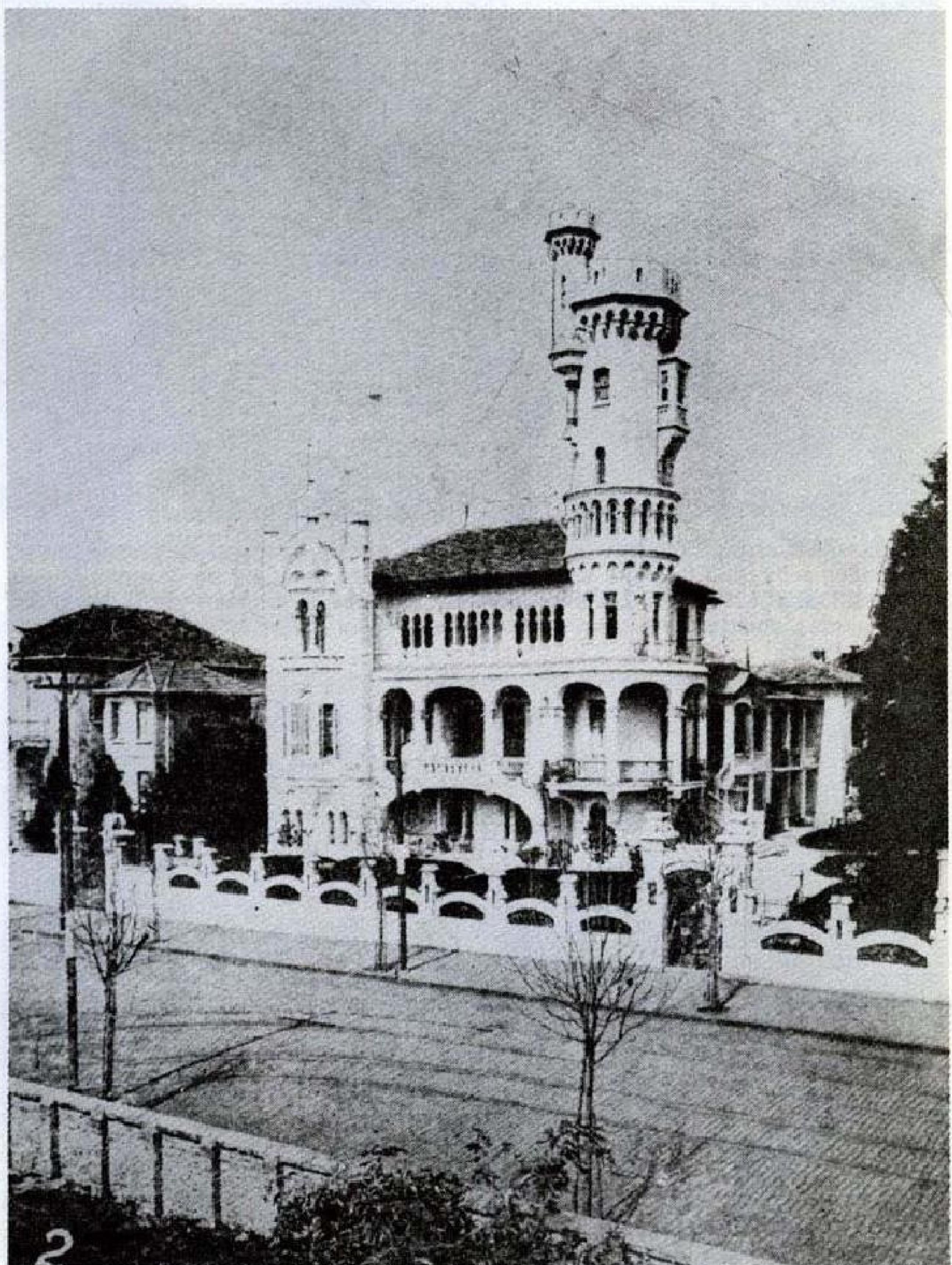


Foto 32 — Residência de Maximiliano Hehl, na Avenida Higienópolis.



Foto 33 — A Avenida Higienópolis nos começos do século, vendo-se em primeiro plano a residência de Toledo Malta e parte da fachada do palacete de Joaquim Miguel Siqueira Campos. Adiante, os terrenos remanescentes da Chácara de D. Veridiana Prado ainda plantados de eucaliptus. Ao fundo, um bonde elétrico. Foto de Paulo Plínio da Silva Prado.



Foto 34 — Palacete de Stella e Martinho da Silva Prado, na Avenida Higienópolis. Projeto do arquiteto francês Joseph Gire e construção do Escritório Técnico Ramos de Azevedo. Foto de Paulo Plínio da Silva Prado.



Foto 35 — Palacete de Stella e Martinho da Silva Prado: grande escada de mármore. Arquivo Atte da Silva Prado.

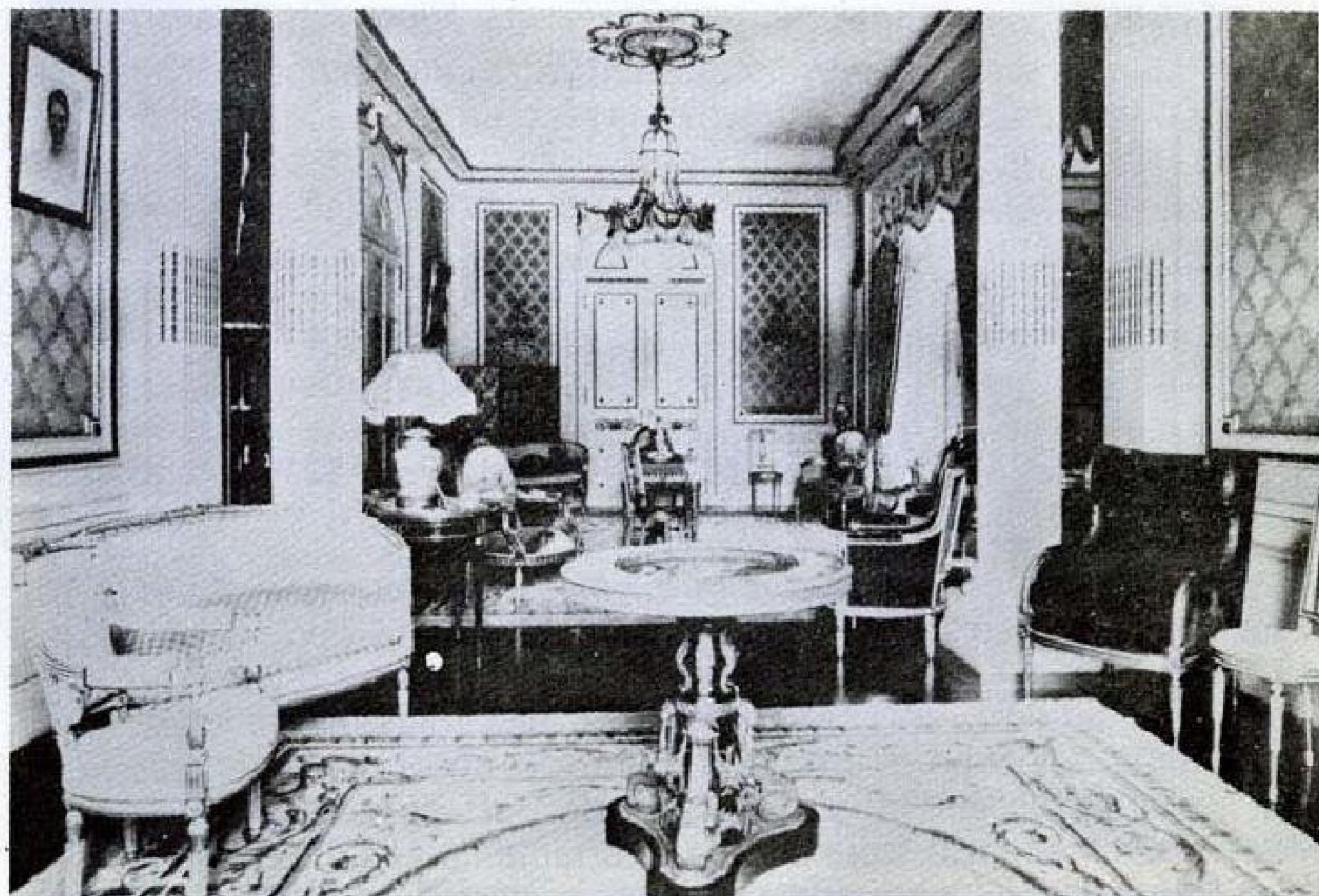


Foto 36 — Palacete de Stella e Martinho da Silva Prado: sala roxa. Arquivo Atte da Silva Prado.

Na outra esquina da Avenida Higienópolis com Rua Sabará, Antonio Alves de Lima e sua mulher Julita da Silva Prado construíram casa em estilo Luís XVI, conforme projeto do arquiteto Dácio de Moraes. Ao lado destes, Cássio da Silva Prado, irmão de Caio, fez construir, ao que tudo indica, a primeira casa de concreto da Avenida Higienópolis, projetada e construída por Victor Dubugras. Muito alterada, hoje abriga as instalações da agência do Banco Francês e Italiano.

Já pelos anos 1920, a família de João Baptista Pereira de Almeida instalou-se em casa térrea com porão habitável, na esquina com Rua Martim Francisco, antigo n.º 12 da Avenida Higienópolis. No lado oposto, atual n.º 308, era a casa do delegado Rudge Ramos, de estilo anódino. Veio, a seguir, o palacete de Martinho e Stella Prado, considerada a casa mais luxuosa da avenida, estilo Luís XVI mas com terraço fronteiro. Plínio Prado mandou construí-la lá pelos anos 1910, de acordo com a planta que trouxe da França, de autoria do arquiteto francês Joseph Gire o mesmo que projetou o Hotel Esplanada em São Paulo e o Copacabana Palace, do Rio de Janeiro. A construção esteve a cargo do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, que utilizou boa parte de material importado, destacando-se a escadaria interna em mármore de Carrara.

Joaquim Miguel Siqueira construiu a casa ao lado, atual n.º 370 posteriormente ocupada pela família Barros Loureiro. Nesse local, se encontra hoje um prédio "neoclássico" de Adolfo Lindenberg. Os quatro últimos terrenos permaneceram vagos até os anos 1920, plantados com altos eucaliptos, remanescentes da Chácara de D. Veridiana, local que fora ocupado pelas suas cavalariças. A casa onde está hoje o Consulado da Itália, foi inspirada no "Petit Trianon" e pertenceu à família Oscar Rodrigues Alves, filho do Presidente, denominado o Príncipe Cacá. A penúltima construção, onde se encontra atualmente o Banco Itaú foi de Raul Cunha Bueno. Uma vila florentina da família de Alcides Ribeiro de Barros, rico fazendeiro de café em Jaú, foi a última casa da Avenida Higienópolis esquina com a Avenida Angélica, construída por Ramos de Azevedo em 1927, e mobiliada com móveis feitos no Liceu de Artes e Ofícios.

A partir de então, os palacetes rareavam nesse lado, e vinham entre-meados de casas geminadas de aluguel. Ainda podem ser vistas algumas destas casas, assobradadas ou térreas com porão, já com influência "art nouveau" nas platibandas e gradis de ferro, decorados com linhas sinuosas. A primeira casa, de pretensões neocoloniais, que ainda ali se encontra, foi projetada pelo engenheiro Alexandre Marcondes Machado, conhecido literariamente sob o pseudônimo de "Juó Bananere". A segunda casa, propriedade do Banco Bradesco parece estar prestes a ser demolida. Belinha Sodré residiu na casa seguinte, ao lado de seu pai, Augusto Rodrigues, rico comerciante



Foto 37 — Casa de influência florentina na Avenida Angélica. Foto Gustavo Neves da Rocha Filho. Arquivo FAU-USP.



Foto 38 — Casa da Avenida Angélica, exemplar que repete e mantém no alinhamento das ruas acrescidas de jardim la' uema das casas que se Foto Gustavo Neves da Rocha Filho. Arquivo FAU-USP.

português. Vinha a seguir uma série de quatro casas de aluguel, a primeira das quais habitada por Joana Salles, cunhada do Presidente Campos Salles.

O rico fazendeiro Nhonhô Magalhães viveu no n.º 40, em casa simples, construção de Ramos de Azevedo, até fins da década de 1920. Nessa época, adquiriu os lotes da esquina, e encarregou a firma Siciliano e Silva da construção do palacete de inspiração francesa no exterior e no interior portuguesa, com tetos e paredes de influência manuelina. Hoje abriga as instalações da Secretaria da Segurança Pública. Entretanto, o velho fazendeiro idealista, que num dia de 1902 chegou a proclamar a restauração da monarquia no Brasil, não veio a residir na nova casa, tendo falecido em 1931. (44)

A família Pinto Serva residiu no lado oposto ao de Nhonhô Magalhães, num sobrado com porão habitável. O terreno do lado permaneceu sempre vago até ser ocupado recentemente por um arranha-céu. Da mesma forma, ficaria vago o terreno onde está hoje a residência de n.º 870, que só foi construída em 1947-52 pelo casal Cintra Gordinho, ainda inspirada no "Petit Trianon", à qual retornaremos no capítulo correspondente à segunda fase do Bairro, assim como à residência que Alfredo Mesquita construiu ao lado.

Após o palacete de Augusto de Oliveira Camargo (45) que pertence agora à Cúria Metropolitana, um dos únicos de acentuada influência florentina da Avenida, vinham casas geminadas, substituídas hoje pelo Edifício Bretagne, até chegar a casa meio "art nouveau" de Maria Junqueira, bem como depois desta até o chalé da família Liberal Pinto e a casa de Mr. Ford:

Ainda nos finais da década de 1920, antes de terminar o período "áureo" do Bairro, a Avenida Higienópolis seria em São Paulo uma das lançadoras do estilo "art déco", trazido por uma nova geração. O casal Caio Prado mandou demolir a "Vila Antonieta" e fez edificar em seu lugar uma residência ao gosto dos modernistas, a cargo da Cia. Comercial e Construtora, e conforme projeto do arquiteto da firma, Elisiário Bahiana, que foi também autor dos projetos do atual Viaduto do Chá e da Casa Mappin, e de tantos outros de importância.

Com relação à Rua Itatiaia, em seu trecho superior, somente começou a ser ocupado pelo menos a partir do ano em que foi aberta. Tratava-se

44) Nhonhô Magalhães ou Carlos Leônicio Baptista de Magalhães era proprietário da Fazenda Cambuí, nos municípios de Matão e Catanduva, considerada neste século a maior fazenda de café do Estado. Vendeu-a em 1922 a uma companhia inglesa e montou a Usina de Açúcar Itaquerê, em Nova Europa. Em 1902, com seu pai, Carlos Baptista de Magalhães, fundador da Cia. Estrada de Ferro Araraquarense, proclamou a Monarquia no Brasil, a chamada "Revolução de Ribeirãozinho", em Santa Ernestina.

45) Informação fornecida por Silvio Macedo.



Foto 39 — Vila "art nouveau" com terraço, residência de Mário Rodrigues. Hoje demolida. Foi projetada e construída por Victor Dubugras em 1903, e se localizava na Rua Maranhão esquina com Rua Sabará. Arquivo FAU-USP.

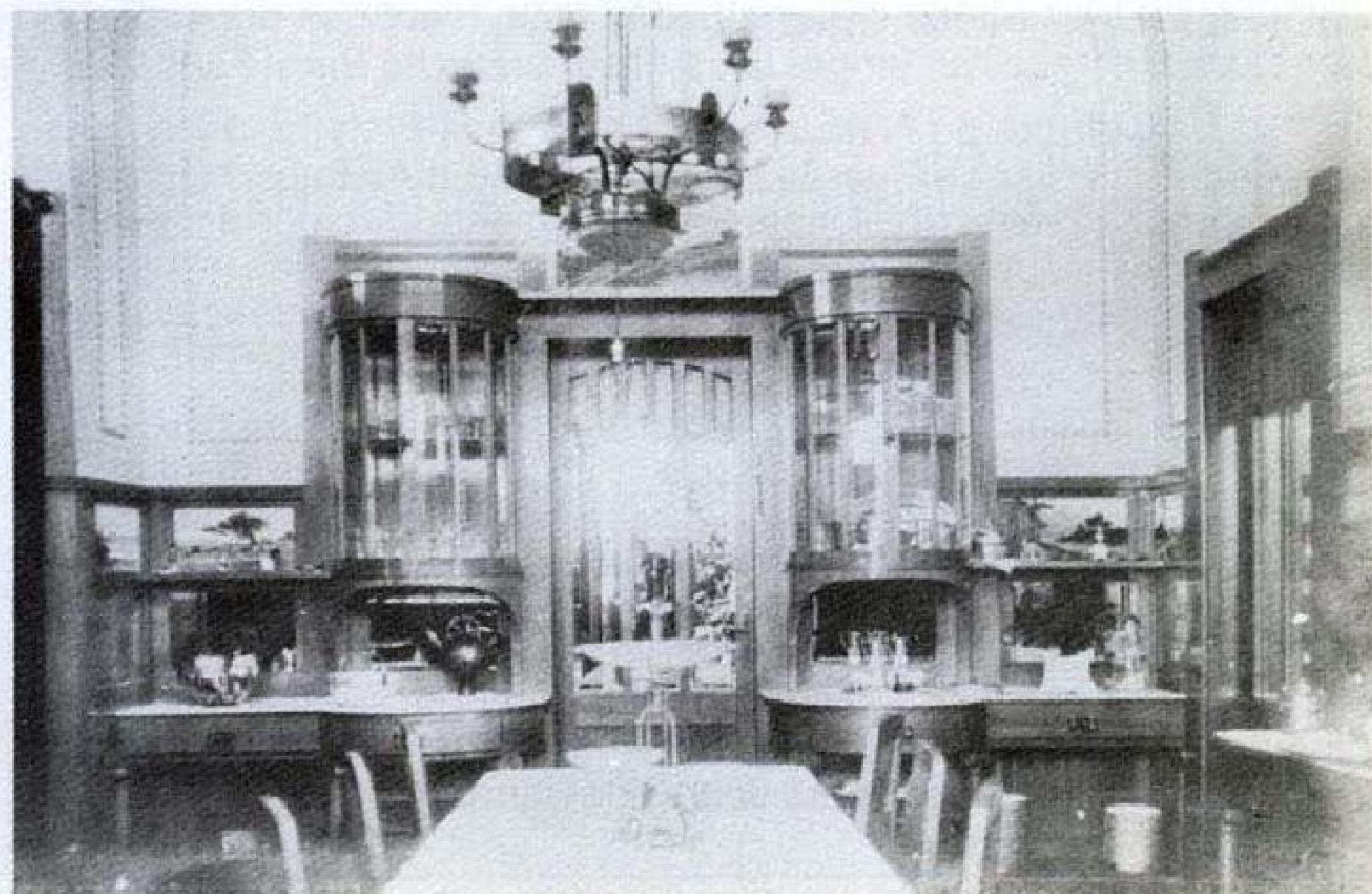


Foto 40 — Interior da residência Mário Rodrigues, com móveis "art nouveau". Arquivo FAU-USP.

porém, das chamadas casas de operários, isto é, de planta padrão com apenas quarto, sala e cozinha, articulados por um corredor lateral estreito. Foram em maioria, casas construídas por italianos, como se pode ver nos pedidos de licença existentes na Prefeitura (46), que vêm assinados por nomes como Siniscalco, Amico, Masetti, Monaco, Scardapana, Ottolino, Muccillo, etc. Eram térreas, com porão e jardim fronteiro, de modo que a lei n.º 344 acabou sendo revogada (47) com relação à Avenida Itatiaia.

A primeira casa de maiores proporções, nesse trecho, data de 1903, de Domingos Monica, possuindo cocheira, com saída pela Rua Minas Gerais.

No trecho inferior, alternavam-se casas térreas com porão no alinhamento da rua, como o longo grupo de casas de propriedade de Ferreira da Rosa, no quarteirão que ia da Avenida Higienópolis até Rua Veiga Filho, com alguns poucos palacetes como o de D. Angélica, que posteriormente teve sua visão tolhida pelo "castelo sforzesco", que Lupércio Camargo fez construir, encomendado a Domiciano Rossi após viagem que empreendeu a Florença.

A Avenida Itatiaia ainda permaneceria estrada de terra vermelha até 1906, no trecho Rua Maranhão — Avenida Municipal, por onde transitavam os chamados "enterros de italianos", em direção ao Cemitério do Araçá, precedidos de bandas de música e de patrícios em grupos rumorosos, cujos berros e gargalhadas eram mantidos por copiosas paradas em botecos ao longo do trajeto iniciado na Barra Funda. (48)

Em 1907, Asdrubal do Nascimento, então Vice-Prefeito, denominou Angélica a que vai da Rua das Palmeiras até a Avenida Municipal, terminando em frente ao Hospital do Isolamento. A partir desse ano, cobriu-se de palacetes "achalesados", de vilas florentinas inspiradas na arquitetura da Avenida Paulista ou de casas neo-coloniais, voltando, assim, a vigorar para a Avenida Angélica a lei n.º 355.

Com relação às ruas superiores, foram ocupadas pela alta burguesia ou pela classe média até por volta de 1920. Os palacetes misturaram-se às pequenas casas de aluguel, algumas das quais constituíam sobradinhos no alinhamento das ruas. Nas Ruas Piauí, Itacolomi e Mato Grosso ainda podem ser vistas carreiras de sobradinhos deste tipo. Na Rua Maranhão esquina com Rua Sabará, Victor Dubugras projetou e construiu uma vila "art-nouveau" para Mário Rodrigues, senador, fazendeiro e Ministro da Agricultura. Na Rua Itambé, Dubugras construiu um sobrado "art nouveau" para Soares de Barros, uma casa para Dídio

46) Livros de Obras Particulares do Arquivo Municipal "Washington Lutz".

47) Lei n.º 587 de 6 de junho de 1902.

48) Reminiscências do historiador Yan de Almeida Prado.





Foto 41 — Casa de influência "art déco", do casal Antonieta e Caio da Silva Prado na Avenida Higienópolis esquina da Rua Sabará. Projetada pelo arquiteto Elisiário Bahiana, nos fins da década de 1920, para a Cia. Comercial e Construtora. Coleção Caio Prado Jr.

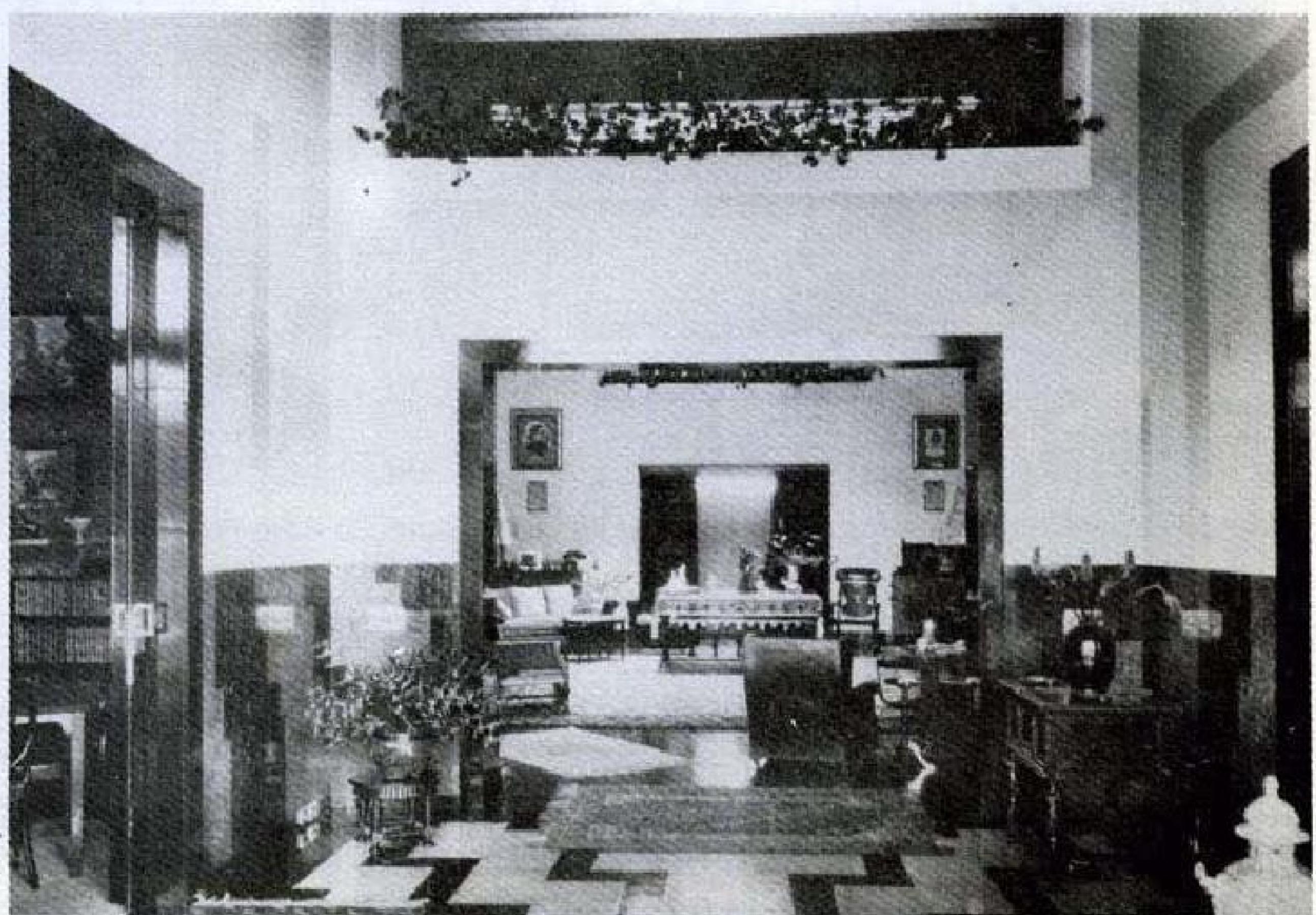


Foto 42 — A mesma residência: salão. Coleção Caio Prado Jr.



Foto 43 — A mesma residência: conjunto das escadas. Coleção Caio Prado Jr.

Valiengo na Rua Pernambuco, e outra para Vicente Dias na Rua Sabará.

Poucas plantas de residência permaneceram fiéis às tradições ibéricas. Ricardo Severo construiu em 1909, uma casa para a família de Cristovão Buarque de Hollanda junto ao alinhamento da rua Piauí, n.º 101. Possuía área interna para onde davam salas e quartos. Nessa casa passou sua adolescência o historiador Sérgio Buarque de Hollanda e seus irmãos Jaime e Cecília Buarque de Hollanda.



Foto 44 — Idem: quarto do casal.
Coleção Caio Prado Jr.



Foto 45 — A mesa da residência: um dos banheiros. Coleção Caio Prado Jr.

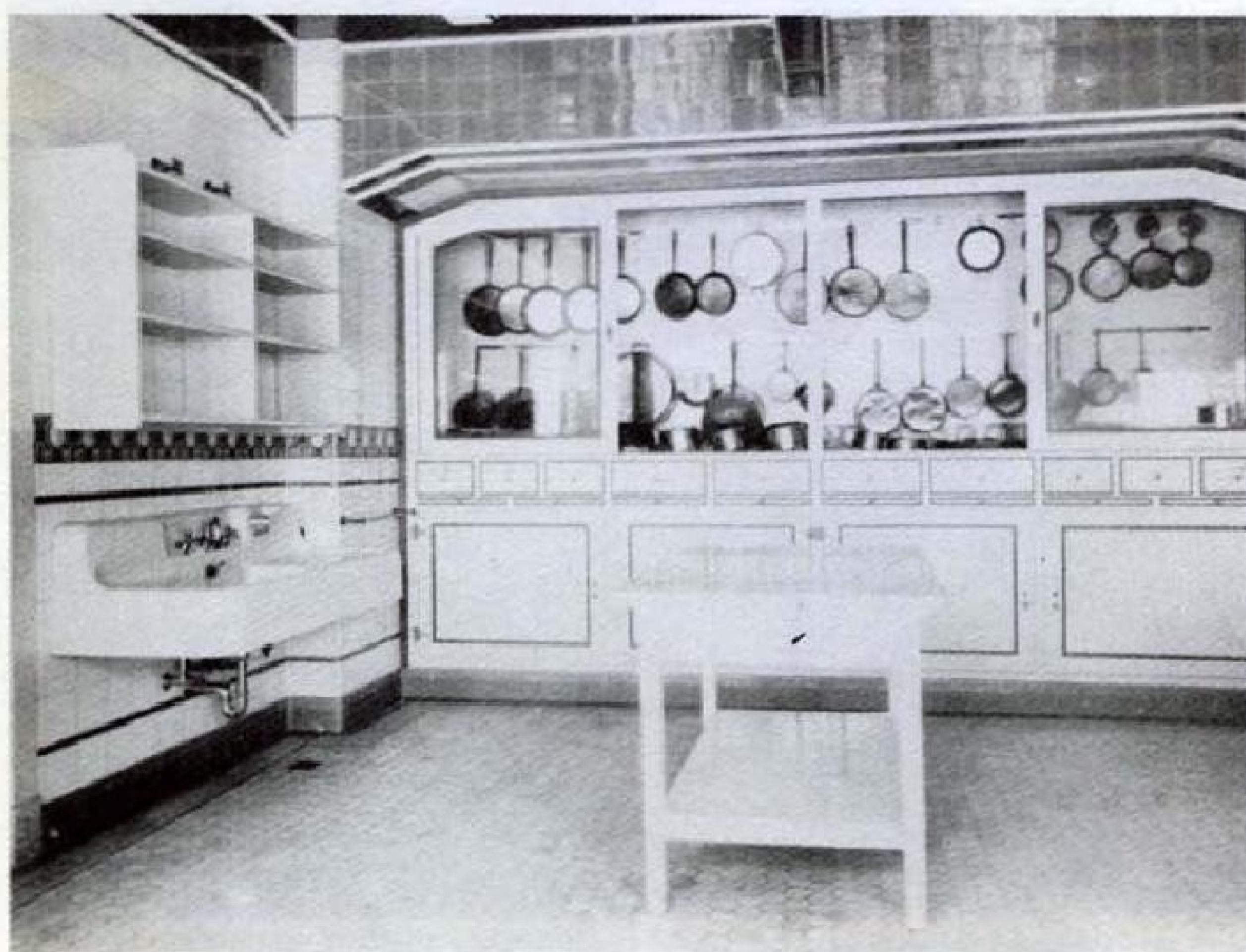
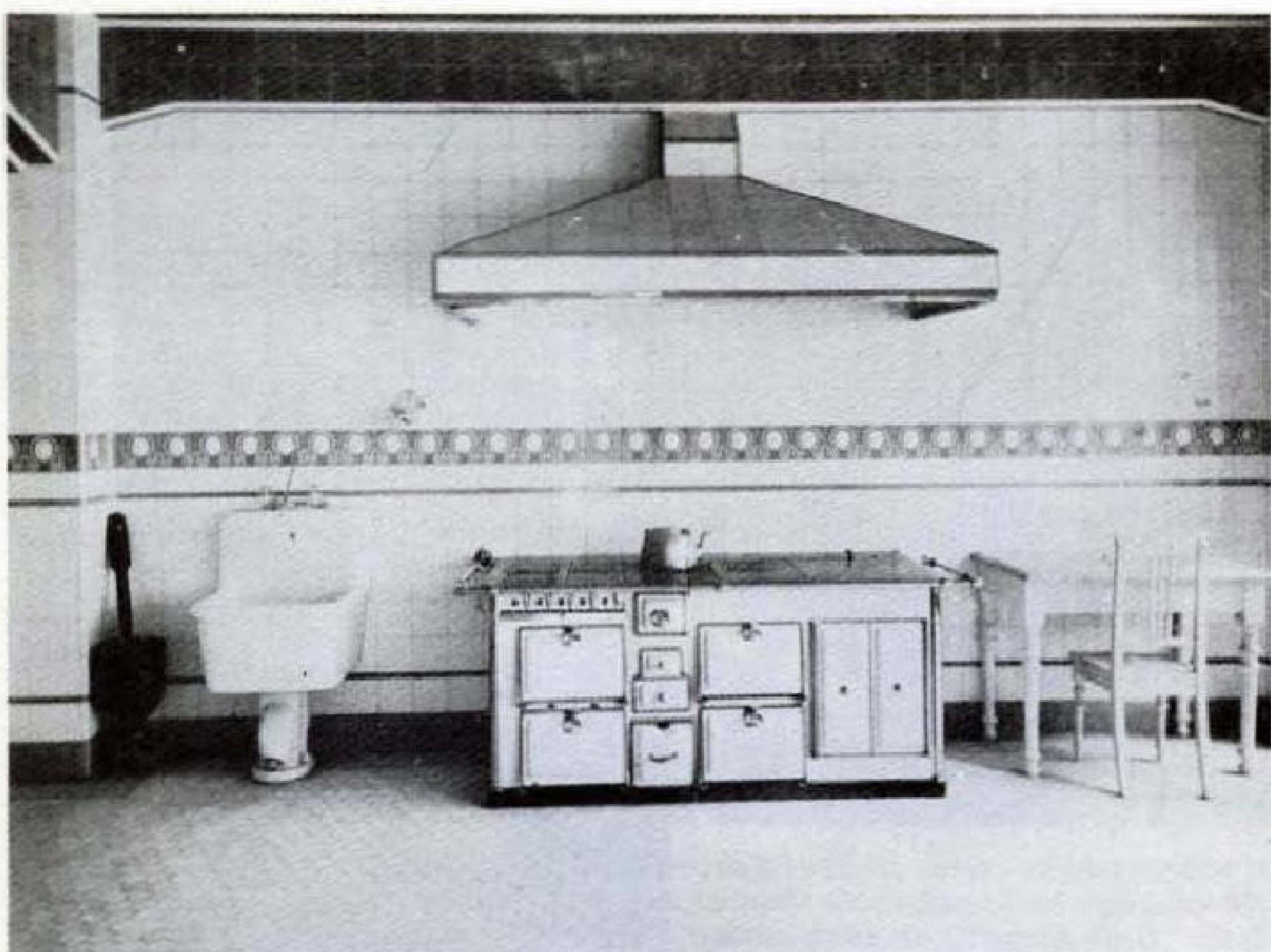
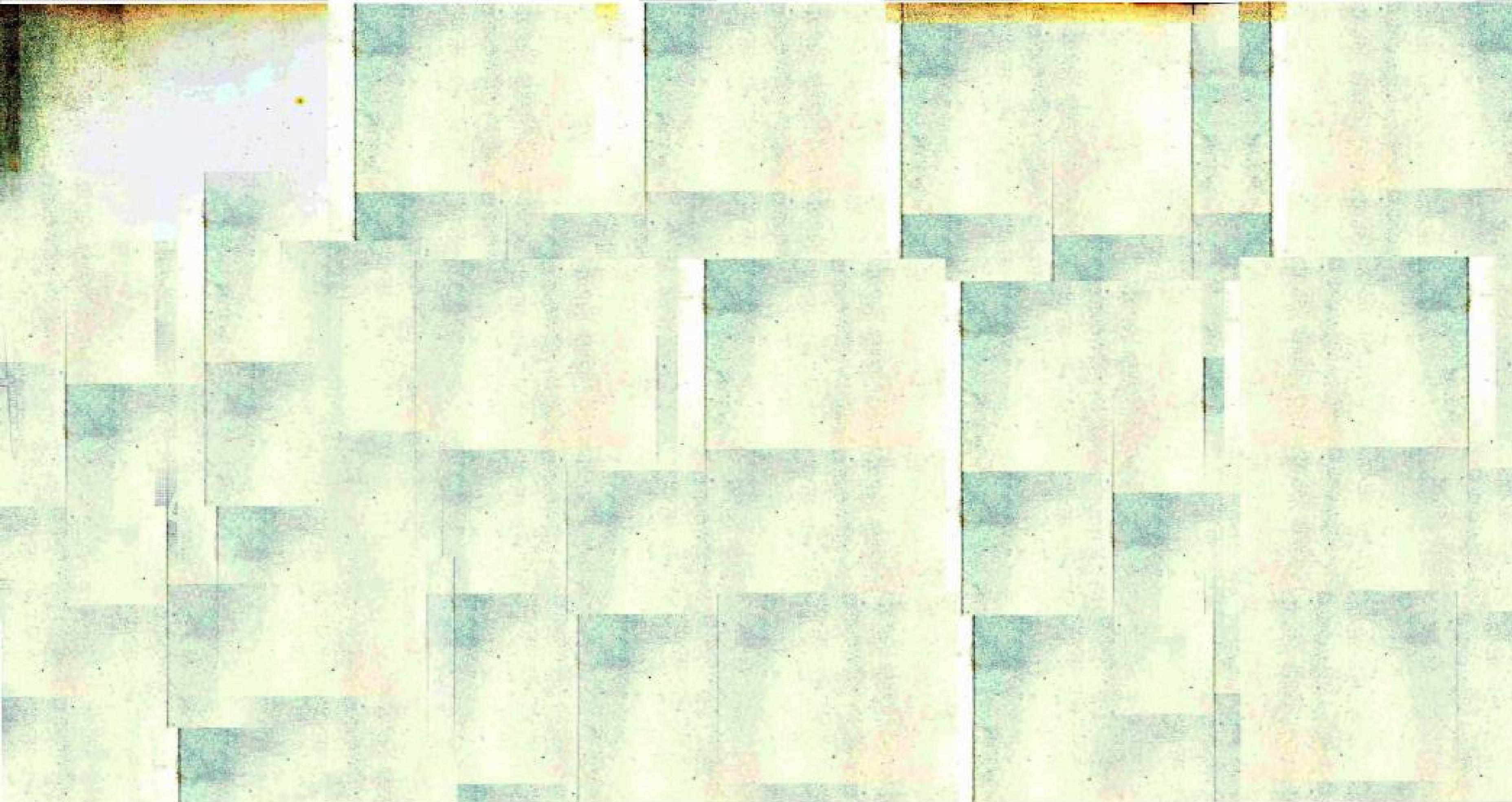


Foto 46 — A cozinha. Coleção Caio Prado Jr.





LEGENDA DO MAPA 7

AVENIDA HIGIENÓPOLIS — LADO PAR

- 2 — "Vila Maria"
 D. Veridiana Valéria da Silva Prado I
 Hermínia da Silva Prado e Carlos Monteiro de Barros II
 Família Pacheco Jordão III
 Antonio Prado Jr. IV
 Jorge da Silva Prado V
 Clube São Paulo VI
- 2A — Sobrado na Rua D. Veridiana onde residiram as famílias Elias Chaves, Alberto de Oliveira, Ernesto Ramos, Corina da Silva Prado e Joaquim Mendonça. Nos fundos da casa da esquina, os filhos de Elias Chaves, entre os quais o aviador Edu Chaves, construíram o "Chalé dos Apaches", onde residiram, com saída para a Rua Marquês de Itu.
- 4 — Corina da Silva Prado e Joaquim Mendonça
- 4A — Yolanda da Silva Prado e Flávio Uchoa
- 4B — Cícero Prado I
 Roberto Simonsen II
- 6 — Julita da Silva Prado e Antonio Alves de Lima
- 8 — Amélia e Cassio da Silva Prado I
 Fernando Nobre II
- 10 — João Baptista Pereira de Almeida
- 12 — Rudge Ramos
- 14 — Stella e Martinho da Silva Prado Jr.
- 16 — Joaquim Miguel Siqueira Campos I
 Barros Loureiro II
 Manoel Barros Loureiro III
- 18 — Oscar Rodrigues Alves
- 20 — Virgílio Rodrigues Alves
- 22 — Raul Cunha Bueno
- 24 — Família Ribeiro de Barros
- 26 — Isaura e Francisco de Camargo Lima
- 28 — Casa de aluguel
- 30 — Belinha e Eurico Sodré
- 32 — Augusto Rodrigues I (atual n.º 518)
 Clemente Pinto II
- 34 — Joana e Alberto Campos Salles
- 36 — Vicq Cumpitch I — Colégio Maria José II
- 38-44 — Sobrados de aluguel de influência "art-nouveau"
- 46 — Família Berrini Pacheco e Silva
- 48 — Família Bicudo
- 50 — Primeira casa de Nhonhô Magalhães

- 52 — Terreno de Reynaldo Porchat
- 54 — Segunda casa (da família) de Nhonhô Magalhães (atual n.º 758)
- 56 — Família Pinto Serva
- 58 — Chácara de flores
- 60-62 Casas térreas com porão
- 64 — Casa térrea I
Sobrado Alfredo Mesquita II (1946), atual n.º 846
- 66 — Terreno onde seria construída a residência de Antonieta e Antonio Cintra Gordinho (1947-52), atual n.º 870
- 68 — Augusto de Oliveira Camargo I
Colégio Santa Cruz II
Cúria Metropolitana III
- 70-74 Casas de aluguel onde hoje se encontra o Condomínio Edifício Bretagne, atual n.º 938
- 76 — Maria Junqueira
- 78-80 Casas pequenas (atual Colégio Rio Branco, n.º 996) uma delas de Maria Antonieta Ferraz
- 82 — Família de Adolfo Augusto Pinto
- 84 — G. H. Ford I
Júlio Mesquita II
Cássio Muniz III

AVENIDA HIGIENÓPOLIS — LADO ÍMPAR

- 1 — "Vila Penteado"
Ana Lacerda Álvares Penteado e Antonio Álvares Penteado.
Eglantina Álvares Penteado e Antonio Prado Jr., ala direita
- 3 — "Vila Antonieta" — Antonieta Penteado da Silva Prado e Caio da Silva Prado
- 5 — Stella Penteado da Silva Prado e Martinho da Silva Prado Jr. I
Flávio Mendonça Uchoa II
- 7 — Maximilian Emiliano Hehl
- 9 — Lucila Chaves e Plínio da Silva Prado I
Família Viana II
Sampaio Viana III
- 11 — "Vila Nina" — Toledo Malta e Nina Cerquinho Malta
- 13 — "Vila Jacitata"
Carlos Gomes Shalders I
David Ribeiro II
- 15 — Eng. Pereira do Vale
- 17 — Eng. Fonseca Rodrigues
- 19 — Júlio Mesquita
- 21 — Família Siqueira
- 23 — Família Mattos Barreto

- 25 — "Vila Germaine"
 Fernando Chaves I
 Maria Helena Prado Ramos e Eduardo da Silva Ramos II
- 27 — "Vila Oiga" — Marinette e Paulo da Silva Prado
- 29 — Aimoré Pereira Lima
- 31 — Casas de aluguel
- 37
- 39 — Cornélia da Silva Prado e Joaquim Mendonça
- 41 — Evangelina da Silva Prado e
 Augusto Uchoa I
 Sinhazinha Salles II
- 43 — J. G. Baumgardner
- 45 — Colégio N. S. Sion
- 47 — Terrenos de propriedade de Germaine Burchard.
 a Gastão Nothmann, Alice Ferreira e Lucia Burchard
 53 adquiridos pelo Colégio N. S. Sion

RUA MARANHÃO — LADO ÍMPAR

- 1 — Médico Sá
- 3 — Franz Müller (depois Franz Müller Carioba)
 Alice Nickelsburg II
- 5 — Heinrich Trost I
 Wisardt II
 Samuel Ribeiro III
- 7 — Alfried Weinsflog I
 Abraão Ribeiro II
- 9 — Edgard de Souza I
 Richter II
- 11 — Lourdes e Cícero Prado I
 Plínio Loureiro II
 Jorge da Silva Prado III
- 13 — Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus
- 15 — Superintendência da "São Paulo Railway".

RUA MARANHÃO — LADO PAR

- 2 — Vanhorden Shaw
- 4 — Yan de Almeida Prado

6. MAIS UMA VEZ A RUA MARANHÃO, ONDE SE ERGUEU A IGREJA DE SANTATEREZINHA DO MENINO JESUS

Nos começos do século a Rua Maranhão continuaria recebendo alguns nomes importantes da colônia anglo-saxônica em São Paulo. Substituíram os moradores Müller e Trost as famílias Nickelsburg e Wisardt, e Weinsflog instalou-se ao lado.

Ao mesmo tempo, Edgard de Souza, presidente da Light, veio residir num dos palacetes mais antigos da rua, onde há poucos anos faleceu o industrial Jorge Prado. Numa das casas que o engenheiro Max Hehl edificou para renda, passou sua infância o escritor Yan de Almeida Prado.

Mais adiante, depois da Avenida Angélica, em época bem posterior, seria edificado o Santuário de Santa Terezinha.

A Igreja de Santa Terezinha nasceu numa casa particular, atual n.º 617 da Rua Maranhão e foi erguida às expensas de donativos dos paroquianos. Em 1924, os padres da Ordem dos Carmelitas Descalços liderados por Frei Serafim, Vigário Provincial, adquiriram a casa de Cornélia Jaffé Ribeiro, que foi adaptada para residência dos sacerdotes, destinando-se uma sala para capela. Nesta se colocou a imagem da Santa.

As obras da reforma estiveram a cargo do engenheiro Fiorello Panelli e considera-se oficialmente como sua fundação o dia 13 de dezembro de 1925, em que esteve presente o Bispo D. Duarte Leopoldo e Silva.

A construção do templo se iniciou no ano seguinte. O projeto é de autoria do arquiteto Antonio Vicente, que foi o autor do projeto do Santuário da Santa no Rio de Janeiro, e as obras de construção estiveram a cargo do mesmo engenheiro Panelli. A igreja da Rua Maranhão, possui planta retangular e três naves. Porém, sua disposição interna está a sugerir a cruz latina. A imagem de Santa Terezinha foi doada por Sofia Neves Torres que a mandou buscar em Lisieux, França, enquanto o Conde Francisco Matarazzo faria o presente do sino, em 1927.

A igreja foi inaugurada em 31 de março de 1928, em meio a festividades solenes, mas foi concluída meses depois, época em que se terminaram os trabalhos de revestimento interno (maio) e foram colocadas as três imagens de mármore de fachada (setembro). O acabamento praticamente foi todo executado por artesãos italianos que tanto atuaram em São Paulo a partir de fins do século passado.

Ao escultor Attilio Clerici devem-se as referidas esculturas que representam São João da Cruz, Santa Terezinha e Santo Elias. A Casa Allieger executou os trabalhos de madeira: púlpito, paravento, confes-

SANTA THEREZINHA DO MEHINO JESUS

INAUGUROU-SE, HONTEM, O SANTUÁRIO DA MILAGROSA SANTINHA DE LISIEUX — SOLENNES CELEBRAÇÕES COMMEMORATIVAS DO 3.º ANIVERSÁRIO DE SUA CANONIZAÇÃO.



Para entender de fondo este tipo de tesis Thompson, debe ver las señales de estos
movimientos. Aunque no se ha hecho una revisión sistemática, parece que existen cuatro tipos



Asymmetries between the complete chromosomes in controlling the division times in the plant cell cycle are being established in the first division and correspondingly in the



Qui abdicate alla nostra agitazione, frat! Verranno da lì, Loro... Qui sconsigliate di fare, Diverso...
Qui Poco, Siamo, Diverso.

Foto 47 — Reportagem sobre a inauguração da Igreja do Santuário de Santa Terezinha do Menino Jesus. Correio Paulistano de 1.º de abril de 1929, p. 7.

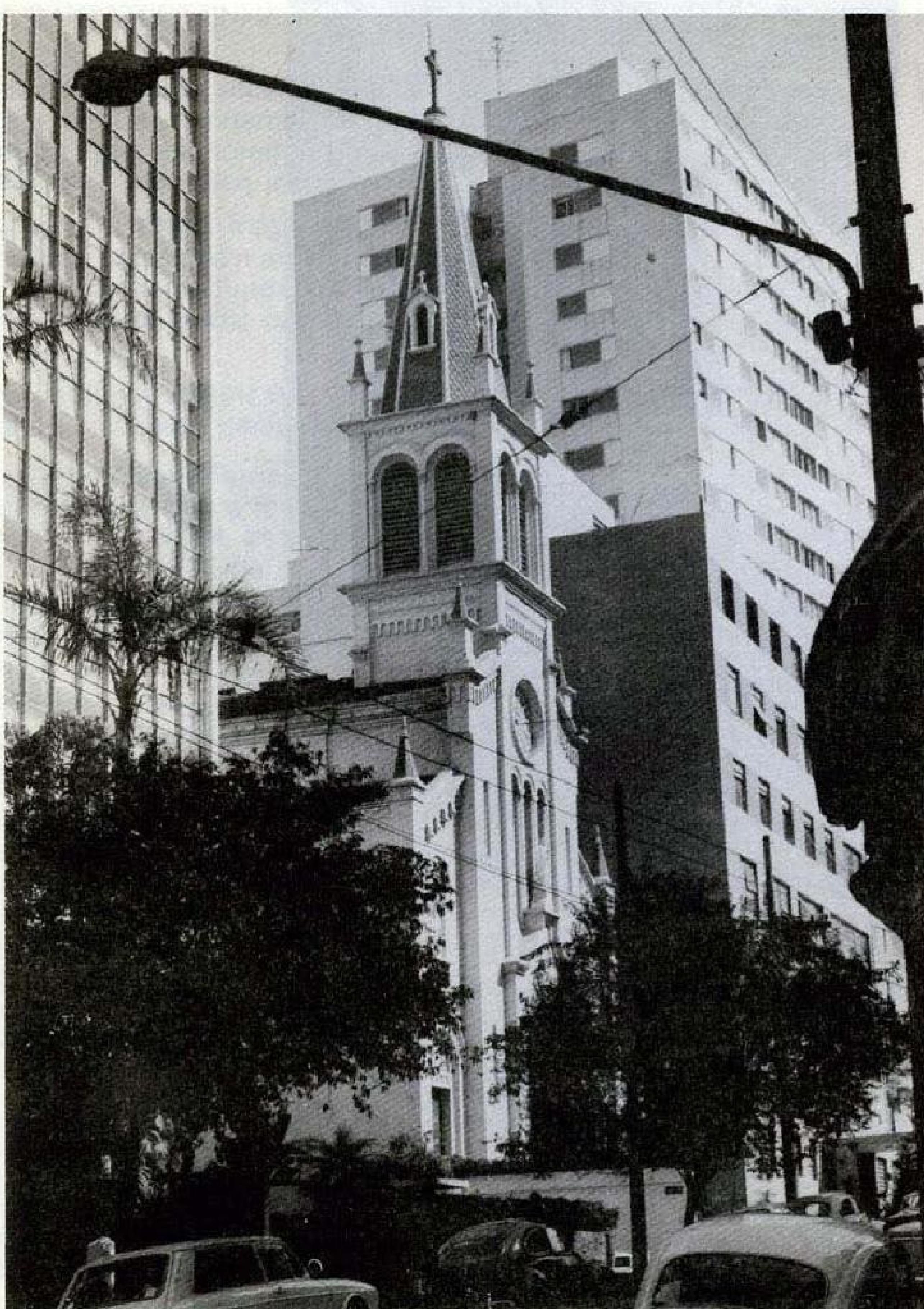
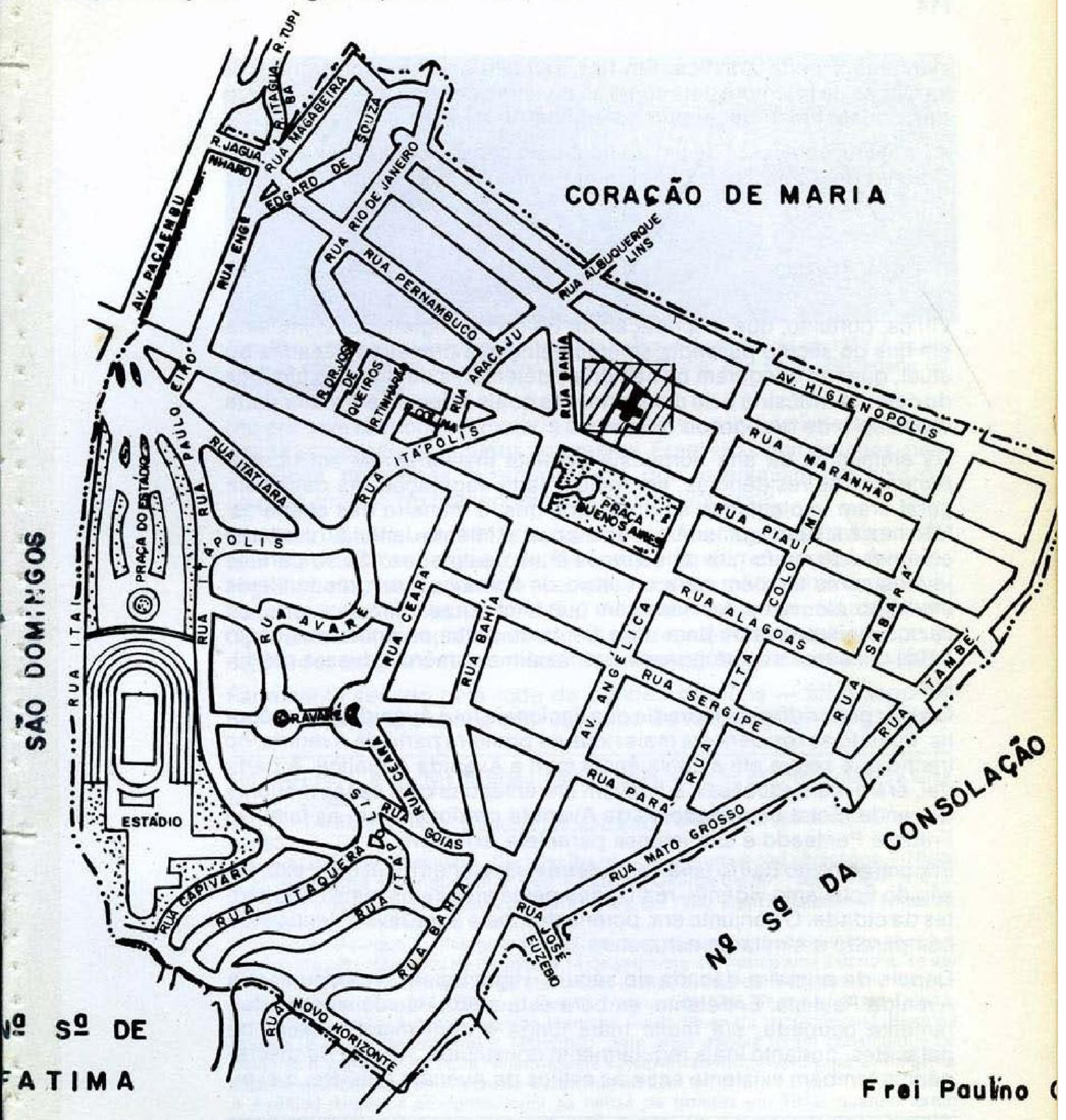


Foto 48 — Aspecto atual da Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus, na Rua Maranhão, n.º 617. Foto da autora.

三

PARÓQUIA SANTA TEREZINHA
rua maranhão, 617 - higienópolis - fone 51-4641



**SA S A DE
FATIMA**

SÃO LUIS

Frei Paulino (

Vigário

sionários e porta artística. Em fins daquele ano ficaram prontos os trabalhos de mármore, tais como as pilastras e colunas, e as molduras das portas, todas de autoria do artífice Angelo Tunisi.

A Igreja foi acrescida de um edifício para convento em 1958, e para o Colégio de Santa Terezinha que até então funcionava na Rua Piauí. (49)

7. CONCLUSÃO

Vimos, portanto, que a ocupação do Bairro de Higienópolis, iniciada em fins do século passado, se completou nas primeiras décadas do atual, quando chegaram os nacionais detentores de grandes fortunas do café, da indústria e do comércio, aos quais é devido em maior parte o prestígio de que gozou o Bairro.

Os elementos da alta burguesia paulista instalaram-se em ricas e pretenciosas residências, em meio a farta vegetação. As casas em geral eram implantadas em lotes grandes, à maneira das chácaras. Não havia sistema generalizado de abastecimento de frutas, verduras e cárneis, de modo que os espaços eram destinados não só para os jardins como também para o cultivo de hortaliças, árvores frutíferas e criação. Houve muitos casos em que também se utilizaram terrenos vazios mais próximos para esse fim tanto pelos particulares quanto pelos chacareiros portugueses que faziam o comércio desses produtos.

O lugar preferido para moradia dos nacionais foi a Avenida Higienópolis, ficando as residências mais ricas na primeira parte da Avenida, no trecho que segue até a confluência com a Avenida Angélica. A partir daí, eram mais escassas, e ficavam entremeadas com casas menores de renda. Entre os moradores da Avenida predominaram as famílias Prado e Penteado e sua imensa parentela extensiva.

Encontramos no Bairro uma verdadeira miscelânea de estilos, expressão do Ecletismo vigente, realizados pelos arquitetos mais importantes da cidade. O conjunto era, porém, dos mais agradáveis, tendo sido comparado a similares europeus.

Depois da primeira década do século, Higienópolis rivalizou com a Avenida Paulista. Entretanto, embora esta ainda não estivesse inteiramente ocupada, era muito mais longa e com maior número de palacetes, portanto mais regularmente constituída. Apesar da discrepância também existente entre os estilos da Avenida Paulista, o espí-

49) A Paróquia de Santa Terezinha é hoje das mais ricas de São Paulo; realiza obras de assistência social na periferia, já tendo construído com donativos dos seus paroquianos cerca de cinqüenta e duas casas de operários em Vila Brasilândia.



Foto 49 — Vista parcial de Higienópolis tirada da Praça Buenos Aires em 1922. A capital paulista comemorando o centenário da Independência. São Paulo, Sociedade Ed. Independência, 1922.

rito era bem diferente. A maioria possuía estilos indicativos da origem dos seus moradores, antigos imigrantes. Eram vilas pompeianas, neoclássicos, florentinas, bizantinas, etc. que ostentavam um luxo excessivo próprio do comportamento dos novos ricos.

Enquanto Gaffre, em 1912, comparava a Avenida Paulista a certas avenidas de Nova Iorque (50), Ernesto Bertarelli referiu-se à Avenida Higienópolis como podendo "competir com as mais belas vias públicas das cidades européias". (51) Alguns anos antes, Maria Wright descrevera Higienópolis como local de "residências palacianas, cujo esplendor as grandes mansões não conseguiam ultrapassar". (52)

Fartamente servido pela rede de bondes elétricos — foi o segundo bairro paulistano a contar com esse tipo de veículo (53) — Higienópo-

50) GAFFRE, L. A. *Visions du Brésil*. Paris, Aillaud, 1912, in: BRUNO, Ernani da Silva, op. cit., p. 983.

51) BERTARELLI, Ernesto. *Il Brasile Meridionale* in: BRUNO, Ernani da Silva, op. cit., p. 983.

52) WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil — Its resources and attractions — Historical, descriptive and industrial*, 2.^a ed. Filadélfia, George Barrie Sons, 1907, p. 212.

53) Após a inauguração da linha da Barra Funda, em 1900, eram instaladas as linhas da Vila Buarque, Bom Retiro e Santo Amaro.

A linha Vila Buarque foi inaugurada a 27 de maio daquele ano. A princípio chegava apenas até a Rua Marquês de Itu, mas, a 14 de setembro do mesmo ano, estendeu-se até a Rua Maranhão, denominando-se Maranhão, em 1901. Saía da Praça Antônio Prado e passava pelas Ruas São Bento e Direita, Viaduto do Chá, Rua Xavier de Toledo, Consolação, Maria Antonia, Avenida Martinho Prado (Avenida Higienópolis), Ruas da Boiada (Rua Rio de Janeiro) e Maranhão. Sete anos depois foram constituídos os circulares números 25 e 27 que faziam aquele trajeto em sentido inverso, incluindo Santa Cecília via Ruas Martim Francisco e das Palmeiras.

A Avenida Angélica só contou com as linhas de bondes em 1912, quando foram inaugurados os circulares números 36 e 38, que faziam o sentido inverso a Rua das Palmeiras, Avenida Angélica e Consolação, via Rua Maceió. In: STIEL, Waldemar Corrêa. *História dos transportes coletivos em São Paulo*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil Ltda. e EDUSP, 1978, p. 208-216.

Iis integrava o roteiro turístico recomendado pelos guias, ao lado da Avenida Paulista, Parque Antártica, Cantareira, Bosque da Saúde, Vila Monumento e Parque do Ipiranga, Represa Santo Amaro, Butantã, Hipódromo, Jardim Aclimação, etc.: "Elegante e aristocrático bairro da capital" como descrevia um almanaque da época, "proporciona ao excursionista a vista das mais ricas e pitorescas vivendas, rodeadas de belíssimos jardins, formando um conjunto delicioso e ininterrupto, do mais variado e apurado gosto artístico!..." Mais adiante, dava indicação dos bondes que serviam o Bairro: além do 25 e do 27 que passavam pela Avenida Higienópolis e Rua Maranhão, em sentido contrário, beneficiava-se dos circulares 9, 11, 15, 17, 36 e 38. (54)

"Ponto de reunião do que a cidade e o Estado possuíam de mais rico e de mais distinto", diz Paul Waller, "notabilizava-se por elevado número de casas suntuosas, palacetes luxuosos e confortáveis, embora alguns deles fossem de um gosto duvidoso, pelo menos bizarro". (55)

Ao assumir a posição de bairro mais elegante de São Paulo, a vida aí, não transcorreu de modo diferente, como veremos a seguir.

54) Almanaque de O Estado de São Paulo para o ano de 1916, pág. 280

55) WALLER, Paul. Au Brésil — De L'Uruguay au Rio São Francisco. Paris, Ed. E. Guilmoto, 1910, p. 160.

CAPÍTULO IV

O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS E A "BELLE EPOQUE" PAULISTA

O Bairro de Higienópolis nasceu no período que se pode classificar da "Belle époque" de São Paulo, que se estendeu a partir dos últimos anos do século passado até a "I Grande Guerra" quando os paulistas usufruíram a riqueza acumulada do café. "Belle époque" significa entre nós o ingresso de São Paulo na moderna civilização européia, da Revolução Industrial, a importação do progresso e, com ele, a imitação do modo de vida europeu. Com o café assistiu-se ao primeiro grande surto do progresso de São Paulo, cidade que nascera pobre e se mantivera pobre até meados do século XIX.

Até aí o paulista sempre saíra para exercer suas atividades econômicas e bélicas, a ocupar ou a povoar outras terras, em detrimento de sua própria vila, ou cidade, que chegou, por vezes, a ficar ao abandono. Pesava-lhe também o seu isolamento com relação ao litoral, cujo acesso era dificultado pelas escarpas abruptas da Serra do Mar.

O café, como ficou dito anteriormente, trouxe riqueza e população à capital e, com estes, chegavam novos equipamentos e materiais, novas formas de viver, de morar, ou de ser. Tudo vinha de fora. Dizia-se que em São Paulo importavam-se desde agulha até locomotiva. De fato, os trens da "Inglesa" desciam a Serra do Mar levando café e voltavam trazendo, além dos imigrantes europeus, máquinas para as nossas poucas indústrias, materiais de construção, livros, arte, moda, decoração e gêneros alimentícios, os quais iam desde bebidas al-

coólicas até manteiga, já que quase nada produzíamos aqui. O paulista tomava água mineral "Vichy", comia queijo francês ou suíço e cozinhava com massa de tomate italiana.

Como consequência, os hábitos dos paulistas e sua cultura se alteraram. A vida tornou-se mais complexa, perdendo a simplicidade e austeridade que caracterizaram as famílias paulistanas, para ganhar em preocupação com a qualidade da vida, o viver bem, o vestir-se elegante, o refinamento de maneiras e do espírito.

Constituiu-se assim, o "grâ-finismo" em São Paulo, que teve a França como seu principal modelo, por tradição herdada dos portugueses, dada a importância política e cultural de que gozou em toda Europa no século XVII, estendendo-se culturalmente pelos séculos XVIII e XIX.

O progresso chegara: alteraram-se as plantas das casas que, apesar de variadas conforme observação de Kidder na primeira metade do século passado, possuíam ou uma área interna para arejar os dormitórios, ou o andar inferior para comércio e o superior para residência, esta sempre com sala de jantar e de visitas "entre as quais existem, invariavelmente, alcovas que servem de dormitórios." (1) Para as classes mais ricas ampliou-se o número de cômodos e de funções; surgiram salas de estar, salões, saletas, copas, sala de bilhar, quartos de vestir ao lado dos de dormir, escritórios, etc. Desapareceram os escravos que outrora faziam os serviços domésticos. O negro, como observou Lúcio Costa, fazia as vezes de torneira, do encanamento, do esgoto, etc. Construíram-se instalações hidráulicas, serviço de esgotos, os banheiros, iluminação a gás e elétrica, e empregou-se criadagem estrangeira: governantes alemães e francesas que educaram as crianças, pajens, mordomos, criados de libré, jardiniers portugueses, alemães e italianos.

A cidade se remodelara em moldes europeus. Uma população constituída na sua maioria de europeus recém-chegados construiu com tijolos a Metrópole do Café. Esquecera-se a taipa, esquecera-se a inspiração local. O traçado das avenidas, das praças e jardins públicos, a arborização das ruas espécies importadas como por exemplo os plátanos, as casas grandes e as casas de operários, tudo era europeu.

A cidade procurava ainda seguir o Velho Mundo quanto ao ensino, à sua administração oficial, médico-hospitalar e até militar. Aqui também a França continuava a ser nossa principal inspiradora. George Clemenceau, que nos visitou no começo do século, "chegou a afirmar que a cidade de São Paulo era tão curiosamente francesa em alguns

1) KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanência no Brasil. Biblioteca Histórica Brasileira, São Paulo, Martins, 1940, v. 1 (v. III da Biblioteca), p. 188-189.

de seus aspectos que, no decorrer de toda uma semana, esqueceu-se ele de que se achava no estrangeiro." (2)

O café criou condições para a formação de uma elite que procurou refinar-se pelo estudo e pela cultura, pelas maneiras e pela moda conforme os modelos europeus. Importou governantes do estrangeiro para a educação de seus filhos, estudou na Europa e nos Estados Unidos, não só o curso médio quanto superior. A Suíça, a França, a Alemanha e Inglaterra eram os países ideais para a educação dos brasileiros.

De forma que essa elite era trilingüe, falando como segunda e terceira línguas o Francês e o Alemão. Eram recebidos internacionalmente; em todos os países por onde andavam, a alta sociedade e a aristocracia abriam-lhes os salões, a exemplo dos grandes industriais ou chefes de grupos econômicos que hoje são recebidos no mundo todo. Tanto que as notícias de jornal sobre o falecimento de Antonio Álvares Penteado, ocorrido em Paris em 1912, trazem entre os que compareceram, nomes da mais alta nobreza da França. Da mesma forma, um ramo Prado, da Condessa Pereira Pinto, acabou por misturar-se à nobreza desse país.

Eram, por sua vez, esses verdadeiros europeus que recebiam em São Paulo os visitantes de maior importância, políticos e nobres. O Príncipe Alberto da Bélgica ficou hospedado na Chácara do Carvalho, a Princesa Maria Pia, na "Vila Penteado", onde também se hospedou o Presidente Julio Roca da Argentina, e assim por diante.

O grupo freqüentava, em São Paulo, o Automóvel Clube, o Clube Paulistano, as estações de águas, etc. e teve prestígio suficiente para introduzir novos hábitos e lançar modas na cidade.

Higienópolis, onde se encontrava essa elite, ou a maior parte da mesma, foi o palco mais importante da "Belle époque", onde as personagens se movimentaram no sentido de introduzir a moderna vida européia e o "grã-finismo" em São Paulo.

D. Veridiana da Silva Prado foi talvez quem mais concorreu para renovar os velhos costumes paulistas, auxiliando a chegada do progresso de modo entusiástico e brilhante, desde finais do Império, quando passou a atuar em Higienópolis. Na "Vila Maria" residiu durante vinte e cinco anos dedicados nesse sentido, no que foi procedida da admiração dos paulistas, para os quais muita coisa ainda era novidade. É bem verdade que São Paulo já reunia condições materiais

2) Cf. São Paulo e seus homens no Centenário, v. 1, p. 67. São Paulo, Independência Editora, 1922 cit. in: PETRONE, Pasquale. São Paulo no século XX in: AZEVEDO, Aroldo e outros. A cidade de São Paulo — evolução urbana. São Paulo, Ed. Nacional, v. II, 1958, p. 113.

e culturais que o faziam apto a renovar-se. Mas o movimento social fora tardio e difícil devido ao acanhamento do meio, ao retraimento do povo e à quietude da cidade estimulada pelo frio e pela garoa.

Apesar do prestígio político da família Prado ter decaído depois do Império (3), do ponto de vista sócio-cultural o período mais interessante foi, a nosso ver, o dos últimos anos do Império avançando pelos primeiros tempos da República, quando D. Veridiana e depois seus descendentes até pelo menos sua segunda geração, assumiram a liderança da vida elegante de São Paulo, observando-se forte dose de rebeldia em alguns casos.

Como vimos no capítulo II, era filha do Barão de Iguape que foi uma das principais figuras de proa de São Paulo de meados do século passado, tanto do ponto de vista econômico quanto político. D. Veridiana era dotada de forte personalidade, espírito independente e de iniciativa. Todas as suas ações foram voltadas no sentido de trazer progresso para São Paulo, em franco descompasso com relação ao mundo moderno europeu, preocupando-se com os mais variados aspectos, desde arte e técnica até agricultura e paisagismo.

Nasceu em 1825, e segundo uns, no sobrado da Praça Patriarca. Em menina não estudara muito, talvez por não ser este o hábito com relação à mulher. Freqüentou a Corte levada por seu pai, onde, cumprindo as boas maneirás exigidas por sua educação, era notada pela Marquesa de Santos que a ela assim se referia: "— Gosto de ver esta menina measureira." (4)

Em breve porém, demonstrou Veridiana avidez em aprender. Com vinte e seis anos e mãe de cinco filhos, assistia às aulas dos mesmos, pretextando acompanhá-los. Nesse particular, eram abastecidos com mestres estrangeiros. Possuíam também governantes e professores de música e de dança. Foi em São Paulo a primeira a contratar governante estrangeira, "Mademoiselle Elizabeth", que veio da França em 1854. (5)

Para se ter uma idéia de seu esforço e de sua originalidade é preciso notar o ambiente em que viveu, pobre e acanhado, com o qual contrastaria e que foi descrito por seu neto Luís Prado:

"A pequena cidade provinciana de 1850, com pouco mais de 30 mil almas e de aspecto colonial, era certamente triste, inconfortável e feia. As suas ruas mal calçadas, sem escoamento de águas, com pobre

3) LEVI, Darrell. A família Prado. São Paulo, Cultura 70, 1977.

4) PINHO, Wanderley. Salões e damas do Segundo Reinado. São Paulo, Martins, 1942.

5) Depoimento de Antonieta Arinos nos apontamentos de Cerqueira Mendes sobre D. Veridiana. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

iluminação a azeite, serpenteavam entre casas baixas de largos beirais e janelas de rótulas. Além das igrejas, dos conventos, de um ou outro edifício público, grandes casarios assobradados abrigaram a gente abastada da terra. Ao cair da noite tudo mergulhava na garoa paulista e o silêncio era somente perturbado por serenatas de capadócios ou de algum estudante romântico. No entanto, por detrás deste aspecto severo e triste já existia uma incipiente vida social e intelectual bem apreciável para tão pequena cidade..." (6)

Luís Prado lembra que a existência da Academia de Direito foi a responsável não só pela formação de grandes vultos do Império, mas pela vida intelectual a que se refere, mais fértil e disposta a eclodir quando se viu em condições favoráveis, isto é, quando as atividades cafeeiras propiciaram grandes fortunas e o contato direto dessa gente com os grandes centros europeus. Por outro lado, desde meados do século São Paulo atraía população de fora, notando-se a presença de estrangeiros, profissionais liberais, artesãos, comerciantes, livreiros, já nos acenando com o progresso que ia lá fora.

A elite do café passou a ter um profundo envolvimento com a cultura européia moderna. Começaram as longas viagens para passeio ou estudos, e sempre para "tomar seu banho de civilização", como diziam, ou "para despir o jequismo."

Em breve os Prados adotaram esse hábito, que foi dos mais constantes. Emendava-se uma estação à outra. Paris era a meta ou a Meca: "Paris! o resto é paisagem!" Dizia o Conselheiro Antonio Prado. (7) E taxavam de "caipiras" aqueles que assim não procediam, formando-se nítida distinção na sociedade entre estes e os europeizados que não se freqüentavam embora se conhecessem. Nos começos do século essa separação foi bem assinalada pela existência de dois clubes de

6) PRADO, Luís. Ensaio sobre D. Veridiana Valéria da Silva Prado. Cópia do manuscrito no arquivo de Ana Cândida Sampaio Ferraz.

7) Havia o costume de se levar para a Europa toda a família, criadagem e até animais. O Conselheiro por exemplo, levava também uma vaca leiteira, conforme conta sua nete, Alice Pacheco Silva, seu médico particular e mais dois amigos, Vaz de Oliveira e Bento Canabarro, este muito alegre e divertido, que teria o papel de "fou du roi". A bagagem era imensa, levava-se às vezes uma camisa em cada mala, cheia de papéis de seda para não amassar. Em Paris, o Conselheiro alugava um "hôtel particulaier" nos Champs Elysés.

O velho Elias Chaves também levava toda a família entre filhos, genros, noras e netos, além de criados. Uma vez alugou um andar inteiro do Hotel Majestic para acomodar a todos.

A presença de brasileiros na Europa era tão constante, onde, diziam, a vida era mais barata do que no Brasil. Um pequeno episódio ilustra a facilidade com que se encontravam brasileiros. Antonio Prado estando nas corridas de Derby em companhia de um amigo, este desgarrou-se do Conselheiro em meio à multidão. Muito aflito dirigiu-se à primeira pessoa que encontrou: "— Onde está o Conselheiro?" "— Acaba de dobrar aquela esquina", responderam-lhe prontamente em português.

elite em São Paulo, o Automóvel Clube, dos refinados à européia, e o Clube Comercial, dos chamados "caipiras".

Em 1862 o jovem Antonio Prado foi estudar Economia na Europa. De lá escrevia para seus pais cartas férteis em observações, ora sobre a grande Exposição de Londres, que visitou várias vezes, pela qual não escondeu seu entusiasmo (8), ora sobre os bailes da Corte de Napoleão III, no Palácio das Tuilleries, ou sobre as patinações no Lago do "Bois de Boulogne" (9), etc.

Essa correspondência teria concorrido para motivar sua mãe que passou a visitar com assiduidade o Velho Mundo, hábito a que deu início após separar-se do marido, com quem casara aos treze anos de idade. Muitos dão como sua primeira viagem o ano de 1884, mas tudo indica que tivesse ocorrido antes, pois em 1882 ao regressar o pintor Almeida Júnior de sua viagem à Itália e à França já voltava com encomenda que D. Veridiana lhe fizera para que pintasse o "plafond" circular do salão de sua futura residência, (10) obra esta executada no ano seguinte.

Em Paris, a pretexto de controlar de perto as extravagâncias de seu filho caçula Eduardo Prado, D. Veridiana manteve um salão literário na Rue de Rivoli, freqüentado por intelectuais brasileiros e portugueses como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, o Barão do Rio Branco, Domicio da Gama, Joaquim Nabuco, etc. Que pese brilhassem os talentos de seu filho Eduardo e do seu neto Paulo Prado, D. Veridiana deixou forte impressão em Eça de Queiroz, causando-lhe agradável surpresa: "A D. Veridiana quis que eu jantasse com ela todos os dias e muito carinhosamente me tem nutrido. Talvez mesmo too richly, porque há sempre sobremesas de magníficas frutas, escolhidas por ela (que é gulosa) e eu não resisto a entrar profusamente nesse verdadeiro pomar!" ou: "A D. Veridiana é ainda mais esperta, e agradável, e pitoresca, e fina do que nós imaginávamos e foi pena não a cultivar com intimidade". (11)

É ainda através de Eça que ficamos sabendo de mais alguns costumes seus na segunda cidade dos Prados: "A D. Veridiana partiu ontem. Fui acompanhá-la à Gare d'Orléans — o que me obrigou a levantar às 7 da manhã. Ia um imenso comboio cheio de Prados. A D. Veridiana até levava cães de fila em jaulas. Coitada, foi lavada em lágrimas". (12)

8) LEVI, Darrell, op. cit.

9) PRADO, Luís, op. cit.

10) SOLANOWSKY, Marly. Almeida Júnior:um esboço biográfico-iconográfico. Rio de Janeiro, MEC-INAP-FUNARTE, 1977 (inédito), p. 40-41.

11) Eça de Queiroz entre os seus, apresentado por sua filha. Cartas íntimas. Porto e Lisboa, Lello e Irmão, 1948, p. 335.

12) _____ op. cit. p. 356.

Não é de admirar portanto, que tivesse querido abrir uma por assim dizer, sucursal paulista da matriz parisiense. Sua nova residência em São Paulo erguia-se nos moldes de um pequeno castelo francês do Renascimento. Com três andares além do subsolo, possuía uma série de dependências. No andar térreo, "hall", biblioteca, sala de visitas, sala de jantar, "loggia", copa, e W.C. No primeiro andar, quatro dormitórios mais vestiário, rouparia, banheiro, biblioteca, tanques e terraço. No último andar mais quatro quartos, duas rouparias, banho, maleiro e cozinha. No subsolo ficava a área de serviço, outra cozinha, dispensa, adega, sala de almoço e sanitário. (13) Na época em que nela viveu Antonio Prado Jr. havia elevador.

No forro do teto de seu salão, uma alegoria feita por Almeida Júnior representa o Sonho para alguns, o Sono para outros, e ainda a Alvorada. A figura feminina teria sido inspirada em Sinhá Munhoz, amiga de família que foi de rara beleza. Para outros o modelo foi mesmo Maria Laura, o grande amor do artista, dada as semelhanças que se observou existir entre esta e a alegoria, mediante comparação com uma foto de Maria Laura. (14)

O interior da residência, ao contrário do que se tem escrito, parece ter sido dos mais simples e até mesmo austero. Contam descendentes seus que o que havia de mais precioso eram as louças da Companhia das Índias, herança de família. Prata não as havia pois aquelas que estiveram na família vieram posteriormente, trazidas por Maria Catarina da Costa Pinto, mulher do Conselheiro. Segundo observou Luís Prado, "o interior da casa impressionava a todos nós, seus netos, pelo seu aspecto grave e silencioso. Não havia ostentação de riquezas. Móveis simples, confortáveis e uma meticulosidade extrema quanto à ordem e limpeza..." (15)

Externamente os jardins eram dos mais belos e agradáveis, desenhados pelo paisagista francês Glaziou, que veio ao Rio de Janeiro para remodelar o Passeio Público. Eduardo Prado o conheceu no navio e o indicou à sua mãe. A chácara estava cercada por eucaliptos, árvore que, conforme se conta, foi introduzida por iniciativa de D. Veridiana. (16).

Havia um pomar em que eram feitas experiências com espécies novas, um bosque de guapirivu, um espelho de água onde bucolicamente nadavam cisnes e alguns dispositivos que encerravam surpre-

13) As dependências citadas nos foram fornecidas em planta da casa quando propriedade de Antonio Prado Jr. talvez com algumas alterações quanto às funções originais, posto que este a mandou reformar em 1924.

14) SOLANOWSKI, Marly, op. cit., p. 40.

15) PRADO, Luís, op. cit., p. 11.

16) PRADO, Luís, op. cit. p. 11.

sas para os visitantes, sobretudo a criançada da família e do bairro que vinha ai brincar. Luís Prado nos fornece também a descrição dos jardins: "O seu nobre portão de entrada achava-se exatamente em frente à atual Rua Marquês de Itu, que aí terminava. Do portão atingia-se a casa por uma alameda arborizada que margeava um pequeno lago artificial onde cisnes e marrecos distraiam e alegravam a meninada que aí vinha obrigatoriamente ao beijar-mão da Avó." (17)

Eduardo Prado trouxe de uma de suas viagens um relógio solar que foi instalado na Chácara, o qual anunciava o meio dia ao Bairro todo com uma salva de tiros de canhão. (18)

A Chácara chamou-se "Vila Maria", nome dado em homenagem a Maria das Dores uma afilhada predileta sua que sempre lhe fazia companhia. (19) Entretanto, a Chácara ficou conhecida simplesmente como casa de D. Veridiana.

D. Veridiana que já realizava saraus na casa da Consolação, manteve em Higienópolis o primeiro salão intelectual de São Paulo, abrindo-o à gente ilustrada da época sem distinção de credo político, de nacionalidade ou de raça. Vinham monarquistas, republicanos e positivistas, estrangeiros e negros ilustres abolicionistas.

Antes porém, recebera o Imperador em sua última visita a São Paulo, em 1887, oferecendo-lhe recepção esplêndida. Conta-se que nessa ocasião, alinhou seus netos na alameda principal da casa para saudarem o ilustre visitante com pétalas de rosas. No momento que sua majestade passou por Martinho, recebeu em pleno rosto um maço de pétalas, talvez de modo proposital, fato que teria provocado a seguinte observação do Imperador: "— Tão pequeno e já com instintos revolucionários como o pai." Essa versão porém, era negada por Caio, irmão de Martinho que costumava afirmar que tal incidente ocorreu durante a visita que o Imperador fez ao "Seminário", colégio onde estudavam os filhos de Martinico. Sua Majestade vinha assessorada pelo Conselheiro Antonio Prado que, ao ver seus sobrinhos, parou para apresentá-los ao Imperador. Este perguntou-lhe: "— Filhos de quem?" "— De Martinico", respondeu o Conselheiro. D. Pedro fez então uma careta e afastou-se visivelmente contrariado. (20)

Em breve a Chácara de D. Veridiana tornou-se o ponto de reunião da vida social e intelectual de São Paulo. Conversava-se sobre política, literatura e ciência e abriam-se suas portas para amigos ou estranhos desde que fossem de valor. Recebia regularmente Teodoro Sampaio,

17) _____ op. cit.

18) Paulo Plínio da Silva Prado à autora em junho de 1979.

19) LEVI, Darrell, op. cit. p. 98-99.

20) Declarações do historiador Caio Prado Jr. à autora.

os médicos positivistas Luis Pereira Barreto e Domingos Nogueira Jaguaribe, o geólogo norte-americano Orville Derby, o arquiteto italiano Luigi Pucci, o botânico Loefgreen, etc. além dos abolicionistas negros José do Patrocínio e Luis Gama, enquanto os filhos de D. Veridiana constituíam uma geração das mais ativas política e intelectualmente: Antonio Prado como Ministro do Governo Imperial e Caio como Presidente da Província do Ceará, enquanto Martinico e Eduardo se rebelavam, cada um a seu modo. O primeiro, tribuno, incansável e propagandista da República e da Imigração, conclamava os habitantes do Novo Mundo, "únicos povos livres" da terra, a quebrar os laços que os uniam ao Velho Mundo, ficando São Paulo como líder desse movimento no Brasil." (21) Eduardo Prado era administrador para a Europa, do Jornal do Comércio. Participou de uma coletânea feita na França sobre a situação do Brasil na transição do Império para a República, para a qual preparou estudo sobre a Imigração. (22)

Em 1890 publicou "Fastos da ditadura militar no Brasil", coletânea de artigos já publicados, onde fazia severas críticas aos republicanos e aos militares. Três anos depois lançou a "Ilusão Americana", onde questionava os crescentes laços da República do Brasil com os Estados Unidos. A obra causou o recrudescimento da perseguição política de que o escritor vinha sendo alvo devido a seus escritos panfletários. A polícia censurou este último livro e expediu mandado de prisão contra Eduardo Prado que se viu forçado a fugir de São Paulo para a Bahia e de lá, para o exterior, no que foi acompanhado de Bento Canabarro.

Em meio à onda de imitação de outros países, questionavam os irmãos até que ponto se devia aceitar a transformação das idéias e dos costumes no país sem prejuízo de nossa originalidade, e dos costumes avoengos. (23)

Freqüentavam também o salão de D. Veridiana jovens da geração seguinte, como Diogo de Faria, Baptista Pereira, Navarro de Andrade, etc. A todos estava D. Veridiana sempre atenta, procurando inteirar-se dos assuntos tratados sobre os quais sabia emitir opiniões. É bem conhecida a impressão que Ramalho Ortigão teve sobre D. Veridiana, expressa em carta que escreveu a Eduardo Prado após uma visita feita à Chácara, em 1887: "A casa de sua mãe é uma jóia e sem ir mais longe aí tem você um bem singular tipo de mulher esperta. Que fina habili-

21) LEVI, Darrell, op. cit., p. 151.

22) Le Brésil en 1889. Syndicat du Comité Franco-Brésilien pour l'Exposition Universelle de Paris. Paris. Librairie Charles Delagrave, 1889, chapitre XVI, p. 473-509.

23) Antonio Prado já em 1862 levantou essa questão em sua correspondência in: LEVI, Darrell, op. cit., p. 147.

dade na arte de ser amável! que natural perspicácia na observação dos homens e das cousas; que quantidade de idéias precisas e justas deixadas ao acaso na conversação mais simples, mas sem cerimônia! que sutil discernimento de certas nuances e enfim, que perfeito bom gosto na escolha dos móveis e na escolha das palavras..."

Os resultados do salão de D. Veridiana foram dos mais frutíferos. O Dr. Jaguaribe ali introduziu Capistrano de Abreu, seu particular amigo, o qual costumava hospedar-se na Chácara Jaguaribe anualmente trazendo índios consigo. Desses contatos surgiu a grande amizade que ligou Capistrano de Abreu a Eduardo e a Paulo Prado, registrada em fértil correspondência trocada entre os amigos.

Luis Pereira Barreto, estudioso dos problemas agrícolas entre nós, foi quem constatou as propriedades que as terras da zona de Ribeirão Preto possuíam para a cafeititura, e passou a ser o propagandista entusiástico da região. Esse fato levou entre outros, Martinico Prado para aquela zona, onde abriu a Fazenda Guatapará que chegou a ser das mais prósperas. Pereira Barreto trouxe também dos Estados Unidos as primeiras mudas de uva Niagara, que foram introduzidas em São Paulo, por iniciativa de D. Veridiana e de seu jardineiro italiano, Francisco Marengo. Este fez as primeiras experiências com a espécie na Chácara "Vila Maria". Bem sucedido D. Veridiana passou a produzi-la em larga escala numa chácara que possuía em Santa Efigênia, enquanto Marengo levaria mudas para a sua chácara do Tatuapé que ficou famosa pela produção desse tipo de uva. Assim, essa espécie de uva acabou ficando conhecida entre nós com o nome de Marengo.

D. Veridiana também realizou experiências com outras frutas estrangeiras como o caqui, mangustão, lit-ichi (uma fruta chinesa que nasce dentro de uma cápsula e que era muito do agrado da Imperatriz) e outras que se divulgaram posteriormente adquirindo importância nacional. (24) Trabalharam com ela jardineiros que se tornaram famosos em São Paulo. Além de Marengo, estiveram a serviço de D. Veridiana, Dieberger (foi o seu segundo emprego em São Paulo, recém chegado da Alemanha) e o austríaco Etzel.

Ávida de novidades D. Veridiana fez importar uma série de aparelhos ainda desconhecidos entre nós. Dizem que mandou buscar a primeira máquina de sorvete e que constituía grande acontecimento ir tomar sorvete em sua casa. Teve o primeiro carro a rodas de borracha em São Paulo com o qual passeava pelos arredores, com um cocheiro suíço. (25) Imitava a Rainha Vitória, sua contemporânea. Costumava sair com

24) PRADO, Luis. op. cit.

25) Anotações de Cerqueira Mendes sobre D. Veridiana Valéria da Silva Prado. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

uma sombrinha de renda preta, num landau com dois cocheiros atrás e outro na frente. (26)

A negrinha Rita acompanhava D. Veridiana em seus longos passeios que incluíam a Chácara do Carvalho. Rita também costumava cantar para os convidados de D. Veridiana, o que fazia acompanhada de música durante as refeições. Entre os seus protegidos contava um índio botocudo que exercia as funções de garçon. D. Veridiana rodeava-se de inúmeras afilhadas ou protegidas, entre as quais, Sinhá Pereira Munhoz, anteriormente referida, e as filhas de Rubino de Oliveira.

As atividades de D. Veridiana ainda foram variadas. Organizava exposições, festas benéficas, vendendo frutas em leilão, patrocinava companhias teatrais, protegia artistas. Manteve grande interesse pelos esportes que apenas começavam entre nós. Incentivou as corridas de bicicletas e o "foot ball", esportes da alta burguesia e dos estrangeiros. Nesse sentido, mandou construir o Velódromo em parte de sua Chácara da Consolação, a primeira praça de esportes ao ar livre do país, com pista para ciclistas nos moldes europeus, construída primeiro em terra e depois em concreto armado. Inaugurou-se o Velódromo em 1896, conforme projeto do arquiteto italiano Tomás Gaudêncio Bezzi.

É bem verdade que D. Veridiana escandalizou, e o fez de forma deliberada. Constituiu uma reação ao padrão de vida feminino instituído por nossa sociedade. A mulher viveu no Brasil colonial e no Império sempre sob a autoridade ou a tutela do homem, tanto do pai, quanto do marido, ou de substituto na ausência de ambos. Tratava-se de uma sociedade patriarcal não só cristã romana, mas herdeira das tradições mediterrâneas. Essa sociedade — fortemente hierarquizada, que separava o sexo forte do sexo fraco, o pai dos filhos, o senhor do escravo, oprimindo o mais fraco — reduzia a mulher à reclusão e ao sub jugo. Eliminava-se dessa forma, a competição com o homem, a quem ficavam as iniciativas econômicas, políticas e sociais. Para a mulher, restavam os serviços e as artes domésticas, o contato com os filhos, com a parentela, as amas, os velhos e os escravos domésticos. Restava-lhe, no dizer de Gilberto Freyre, a limitação sexual, parir e morrer de parto. (27)

Nos começos do século passado ainda era notória a falta de educação da mulher, destituída dos recursos espirituais, da vida ao ar livre, dos

26) Informações de Ana Cândida Sampaio Ferraz à autora.

27) FREYRE, Gilberto de Mello. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 2^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951, 1.^º v., p. 254.

exercícios físicos. (28) Dispendia o seu tempo em se enfeitar ou a jogar. John Mawe, que visitou São Paulo nessa mesma época, registrou que a mulher das classes mais abastadas não aparecia para o visitante. Contentava-se em olhá-lo pelas frestas. Vivia reclusa, dedicada à costura, a bordar e a fazer flores. Sabia dançar ou tocava algum instrumento musical.

No decorrer do século, quando se intensificou a vida urbana a mulher começaria a romper com as quatro paredes. Na cidade ela passou a olhar as ruas, a freqüentar o teatro, os bailes de máscaras. As mais ricas e religiosas dedicaram-se às obras pias. Algumas aprenderam a ler, liam romances, aprendiam Francês e piano.

Gilda de Mello e Souza observa que o desenvolvimento da indústria libertara a mulher em geral de uma série de atividades produtivas até então caseiras, como o pão, o tecido, a renda, o vestido feito, o chapéu, etc., criando novos empregos que foram preenchidos pelas mulheres do novo proletariado. De um momento para o outro a mulher burguesa viu-se sem ter o que fazer e seu "único objetivo — agora que nas classes médias e altas perdera o valor econômico, transformando-se em grupo dependente — era casar." (29)

Assim sendo, só lhe restava favorecer os recursos para o alcance de seus objetivos, tais como saber agradar e encantar. Dedicava-se à aprendizagem de música e das maneiras, ao interesse pelos vestidos, vivendo na expectativa da chegada do marido.

Nos salões dos dois Impérios houve o brilho esporádico de algum talento feminino. No entanto, a participação intelectual da mulher foi mínima nesse período. Freyre observou mesmo que, aos políticos e intelectuais brasileiros da era patriarcal faltou a colaboração franca e direta da mulher, observada nas sociedades de colonização inglesa. (30)

Em fins do Império surgia o interesse pela educação feminina e pelo papel da mulher como educadora. Vemos muitas exercendo o magistério. Houve as que colaborassem na imprensa, mas quase todas trataram da moda. A maioria acabava por casar-se, abandonando qualquer iniciativa intelectual.

Pode-se portanto, avaliar o contraste entre o comportamento de D. Veridiana Prado e da sociedade da época. Em meados do século XIX, na pequena e acanhada São Paulo, interessava-se por cultura, pelo

28) GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821 1822 e 1823*. São Paulo, Ed. Nacional, 1959.

29) SOUZA, Gilda Rocha de Mello e. *A moda no século XIX: ensaio de sociologia estética*. São Paulo, Separata da Revista do Museu Paulista N. S. v. V, p. 41.

30) FREYRE, Gilberto, op. cit. p. 277 e s.



Foto 50 — D. Veridiana Valéria da Silva Prado entre filhos, genros e noras. Da esquerda para a direita: sentadas: Anésia Pacheco e Chaves, D. Veridiana e Albertina Pinto da Silva Prado. No segundo plano: Martinho (Martinico) da Silva Prado, foto de Antonio Caio da Silva Prado, Ana Brandina (Chuchuta) Pereira Pinto, Maria Catarina da Costa Pinto da Silva Prado e Maria Sophia Rudge da Silva Prado. Em último plano: o Conselheiro Antonio Prado, Elias Pacheco e Chaves e Eduardo Prado. Foto de cerca de 1890. Arquivo Caio Prado Jr.

estudo, fazendo importar uma governante francesa para seus filhos e ela mesma assistindo às aulas. Nos anos 1870 assumiu deliberadamente a separação de seu marido em troca da independência, que passou a usufruí-la da maneira que mais lhe aprouve.

Muito ativa e interessada nos negócios, não sendo bonita mas inteligente, assumiu atitude de matriarca. Núcleo do clã dos Prados, esteve sempre ao corrente das atividades econômicas e dos problemas familiares além da grande ascendência que possuiu sobre seus filhos aos quais chegou a escolher-lhes os parceiros para os casamentos ou a determinar-lhes a profissão. (31) Demonstrou, no entanto, ser cons-

31) Apoiou o casamento de sua filha, a Condessa Pereira Pinto, o que lhe valeu o desgosto de seu marido e a separação do mesmo; obrigou seu filho Eduardo a casar-se com sua prima Carolina da Silva Prado. Para seu filho Caio, usou de suas influências para arranjar-lhe os postos de Presidente da Província de Alagoas e do Ceará.

ciente da condição feminina de dependência do homem, assim como da profunda modificação que ocorria no mundo em oposição ao aca-nhamento do meio paulista em que vivia.

Ao falecer em 1910, D. Veridiana proveu generosamente em seu testamento mulheres de sua família e suas amigas ou protegidas de quantias razoáveis em dinheiro, ressalvando, por vezes, a condição de que não partilhassem tais bens com eventuais maridos.

Tudo isso lhe foi possível graças ao poder econômico e social que detinha, pois tratava-se da "Mãe dos Gracos" no dizer de Eça de Queiroz. (32) Basta lembrar que o Imperador a visitara, em 1887.

Porém D. Veridiana, constituindo uma reação aos padrões femininos instituídos por nossa sociedade, escandalizou. Em seu testamento demonstra uma vez mais ter agido de forma consciente: "A todas as pessoas a quem possa ter ofendido ou escandalizado, peço humildemente perdão." (33)

Entretanto, manteve hábitos austeros, vestia-se sobriamente, dispensava o tratamento de Madame. Freqüentava a igreja, socorrendo obras pias ou paroquiais. Fez doações à Santa Casa de Misericórdia, às Igrejas da Consolação, de Santa Cecília, do Sagrado Coração de Maria e do Coração de Jesus. Ao falecer, deixou pedido um enterro de segunda classe.

Soube também ser severa e demonstrou certa rigidez moral. Mantinha amizade com a Marquesa de Santos mas não a recebia socialmente. Certa vez, encontrando-se em plenos preparativos para oferecer uma recepção, no sobrado da Consolação, recebeu a visita da Marquesa de Santos que estava de passagem. Já então muito idosa e reparando os arranjos dos salões, exclamou: "— Está tudo tão bem, faz recordar os tempos do primeiro Império!" No entanto, D. Veridiana não a convidou. (34) O que demonstra que a sociedade paulista não recebia a Marquesa, não perdoando o relacionamento flagrante mantido com o Imperador. As honras de matriarca que recebera na Corte, que incluíram as medidas da menina Veridiana, duraram enquanto Domitila fora a favorita de D. Pedro I.

Transformara-se, contudo, num mito. Há quem diga que possuia um trono do qual se dirigia aos presentes. (39) Para a criançada do Bairro, deixara marcada profundamente sua infância. Assim o foi para os escritores Cândido Motta Filho e Yan de Almeida Prado que passaram sua meninice na Vila Buarque o primeiro, e o segundo na Rua Mara-

32) A expressão de Eça de Queiroz é conhecida por tradição oral na família Silva Prado.

33) Cópia manuscrita no arquivo de Ana Cândida Sampaio Ferraz.

34) Reminiscências de Caio Prado Jr.

35) O que não é confirmado por seus descendentes.



Foto 51 — Balão de Silvio Álvares Penteado em Paris no início de século, aparecendo Silvio e sua irmã Antonieta. Arquivo Honório Álvares Penteado.

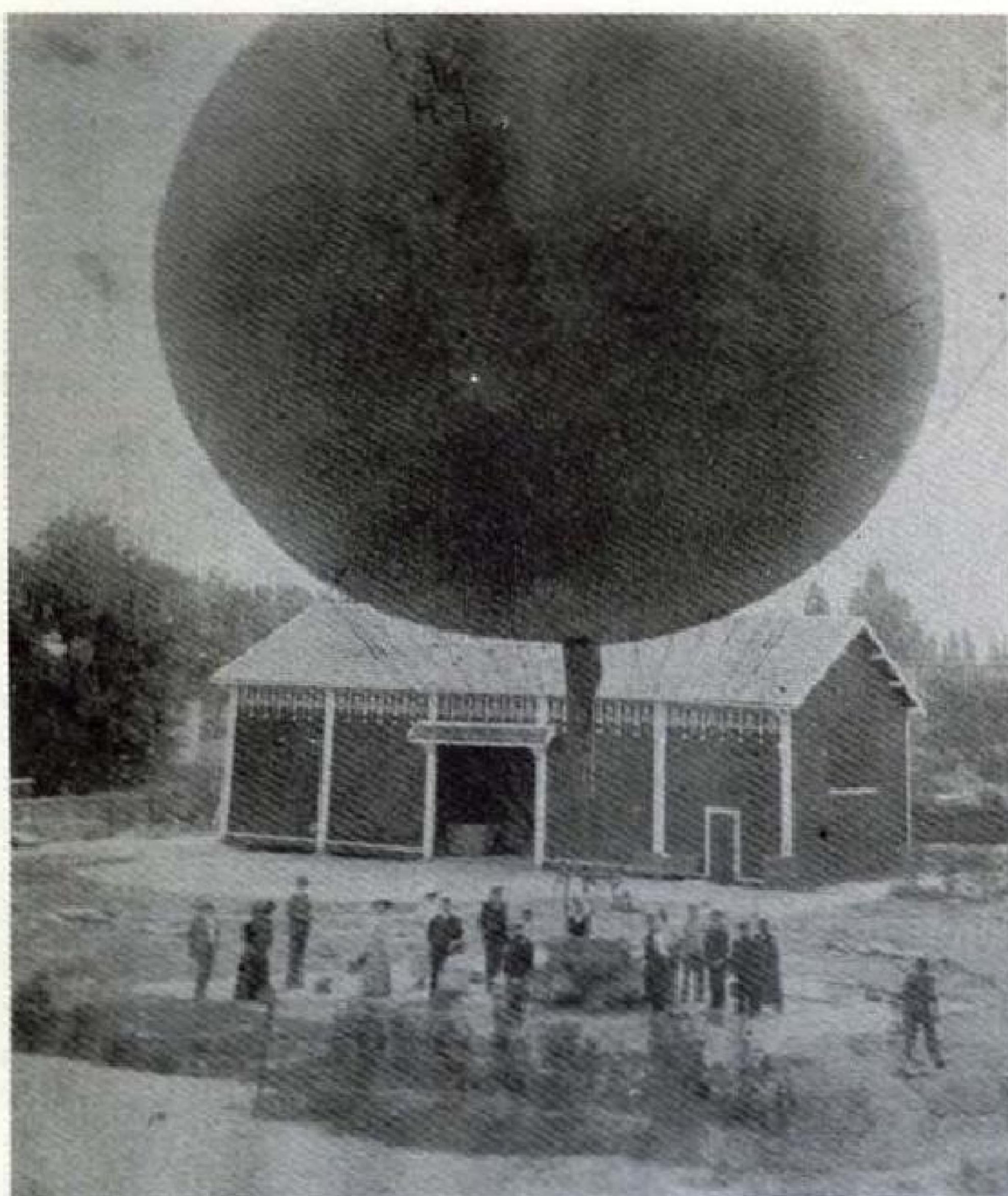


Foto 52 — Balão de Antonio Prado Jr., em Paris, nos começos do século. Arquivo Maria Helena Prado Ramos.

nhão, ou para Laura Rodrigo Otavio, que viveu na Rua General Jardim, os quais deixaram suas impressões a esse respeito. Para esta a maior atração dos jardins da Chácara era um leão de pedra que existia dentro de uma gruta. Ao lado do animal, estava escrita uma história "começando com letras grandes que, aos poucos, iam diminuindo, de forma que o leitor precisava aproximar-se para poder decifrar o final, e este era, nada mais nada menos, do que uma ducha de água que saía da boca do leão! Para as crianças era um divertimento sem nome, já ninguém ia ler, ia só procurar o ponto que fazia jorrar a água." (36)

Yan de Almeida Prado lembra-se que brincava na chácara, com as crianças da família Prado e do Bairro mas que a certa altura D.

36) OCTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. Elos de uma corrente. Rio de Janeiro, Livr. S.José, 1974, p.31-32.



Foto 53 — Grupo de família, dendo-se em segundo plano Armando Penteado, Antonio Prado Jr. e Alberto Santos Dumont, Arquivo Maria Helena Prado Ramos.

Veridiana proibiu as brincadeiras na chácara, porque um grupo de seus netos, (conhecidos futuramente como “bororós”), eram muito travessos e quebravam tudo. Entretanto não teve ela muita paciência com crianças, cujo contato procurava abreviar ao máximo ou resguardar seu sossego e intimidade mandando cercar as proximidades da casa para impedir a aproximação das mesmas ou dos estranhos a quem também costumava franquear os jardins aos domingos. (37)

Para o pequeno Motta Filho fora D. Veridiana a pessoa mais poderosa sobre a face da terra. Quando a Light inaugurou a primeira linha de bondes elétricos, foi com o pai ver os novos veículos que dispensavam

37) Depoimento de Yan de Almeida Prado à autora em 1974.

a tração animal. Quem seria essa Light? Então "poderia ela mais que D. Veridiana? Pois D. Veridiana não tinha carros de roda de borracha?" Pensou intrigado o garoto, que perguntou ao pai: "— Diga, meu pai, quem é mais rica, D. Veridiana ou a Light?" (38)

Todo o aparato montado por D. Veridiana, aparentemente ostentatório, carruagens, festas, salões, clubes, etc. encerrou uma atitude consciente com vistas a uma ação civilizadora e até revolucionária, em oposição a uma sociedade acanhada e provinciana.

Nos inícios do novo século, vemos uma seqüência do comportamento social e progressista de D. Veridiana, através de seus descendentes e parentes em Higienópolis, embora talvez menos providos da mesma intenção de civilizar e mais voltados à arte de bem viver, conforme ainda as lições aprendidas no Velho Continente.

Não resta dúvida de que eram a gente mais refinada e elegante da cidade. As mulheres eram muito bonitas e os homens dados a esportes. No entanto, viviam ilhados, constituindo um grupo à parte. Fizeram da Avenida Higienópolis a Avenida do Bois de Boulogne paulista. Os encontros e passeios por essa via eram diários e parece que também eram feitos pela manhã. (39) Saíam as damas com suas sombrinhas de bordado inglês a caminhar pela Avenida, já calçada de paralelepípedos por onde passavam landaus ou charretes, dirigidas por moças elegantes que vinham de outros bairros para usufruírem do ambiente agradável. Chegavam também em carrinhos "tonneaux" de vime, como uma jovem que vinha todas as manhãs dos Campos Elíseos dirigindo a sua charrete, tendo atrás um "groom" fardado. (40)

As crianças eram inúmeras. Somente da família Prado, netos de Martínico, havia setenta e duas, que brincavam com os outros primos ou filhos das famílias vizinhas nas calçadas da avenida, na casa de D. Veridiana ou na Vila Penteado. Pela manhã iam invariavelmente a pé até o Terraço Germaine, conhecido simplesmente como Terraço. Iam acompanhadas das pajens (brasileiras) ou das governantes (estrangeiras) enquanto as crianças do "povo" ficavam confinadas à Praça Buenos Aires. Do terraço, se podia descer para o Pacaembú, por uma trilha que conduzia até as Perdizes, passando pelo matagal que ainda cobria o Vale. Neste, uma vacaria fornecia leite ordenhado na hora.

À noite as ruas eram iluminadas a gás apesar de já haver luz elétrica nas casas. O Bairro, tranquilo e isolado, ficava entregue a vigias noturnos portugueses que faziam a ronda armados de porretes.

38) MOTTA FILHO, Cândido. D. Veridiana e o meio aldeão paulista. Manuscrito de conferência no arq. de Ana C. Sampaio Ferraz.

39) Depoimento de Alfredo Mesquita à autora em junho de 1979.

40) Id. ibidem.



Foto 54 — Grupo de automobilismo numa excursão da qual participou Antonio Prado Jr.
Arquivo Maria Helena Prado Ramos.

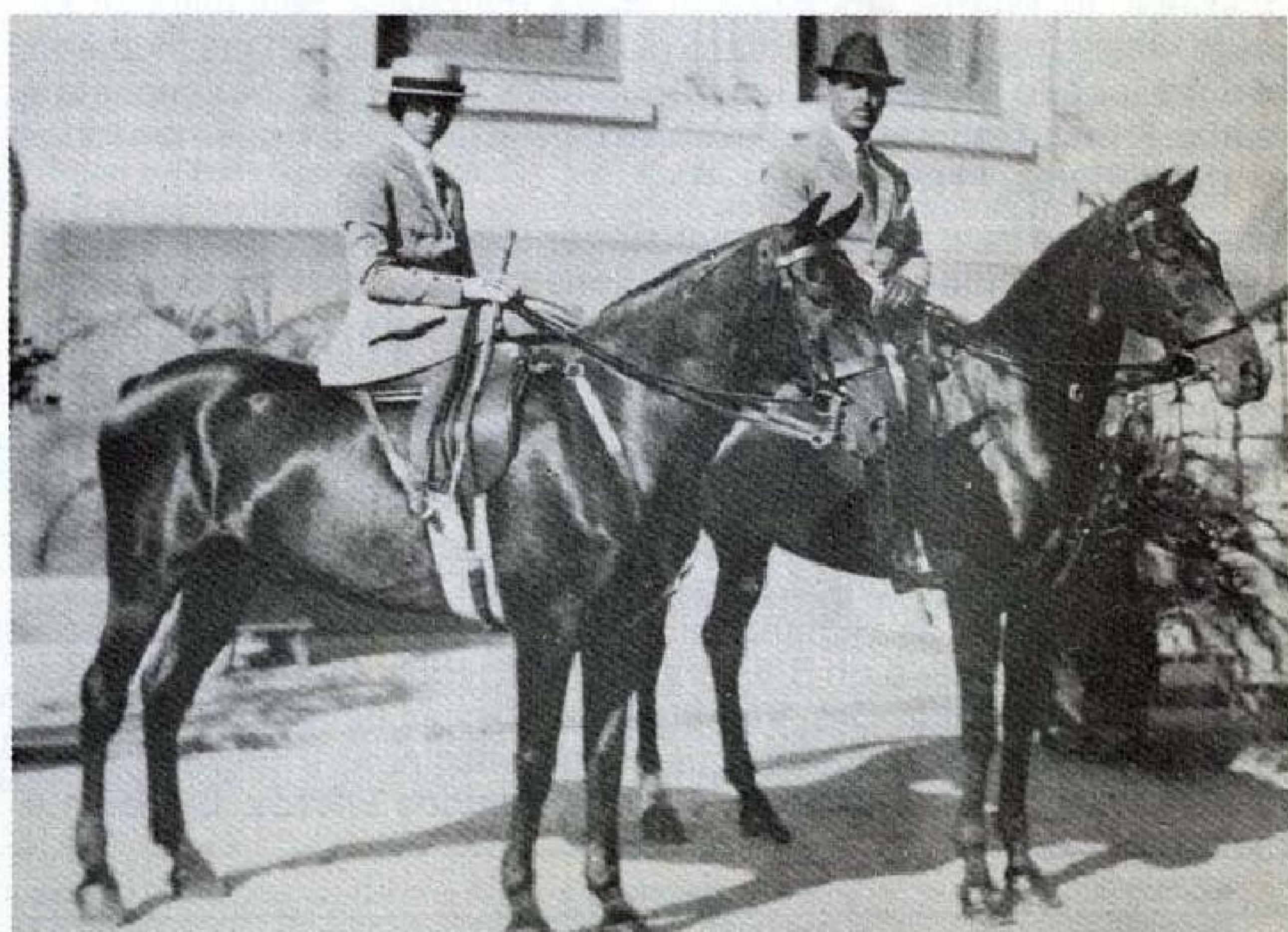


Foto 55 — Maria Helena e seu pai, Antonio Prado Jr. Saindo a passeio da "Vila Penteado", década de 1920. Arquivo Maria Helena Prado Ramos.

Passeava-se muito a cavalo pela Avenida Higienópolis e daí pela Consolação ou Angélica, iam até a Avenida Paulista. Da mesma forma o Bairro viu as bicicletas e triciclos entrarem em grande voga a partir de 1895, primeiro esporte que aqui se vulgarizou. Uma das primeiras bicicletas de São Paulo foi a de Fortunato Camargo, enteado do Dr. Jaguaribe, que ia à escola num dos modelos mais antigos, de roda fronteira imensa. A elite paulista, os ingleses e italianos foram os primeiros ciclistas. As grandes competições eram feitas no Velódromo.

Edgard da Conceição Nogueira, Dr. Jaguaribe, Antonio Prado Jr., Pedro Luis Pereira de Souza, A. E. Tonglet, A. Parangon fundaram o Veloce Club Olímpico Paulista que inaugurou o Velódromo no dia 21 de junho de 1896. Com o incremento do "foot ball", do hábito de jogá-lo, Antonio Prado Jr. fundou o Clube Atlético Paulistano em 1900 e dotou o Velódromo de um campo apropriado. E este passou a ser a principal praça de esportes em São Paulo, onde se faziam as competições entre os clubes já existentes: o São Paulo Athletic Club, a Associação Athlética Mackenzie, Esporte Clube Germânia, Esporte Clube Internacional e o Clube Athletico Paulistano.

Os "matches" no Velódromo eram um grande acontecimento, não só esportivo como elegante, pretexto para a exibição de moda. Nessas ocasiões, as Prados lançavam modelos franceses. Sentavam-se em parte reservada que D. Veridiana destinou à família. Muitas mulheres iam mais cedo para tomar lugar logo atrás da divisão pertencente à família Prado, com o objetivo exclusivo de examinar os trajes em todos os pormenores. (41)

Mas o meio de transporte dos paulistas era o bonde. Já então a Light os espalhara pela cidade toda. Cada linha possuía seus motorneiros e cobradores que já conheciam os passageiros e os cumprimentavam. Os de Higienópolis aguardavam as damas saírem de suas casas para tomá-los. Eram os criados que esperavam o bonde chegar, paravam-no e depois iam chamar as senhoras. O bonde refletia as características do bairro que servia. Havia bondes com reboques, destinados aos operários cujas passagens eram mais baratas. Estes não iam para Higienópolis. Uma crônica apresentada no Diário Nacional comentava que o bonde de Higienópolis era cheiroso, de gente fina, bem educada e asseada; o do Brás era de malcriados, briguetos e rudes onde se ouviam palavrões; Vila Buarque possuía um bonde triste que ia para a Santa Casa enquanto que os da Consolação e Pinheiros eram fúnebres devido ao Cemitério, e o dos Campos Elíseos, brilhante e rumoroso. (42)

41) Depoimento de Alfredo Mesquita à autora em junho de 1979.

42) Diário Nacional, 29 de janeiro de 1928. p. 7.

Depois começaram a chegar os automóveis e um corso diário passou a ser feito na Avenida Higienópolis. Os carros iam e voltavam levando grupos de moças e rapazes. Posteriormente o corso de Higienópolis foi deslocado para a Avenida Paulista, pelos anos 1920.

Chegou a vez dos Penteados brilharem ao lado dos Prados, dos Dumonts e mais uma vez dos Pereiras de Souza. Antonio Prado Jr. e seus cunhados Silvio e Armando Álvares Penteado eram aficionados aos esportes automobilísticos e aéreos. (43) Em Paris tinham um apartamento perto do Saint-Cloud e chegaram a efetuar vários vôos em balões e aeroplanos. Sócios do Aeroclub da França, eles próprios desenhavam seus aparelhos que encomendavam a Lachambre, o mesmo construtor dos aviões de Santos Dumont. Em 1908, Armando expôs com sucesso um de seus aviões na Exposição do Grand Palais de Paris. Silvio é considerado um dos primeiros homens que viu São Paulo do alto. Em 1905 vagou durante três horas sobre a cidade num balão esférico que foi descer em Mogi das Cruzes. Antonio Prado Jr. e Eglantina em Paris voaram num balão em companhia de Santos Dumont, que foi parar na Bélgica.

Esse mesmo grupo foi pioneiro do automóvel. Um dos primeiros carros que entrou em São Paulo veio conduzido por Silvio e Antonio Prado Jr., em companhia de amigos, em 1903. Três anos depois Silvio venceu o circuito de Itapecerica ao volante de um Fiat e em 1908, Antonio repetiu a façanha dirigindo um "Delage", e realizou a famosa excursão a Santos. Em 1916, ele, Silvio, Armando, Santos Dumont, Luis Fonseca e Pedro Luis Pereira de Souza faziam a viagem de auto a Ribeirão Preto.

As cocheiras de Higienópolis foram adaptadas para receberem os automóveis mas os coupés e tílburies resistiram por um bom período de tempo enquanto que o hábito de se fazer equitação pelas ruas do Bairro sobreviveria até finais da década 1920. Maria Helena Prado Ramos e seu pai Antonio Prado Jr. todavia saíam a cavalo da Vila Penteado nessa época, e da casa de D. Veridiana onde Antonio Prado Jr. residiu depois de 1922.

O grupo mantinha-se isolado, mesmo das famílias paulistas tradicionais. Cerqueira César por exemplo, ou Almeida Prado e Lara Campos, que eram famílias típicas paulistas, não possuíam o prestígio social dos Prados que, muito menos, se misturavam a outras categorias sociais. O costume que D. Veridiana teve de franquear os seus jardins ao público e que foi seguido pela Condessa Álvares Penteado não passava disso. A caridade se fazia de preferência, na Santa Casa que

43) A respeito, serão citadas informações apresentadas no artigo de nossa autoria A Vila Penteado como residência in: op. cit.

recebia legados por heranças, assim como as Igrejas e ordens religiosas. As senhoras tricotavam o ano todo, preparando as roupas que distribuiriam na Santa Casa pelo Natal, com biscoitos e brinquedos, ocasião em que contavam com a assessoria de suas filhas e netas, enquanto os homens ocupavam cargos dirigentes e honoríficos, embora este último costume decaísse bastante com a República.

Durante a I Grande Guerra intensificou-se a vida social no Bairro e na cidade em geral, porque os paulistas não podiam ir à Europa. É assim que estações de água adquiriram um novo impulso e o Guarujá surgiu como estação balneária de primeira grandeza, com jogo e o "Grand Hotel de la Plage", administrado por gerente especialmente trazido da Suíça.

Higienópolis como local mais elegante e luxuoso observou o hábito de hospedar nas casas mais importantes os visitantes ilustres que a cidade acolhia, hospedagem essa muitas vezes solicitada pelo Governo que carecia de lugar adequado. A Vila Penteado, além de ter recebido o General Julio Roca, em 1907 em meio a grandes festejos e recepções, recebeu também a Princesa Maria Pia de Bourbon e Parma, mulher de D. Luis de Orleans e Bragança com seus dois filhos, D. Pedro e D. Luis. O Presidente Epitácio Pessoa hospedou-se no palacete de Martinho e de Stella da Silva Prado, no lado par da Avenida Higienópolis, quando acompanhou o Rei Alberto da Bélgica, em sua visita a São Paulo, o qual por sua vez, se hospedou na Chácara do Carvalho. Em 1935, o General Justo, outro Presidente da Argentina, hospedou-se também naquela residência.

O término da I Grande Guerra marcou também o final da "Belle époque" entre nós. Os Estados Unidos, nação vitoriosa, emergiam da guerra como a maior potência, alvo da admiração do mundo todo. A hegemonia econômica da Inglaterra ficou comprometida para sempre, substituída pela dos Estados Unidos que, simbolicamente chegaram a São Paulo em 1920, ano assinalado pela instalação da Câmara de Comércio Americana. Culturalmente, graças ao seu avanço tecnológico e à vulgarização dos novos meios de comunicação de massa, os norte-americanos passaram a gozar também de prestígio entre nós. Foi a vez da moda "charleston", do vestido saco, da piteira, do chapéu de abas curtas enterrado na cabeça. Lembra-se Alice Pacheco que para subir de sua casa, na Rua Aureliano Coutinho até a esquina da Avenida Higienópolis em visita aos Prados, punha chapéu e com ele ficava o dia inteiro. Os mais jovens principiavam a tomar aperitivos.

Conforme contam membros da família Prado, a dança "charleston" teria sido introduzida no Brasil pelo grupo de Higienópolis, em 1926. Caio Prado Jr. e Jorge Pacheco voltavam de Paris, em cujos "caba-

rets" constituía o último grito. Ao chegarem ao Rio dançaram para a sociedade carioca que se interessou em aprendê-lo imediatamente. Alice Pacheco por sua vez, trazia-o dos Estados Unidos e, com seu irmão Jorge, constituiu em São Paulo, um excelente par de dançarinos primeiros virtuosos da nova dança. (44)

Antes porém, do "charleston", fora a vez da valsa, do tango argentino, do "fox-trot" e do "rag-time". A jovem Yvonne Dommery, de origem francesa, dava aulas de violão e dança para a juventude do Bairro. Em sua casa, na Rua Maranhão, esquina com a Avenida Angélica havia um salão adequado.

Quanto às moças do Bairro, recebiam instrução em casa ministrada por professores particulares ou estudavam no Colégio N. S. do Sion para onde eram conduzidas pelas governantes que ainda deviam aguardá-las na saída das aulas. Os rapazes, que também se faziam acompanhar das governantes, estudavam no Colégio São Luis, já então instalado na Avenida Paulista, ou no Colégio S. Bento. O MacKenzie, cujo curso superior era mais importante do que o curso médio, tinha a sua "Escola Americana" freqüentada por estrangeiros na sua maioria.

Visto ser o Sion um dos colégios mais grã-finos de São Paulo, recebia as jovens vindas de outros bairros. Algumas usavam o trólei como meio de transporte, conduzido por cocheiro de botas e polainas. Os automóveis ainda não passavam de novidade. As irmãs Calfats foram das primeiras a utilizar o automóvel como meio de locomoção para freqüentar as aulas. Por volta de 1918, chegavam ao Sion num Renault que as trazia da Avenida Paulista. (45)

Nesses mesmos anos já se notava grande ansiedade por uma renovação tanto política quanto cultural que se refletiu na própria burguesia. São Paulo era ainda a metrópole do café mas tornara-se o maior centro industrial da América Latina graças ao impulso que a industrialização recebera, decorrente, sobretudo, das necessidades ditadas pela Guerra Mundial. Estava com meio milhão de habitantes e chegava ao Centenário da Independência mais do que nunca nacionalista e cheia de fé em seu progresso.

O paulista, cada vez mais absorvido pelo trabalho e apressado, ia alterando seus hábitos de vida. Por outro lado a insatisfação e a ansiedade por mudanças nas bases sociais e políticas era geral. Eram indicadoras da tensão social reinante, as greves e lutas operárias, a fundação do Partido Comunista, o Tenentismo e a Revolução de 1924, e a fundação do Partido Democrático.

44) Depoimentos de Alice Pacheco e de Caio Prado Jr. à autora.

45) Depoimentos de Jaime Buarque de Hollanda à autora, em novembro de 1979.

É tempo também dos modernistas. As primeiras tentativas de renovação cultural foram as iniciativas do grupo "modernista", composto por uma elite de intelectuais saídos da burguesia do café e da classe média. Essa não deixou de proporcionar mecenato à concretização de seus objetivos. Almejavam todos a ruptura dos compromissos assumidos com as academias ultrapassadas pelo progresso do mundo contemporâneo. Posteriormente, definiram-se pela busca de nossa identidade cultural, pela abertura às raízes étnicas e, com estas, aos temas populares.

Em Higienópolis se constituiu um novo salão cultural, por iniciativa do escritor Paulo Prado. Ali se reuniam intelectuais e artistas conhecidos como "modernistas": Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Graça Aranha, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, o escritor Paulo Duarte, etc. Era oferecido um almoço aos sábados que terminou quando Paulo Prado oficializou sua união com D. Marinette, propiciando então a substituição dos amigos pela deses parentes. (46)

Já agora a cidade contava com vários salões, o do Prof. Freitas Valle na Vila Mariana e de D. Olivia Guedes Penteado nos Campos Elíseos, voltados para o mesmo objetivo do primeiro. No de Higienópolis, porém, nasceu a idéia da Semana de 1922, atribuída por Paulo Duarte e por outros, a D. Marinette.

A participação de Paulo Prado fora das mais ativas no "modernismo" paulista. Foi o mecenas da Semana, pois graças à sua prodigalidade a idéia foi levada avante, tendo financiado o aluguel do Teatro Municipal onde a mesma se realizou. Paulo Prado procurou também trazer da França figuras do interesse dos nossos intelectuais, como o poeta Blaise Cendrars, que veio várias vezes, às expensas daquele e se hospedava na casa de Higienópolis.

Do ponto de vista da arquitetura, surgiram no Bairro algumas casas "art déco", como a já mencionada de Antonieta e Caio Prado que foi um dos palacetes mais notáveis no estilo em São Paulo. Projetada, como já dissemos anteriormente, pelo arquiteto Elisiário Bahiana e construída pela Cia. Comercial e Construtora, pelo ano 1928-1929, a residência procurava internamente ser coerente com a fachada, não só quanto ao tratamento do espaço como com relação à decoração. Muitos móveis, tapetes e painéis foram feitos no estilo, e assinados ao que tudo indica, pelo casal Gomide — Graz ou pelo pintor Antonio Gomide.

O arquiteto Jaime Pereira do Valle também procurou reformar internamente a casa de sua infância na Avenida Higienópolis, hoje Cultura Inglesa, cujo saguão mantém até agora elementos "art déco", no

46) Depoimento de Paulo Duarte à autora em 1978.

tratamento que recebeu o pé direito, a escadaria e o piso trabalhado em mármore.

Quanto ao neocolonial, lançado praticamente na Avenida Paulista com a residência de Numa de Oliveira, projetada por Ricardo Severo, teve pouca repercussão no Bairro de Higienópolis. Limitou-se à casa da Avenida Higienópolis, cujo projeto foi de autoria do engenheiro Alexandre Marcondes Machado e a algumas vilas na Avenida Angélica.

Surgido como reação ao Ecletismo, o neocolonial encontraria maior originalidade e coerência com seus objetivos nacionalistas nas obras de Victor Dubugras.

Em breve, porém, ocorreriam acontecimentos que afetariam a nossa sócio-economia e nossa política. Grandes fortunas do café e o prestígio político dos paulistas ficaram abalados com a crise de 1929 e a Revolução de 1930.

Higienópolis, entretanto, permaneceu ligada à idéia do burguês típico de uma época. Tanto assim que aparece numa série de obras de nossa literatura como lugar de residência do fazendeiro de café e proprietário de indústria no Brás (Amar, verbo intransitivo de Mário de Andrade) (47), ou do comissário de café em Santos atingido seriamente pela crise de 1929 (Raiz Amarga de Maria de Lourdes Teixeira) (48) etc. e sobretudo nas duas obras exponenciais da nossa literatura modernista: Memórias Sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade de 1923 (49) e Macunaíma de 1928, de Mário de Andrade (50), quase todas imbuídas de forte dose de crítica social.

Na obra de Oswald, que se passa em 1912, João Miramar é um jovem de vida boêmia, possuidor de veleidades literárias e ligado culturalmente à Europa e aos Estados Unidos, para onde viaja constantemente. Casa-se com uma prima rica, proprietária de fazenda e reside num palacete de Higienópolis. Freqüenta o Automóvel Clube, a Hípica, o Clube Paulistano, Santos e Guarujá.

Era na última casa da Rua Maranhão, na "Noruega do Pacaembú" que residia Venceslau Pietro Pietra, inimigo mortal de Macunaíma. Mário funde na personagem as características dos vários tipos da burguesia paulista dos anos de 1920: "fazendeiro e baludo", estrangeiro, era "gigante comedor de gente". No seu palácio ou "tejupar maravilhoso,

47) ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo. Idílio. 7a. ed., São Paulo, Martins, 1978.

48) TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Raiz amarga. 2a. ed. São Paulo, Martins, 1961.

49) ANDRADE, Oswald de. Memórias Sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande. Obras completas II. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978.

50) ANDRADE, Mário de. Macunaíma o herói sem nenhum caráter. 16a. ed. São Paulo, Martins, 1978.

"rodeado de mato", entre estátuas de cera de carnaúba, Pietro Pietra escondeu o muiraquitã perdido por Macunaíma. Na casa do gigante vai Macunaíma e ali se trava o cômico episódio da disputa pela pedra (51).

Mas a burguesia tradicional, já na década de 1920 dera mostras de perda de prestígio para os prósperos comerciantes e industriais de origem imigrante. Grandes fortunas pessoais haviam sido construídas surgindo uma nova burguesia.

A Avenida Paulista onde residia a gente mais expressiva dessa nova classe ficava exatamente no topo do espião, evidenciando a preferência do paulista pelas colinas e pelos espiões para a instalação de seus bairros mais finos. A partir da I Guerra Mundial os vazios da Avenida foram preenchidos e os palacetes que se construiram significaram a meta aspirada pela pequena burguesia.

Na Avenida Paulista se passou a fazer o corso diário que reunia de tarde as camadas mais altas da sociedade paulista, incluindo o pessoal de Higienópolis e os políticos de prestígio.

Numa dessas tardes, o jovem Caio Prado Júnior, ao avistar Júlio Prestes, então Presidente do Estado e disputando com Vargas a Presidência da República, gritou um viva a Getúlio Vargas. Seu gesto, que causou o espanto dos presentes, estava como que a anunciar a falência próxima das instituições políticas e sociais da República Velha.

Politicamente a autonomia de São Paulo se perdeu com a subida de Vargas ao poder, significando para muitos o inconformismo dos paulistas a Revolução de 1932.

O povo, cujos direitos foram em parte atendidos pelo novo Governo, passava a ser considerado como a maior forma de poder no processo eleitoral.

Consolidado o poder econômico da nova burguesia, esta procuraria aliar-se à antiga classe do café, quer por alianças comerciais, quer por casamentos. Socialmente, porém, esta mantinha o maior prestígio, apesar das tentativas dos ricos-de-repente feitas para se projetarem ou para conseguirem um nivelamento.

Durante a década de 1940, persistia a distinção entre os tipos de burgueses. Em 1945, Joel Silveira, em memorável reportagem (52),

51) Os problemas de sobrevivência da pequena burguesia existente na Avenida Angélica e gravitando ao redor da poderosa burguesia que lhe ficava próxima, aparecem no famoso romance de Maria José Dupré, Éramos seis, 26a. ed., São Paulo, Ática, 1978. Para Plínio Salgado, num episódio de Cavaleiro de Itararé, crônica da vida brasileira, 2a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1937, Higienópolis é tratado como aspiração de ascensão social da pequena burguesia.

52) SILVEIRA, José. Grã-finos em São Paulo in: Diretrizes, 1945.

retratou as diferentes camadas que compunham a alta sociedade paulista, os "grã-finos". Havia, além do grupo de intelectuais liderados por Alfredo Mesquita e Roberto Moreira, os paulistas de quatrocentos anos, a gente do "pedigree": "em São Paulo ser paulista de quatrocentos anos é mais importante do que ter uma estátua em praça pública". Constituía o grupo da "reserva" a gente do dinheiro, os industriais de origem imigrante, os quais tinham seus olhos voltados para o grupo do "pedigree". Havia ainda aqueles que gravitavam em torno da alta burguesia, os "penachos" ou "estribos". Convém notar que os nomes citados entre os primeiros grupos eram figuras conhecidas de Higienópolis e da Avenida Paulista.

A indústria propiciara a diversificação de funções. Entre as atividades ou posições laterais, isto é, entre o patrão e o operário, constituía-se uma classe formada pelos técnicos e artesãos, de origem imigrante e que se tornara mais próspera, engrossando as fileiras dos profissionais liberais, dos funcionários e dos comerciantes. Tratava-se de expansão da classe média, composta por camadas predominantemente urbanas, e agora, motivada pelo consumo e pelas aspirações à ascensão social, procuraria seguir os caminhos dos mais bem sucedidos. Não se fixaram num só bairro mas partiram ao encalço tanto da especulação imobiliária quanto da aquisição de "status".

Seria essa classe média, cada vez mais beneficiada com os estímulos recebidos pela indústria, que pouco a pouco se voltaria para Higienópolis acabando por instalar-se definitivamente no Bairro após a II Grande Guerra. A partir de então, e das consequências que as grandes alterações econômicas da década de 1920 trouxeram para o urbanismo, ficariam comprometidas as características de bairro elegante e certos privilégios de Higienópolis. Motivaram, mesmo, a prazo não muito longo a extraordinária metamorfose pela qual passaria o Bairro dos anos 1950 para cá.

Assim sendo, 1929 e 1930 podem significar o fim do período que se considera "áureo" de Higienópolis, bem como o início de uma nova era que se verá a seguir, quando a maioria dos bairros paulistanos constituídos na I República começaram a descaracterizar-se.

CAPÍTULO V

O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS / HOJE

A época compreendida entre 1930 e 1945 marcada pela II Grande Guerra Mundial constituiu uma nova fase de progresso para São Paulo, que faria finalmente jus ao "slogan" de Chicago Sul-Americana, embora preservando certos aspectos de cidades européias.

As revoluções, crises e outras agitações dos anos anteriores, bem como a Revolução de 32, não interromperam o crescimento da capital, que se processava em ritmo cada vez mais acelerado. Mantinha-se a cidade como metrópole cosmopolita, dada a variedade de povos que compunham a população (1) e permanecia como metrópole do café, ainda que os interesses econômicos estivessem dirigidos nestes anos, para culturas diversas (algodão, cana-de-açúcar, etc.). Quanto à industrialização ampliava-se a sua capacidade dedicada, todavia em larga escala, à produção de bens de consumo imediato.

Em apenas dez anos duplicara a população paulistana. São Paulo entrava na nova década com um milhão de habitantes. A intensificação do crescimento demográfico ocorrido devido às crises sucessivas da lavoura, e a oferta de trabalho representada pela capacidade de seu parque industrial, levaram à grande demanda de moradia e a uma

1) PETRONE, Pasquale. O aparecimento da megalópolis in FERNANDES, Florestan et alii. Comunidade e Sociedade no Brasil. Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. São Paulo, Ed. Nacional e EDUSP, 1972, p. 235 e s.

nova expansão da malha urbana. Esta se deu pela ocupação dos vazios conduzindo à conurbanização dos núcleos externos antes isolados, como Lapa, Penha, Ipiranga, Santo Amaro e Pinheiros, ou pelo surgimento de novos bairros periféricos cujo acesso era propiciado pelos trens e bondes, e agora também pelo ônibus e pelo automóvel.

Nesse período notou-se que a área urbana se expandiu de uma superfície de 130 km² urbanizados para 420 km², 270 km² dos quais ficaram à mercê dos especuladores, sem qualquer diretriz e meta que não o lucro. Dentro desse contexto presenciou-se não um crescimento regular e planificado de cidade, mas sim a ocorrência de um "inchaço", provocado pela falta de infra-estrutura e de planejamento.

A cidade permanecia desconexa, compartimentada por funções e classes sociais, pela presença das ferrovias e pelos obstáculos geográficos e sobretudo, pelas várzeas. Urbanizados no começo do século o Vale do Anhangabaú e a Várzea do Carmo (Parque D. Pedro II), partia-se para a conquista das várzeas do Tietê. Eram feitos os primeiros serviços de retificação deste rio, as obras de drenagem de 17 km de várzea (2) e aterramento. Enquanto a população operária procurava aqueles bairros periféricos ou os subúrbios, a alta burguesia dava seqüência à sua marcha para Oeste. Já estavam ocupados os Bairros-Jardins: Jardim América, Jardim Europa e o Jardim Paulista, o Pacaembú e o Alto da Lapa, enquanto Higienópolis se encontrava definitivamente superado por estes e pela Av. Paulista.

Com exceção da alta burguesia que vivia em casa própria, as casas eram na maioria de aluguel, residindo os pobres em vilas operárias ou cortiços. Dada a procura de moradia e não havendo controle sobre os impostos, a construção civil tornar-se-ia negócio dos mais rendosos. Esta seria agora receptora dos capitais liberados da lavoura, da indústria e de outras formas de comércio, sobretudo os lucros da guerra dariam grande incremento à especulação imobiliária, constituindo-se nessa época a indústria de construção em São Paulo.

Ao mesmo tempo, surgiram as primeiras formas diferentes de morar. A introdução de outras técnicas de construção como o concreto armado, de diferentes materiais, e do uso do elevador, a insuficiência dos transportes coletivos, que passavam obrigatoriamente pelo centro congestionado, podem explicar a expansão vertical da cidade ao lado da sua expansão horizontal. A cidade entrava assim na era do concreto armado, tendência observada na década anterior no centro da cidade.

2) PETRONE, Pasquale. São Paulo no século XX. in AZEVEDO, Aroldo et alii. A cidade de São Paulo. Estudos de geografia urbana: Evolução urbana. São Paulo, Ed. Nacional, 1958, 2.º v., p. 152 e s.



Foto 56 — Chalé com terraço fronteiro que pertenceu a Aymoré Pereira Lima, na Av. Higienópolis, n.º 663. Foto da autora.



Foto 57 — Remanescentes de casas de aluguel, de influência "art nouveau", na Av. Higienópolis. Foto da autora.



Foto 58 — Palacete de Antonieta Cintra Gordinho (em primeiro plano) e da Cúria Metropolitana. Ao fundo o Condomínio Bretagne. Foto da autora.



Foto 59 — Remanescente de residência da Av. Higienópolis que pertenceu a Raul Cunha Bueno. Foto da autora.



Foto 60 — Antiga residência de Nhonhô Magalhães, hoje Secretaria de Segurança Pública, na Av. Higienópolis. Foto da autora.

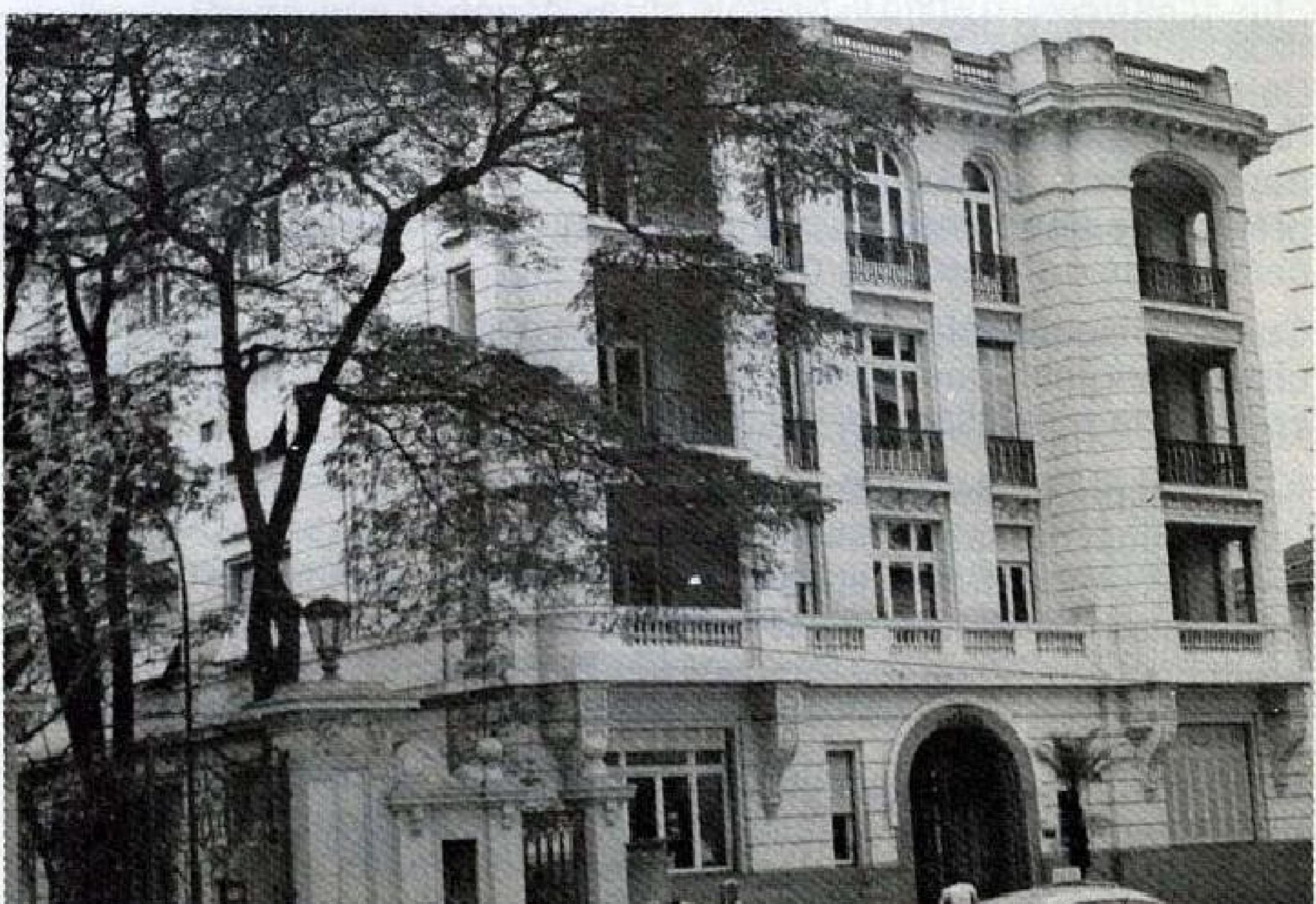


Foto 61 — Prédio "D. Pedro II", 1938, o primeiro da Avenida Higienópolis.

Para a arquitetura paulista a época foi denominada "fase heróica", porque assistimos à luta travada por um grupo de arquitetos com vistas à implantação da chamada arquitetura moderna ou internacional, contra o preconceito da população e da velha geração de profissionais.

O Bairro de Higienópolis pode ser situado nessa realidade. Dada a sua localização, próxima à zona central, e ao antigo prestígio, sofreria o assédio da classe média, da especulação imobiliária e do tráfego, o que acabaria por comprometer de forma irreversível a qualidade de vida e o conjunto urbanístico primitivo e/ou sua paisagem. Por isso mesmo será visto após 1930 muito mais do ponto de vista sociológico e urbanístico do que propriamente histórico.

É possível situar a transformação espacial do Bairro de Higienópolis em dois momentos: de 1930 a 1949 e de 1950 até nossos dias.

PRIMEIRO MOMENTO: DE 1930 A 1949

Esse período pode ser classificado como de "descaracterização" de Higienópolis, pois que verificamos o início da perda dos traços que foram peculiares ao Bairro, representantes de um estilo de vida marcante na cidade. Higienópolis perdeu o antigo prestígio para a Avenida Paulista, o Jardim América e o Pacaembú.

Durante esse momento, deram mostras os primeiros sinais que atuariam intensamente após 1950, conduzindo à expansão vertical e a perda de sua exclusividade residencial, a saber: surgiram alguns prédios de apartamentos pioneiros e intensificaram-se as atividades comerciais de prestação de serviços.

Como consequência, comprometeu-se a homogeneidade do conjunto urbano original, que apresentava um perfeito equilíbrio entre a área construída e os espaços destinados à vegetação.

Sob o aspecto de perda de qualidade de vida, se pode falar em decadência do Bairro, mesmo porque houve deterioração de algumas áreas. As mudanças registradas, no entanto, não chegaram a ser freqüentes, considerando-se ainda que as construções dos edifícios eram morosas. Veremos que, em 1940, Higienópolis ainda fazia jus a certo prestígio entre os bairros da alta burguesia paulistana.

Falecimentos de personalidades importantes, saídas de algumas famílias para bairros mais afastados, ou divisão de fortunas entre herdeiros foram alguns dos acontecimentos que alteraram a vida do Bairro e as funções de alguns palacetes que, quando não permaneceram fechados por certo tempo, transformaram-se em escolas, pensões e

até em cortiços. Outras poucas residências foram derrubadas para cederem lugar aos primeiros prédios. Notou-se também que alguns lotes foram retalhados entre herdeiros e vendidos separadamente.

Nessas alterações ficariam patentes as primeiras tentativas de penetração da classe média, ansiosa de usufruir dos lugares então privativos da elite paulista, camada social esta que conhecia Paris mas não conhecia São Paulo.

Foram primeiros sintomas de "descaracterização" de Higienópolis a fundação de escolas, forma não agressiva, tampouco ostensiva de comércio e que, ao mesmo tempo, encontrava clientela dentro do próprio Bairro. Talvez se aproveitasse da tradição escolar do Bairro sugerida pela presença do Mackenzie e do Sion. Ao que tudo indica a primeira escola se formou no porão da "Vila Nina" por iniciativa da viúva de Toledo Malta.

Na década seguinte foi a vez das residências dos Pereiras do Vale e dos Fonsecas Rodrigues, que se transformaram, respectivamente, no Colégio Nuno de Andrade e na Sociedade de Cultura Inglesa. A fachada da segunda foi totalmente alterada, porém seu interior, ainda que adaptado para receber a escola, preservou o saguão 'art déco'.

Alguns palacetes transformaram-se em pensões. Antonio Cândido nos fala de uma pensão, situada na Avenida Angélica, n.º 842, nos anos de 1930, e da "Pensão Solaris" na Avenida Higienópolis, em frente a casa de Paulo Prado, que pertenceu a um alemão, e onde o jovem estudante chegado de Minas Gerais foi viver. Registramos também a saída da família de Francisco Camargo Lima do palacete de Higienópolis e a instalação no mesmo de uma pensão. Essa casa, em 1949 foi adquirida pelo Dr. Rubens de Brito onde instalou sua clínica médica, a qual até hoje ali se encontra. Nesse período, outras casas da Rua Maranhão também abrigavam pensões.

Por outro lado, ocorreu a construção de novos palacetes, revelando todos persistência cultural.

Em 1931 ficou pronto o último palacete do período "áureo" de Higienópolis, situado na Avenida Higienópolis, esquina com a Rua Albuquerque Lins. Quem iniciou a sua construção foi o rico fazendeiro Nhonhô Magalhães, que residia ao lado, numa casa pequena edificada por Ramos de Azevedo. O palacete foi construído num terreno vago acrescido de parte do terreno que pertenceu a Reynaldo Porchat. Externamente sofreu influência do neoclássico e no seu interior, do estilo manuelino, ostentando uma profusão de ornamentos em madeira, inspirados numa visita que o fazendeiro fizera a Portugal. Este faleceu antes do término da nova casa que foi habitada por sua família.

O arquiteto francês Jacques Pilon, recebido socialmente pela alta burguesia do Bairro, marcou sua presença não só realizando um dos

prédios pioneiros — o que veremos mais adiante — como projetou e construiu residências ou fez reformas importantes.

A casa de Antonio Prado Júnior, antiga "Vila Maria" foi reformada por Pilon em 1941, após uma reforma sofrida em 1924, a cargo do Escritório Técnico "Ramos de Azevedo". Desta vez ia receber o casal Marjorie e Jorge da Silva Prado no andar térreo, e Antonio Prado Júnior no superior.

Dois anos depois, Pilon construía nos jardins da "Vila Penteado" uma casa para Honório Álvares Penteado. Em 1947, inspirando-se no "Petit Trianon", construiu a residência do casal Antonieta e Antonio Cintra Godinho, na Avenida Higienópolis, n.º 870. A casa só ficou pronta quatro anos depois e o casal residiu muito pouco tempo, de onde saiu para a Avenida Paulista. O palacete permanece até hoje fechado com parte de sua decoração original, apenas aberto esporadicamente, nas ocasiões em que D. Antonieta oferece seu salão para recitais benéficos. D. Antonieta pretende futuramente instalar na casa um museu histórico de sua família.

Pilon remanejaria para o neoclássico nacional, em época mais recente, a fachada do chalé mais antigo da Rua Maranhão, que pertenceu a Lourdes e a Cícero Prado.

Em contrapartida, em 1946, Alfredo Mesquita retornou ao Bairro, construindo na Avenida uma casa cujo espírito evidencia a busca das raízes de uma arquitetura genuinamente brasileira.

Portanto, de modo geral, continuou a haver preocupação estética e um tanto uniformizante do Ecletismo quanto à construção das casas, tanto das residências mais ricas quanto das "casas de aluguel". Os quintais e jardins com suas jaboticabeiras, hortaliças e flores continuaram a ter o seu lugar e os porões altos e habitáveis ainda serviam de adegas ou de refúgio para a criançada quando escapulia da vigilância das governantes. Os poucos terrenos vazios, não atingidos pela especulação, serviam de chácaras de flores.

A "Vila Penteado" ainda abria seus jardins uma vez por semana para as crianças das redondezas brincarem. A Condessa Penteado, D. Nicota, lhes oferecia os brinquedos. Durante o Natal a família conservava o hábito de distribuir presentes e biscoitos aos pacientes da Santa Casa. Tais atitudes refletiam resquícios de patriarcalismo e de mentalidade burguesa que caracterizou os habitantes do Bairro.

A Condessa, entretanto, vivia só no casarão, cercada de criadagem portuguesa. A cocheira da "Vila Penteado" transformara-se em atelier para seu neto, o pintor Carlos Prado e depois em residência e biblioteca de Caio Prado Jr.



Foto 62 — O "Edifício Condomínio Alagoas", primeiro prédio do Bairro de Higienópolis, erguido em 1933, para Abel Drumond, pela Construtora "Barreto Xandi e Cia. na rua do mesmo nome, esquina com Avenida Angélica.

A Condessa Penteado faleceu em 1938 e a "Vila Penteado" permaneceria fechada durante dez anos. A partir de então os jardins não foram mais abertos às crianças das redondezas, mas tão somente aos descendentes das antigas famílias que ainda, impedidos pelas governantes, não podiam misturar-se aos meninos que freqüentavam a Praça Buenos Aires.

No que se refere à expansão vertical, as primeiras iniciativas partiram dos moradores ou dos proprietários em Higienópolis, tanto visando a exploração para renda quanto para uso das próprias famílias. Os prédios para grandes famílias foram vários e davam seqüência ao costume que se observava entre as mesmas de residirem em torno da autoridade patriarcal, constituindo-se verdadeiros clãs.

Encontrava-se a cidade em sua terceira fase do ponto de vista construtivo, a do concreto armado. Muitos prédios de tijolos do velho centro já haviam cedido lugar aos prédios com salas para escritórios que serviam aos fazendeiros de café, industriais, banqueiros e comerciantes.

O velho centro reunia lojas, igrejas, bancos, casas de modas, e nos seus entornos antigas residências e outros serviços. Nos anos 1930, vemos a dilatação do velho centro estimulada pelo novo Viaduto do Chá enquanto a função residencial ao seu redor era expulsa para os bairros. Abria-se a Rua Marconi, ampliava-se a Barão de Itapetininga ou se remodelava a Praça da República, constituindo o "centro novo" que se cobriu de prédios de dez ou mais andares.

Concomitantemente, nos bairros contíguos ao centro apareceram os primeiros prédios de apartamentos para residências, os quais sofreram, no início, preconceito da parte dos paulistas que os denominavam "cortiços de ouro".

O primeiro prédio de Higienópolis foi o Prédio Alagoas, erguido em 1933, na esquina da rua do mesmo nome com a Avenida Angélica, ano em que surgia o primeiro prédio da Avenida Paulista, na esquina da Rua Frei Caneca, e o "Edifício Columbus" na Brigadeiro Luís Antonio, este último obra de Rino Levi.

O Edifício Condomínio Alagoas como se denomina hoje, encontra-se inteiramente alterado com relação ao projeto original. Foi construído para Abel Drumond, pela firma "Barreto Xandi e Cia.", e possuía cinco andares e duas lojas no térreo. Lembra o engenheiro Paulo de Mattos Barreto (3) que esse prédio foi o primeiro em São Paulo a ter um apartamento por andar, com quatro dormitórios, tendo sido alvo, contudo, de críticas feitas através da imprensa, contrárias à construção de edifícios em bairros residenciais. Porém, seu êxito comercial foi imediato, os apartamentos logo foram alugados e uma das lojas ocupadas por um salão de cabeleireiros.

Pouco depois, André Matarazzo encarregava a firma "Matarazzo e Pilon" constituída por seu filho, o engenheiro Francisco Matarazzo Netto e o arquiteto francês Jacques Pilon, da construção do "Prédio

3) Depoimento à autora em dezembro de 1979.



Foto 63 — Os Prédios "Santo André" e o "Augusto Barreto", na Avenida Angélica, respectivamente segundo e terceiro edifícios de Higienópolis, 1935 e 1937.

"Santo André" na esquina da Avenida Angélica com a Rua Piauí, junto à Praça Buenos Aires. Possui sete andares e os apartamentos também eram de luxo e foram prontamente alugados. No térreo havia uma loja onde funcionou de imediato uma barbearia.

Dois anos depois, quando era construído o Edifício Esther, na Praça da República, era erguido o terceiro edifício do Bairro de Higienópolis por iniciativa de Augusto Barreto, fazendeiro de café em Mococa e no Município de Cambará. Sua família residia na Avenida Angélica em duas casas que ficavam vizinhas ao Prédio Santo André. Seus filhos, engenheiros da firma "Barreto Xandi & Cia." foram os construtores do "Augusto Barreto", erguido para moradia do fazendeiro, e numerosa descendência. Trata-se de um prédio de interesse para a arquitetura paulista em puro estilo "art déco", que se conservou original até nossos dias. Significativa é sua altura, dez andares, de onde os moradores pudera avistar o Zeppelin em evoluções sobre o Campo de Marte. Dali se viam também o Pacaembú e o Centro. (4)

4) A firma "Barreto Xandi" ainda construiria mais um edifício, na esquina da Rua Aracaju com a Avenida Higienópolis. Em finais da década de 1930 surgia o edifício "Angélica II" em frente ao "Augusto Barreto". Este constituía uma seqüência ao "Angélica I", erguido em 1935, na esquina da avenida do mesmo nome com a Praça Mal. Deodoro.

Quanto à Avenida Higienópolis só teria o seu primeiro prédio no ano seguinte, o "D. Pedro II", com apenas dois andares. Prestes Maia, então Prefeito da cidade negara licença para a edificação de um prédio mais alto. A iniciativa partiu da família de Nhonhô Magalhães que fez demolir a antiga casa que possuía na Avenida e encarregou a firma "Siciliano e Silva" do projeto e da construção.

Os prédios continuariam a ser edificados esporadicamente na década seguinte. Surgiram de preferência nas proximidades da Praça Buenos Aires e na Avenida Higienópolis.

Desfeita a sociedade com Pilon, Francisco Matarazzo Netto construiu em 1943, mais um edifício para a sua família, o "Santa Amália", ao lado do "Santo André", enquanto se erguia o Prédio Higienópolis, na avenida do mesmo nome, no lugar em que residiu a família Alves de Lima.

Mas o expoente das construções da década foi o edifício "Prudência e Capitalização", de 1944. Projetado pelo arquiteto Rino Levi, com jardins de Burle-Marx, é considerado um dos marcos da arquitetura em São Paulo, e o edifício mais importante do Bairro.

Mais uma vez se procurava levar para os prédios o luxo e o conforto das residências, com relação às dimensões e ao acabamento. Os "Apartamentos Prudência" foram dos primeiros a oferecer aos moradores opção para a organização dos espaços e instalação central de ar refrigerado com controle individual. Os doze andares do edifício comportam quatro apartamentos por andar e dois especiais, nos últimos andares com jardins. A garagem é semi-enterrada e o térreo fica em "pilotis" entre os jardins e o "play-ground". (5)

Portanto, o Bairro de Higienópolis, "orgulho dos paulistas", cartão de visitas da cidade, passeio obrigatório dos moradores e visitantes de São Paulo, possuindo um dos pontos panorâmicos mais belos, de onde se avistavam as matas do Pacaembú até o Jaraguá, tornou-se expressão de outra fase remodeladora da cidade, tendo sido dos primeiros a romper com a horizontalidade paulistana e a entrar na era do concreto armado.

Os primeiros apartamentos não passavam de artigos de luxo. Seus aluguéis eram caríssimos. Enquanto uma casa grande em Higienópolis se alugava por oitocentos e cinquenta mil réis ao mês, o aluguel de um apartamento não valia menos de um conto de réis.

Higienópolis, nos anos 1940 ainda era sério concorrente do Pacaembú e do Jardim América, apesar de se encontrar abalado o seu antigo prestígio. Uma pesquisa realizada sob a coordenação de Donald

5) Rino Levi. Introduzione di Roberto Burle Marx e Nestor Goulart Reis Filho. Milano, Edizioni di Comunità, c. 1974. p. 70-73.



Foto 64 — "Apartamentos Prudência e Capitalização", projetados por Rino Levi em 1944, com jardins de Burle-Marx. Aspecto atual de entrada. Foto da autora.

Pierson (6) compara entre si esses três bairros residenciais classe A. Verificamos que Higienópolis, apesar de estar perdendo sua primazia, ainda mantém um "status" elevadíssimo: em 25 casas de sua circunscrição são mantidos 120 criados domésticos, em contraponto a 80 no Jardim América e 60 no Pacaembú; em média havia vinte cômodos em cada residência, contra dezesseis no Jardim América e quatorze no Pacaembú. Enquanto que, para se ter uma idéia do acirramento das desigualdades sociais em São Paulo, observamos que nos bairros da Moóca, Bexiga e Canindé a média de cômodos por residência não ultrapassava a cifra de 2, 3 a 5. Todavia, com relação aos três primeiros bairros, Higienópolis sai vencedor com 206 móveis. O Jardim América com 116 e o Pacaembú com 95; e com 70 sanitários para 57, no Jardim América e 62 no Pacaembú, o que demonstra o elevado padrão de vida dos moradores de Higienópolis.

Os meios de transporte também evidenciavam a elitização que ainda a essa época permeava o Bairro. O bonde continuava a ser largamente utilizado lembrando a observação que Mário de Andrade fizera poucos anos antes. "Em Higienópolis, os bondes passavam com bulha

6) PIERSON, Donald. Habitações de São Paulo. Estudo comparativo, in: Revista do Arquivo Municipal, v. LXXXI, São Paulo, 1942.

quase grave soberbosa, macaqueando o bem-estar dos autos particulares. É o mimetismo arisco e irônico das coisas ditas inanimadas. São bondes que nem badalam..." (7) De fato os "camarões" e os bondes com reboques seguiam ausentes de Higienópolis, transitando apenas pela Avenida Angélica. O cobrador conhecia seus usuários, cumprimentava-os, tirava o chapéu às senhoras e se preocupava com as crianças que iam para a escola e que tomavam o bonde andando.

No contingente de estrangeiros em Higienópolis pequeno mas importante, ainda era mais significativa a presença alemã, pelo que se depreende do episódio a nós descrito por René de Lima Yazaki, quando da passagem por São Paulo do dirigível Hindenburg. Este, ostentando a insígnia suástica, foi entusiasticamente saudado pelos germânicos do Bairro, que saíram às ruas aos gritos de "Viva a Alemanha" e "Viva Hitler".

Poucos núcleos comerciais localizaram-se no Bairro durante esse período; apenas um armazém e uma farmácia na Praça Buenos Aires, iniciativa de um comerciante português; mais um botequim na Avenida Angélica esquina da Rua Sergipe, e uma sorveteria e confeitaria nesta última rua podem ser presumíveis da última década, além das lojas nos prédios citados.

A tentativa de preservação da categoria estritamente residencial de Higienópolis determinaria a criação de pequenos núcleos de comércio satélites do Bairro, inserindo-se nesse quadro, as pequenas oficinas de artesanato pertencentes a imigrantes italianos, vindos após a I Guerra Mundial. Residentes nas circunvizinhanças do trecho inicial da Avenida Angélica, faziam ornamentos em gesso a serem aplicados nas casas do Bairro, enquanto suas mulheres serviam de lavadeiras para a região. Foi igualmente desenvolvido o comércio em Santa Cecília, notadamente na Rua Sebastião Pereira, fornecendo artigos de luxo e pretexto para passeio aos compradores, em sua maioria residentes em Higienópolis.

Manteve-se a tendência à instalação de escolas também nas redondezas, do que se beneficiaram enormemente os habitantes do Bairro: a Fundação Escola de Sociologia e Política de 1933, funciona até hoje na antiga casa da Rua General Jardim; o Colégio Claretiano, instituído em 1939, na Rua Jaguaribe, ao lado da Igreja do Sagrado Coração de Maria, e o Colégio Rio Branco, transferido da Vila Mariana para a Rua Dr. Vila Nova, de onde se estenderia para a Rua Maria Antonia.

Na Rua Caio Prado havia o Colégio "Des Oiseaux", instalado na antiga Vila Uchoa, onde foi fundada a Faculdade de Filosofia e Letras "Sedes Sapientiae". Higienópolis contava com a primeira biblioteca escolar

7) ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo. Idílio. São Paulo, Martins, 1978, p.9.

de vulto em São Paulo, pertencente ao Colégio Mackenzie desde 1876. Em 1935 era inaugurada na Vila Buarque a Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", quando era Prefeito Fábio Prado. Edificou-se também, junto à mesma, o Teatro Leopoldo Fróes, ambos situados na quadra em que existiu o palacete do Senador Rodolfo Miranda.

A instalação de uma escola de nível superior dentro do Bairro de Higienópolis, na casa mais importante, a "Vila Penteado", pode significar o marco final do primeiro momento. Em 1947, os jardins da "Vila" foram divididos entre os herdeiros. Os irmãos Silvio e Armando Álvares Penteado adquiriram as partes relativas ao prédio, que cabiam aos demais herdeiros, e fizeram a doação da casa à Universidade de São Paulo, com a condição expressa de que nela funcionasse a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, recém-fundada na Escola Politécnica. A FAU mudou-se para o palacete em 1949 e os fundos do palacete, que davam para a Rua Maranhão, passaram a ser a frente da Escola.

No que se refere aos jardins da "Vila Penteado" enquanto aguardavam novo destino, sofreram abandono e o mato invadiu a área. O parque fronteiro transformou-se em terreno baldio onde havia um barracão de madeira, e a estufa, também abandonada, viu-se invadida pela criança da vizinhança da Rua Maranhão. Nesta, por sua vez, se haviam constituído cortiços, no trecho junto à Rua Itambé. O arquiteto Gustavo Neves da Rocha Filho, então estudante da FAU, recorda que o grande chalé dessa esquina, outrora pertencente ao Dr. Sá, transformara-se em cortiço, assim como as duas casas vizinhas. Podiam ser vistos da rua os quartos imensos divididos por tabiques e um número excessivo de ocupantes.

Nessa mesma época a firma construtora "Artacho Jurado" comprava a casa de Antonieta da Silva Prado que a demoliu para construir no lugar o Edifício "Brasil República". Essa firma seria a lançadora dos grandes conjuntos habitacionais de luxo no Bairro, numa época em que se generalizara o sistema de condomínio.

Mas os anos de 1940 finalizavam também com a edificação de prédios de apartamentos a preços módicos, o "Rubayat" e o "Teresópolis" ambos na Avenida Higienópolis, iniciativas estas que prometiam uma nova era para o Bairro.

A partir de então, seria freqüente o êxodo de elementos da alta burguesia, os quais deixavam seus palacetes em busca de lugares mais aprazíveis, cedendo lugar aos arranha-céus, ao comércio e, com estes, à classe média. Sobretudo na década de 1960 se generalizaria a utilização do apartamento para residência, ocasião em que Higienópolis estaria praticamente transformada numa floresta de concreto armado.

Exemplos da transformação de residências



Foto 65 — Externato Nuno de Andrade e Cultura Inglesa, na Av. Higienópolis. Foto da autora.



Foto 66 — O Restaurante Roma e a Cantina Piazza Colonna, na Rua Maranhão. Foto da autora.



Foto 67 — Remanescente de residência na Av. Higienópolis. Eurico Sodré foi seu primeiro morador. Foto da autora.

Evidenciou-se, portanto, no período a que denominamos de "descaracterização" do Bairro, a superposição de novos elementos em contraposição ao estágio anterior, iniciando-se o processo de interrupção do mesmo, ora lento e gradativo para precipitar-se de forma intensa na etapa seguinte.

SEGUNDO MOMENTO: DE 1950 AOS NOSSOS DIAS

Após a II Grande Guerra, assiste-se à revigorização da nossa indústria. As divisas que se acumularam durante a guerra foram utilizadas em parte para a importação de matérias-primas e o aperfeiçoamento dos bens de produção. Enquanto também eram beneficiados os preços do café, a produção industrial aumentara 122%, de 1946 a 1955. Sem dúvida nenhuma a industrialização era propiciada pela ampliação do mercado interno, pois a população crescia numa percentagem de 3% ao ano. (8)

8) CANABRAVA, A.P. Esboço da história econômica de São Paulo in: BRUNO, E.S. et alii. São Paulo, terra e povo. Porto Alegre, Globo, p. 38 e s.

Eleito em 1951, Getúlio Vargas procuraria dar maior estímulo à indústria que permanecia voltada à produção dos bens de consumo, agora um tanto mais complexos, incluindo produtos químicos, metalúrgicos e aparelhos eletrodomésticos.

Mas a indústria receberia o maior impulso no Governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que promoveu a instalação da indústria automobilística em São Paulo, a qual garantiria a produção de bens de capital no país, ainda que com pesado ônus para as nossas divisas.

A nova indústria beneficiou internamente as indústrias paralelas e médias bem como o comércio, favorecendo sempre a expansão da classe média e a formação de uma classe constituída por técnicos brasileiros.

O parque industrial paulista, excelente mercado de trabalho, passou a atrair para a capital migrantes vindos em massa do Nordeste e de Minas Gerais, principalmente. São Paulo, no quarto centenário de sua fundação estava com 3.000.000 de habitantes e assumia definitivamente o aspecto das modernas cidades industriais norte-americanas. Seu "slogan" tornou-se "a cidade que mais cresce no mundo". Perdia seus monumentos da civilização do café e cobria-se de arranha-céus. Estes agora invadiam os bairros, como a Liberdade, Consolação, Santa Cecília, Higienópolis, Vila Buarque e a Avenida Paulista. Rasgada por avenidas e viadutos recém-construídos, sugeria uma "colcha de retalhos", conforme expressão de Pasquale Petrone, tal sua diversidade de aspectos e a falta de harmonia ou entrosamento, (9)

As várzeas porém, permaneciam vazias e ampliou-se o número das rodovias em cujas margens se instalaram as indústrias, aproveitando-se da facilidade do transporte. Nos antigos bairros operários de imigrantes estrangeiros aportaram os migrantes nordestinos, enquanto os menos privilegiados foram residir na periferia constituindo-se as favelas.

A rede urbana deu seqüência ao seu processo de dilatação, orientado não só pela ferrovia como pelas rodovias. Com exceção do Norte, onde encontra os contrafortes da Serra da Cantareira, continuou sua marcha expansiva em todas as direções. Ao Sul, englobou os municípios do ABC, Mauá e Ribeirão Pires; a Leste, ultrapassou São Miguel Paulista chegando até Moji das Cruzes; a Oeste, Osasco, Carapicuíba e Itapevi. Os próximos subúrbios da Grande São Paulo serão Santos, Jundiaí e São Roque.

9) PETRONE, Pasquale, op. cit. p. 153 e s.

Os bairros residenciais continuaram rumo ao Oeste e saltaram o Rio Pinheiros: formou-se a Avenida Cidade Jardim, loteou-se o Morumbi; e construiu-se a Cidade Universitária.

O ritmo das construções civis tornou-se sempre mais intenso. As estatísticas acusaram a construção de uma casa em cada ano para a média de 102 habitantes, ao passo que em Buenos Aires, construía-se uma casa para 134, e em Nova York para 123 habitantes por ano. Em 1954 havia 410.000 prédios na cidade, dos quais 90.000 foram construídos em apenas quatro anos. (10)

Generalizou-se o hábito de residir em casa ou apartamento próprios. Com exceção do migrante ou do operário que até hoje constrói sua própria casa ou barraco, a cidade ficou à mercê da especulação imobiliária, indústria que se apoiou na classe média ou mesmo na pequena burguesia, as quais podiam adquirir sua casa própria pelo sistema de financiamento a longo prazo ou em prestações mensais.

Os especialistas balizaram com o ano de 1954 o início do descontrole do urbanismo paulista, quando o lucro individual dos imobiliaristas suplantou os interesses da coletividade. (11)

Para Higienópolis o momento é de renovação no sentido de que se inicia uma nova era construtiva, a do concreto armado, e com esta novos moradores: profissionais liberais, técnicos, funcionários, judeus enriquecidos do Bom Retiro, diplomatas estrangeiros, comerciantes e industriais, etc.

A indústria imobiliária voltou-se definitivamente para Higienópolis desfrutando de certas vantagens oferecidas: lotes amplos, proximidades com o centro, farta condução, etc.

No entanto, sob determinados aspectos persistiu a decadência do Bairro. Perderam-se as características primitivas do conjunto urbano, assim como o alto padrão de vida que Higienópolis proporcionou, evoluindo para a "saturação" tal o número de arranha-céus que hoje cobrem a área.

Perdeu-se ainda, sua exclusividade residencial, já que assistiu-se à maior penetração das atividades comerciais e de prestação de serviços. Como consequência temos um bairro de alta densidade demográfica, que não vai além de um bairro secundário de São Paulo, padrão classe média. Apesar de que, é verdade, sofreu melhor sorte se comparado a Santa Efigênia e Campos Elíseos, por exemplo, os

10) ARROYO, Leonardo. São Paulo antigo e São Paulo moderno. São Paulo, Melhoramentos, 1953, s.p.

11) SAIA, Luiz. Morada paulista. Coleção Debates. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 223 e s.

quais se haviam deteriorado completamente, sofrendo a proximidade dos espaços ferroviários, da várzea e dos bairros operários como Bom Retiro e Barra Funda, e hoje se renovaram como áreas comerciais.

A imagem aristocrática que Higienópolis ostentou seria usada pelas construtoras como chamariz para suas vendas através de uma propaganda exuberante das incorporações dos prédios de apartamentos. Acenavam com a possibilidade de que um maior número de pessoas poderia residir num dos mais nobres pontos da cidade. As facilidades proporcionadas pelos financiamentos a longo prazo atrairiam mais do que nunca uma classe em ascenção econômica, desejosa de aparentar.

A sofisticação que se procurou imprimir nas fachadas e entradas dos prédios de apartamentos, construídos em sua maioria com elementos neoclássicos e de outros estilos históricos, dariam a procurada sensação de opulência aos compradores; mesmo os apartamentos menos luxuosos ou espaçosos, já que situados em um bairro fino, foram capazes de fornecer a imagem de prestígio buscada pelos novos moradores de Higienópolis.

No início da década de 1950, deram-se os grandes projetos comerciais de conjuntos residenciais em forma de condomínio. A primeira grande lançadora desse tipo de empreendimento foi a "Construtora e Imobiliária Monções", segundo a qual os edifícios devem ter vida social própria e os apartamentos, mais amplos, com áreas de lazer comuns. O "Condomínio Bretagne" e o "Parque das Hortênsias", respectivamente nas avenidas Higienópolis e Angélica, ambos projetados pela "J. Artacho Jurado Sociedade Técnica Ltda." e edificados pela "Monções", constituem vivos exemplos dessa afirmação. Possuem salões de festas, de jogos e piscinas, dependências e melhoramentos esses que supriam os anseios de apresentação e de lazer de uma classe em franco progresso financeiro.

Adolfo Lindenberg construiu um edifício "estilo neoclássico" no lugar em que esteve o palacete de Martinho Prado. O nome escolhido para o prédio — D. João V — denota a pretensão e afetação dessa linha de empreendimentos. Sucessivamente vemos erguerem-se as "mansões" nos terrenos dos antigos palacetes: Mansão "Orlandina Rudge Ramos", "Mansão Verlaine", "Mansão Michelangelo", etc.

Outras antigas residências passaram a escolas ou pensões. Nesse momento, as que escaparam das picaretas tornaram-se pronto-socorros, clínicas médicas, restaurantes e bancos. Poucas persistiram com sua função residencial. Encontra-se em demolição o último remanescente de chalé da Avenida Higienópolis, onde acabou de falecer Aymoré Pereira Lima, com seus 97 anos. Alguns palacetes, transformados em sedes consulares ainda puderam abrir seus salões em dias

de festas. A única casa que preserva sua função residencial na Avenida Higienópolis é a de Alfredo Mesquita.

Diminuíram os espaços dedicados aos jardins mas a arborização das ruas, que tanto deslumbrava os paulistas em suas caminhadas, se manteve, privilégio dentro de uma cidade cada vez mais carente de verde.

Uma farta rede de transportes coletivos continuou a servir o Bairro: em 1952 foi acrescido dos tróleibus, nome que recebeu o ônibus movido a eletricidade. Duas linhas serviam Higienópolis: a "Cardoso de Almeida", que saía do centro para as Perdizes e a "Machado de Assis", articulando Higienópolis com a Aclimação. Em 1966 os bondes elétricos foram retirados cedendo lugar aos automóveis.

As Avenidas Higienópolis e Angélica transformaram-se em corredores de movimento intenso. O comércio tornou-se cada vez mais diversificado, surgindo na região supermercados, restaurantes, bares, açouques, lanchonetes, boutiques, farmácias, floriculturas, quiosques de jornais e revistas, lojas nos térreos dos edifícios, alfaiates, sapateiros, cabeleireiros etc. Os pequenos serviços localizaram-se nas ruas superiores, funcionando nos sobrados enquanto a vizinha Vila Buarque transformou-se em zona do alto meretrício, com bares, hotéis, boates etc. de categoria luxo.

A atividade escolar no Bairro e nos arredores se intensificou a ponto de se poder considerar a área e adjacências, como sendo o segundo campus universitário de São Paulo.

Os dois primeiros acontecimentos importantes nesse momento, do ponto de vista cultural datam de 1950, com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P. na Rua Maria Antonia, no antigo prédio do Colégio Rio Branco e a Pró-Arte que se organizou numa casa da Rua Sergipe, sem dúvida um dos importantes centros divulgadores da arte musical, ao qual se deve a renovação do ensino da música no país. Uma das figuras exponenciais, o maestro H. J. Koellreutter, lecionou na Pró-Arte, introduzindo um método que foi o responsável pela formação dos grandes nomes da nossa música erudita moderna.

Instalaram-se ainda nessa década, os seguintes cursos superiores: a Escola Paulista de Agrimensura (até então curso médio), na Rua Bahia, em casa que pertenceu a Mário Sedow e que foi adaptada para escola; a Faculdade de Artes Plásticas "Armando Álvares Penteado" em prédio projetado por Armando Álvares Penteado, na Rua Alagoas, 903, ocupando a diretoria a casa da Rua Ceará, onde residiu o patrono. Hoje, a FAAP abriga também o Museu de Arte Brasileira, e seus cursos superiores de Engenharia, Administração de Empresas e de Comunicações.

Em 1952 os padres canadenses de Santa Cruz fundaram o "Colégio Santa Cruz" na antiga residência de Augusto Camargo. Nesse mesmo ano foi colocada a pedra fundamental do Edifício Rotary, na Avenida Higienópolis n.º 996, onde existiu a residência de Maria Antonieta Ferraz. O projeto esteve a cargo do arquiteto Leandro Dupré e o orédio terminou em 1960. José Ermínio de Moraes doou-o ao Colégio Rio Branco que saiu da Rua Dr. Vila Nova para instalar-se nesse edifício.

Em 1970 a residência de Izabel Maria de Lima na Av. Angélica, foi adquirida por Henrique Lipszyg e nela se instalou a Escola Panamericana de Arte. Interessante notar que o prédio praticamente não sofreu reformas.

A Avenida Angélica hoje repleta de escolas, cursinhos, bancos, clínicas, contou desde a década de 1940, em sua área de Santa Cecília, com escolas como o Colégio Piratininga e o Oswaldo Cruz.

Em 1963, ano da fundação da Faculdade de Medicina da Santa Casa de Misericórdia, as instalações do SESC foram inauguradas na Rua Dr. Vila Nova, 228, comportando em suas dependências diversos setores de atendimento, recreação, esportes e cultura aos comerciários. No mesmo prédio, em 1967, foi inaugurado o Teatro Anchieta, uma das melhores salas de espetáculo da cidade, preenchendo em termos a lacuna deixada pela demolição do antigo Teatro Leopoldo Fróes, situado ao lado da Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", atual Praça Rotary, cujas atividades foram interrompidas no fim da década de 1960 por total descaso e falta de conservação do prédio.

Por isso, na área se formou ambiente fértil para uma série de promoções culturais, algumas das quais se refletiram na nossa música erudita e popular.

Os estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo transformaram o precioso saguão "art nouveau" da Vila Penteado em sala de concertos. Apresentaram-se orquestras sinfônicas e conjuntos de câmara e de jazz. O Mackenzie, por sua vez, serviu como divulgador da recém-criada bossa nova em finais da década de 1950. Realizou espetáculos memoráveis dos quais participaram as figuras marcantes do novo ritmo. Posteriormente o Bairro ambientou a boêmia dos estudantes, destacando-se Chico Buarque de Hollanda e Antonio Carlos Manini, alunos da FAU, que saíam pelas demais "escolas" e pelos bares da Rua Maria Antonia fazendo ouvir suas primeiras composições.

Em contrapartida, o período 1964-1968 constituiu palco de lutas entre estudantes das diferentes entidades. Algumas dessas lutas chegaram a ser sangrentas nesse último ano, motivadas pelas diferenças ideo-

lógicas, acirradas com a vigoração do Ato Institucional n.º 5. Esse fato histórico teria precipitado a saída da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Rua Maria Antonia para a Cidade Universitária.

Na tentativa de se explorar cada pedaço disponível de terreno, Higienópolis tornou-se superpovoado. Hoje, os edifícios aglomeram-se em espaços reaproveitados. Há casos de lotes nos quais já se construíram três edificações diferentes, como por exemplo o terreno pertencente a Caio Prado onde foram erguidos sucessivamente a "Vila Antonieta", a casa "art-déco" e o "Edifício Brasil República".

Algumas medidas recentes adotadas pelo governo demonstraram que, embora tardivamente, se adquiriu em São Paulo uma conscientização do problema. A lei de zoneamento de 1972, e as leis de uso do solo de 1977, as primeiras a atribuírem às áreas urbanas uma ou várias funções, são tentativas de disciplinar a longo prazo as construções da capital.

Aquela lei dividiu Higienópolis em três zonas distintas: 4, 3 e 2, tendo como denominador comum o uso misto, isto é, residência e comércio. A zona 4, que vai da Avenida Consolação até a Rua Itacolomi, descendo pela Rua Barão de Tatuí até a Avenida São João, chegou a admitir a presença de indústrias; a zona 3 parte da Rua Itacolomi, inclui a Avenida Angélica e Rua São Vicente de Paula até a Praça Marechal Deodoro, admitindo oficinas sob controle especial. A zona 2, que engloba o trecho adjacente ao Pacaembú, é predominantemente residencial. (12).

No decorrer da década de 1970 o Bairro, um dos poucos ainda arborizados e dotado de praças, continua a ter grande procura para fins residenciais, dada a sua boa localização e conforto propiciado pelo bom atendimento dos meios de transportes coletivos e disponibilidade de serviços terciários. Nesse momento, poucos são os remanescentes das antigas famílias; a maioria da população é de origem variada, havendo grande incidência de mulheres desquitadas ou divorciadas. Quanto aos judeus, é tão marcante a sua presença que possuem sinagogas e escolas nas proximidades, e chegam mesmo a ter um centro social e recreativo, o Círculo Macabi, na Avenida Angélica. Há casos ainda de residências em estado de abandono que se tornaram cortiços. (13)

12) Novo mapa de zoneamento da cidade de São Paulo. Folha de São Paulo. Ed. especial, novembro de 1972.

13) Três contos de Eliza Barreto, reunidos sob a designação "Higienópolis", procuram retratar a decadência da burguesia tradicional do Bairro e seus contatos com uma nova realidade, in: BARRETO, Eliza. A Redoma. Rio de Janeiro, Cátedra, 1974, p. 82-100.



Foto 68 — "Leão atacado", escultura da Praça Buenos Aires. Foto da autora, 1979.

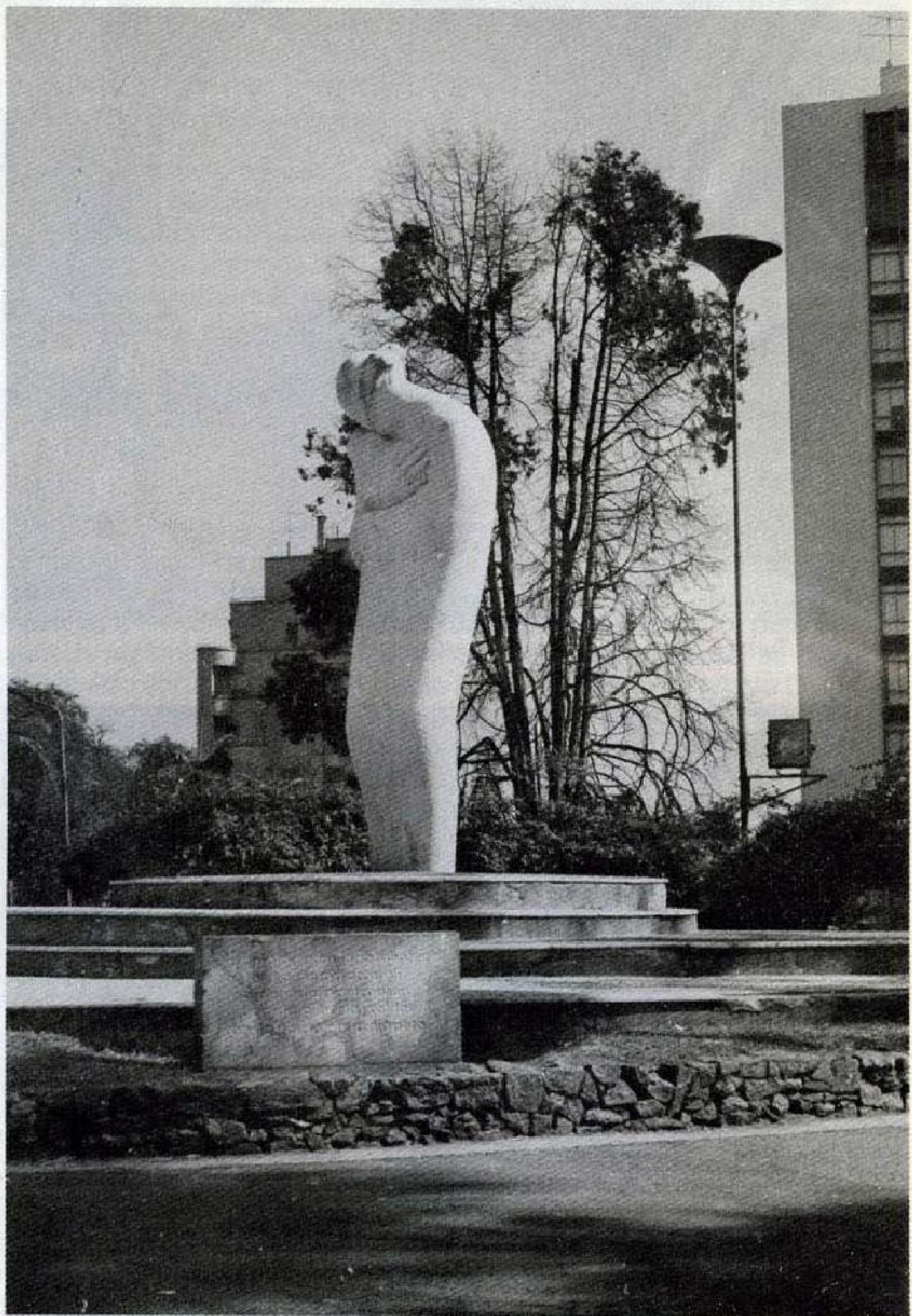


Foto 69 — “Mae”. Monumento de Caetano Fraccaroli de 1964. Foto da autora, 1979.



Foto 70 — Terraço Germaine, aspecto atual. Foto da autora.



Foto 71 — A Avenida Angélica, hoje. Foto da autora.

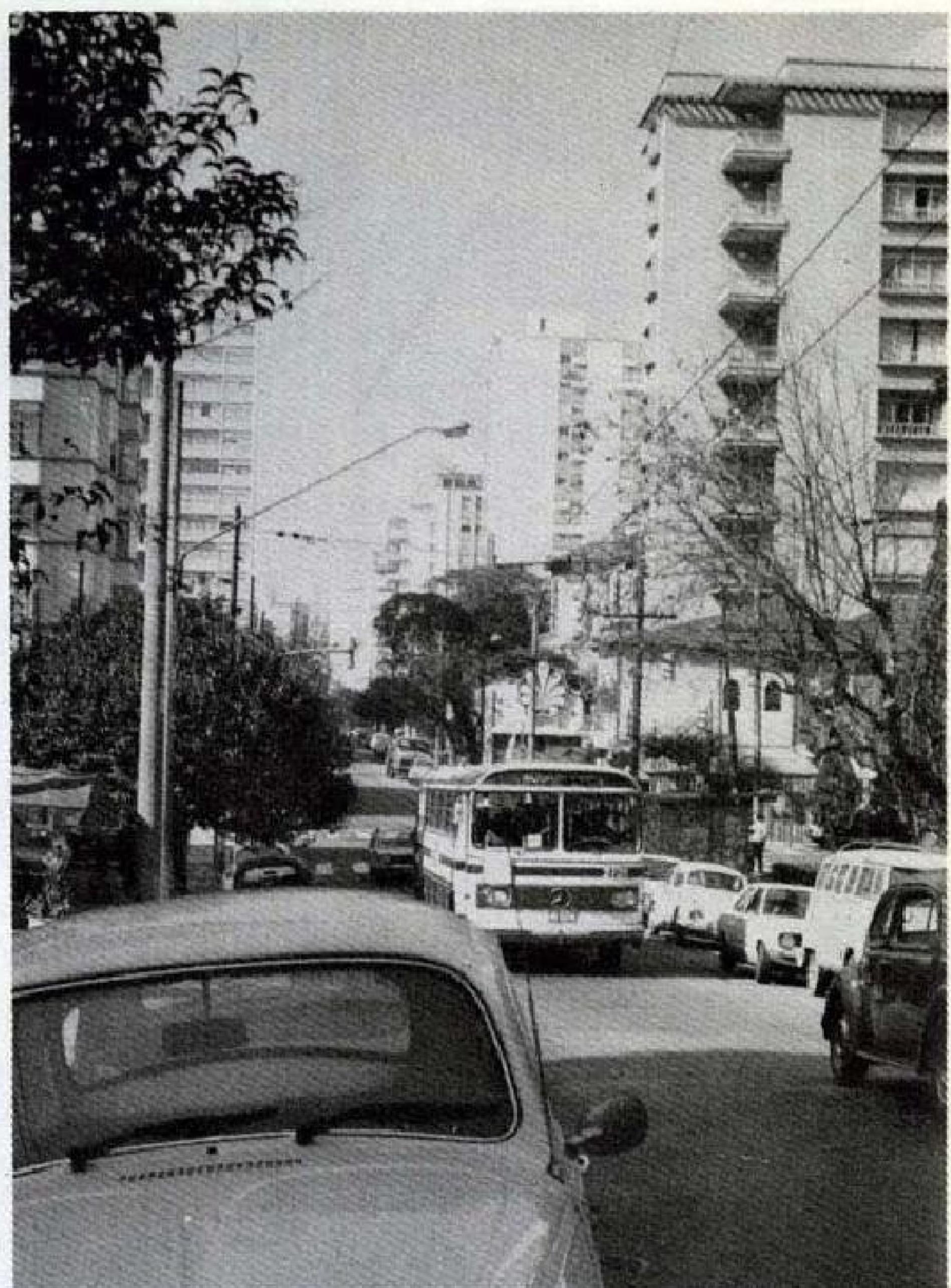


Foto 72 — Rua Maranhão hoje. Foto da autora.

O improvisado, o pretensioso, a adaptação de velhas construções, vão constituir uma constante. As reformas de interiores e fachadas, algumas visando modernização, outras buscando e atendo-se apenas a elementos Kitsch tais como estátuas, gárgulas, leões, não passam de arremedo de um passado já longínquo e de retrato de um imponente mau gosto, próprio de uma cultura massificante.

Temos ainda o exemplo das agências bancárias que se instalaram nesses velhos palacetes não alterando suas estruturas, mas violentando sua linguagem visual através do acréscimo de elementos como letreiros e cores conflitantes com seu estilo e época.

Os próprios logradouros públicos sofrem da inadequação de aproveitamento do seu paisagismo natural ou inicial como foi o caso ocorrido



Foto 73 — Aspecto atual da Rua Itambé, esquina com Rua Veridiana. Foto da autora.

na Praça Buenos Aires relativo ao monumento "Mãe", de Caetano Fraccaroli, transformado indevidamente em obelisco. Aliam-se ainda a esses fatores a depredação e o vandalismo da população que, por falta de esclarecimento não consegue participar da sua própria historicidade.

Assim, sem qualquer critério ou movimento de iniciativa governamental ou popular, desapareceram sob as picaretas algumas obras arquitéticas de valor inestimável, como as do arquiteto Victor Dubugras e de Carlos Ekman, e outras boas representantes do estilo "art nouveau", "art-déco" ou do ecletismo, talvez pelo fato de se acreditar que tudo isso é progresso, ou o que já está parcialmente deteriorado não mereça maiores esforços para tentar se preservar o que resta, e ainda

porque as pessoas que hoje compram a sua reserva de verde utilizam-se dos demais bairros como passagem.

Problemas como a poluição do ar, visual e sonora, bem como a prostituição que, atraída pelo movimento de vias de acesso, da Avenida Consolação penetrou pela Rua Mato Grosso e agora já se encontra nos fins da Rua Itacolomi, acarretaram uma desvalorização do imóvel residencial; o futuro do Bairro fica pendente dos rumos que o sistema econômico e urbano venha a tomar.

Vemos assim neste último momento a intensificação da passagem de Higienópolis de área unifamiliar para plurifamiliar, constituindo uma zona de alta densidade demográfica de São Paulo. Porém uma área de residências das primeiras décadas do século se mantém na Rua Bahia e proximidades, junto ao bairro do Pacaembú, a espera talvez de uma nova fase especulativa.

Hoje, ainda se incorpora em Higienópolis, embora em menor quantidade do que nos anos anteriores. Porém a indústria imobiliária continua a explorar o antigo "status". Por exemplo, acaba de ser incorporado na Avenida Higienópolis, n.º 968, "no fechado e aristocrático Bairro de Higienópolis, um elegante edifício estilo mediterrâneo", tendo nas proximidades "excelentes colégios e o verde encanto da Praça Buenos Aires". Ainda, essa situação se extrapola. Basta dizer que se procede a um loteamento residencial com o nome de "Nova Higienópolis", no km 28,5 da Rodovia Raposo Tavares. (14)

As poucas residências que restam em Higienópolis são inexpressivas em sua maioria porque são exatamente as que ocuparam lotes menores e portanto sem grandes possibilidades de transformarem-se em arranha-céus. Milagrosamente os palacetes exponenciais, a "Vila Maria" e a "Vila Penteado" sobremetem. A primeira, bastante alterada com relação à planta primitiva, com dois anexos, o corpo central mantém sua fachada primitiva; encontra-se ainda ambientada em meio a jardins bem cuidados e preservados conforme parte dos originais, muito embora tenham sofrido a grande redução do começo do século, época em que a chácara de D. Veridiana foi loteada. Em 1955, nela faleceu Antonio Prado Jr. e seus herdeiros venderam-na dois anos depois ao Clube São Paulo.

A Vila Penteado, felizmente tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico do Estado — CONDEPHAAT — em 1978, encontra-se sem os jardins primitivos, sufocada entre os inúmeros edifícios que a circundam. Todavia, ambas ainda se destacam pelo seu valor histórico e arquitetônico, pelo que significaram para a cidade e pelas reminiscências que evocam.

14) Vide série evolutiva de recortes de jornais sobre anúncios imobiliários em Higienópolis, inseridos no final deste capítulo.



Foto 74 — Aspecto atual da casa de D. Veridiana da Silva Prado. Foto da autora.



Foto 75 — Aspecto atual da casa de D. Veridiana da Silva Prado. Foto da autora.



Foto 76 — A "Vila Penteado" hoje. Foto de Cristiano Mascaro. Laboratório Fotográfico FAU-USP.

CASAS

CAMPOS ELYSEOS — Alameda Nothmann, casa assobradada, esquina, sala, 3 dormitorios, sala de jantar, cozinha, etc., contracto um anno, a luga-se —	270\$000
PARAIZO — Rua Arthur Prado, aluga-se nova casa de tratamento, com 10 quartos e porão perfeitamente habitavel, de 10 quartos. Lote 22X60; bonde á porta, linda vista da cidade	500\$000
CAMBUCY — Rua Bueno de Andrada, casinhas, 3 comedores, lote 3X100	3:500\$000
BRAZ — Rua Sampaio, casa nova, 3 comedores e cozinha, perto da rua Bresser, lote 6,50X35	7:500\$000
ARACA — Rua Minas Geraes, casa com 3 comedores e cozinha, lote 6X50	8:000\$000
VILLA AMERICA — Alameda Jahu' casa boa de 6 comedores, porão alto, lote 5,10X25	10:000\$000
CAMBUCY — Rua Lavapés, casa para negocio, nova, armazem, 3 comedores e porão habitavel, lote 8,60X15	10:000\$000
CAMBUCY — Rua da Lapa, casa boa, 4 comedores, cozinha e 3 dormitorios, lote 6X40	10:000\$000
SANT'ANNA — Rua Voluntarios da Patria, armazem, 6X18X6, quatro comedores, casinha e cocheira	10:000\$000
BELEMZINHO — Rua Cajurú, casa nova, 6 comedores, lote 6,50X23, bonde á porta 10,50X83	15:000\$000
MOO'CA — Rua Xingú, casa nova, 5 comedores, lote 5X43	10:500\$000
BRAZ — Rua João Boemer, 3 casas pegas das, de cinco comedores cada uma, lotes de 5X30, metro	11:500\$000
LUZ — 4 casinhas na nova praça José Roberto Penteado, duas na frente, duas no fundo, lote 11X35	12:000\$000
CAMBUCY — Rua Cesario Ramalho, casa nova, 6 comedores e cozinha. Lote 5,50X40	12:500\$000
VILLA AMERICA — Rua Augusta. Casa nova, 6 comedores, lote 6,50X40	14:000\$000
SANT'ANNA — Rua Dr. Cesar, 2 casas pegadas, uma com 4 comedores e cozinha, outra com 2, perto do bonde, lote, de 10X70	14:000\$000
BELEMZINHO — Rua S. Leopoldo, casa nova com 6 quartos, barracão e jardim, 10X5083	15:000\$000
SANTA CECILIA — Rua Baroneza de Itu', casa nova, moderna, perto da esquina, Avenida Angelica, lote 6X17	20:000\$000
BARRA FUNDA — Rua Lopes de Oliveira, casa com 5 quartos. Electricidade, quintal plantado, bonde á porta. Lote, 5X40	20:000\$000
CONSOLACAO — Rua Augusta, casa de tratamento, 9 comedores, jardim, lote 6X45	22:000\$000
BEXIGA — Rua do Sol, 2 casas novas, pegadas, uma com armazem e 3 comedores, outra com 5 comedores, lote 13X17	22:000\$000
MOO'CA — Rua Wandenkolk, casa nova com 8 comedores, sendo 3 dormitorios. Lote, 8,20X42	22:000\$000
BEXIGA — Rua Maria José, perto da Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 2 casas pegas das, de 6 e 4 comedores, porão, electricidade, lote 12X24	22:000\$000
HYGIENOPOLIS — Rua Pernambuco, casa nova, de tratamento, com 3 dormitorios, bom quintal, lote 5X45	22:000\$000
ARACA — Avenida Municipal, esquina, armazem e 4 comedores, lote 20X18	22:000\$000
LAPA — 2 casas novas, pegadas, 4 comedores e cozinha cada uma, sistema moderno, lote, 10X43 1/2. Rendem 230\$000	23:000\$000
BEXIGA — Rua Abolição, casa, 10 comedores, lote 7X30	24:000\$000
YPIRANGA — Perto do Monumento e bonde, casa nova, de tratamento, oito comedores, lote 25X50	25:000\$000
MOO'CA — Rua Placidina, casa com oficina e deposito, lote de 10X50	25:000\$000
VILLA MARIANNA — R. José Antonio Coelho, casinha. Lote 20X250	30:000\$000
PALMEIRAS — Rua Tupy, casa assobradada, com 7 comedores, bonde perto, lote 12 X40, aluga-se por 220\$000 ou vende-se por	33:000\$000
BEXIGA — Rua Maria José. Terrea com 5 quartos e armazem de 4X4. Casa boa, recem-construida. Lote 11X30	35:000\$000
LIBERDADE — Travessa da Assembléa, 8 casas de 4 quartos, lote 18X70, rendem 540 \$000	41:000\$000
HYGIENOPOLIS — Rua Sabará, casa de tratamento, 14 comedores, lote 10X48, com 18 metros de largura nos fundos, jardim e quintal bem plantados	54:000\$000
VILLA AMERICA — Rua Peixoto Gomes de, 6 casas em 3 grupos, novas, 10X30 cada grupo, rendem 580\$000	54:000\$000
CAMBUCY — Avenida Backer, 5 grupos casas operarias duplas de 4 comedores cada uma e lote de 8X20 para cada casa. Construção nova. Metade a vista	54:000\$000
BRAZ — Rua 21 de Abril, esquina, grupo de 5 casas novas	55:000\$000
PARAIZO — Rua Sant'Anna do Paraizo, casa nova, sobrado, 9 quartos, 4 dormitorios, gaz e electricidade, bonde ao lado. Lote 12,50X25	55:000\$000
BRAZ — Avenida Celso Garcia, 25.000 m. q. (mais ou menos) 3 casinhas, de 6 comedores, proprias para grande fabrica	58:000\$000
CONSOLACAO — Rua Herculano de Freitas, duas casas dentro, lote murado, 40X102, frente para duas ruas, vista da cidade. Vende-se o lote 40X51, contendo as duas casas, por 45:000\$ ou tudo	60:000\$000
HYGIENOPOLIS — Rua Maria Antonio, casa terrea de tratamento, com 13 comedores, lote 12X60, jardim na frente, bonde á porta, perto do Mackenzie College	60:000\$000
LARGO DO RIACHUELO — Casa de negocio, armazem, bonde á porta, 5 comedores em cima, 10X13	80:000\$000
CONSOLACAO — Rua Matto Grosso, 22 casas pequenas, terreno 2.400 m. q.	144:200\$000
CENTRO — Rua do Carmo, predio bom estado, 8X30 armazem em baixo 7X26, dois andares acima para familiias, depois da construccion do novo viaducto valera muito mais	275:000\$000
PENHA — Rua Campos Salles, casa renovada com 6 quartos, perto do bonde, lote de 6X45, metade á vista	0:000\$000
CAMBUCY — Rua Joaquim Piza, casa boa com 6 comedores, perto do bonde, lote, 10 X50, metade á vista	9:000\$000
PARAIZO — Rua Pedroso, duas novas casas gemelas de 1 comedor e quintal cada uma, lote 14X50, vende-se uma por 47 contos ou as duas por	20:000\$000

INICIO

Pinheiros — Frente — Cr\$ 700.
 Espetacular apto ótimo local de Pinheiros. Pisos prédio Ed e S Festas. P Ground, jardim. Apto c/Hall social em mármore. Totalmente carpetado. Bom 1 Hall dist. 3 amplios dorms, armários emb. az teto. Piso marm. Aq Central. Coz form., Pia marm. Interfone. AS, QC, WC. Preço 800.000 pelo T P. LCI (0844) LOPES 852-7011

Paraiso — 2 p/andar — 640.00
 Edifício clássico moderno no melhor do Paraiso, imed. R Alfredo Eller. Distrito bom living. Hall-dist. c. as. 3 ensolarados mítórios sendo 2 armários embutidos completo c/estrela dec teto, coz c/az azote em mármore c/gab ampla área de serviço. Wc Ed e S de Festas. Garagem. Padre. Não Perca Preço acima em até 3 as (0808) LOPES: 852-7011

No melhor ponto das Bandeiras
 Excelente apto Prox Av Prof Alfonso. Totalmente novo Dist. Ensolarado living Jantar em "L"; 1 suite c/mármore emb. nos dorms. todos c/armários emb.; Banho vitrificado; azul dec. ao teto. Coz c/estrela vitrificado; azul dec. ao teto; AS; QC; Festas; P Ground; Gar., Preço. Apenas c/transferência de financiamento LCI (1174) LOPES 852-7011

Pinheiros — 650.000 — 2 p/andar
 Ensolarado apto. no melhor local de Pinheiros. Possui: Amplo living, 3 dormitórios, armários emb. Banho Aq Central individual; ótima coz e AER. AS, QC e AER. Wc. Apenas 2 aptos. p/andar. Preço acima facilitado. LCI (0847) LOPES 852-7011

JD. PAULISTA - 650.000 (TEL)
 Arejado apto. Ótima localização Face Norte. Frente Edifício moderno apenas 2 p/andar. Telefone. Garagem. Contém Enorme living S Jantar em "L". H Distr. 1 am. 1 lo. apto privativo mais 2 ótimos dorms e seu banho c/az cor azote. Aq Central. Espaçosa coz c/azulejo ao teto, pia dupla e gab. AS Lavabo QC Wc. Preço acima facilitado. LCI (3156) Lopes 852-7011

Z. PAULISTA - FACE NORTE - 700.000
 Ótimo apto em Ed c/bom recuo ajardinado Im. R Pamplona. Dependências Espaçoso living. 3 dorms c/az revest. 2 banhos c/az teto. Piso cer. Aq Individual. Cozinha. Interfone. AS. QC. Wc. Garagem. S Festas. Preço acima facilitado LCI (0831) Lopes 852-7011

PARAISO - CARPETADO - C/ GAR.
 Apto de frente Ed c/recuo ajardinado. Apto c/arejadas dependências. Hall entr., Living S. Jantar em "L". Hall distr. 3 amplios dorms (1 suite) c/AES revest. Banho c/az alto rel. ao teto. Piso vitrificado. Aq Central. Coz c/AE form. Pia inox. Interfone. AS. QC C. AER. Wc. Garagem. S Festas. P Ground. Preço 710.000 amplamente facilitado LCI (0828)

- 3 DORMS. (1 SUITE) HIGIENÓPOLIS

NO MELHOR PONTO: R. S. VICENTE DE PAULA, 457.

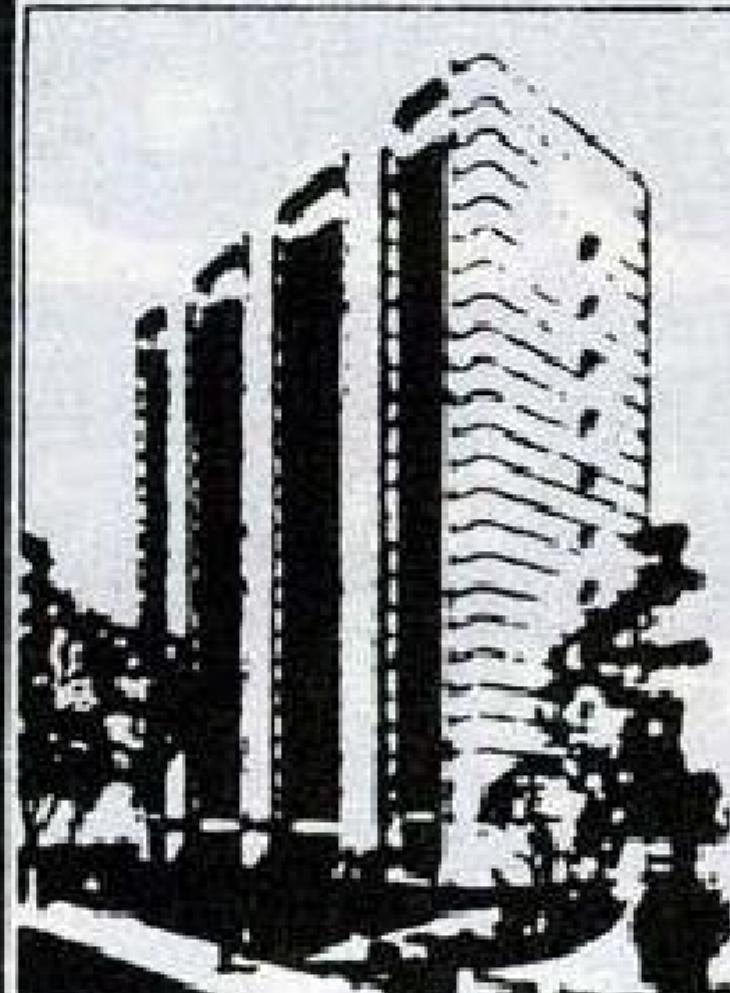
Fino acabamento, dois por andar, área de recreação, esquadrias de alumínio, piscina, sauna, ampla área de serviço, azulejos decorados até o teto, garagens privativas, salão de festas.

FINANCIAMENTO PRÓPRIO ATÉ 60 MESES, SEM COMPROVAÇÃO DE RENDA. ENTREGA IMEDIATA EM EXPOSIÇÃO (Chaves c/Zelador).

ENDAS:

TUFIK MISIARA
TUFIK JOÃO PEDRO MISIARA

rua Iuriáçu, 1273 . fone: 65-6692 - 262-8371



**Em Higienópolis com toda a vista do Vale do Pacaembú.
4 dormitórios (2 suites)**

2 suites com closet privativo, amplas sala de estar e jantar, 356 m² de área real, armários embutidos, 3 banheiros, cozinha, sala de almoço, área de serviço, completas dependências de empregada, 2 garagens.

Os consultores da LOPES estão sempre à sua disposição. Plantão de vendas na Rua Eng. Edgard Egídio de Souza, 439.

LOPES
CONSULTORIA DE IMÓVEIS

Ligações de automóveis à Consultoria. Sindicato da Construção Civil 1320

Tel. PBX 288-2911 - 60 Ramais.

APARTAMENTOS VENDEM-SE

O ESTADO DE S. PAULO - 3477 - 1

Higienópolis-4 dormitórios preço total Cr\$ 1.265.000,00.

Amplo living • lavabo • 2 banheiros com box de alumínio • armários embutidos revestidos • todo acarpetado em nylon • garagem (2.ª opcional) • 2.000 m² de jardins • piscinas • gerador próprio • preço total: Cr\$ 1.265.000,00
 • entrada de Cr\$ 76.900,00 • poupança amplamente facilitada • Cr\$ 829.876,40 (4.259,49 UPC) financiados através da CEF em 15 anos
 • visite apartamento decorado • Rua Albuquerque Lins, 992.

diâmetro

Vendas:
PRISMA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A.
 Av. Brigadeiro Faria Lima, 1706, 14º andar. Tel. fones:
 210-9230, 210-9106, 211-9170, 211-6497 e 211-7106 (PABX).

HIGIENÓPOLIS

**A chance que tão cedo
não se repetirá:**

HIGIENÓPOLIS

3 dorms. (1 suíte) - pronto para morar.

Nem sempre o fechado e aristocrático bairro de Higienópolis nos dá esta oportunidade, mas ela ainda existe: aptos. novos, em elegante edif. estilo mediterrâneo em plena avenida Higienópolis, 968. Apts. de 3 dorms. (1 suíte), sala, 2 banh. sociais, cozinha, área de serviço, depend. de empr., garagem. O edif. conta ainda c/ um esplêndido pátio-jardim de 2.000 m² dando para o salão de festas e a sala de jogos. Nas proxim., excelentes colégios e o verde encanto da praça Buenos Aires.

SINAL: CR\$ 60.000. CHAVES: CR\$ 60.000. MENSALIDADE:

CR\$ 20.294. (E você pode usar seu Fundo de Garantia, além de negociar o imóvel de sua propriedade.)

AV. HIGIENÓPOLIS, 968. - até 21 h.



Uma realização:

CYREL

COMERCIAL IMOBILIARIA

"O Estado de São Paulo" de 29 de julho de 1979.

Aplique em Nova Higienópolis. É mais verde que o dólar e resiste às crises do petróleo.

- Apenas 20 minutos da Faria Lima.
- Infra-estrutura toda pronta.
- Todas as ruas asfaltadas (com guias e sarjetas).
- Luz de mercurio.
- Rede de água potável.
- Portaria com vigilância dia e noite.
- Ao lado de Forest Hills.
- Em frente ao São Fernando Golf Club.



Pequena entrada e
50 prestações a partir de

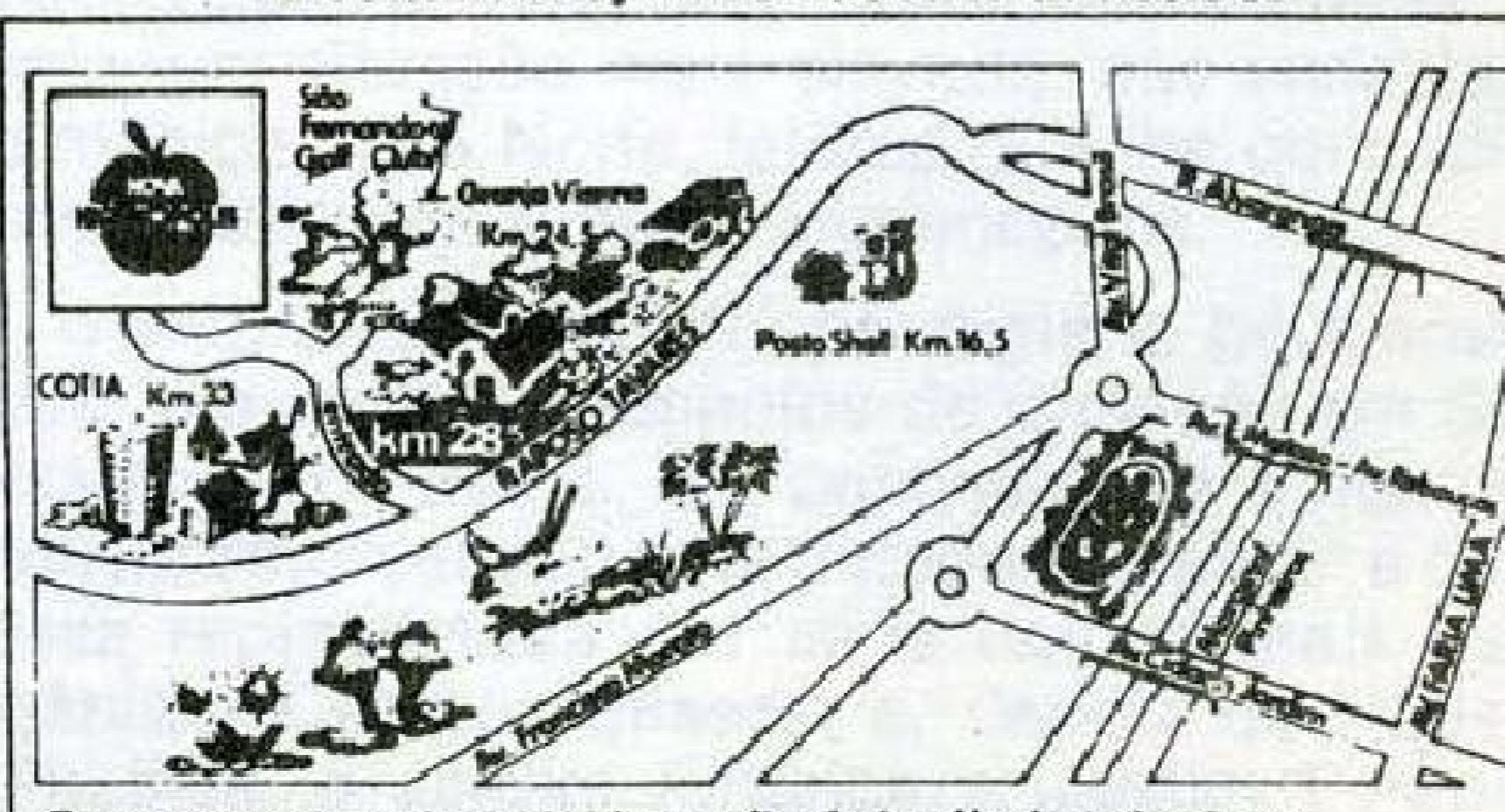
5.800

**FIXAS, SEM JUROS E SEM
CORREÇÃO MONETÁRIA.**

Desta terra, você recolhe dinheiro.

Compre no local ou no
show-room da Julio
Bogoricin, Al. Gabriel
Montero da Silva, 1.442.
Mas apresse-se. Não existe
investimento mais rentável
que esta boa terra.

Importante: a
infra-estrutura de Nova
Higienópolis está
totalmente pronta. Você
pode construir já.



Corretores no local das 8 às 18 horas, dias úteis, sábados e domingos.

Lotes residenciais a
partir de
600 m².
Entrada pelo km 28,5
da Raposo Tavares
(Fernando Nobre).
Grupo proprietário:
**MORDAN Planejamento e
Administração S/A Ltda.**
**EMAM Empresa de
Melhoramentos de Áreas
Metropolitanas S/C Ltda.**
**CABRAL DE MENEZES
Empreendimentos
Imobiliários S/C Ltda.**

Planejamento e vendas:

JULIO BOGORICIN IMÓVEIS



Divisão de Loteamentos. Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1.442.
Tel.: 881-0511 (PABX). Visite o nosso show-room das 9 às 21
horas, dias úteis, sábados e domingos.

CONCLUSÃO

A formação do Bairro de Higienópolis vincula-se a um período da nossa história do "café", quando os fazendeiros passaram a ocupar-se das primeiras indústrias e do comércio. O Bairro surgiu quando a cidade se tornou a grande subsidiária da riqueza cafeeira. Data de então o primeiro surto mais importante de expansão da rede urbana motivada pelo crescimento demográfico e pela instalação de elementos indicativos da chegada do progresso: ferrovia, iluminação, sistemas hidráulicos, energia elétrica, bonde a tração animal e depois a eletricidade, etc.

A iniciativa partia de um grupo de anglo-saxões que se incluíam entre os primeiros estrangeiros aqui radicados a partir de meados do século passado. Eram comerciantes e profissionais liberais, que formaram uma nova classe recém enriquecida nessas atividades. Foram atraídos pelas condições privilegiadas que o local oferecia: tranquilidade e isolamento, em situação mais elevada, nas encostas do espinho mestre do maciço, face Norte, fatores que lhe concediam um clima mais ameno — de onde o nome Higienópolis.

Em breve, o empreendimento foi prestigiado pela nova geração da elite do café, e os outros elementos de projeção em São Paulo, que vieram instalar-se no Bairro, em continuidade à marcha que a burguesia paulista empreendeu pela cidade ao descer a colina histórica, marcha essa representada por seus bairros mais característicos: Santa Efigênia e Campos Elíseos; e, depois de Higienópolis e da Avenida Paulista, o Jardim América e Jardim Europa, chegando, atualmente, ao Morumbi.

Higienópolis foi revelador de um momento de nossa europeização cultural, em que se substituíram a inspiração local e nossas tradições coloniais portuguesas pelos modelos importados diretamente das grandes capitais européias e centros industriais. A França retornava como a grande inspiradora cultural enquanto a Inglaterra, Alemanha e Suíça, sobretudo a primeira, tinham seu maior papel no setor econômico e técnico. Chegavam alimentos, materiais de construção, livros, revistas, moda, técnicas construtivas e estilos de arquitetura e até construções completas. Os velhos sobrados e casas térreas de taipa, passaram um a um, a ser substituídos pelas construções de tijolos.

A configuração do Bairro denotaria antes de mais nada a opulência de seus moradores, bem como refletiria a alteração de nossos padrões de vida cobrindo-se de palacetes nos mais variados estilos da arquitetura daqueles países europeus, época que correspondeu ao Ecletismo. Portanto, Higienópolis representa São Paulo europeizado.

Foi essa elite do café da passagem do século que promoveu o grã-finismo em São Paulo e a vida elegante que a cidade conhecia pela primeira vez. Higienópolis serviria, exatamente de cenário para o desenvolvimento desse período de nossa História Social. Sua influência se estenderia a certas ruas de Santa Cecília e de Vila Buarque que constituiram verdadeiros apêndices de Higienópolis.

Após a I Guerra Mundial, Higienópolis começou a sofrer a concorrência da Avenida Paulista, cujos palacetes mais numerosos e de maior luxo, atestavam a consolidação de um novo poder econômico: a indústria, quase toda em mãos daqueles imigrantes que prosperaram. Nessa época, perde seu corso diário para a Avenida Paulista.

Do ponto de vista da ocupação, a área historicamente liga-se a uma das formas mais antigas da posse da terra, isto é, a instituição das sesmarias. Evoluiu da divisão de uma primitiva sesmaria dos padres jesuítas, a começar por três grandes extensões, e sua subdivisão posterior em chácaras, para chegar à fase urbana.

Ao momento da formação do Bairro de Higienópolis denominamos período "áureo" porque nele se evidenciaram as características de um dos capítulos mais importantes de nossa história, quando São Paulo iniciava a trajetória que o levaria de sua pobreza secular a Estado líder do país, e sua capital, ao posto de primeira cidade em importância econômica, trajetória que teve no "ouro verde" sua mola mestra.

A partir de 1930, ano assinalado pelos efeitos que o "crack" de 1929 se faziam sentir no Brasil e pela Revolução, cujas consequências foram profundas na nossa sócio-economia e política, teve início uma segunda etapa da vida de Higienópolis, em que a primazia de Bairro dos milionários de São Paulo e dos mais elegantes da capital foi perdida

definitivamente para a Avenida Paulista, os Bairros-jardins da zona Oeste e o Pacaembú.

Enquanto se expandia a classe média e a cidade conhecia novas formas de morar, deu-se início ao processo que levaria à "descaracterização" de Higienópolis, aí compreendidas a chegada dos primeiros elementos dessa classe e as manifestações pioneiras de seu crescimento vertical. Nesse momento ficaria patente a decadência do Bairro. Saíram famílias importantes, houve divisão de alguns lotes entre herdeiros, muitos palacetes ficaram fechados, enquanto outros se transformavam em escolas, pensões ou até em cortiços. Perdia-se assim a sua exclusividade residencial padrão A. Nessa época observou-se designação "travessa da Angélica" para a Avenida Higienópolis.

Na etapa atual que pode ser balizada pelos anos 1950 até nossos dias, a especulação imobiliária voltou-se para o Bairro, usufruindo de sua tradição. Significa a "renovação" para Higienópolis, o início de uma nova era de revalorização dos espaços. Aquelas alterações observadas no estágio anterior, se precipitaram, o que determinou a metamorfose sofrida pelo Bairro e levou à saturação da área, ou seja, o espaço acabou sendo ocupado por arranha-céus, em prejuízo de sua memória, apenas esporadicamente evocada através de um ou outro remanescente residencial. Se, por um lado, os privilégios de que era detentor beneficiam nos dias de hoje um número maior de moradores, por outro deu-se a perda da qualidade de vida, fenômeno que, aliás, se observou com relação a toda a cidade.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias não publicadas

— Arquivos particulares

Ana Cândida Ferraz Sampaio
Escritório Germaine Lucie Burchard
Laima Mesgravis

— Arquivos públicos

Arquivo Histórico Municipal "Washington Luiz":
livros de obras particulares 1890-1905
Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo:
documentos e notas reunidas por Artur Cerqueira Mendes em pasta
designada "D. Veridiana Prado"
Museu Paulista: arquivo Aguirra

— Depoimentos:

Antonio Cândido de Mello e Souza
Armando Lébeis
Alfredo Mesquita
Alice Pacheco Guimarães
Ana Cândida Ferraz Sampaio
Augusto Freitas (falecido)
Caetano Fraccaroli
Caio Prado Júnior
Ciro de Freitas

Caio Ramos
Danda Prado
Gustavo Neves da Rocha Filho
Jaime Buarque de Hollanda
Joaquim Müller Carioba
Jovina Pessoa
Maria Helena Prado Ramos (falecida)
Maria Lucia Marcondes de Mattos
Olga Ekman Simões
Paulo Duarte
Paulo de Barros Ulhoa Cintra
Paulo de Mattos Barreto
Paulo Plinio da Silva Prado
René de Lima Yazaki
Sérgio Buarque de Hollanda
J. Fernando de Almeida Prado (ou Yan de)

— Fontes primárias publicadas

AYRES NETTO, Gabriel. Código de obras "Arthur Saboya". São Paulo, Ed. LEP Ltda. 1947.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria de. Cartas íntimas. Porto — Lisboa, 1948.

Leis e actas do Município de São Paulo do ano de 1916. São Paulo, Casa Vanhorden, 1917.

Leis e Resoluções da Câmara Municipal da Capital do Estado de São Paulo, 1892-1915.

Estudos gerais, especiais e subsidiários

AB'SABER, Azis Nacib. A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. São Paulo, Ed. Nacional, 1958.

ARROYO, Leonardo. Igrejas de São Paulo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

AZEVEDO, Aroldo et alii. A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. São Paulo, Ed. Nacional, 1958, 3 vol.

BARROS, Gilberto Leite. A cidade e o planalto: processo de dominância da cidade de São Paulo. São Paulo, Martins Fontes, 2 vol.

BAZZANELLE, Waldomiro. Industrialização e urbanização no Brasil. América Latina VI. 1. (jan-mar. 1963) p. 3.27, 2 vol.

BRUAND, Yves. Architecture contemporaine au Brésil. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Paris, Lille, 1973.

- BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo: metrópole do café (1872-1918) — São Paulo de agora (1918-1954). Edição especial sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 2.^a ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, 3 vols.
- BRUNO, Ernani Silva et alii. São Paulo, terra e povo. Porto Alegre, Globo, 1967.
- CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. A igreja na história de São Paulo. São Paulo, Instituto Paulista de História de Arte Religiosa, 1952.
- CANABRAVA, Alice Piffer. As chácaras paulistanas in: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, (1949-1950), São Paulo, 1953, vol. IV, t. I.
- CARVALHO, Afonso José de. São Paulo antigo (1882-1886), in: Revista do IHGSP, vol. XLI, São Paulo, 1942.
- CHAVES, Paúlico. Província de São Paulo. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Cultural Central de Estatística composta pelos srs.: Dr. Elias Antônio Pacheco e Chaves (Presidente), Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, sr. José Joaquim Vieira de Carvalho, eng. Adolfo Augusto Pinto, Abílio Aurélio da Silva Marques. São Paulo, Tipografia King, 1888.
- DANON, Diana Dorathéa e TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: "Belle époque". São Paulo, Ed. Nacional e EDUSP, 1974.
- DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo (1880-1945). São Paulo, DIFEL, 1971.
- DEFFONTAINES, Pierre. Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil. Geografia II, 1936.
- DELORENZO, A. Neto. O Município da capital de São Paulo e a região metropolitana — A perspectiva da Grande São Paulo — Aspectos sociológicos — A reforma político-administrativa. Trabalhos e pesquisas da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, série Estudos e Monografias n.^o 2, Osasco, 1967.
- DENNIS, Pierre. Le Brésil au XXe siècle. Paris, Librairie Armand Colin, 1911.
- EGAS, Eugênio. A cidade de São Paulo in: Revista do IHGSP, vol. XIV, 1909
- ELLIS, Alfredo Jr. Capítulos da história social de São Paulo. São Paulo, Ed. Nacional, 1944.

- ELLIS, Myriam. Café, literatura e história. São Paulo, EDUSP, 1978.
- FARIA, Terezinha Paiva et alii. Decadência do café numa comunidade Vale-Paraibana. Guaratinguetá, 1973.
- FAUSTO, Boris. Pequenos ensaios da história da República 1889-1945. São Paulo, CEBRAP, 1972.
- FERNANDES, Florestan. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. São Paulo, Anhembi, 1961.
- FERNANDES, Florestan et alii. Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas para a introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. São Paulo, Ed. Nacional e EDUSP, 1972.
- FERREIRA, Miguel A. de Barros. Meio século de São Paulo. São Paulo, Melhoramentos, 1945.
- FREITAS, Affonso A. Tradição e reminiscências paulistanas. 2.ª ed., São Paulo, Martins, 1955.
- FREYRE, Gilberto de Mello. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 2.ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 3 vols.
- GAFFRE, L. A. Visions du Brésil. Paris, Ed. Alhaud, Alves e Garcia, 1912.
- GARCEZ, Benedicto Novaes. O Mackenzie. São Paulo, Casa Ed. Presbiteriana, 1970.
- GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. São Paulo, Ed. Nacional, 1959.
- GRAHAM, Richard. Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1973.
- JUNIUS, ou DINIZ, Firmino de Albuquerque. Notas de viagem. 2.ª ed., Coleção Paulística, Governo do Estado de São Paulo, 1978, vol. V.
- IGLÉSIAS, Francisco. Artesanato, manufatura e indústria in: Anais do III Simpósio de Professores Universitários de História. São Paulo, 1967.
- KIDDER, Daniel. Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (1837-1844). São Paulo, Martins, 1940, 2 vols.
- KOSERITZ, Carl von. Imagens do Brasil. São Paulo, Martins, 1943.
- Le Brésil en 1889. Syndicat du Comité Franco-Brésilien pour l'Exposition Universelle de Paris. Paris, Librairie Charles Delagrave, 1889.
- LANGENBUCH, Jurgen Richard. Estruturação da Grande São Paulo e estudo da geografia urbana. Rio de Janeiro, IBGE, Instituto Brasi-

- leiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.
- LEMOS, Carlos A. C. O MIS e os ricos. Folha de São Paulo, 29-07-1977.
- LEMOS, Carlos A. C. e LEFEVRE, R. São Paulo e sua arquitetura: Colônia e Império. São Paulo, Ed. Nacional e EDUSP, 1974.
- LEVI, Darrell. A família Prado. São Paulo, Cultura 70, 1977.
- LOPES, J. Brandão. Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial do Brasil. 2.^a ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1971.
- LOWRIE, S. Harman. Origens da população da cidade de São Paulo e diferenciação das classes sociais. Revista do Arquivo Municipal, vol. XLIII, jan. 1938, p. 195-212.
- MARQUES, Gabriel. Ruas e tradições de São Paulo: uma história em cada rua. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo. Biblioteca Histórica Paulista, Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954, 2 vols.
- MARTINS, Antonio Egydio. São Paulo antigo 1554-1910. São Paulo, Diário Oficial, 1912, 2 vols.
- MONBEIG, Pierre. La croissance da la ville de San Paulo. Grenoble, Institut et Revue de Géographie, 1953.
- MOREIRA PINTO, Alfredo. A cidade de São Paulo em 1900. Coleção Paulística, Governo do Estado de São Paulo, 1979.
- MOURA, Paulo Cursino de. São Paulo de outrora: evocações da metrópole. São Paulo, Martins, 1943.
- MORSE, Richard. Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole. São Paulo, DIFEL, 1970.
- São Paulo, raízes oitocentistas da metrópole in: Anais do Museu Paulista XIV, 1950, p. 453-87.
- NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. São Paulo, E.P.U. e EDUSP, 1974.
- NEME, Mario. Notas de revisão da história de São Paulo. São Paulo, Anhembi, 1959.
- NOGUEIRA, Almeida. A academia de São Paulo — tradição e reminiscências. São Paulo, Edição comemorativa ao cinquentenário do Centro Acadêmico XI de Agosto, 1953, 2 vols.
- PEARSON, Donald. Habitações de São Paulo — estudos comparativos in: Revista do Arquivo Municipal LXXXI, São Paulo, 1942.

- PEREIRA, José Carlos. Estrutura e expansão da indústria em São Paulo. São Paulo, Ed. Nacional, 1969.
- PETRONE, Pasquale. São Paulo e seus homens no Centenário. São Paulo, Ed. Independência, 1922.
- PINHO, Wanderley. Salões e damas do II Reinado. São Paulo, Martins, 1942.
- PINTO, Adolfo Augusto. Minha vida — memórias de um engenheiro paulista. São Paulo, Conselheiro Estadual de Cultura, 1979.
- PINTO, Alfredo Moreira. A cidade de São Paulo em 1900. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900.
- PRADO, J. Fernando de Almeida (Yan). São Paulo antigo e sua arquitetura. Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, setembro de 1929.
- Arquitetura de São Paulo em 1880. Habitat 3, 1951, p. 50-55.
- PRADO JR. Caio. O fator geográfico na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo in: Evolução Política e outros estudos. 12.^a ed. São Paulo, Brasiliense, 1957.
- História econômica do Brasil. 12.^a ed., São Paulo, Brasiliense, 1970.
- PRADO, Maria Cecília Naclério H. et alii. Vila Penteado. São Paulo, Secretaria de Ciência e Cultura e Tecnologia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1976.
- QUEIROZ, Suely R. R. São Paulo (1875-1975), do café à industrialização. O Estado de São Paulo. São Paulo, 11-01-1975, Suplemento Cultural do Centenário.
- RAFFARD, Henrique. Alguns dias na Paulicéia. Revista do IHGB, vol. LV, II parte, Rio de Janeiro, 1892.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro de arquitetura no Brasil. 4.^a ed., São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.
- RIBEIRO, José Jacintho. Cronologia paulista. São Paulo, 1899, 3 vols.
- SAIA, Luiz. Morada paulista. Coleção Debates. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. Segunda Viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo. São Paulo, Martins, 1953.
- Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai, 2.^a ed. Biblioteca Histórica Brasileira. São Paulo, Martins e EDUSP, 1972.
- SALMONI, A. e DEBENEDETTI, E. Archittetura italiana a San Paolo. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1955.

- SAMPAIO, Teodoro. São Paulo no século XIX. Revista do IHGSP, vol. VI, 1900-1901.
- . O tupi na geografia nacional. 3.^a ed., Bahia, 1938.
- SILVEIRA, Joel. Grã-finos em São Paulo, in: Diretrizes, 1945.
- SINGER, Paul. Desenvolvimento econômico e evolução urbana. Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 2.^a ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1977.
- . Urbanización y recursos humanos: el caso de San Pablo. Trabajo elaborado para el grupo executivo de la Grande São Paulo, órgano de la Secretaria da Economia e Planejamento del Estado de San Pablo. Buenos Aires, ediciones SIAP, 1973.
- SOLANOWSKI, Marly. Almeida Júnior: um esboço biográfico-iconográfico. Rio de Janeiro, MEC-INAP-FUNARTE, 1977 (inédito).
- SOUZA, Everardo Vallim Pereira. A Paulicéia há 60 anos. Revista do Arquivo Municipal CXI. São Paulo, 1946, p. 53-65.
- SOUZA, Gilda Rocha de Mello e. A moda no século XIX: ensaio de sociologia estética. Separata da Revista do Museu Paulista. N.S. vol. V, p. 7-94.
- SOUZA, Pedro Luis Pereira de. Casa Barão de Iguape. São Paulo, 1959.
- STIEL, Waldemar Corrêa. História dos transportes coletivos em São Paulo. Mc Graw Hill do Brasil e EDUSP, 1978.
- TAUNAY, Affonso Escragnolle. História de São Paulo no século XVIII (1735-1765). Coleção do Departamento de Cultura. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, vol. XXXVI, 1949.
- . História da cidade de São Paulo no século XIX (1801-1822). São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, 1956.
- TAUNAY, Affonso Escragnolle et alii. São Paulo em quatro séculos: tema sobre alguns aspectos da história e da geografia de São Paulo e assuntos correlatos. São Paulo, IHGSP, 1954.
- TSCHUDI, Johan Jacob von. Viagem à Província do Rio de Janeiro e de São Paulo. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.
- VILLARES, Henrique Dumont. Urbanismo e indústria em São Paulo. São Paulo, 1946.
- WALLE, Paul. L'Etat de São Paulo: au pays de l'or rouge. Paris, Augustin Challamel Ed., 1921.

. Au Brésil — de L'Uruguay au Rio San Francisco. Paris,
Ed. E. Guilmoto, 1910.

WILLIAMS, Emílio. Uma vila brasileira. São Paulo, DIFEL, 1961.

WILHEIM, Jorge. São Paulo Metrópole 65. São Paulo, DIFEL, 1955.

WRIGHT, Marie Robinson. The New Brazil — its resources and attractions — historical descriptive and industrial. 2.^a ed. Philadelphia,
George Barriel Sons, 1907.

ZALUAR, A. Emílio. Peregrinação pela Província de São Paulo 1860-1861. São Paulo, Martins, 1953.

Publicações sem indicação expressa de autor

- A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência. São Paulo, Sociedade Editora Independência, 1922.
- Almanaque Histórico-literário do Estado de São Paulo, 1896 e 1903.
- Almanaque ilustrado de São Paulo, 1902, 1903 e 1904.
- Almanaque de "O Estado de São Paulo", 1896, 1916 e 1940.
- Almanaque do Estado de São Paulo de Jorge Seckler. São Paulo, Jorge Seckler e Cia., 1880 e 1890.
- Almanaque paulista ilustrado, 1896.
- A Província de São Paulo, 1910.
- Correio Paulistano, 2.^o trimestre de 1908 e 1.^o trimestre 1928.
- Impressões do Brasil no século XX. Londres etc. Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltda., 1913.
- Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 02-03-1960.

Literatura

ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo: idílio. 7.^a ed., São Paulo, Martins, 1978,

. Contos novos. 8.^a ed. São Paulo, Martins, 1978.

. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 16.^a ed. São Paulo, Martins, 1978.

. Paulicéia desvairada. 1.^a ed., São Paulo, Livraria Alves, 1922.

ANDRADE, Oswald de. Obras completas II: Memórias sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

- BARRETO, Eliza. A redoma: contos. Rio de Janeiro, Cátedra, 1974.
- DUPRÉ, Maria José. Éramos seis. 23.^a ed. São Paulo, Ática, 1978.
- OTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. Elos de uma corrente. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1974.
- SALGADO, Plínio. O cavaleiro de Itararé (crônica da vida brasileira). 2.^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Raiz amarga. 2.^a ed. São Paulo, Martins, 1961.

MAPAS

- 1 — PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO
Cia. Cantareira e Esgotos. Henry B. Joyner, 1881.
- 2 — PLANTA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO E SEUS ARRABALDES
Jules Martin, 1890.
- 3 — PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO,
sob a direção de Gomes Cardim, 1897.
- 4 — MANCHAS DE OCUPAÇÃO QUE ANTECEDERAM O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS, nos anos 1880 — da autora.
- 5 — PARTE DO MAPA NOVA SÃO PAULO
Geomapas, 1979.
- 6 — PLANTA DO BOULEVARD BURCHARD
Escritório Germaine Lucie Burchard.
- 7 — MANCHAS REFERENTES ÀS PRINCIPAIS RESIDÊNCIAS E OUTROS ELEMENTOS DE OCUPAÇÃO DA AVENIDA HIGIENÓPOLIS E PROXIMIDADES até 1930 — da autora.
- 8 — PARÓQUIA SANTA TEREZINHA
Fonte: Igreja de Santa Terezinha.

ADENDO

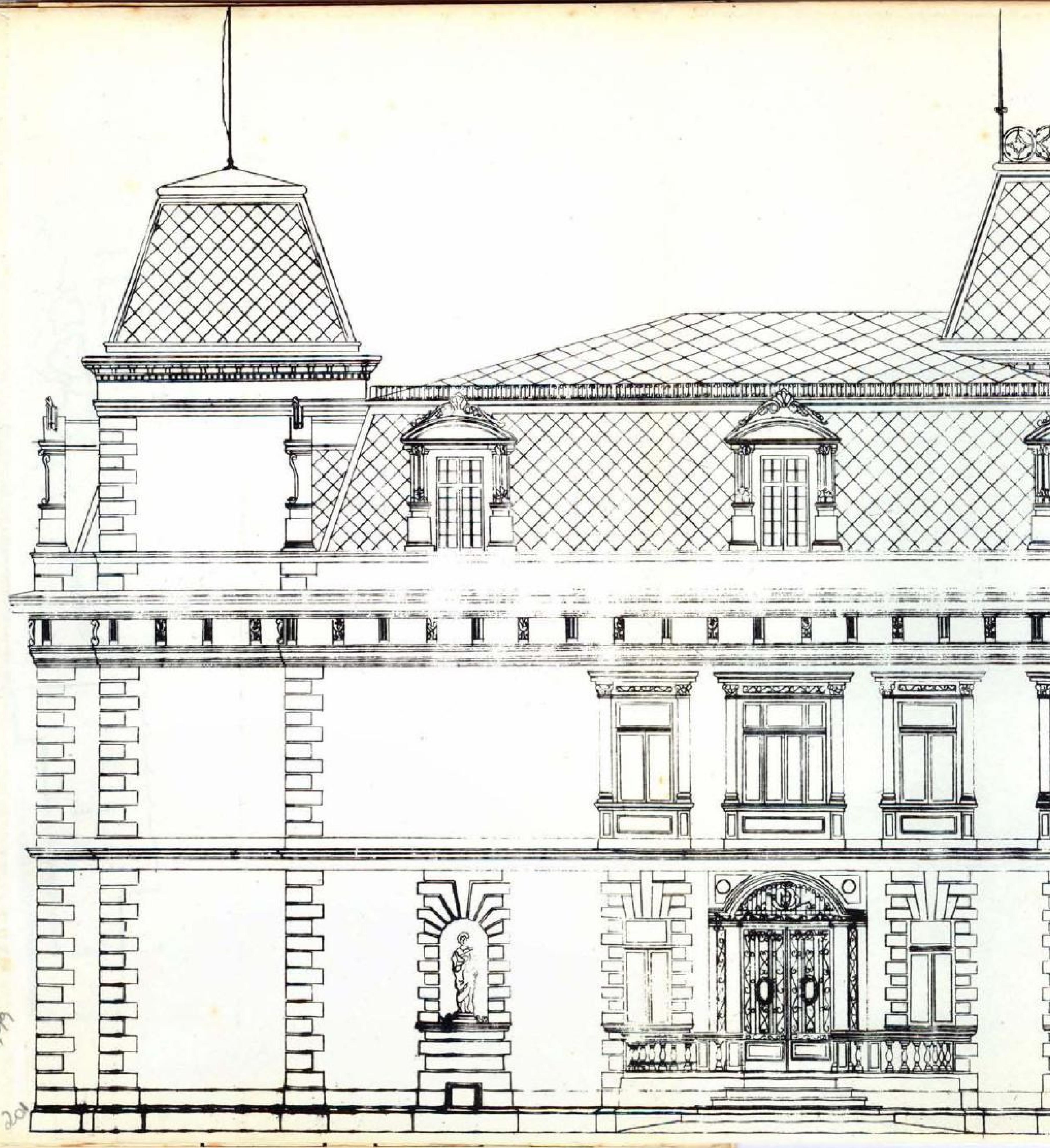
Três residências e um edifício como obras marcantes do Bairro

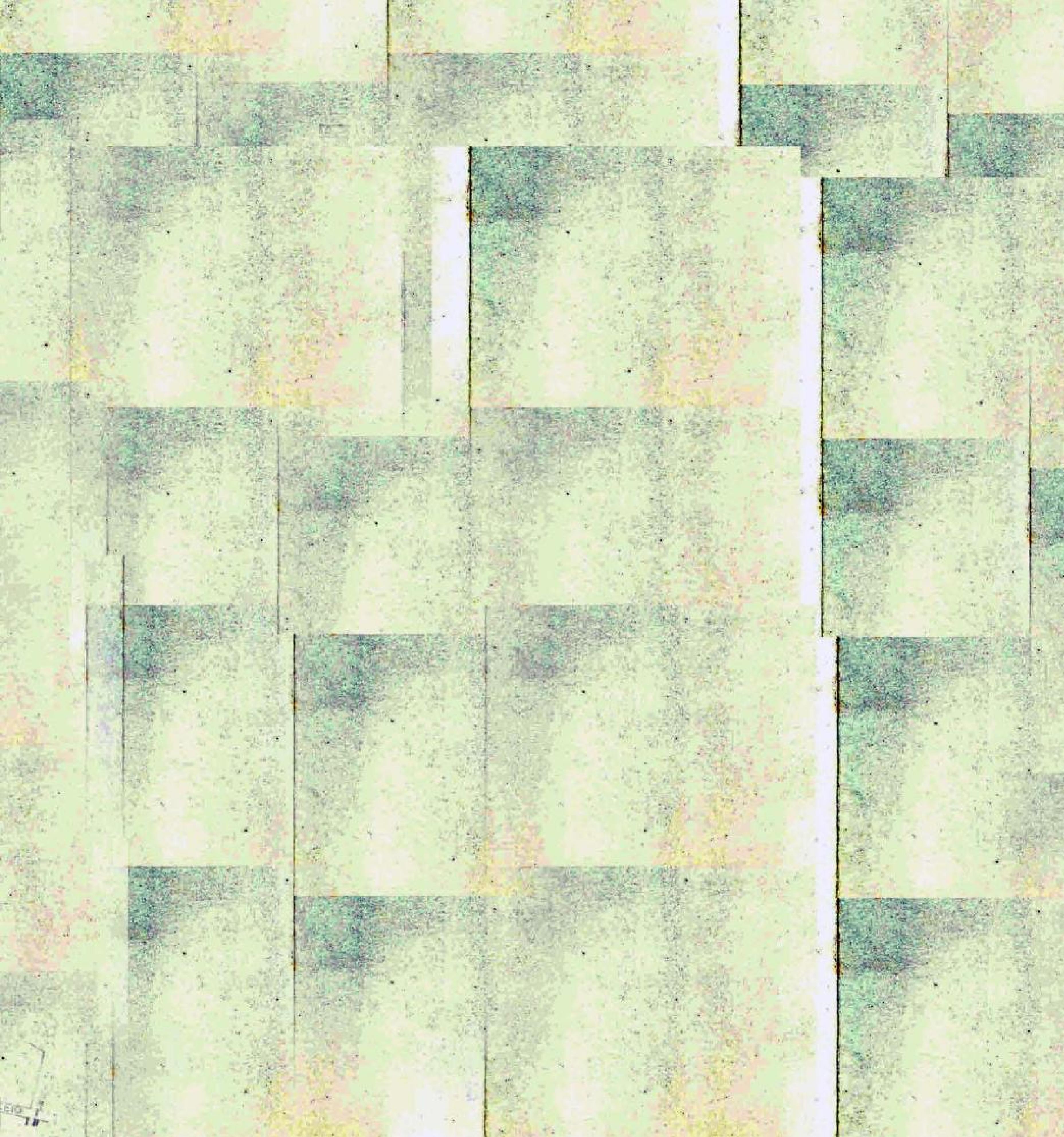
Colocamos em destaque as residências de D. Veridiana da Silva Prado, de Antonio Álvares Penteado e de Caio da Silva Prado, que representaram o período "áureo" do Bairro de Higienópolis, bem como o edifício "Apartamentos Prudência e Capitalização", do período atual, os quais tiveram seu papel dentro da História da Arquitetura. Nesses termos, apresentam características relativas a uma seqüência nítida: neoclassismo, "art nouveau" e "art déco", respectivamente, e arquitetura moderna.

"VILA MARIA"

Avenida Higienópolis, 18

Arquivo FAU-USP.





R. GENERAL JARDIM

71,60m

FONTE

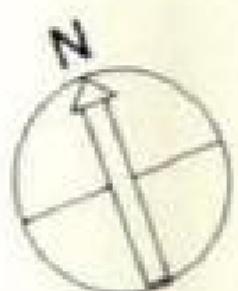
LOGGIA

RESIDENCIA

PORTICO

GARAGE

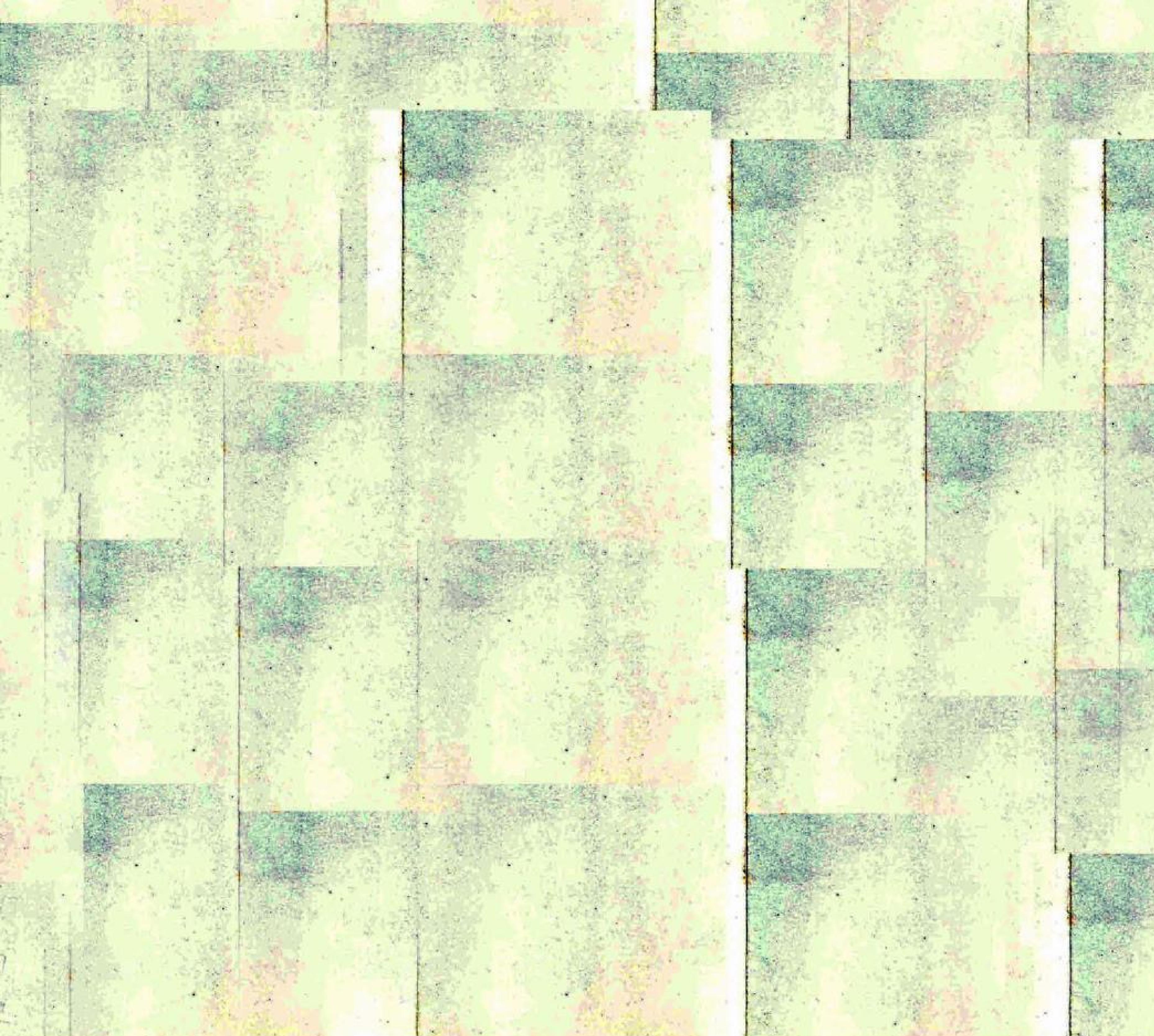
ESTUFA

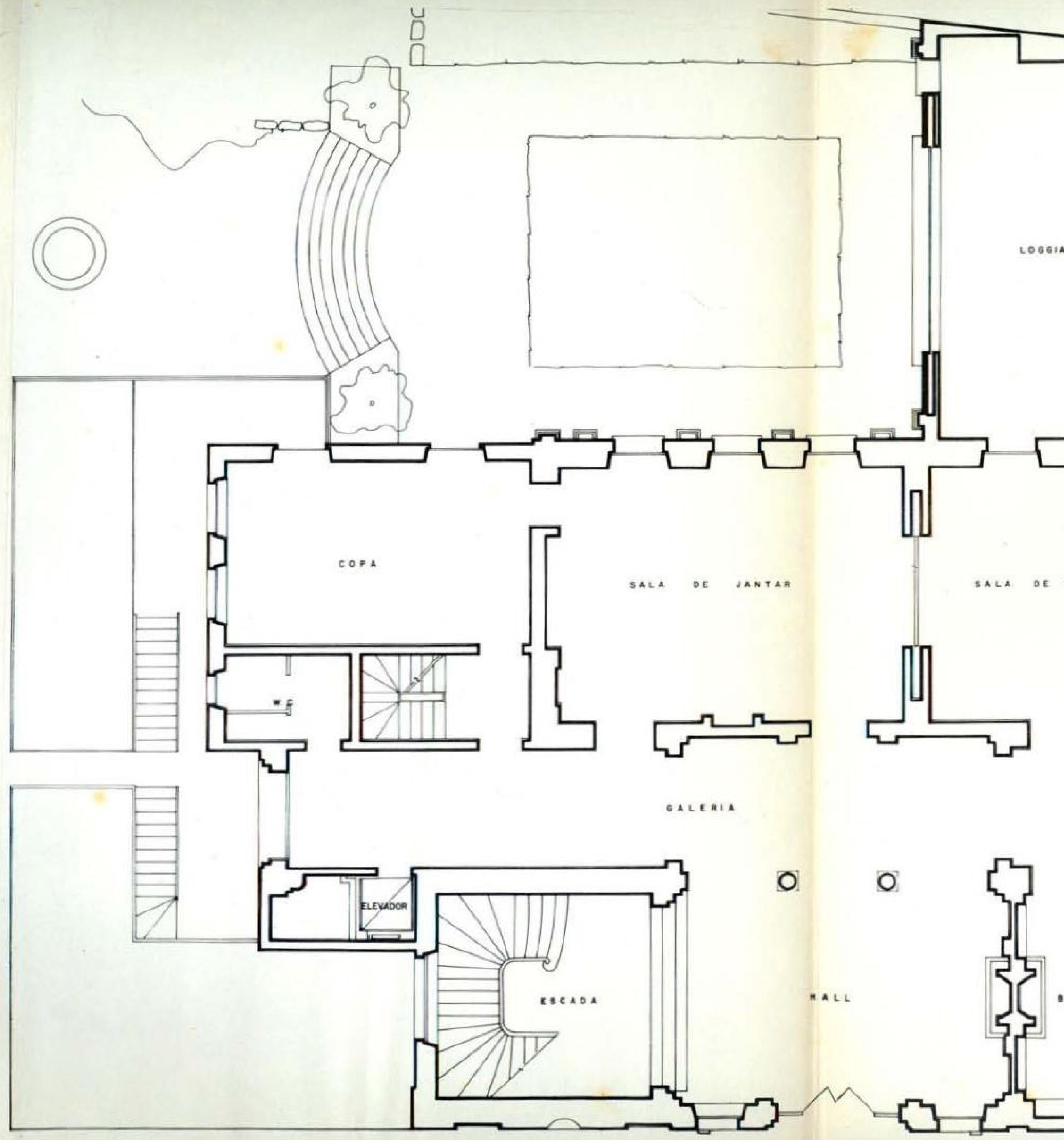


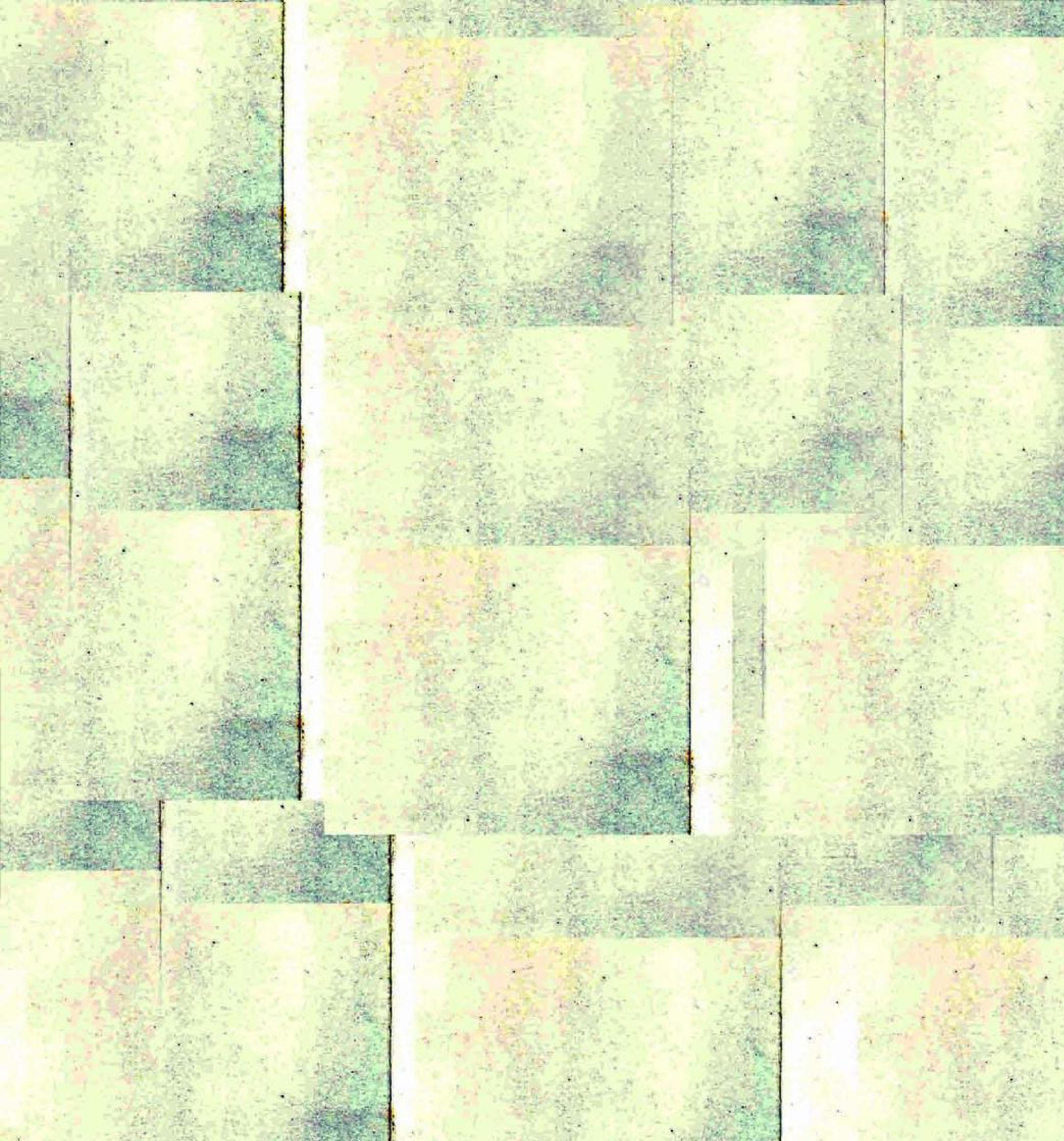
109,30m

AV. HIGIENOPOLIS

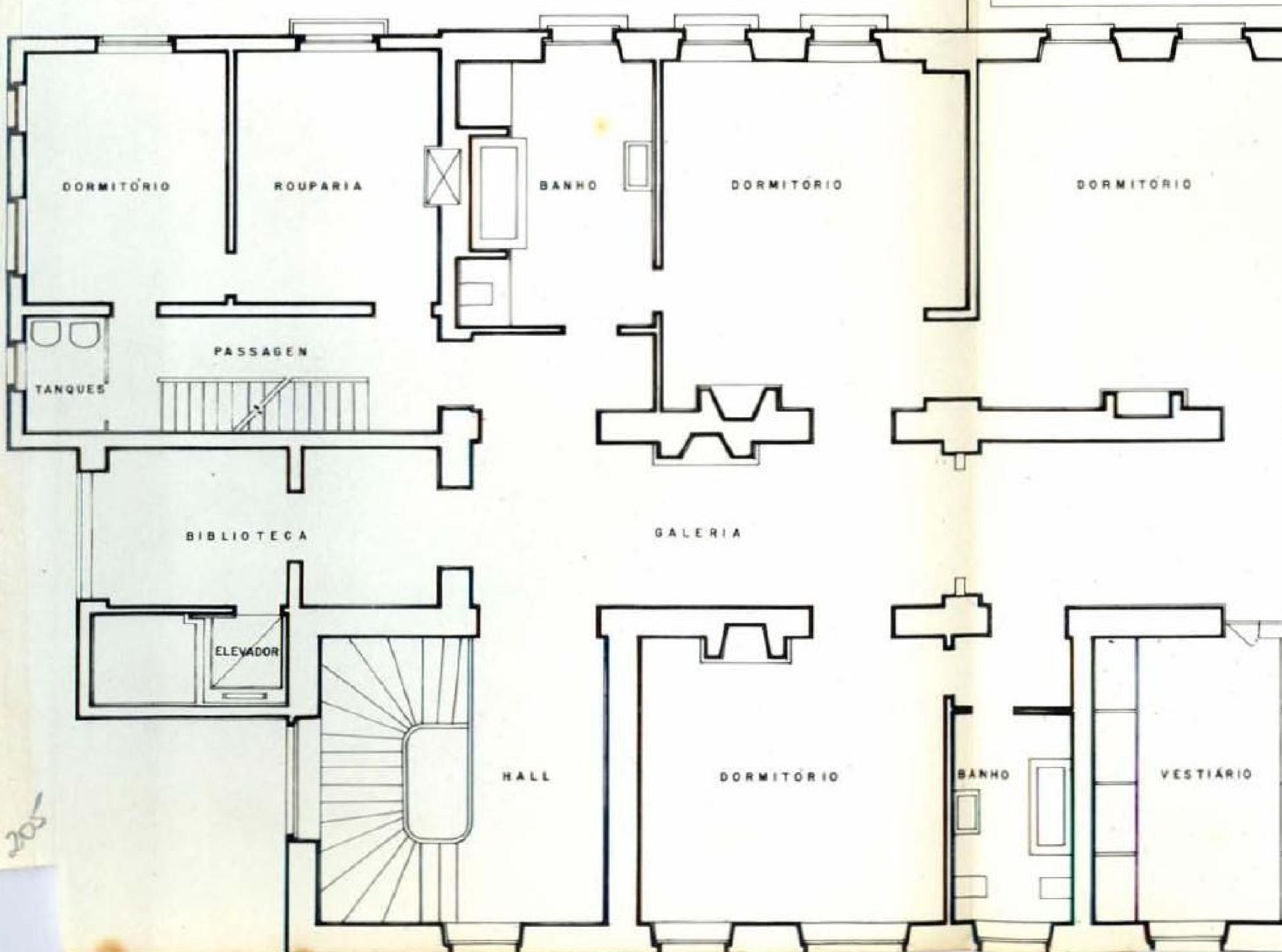
202

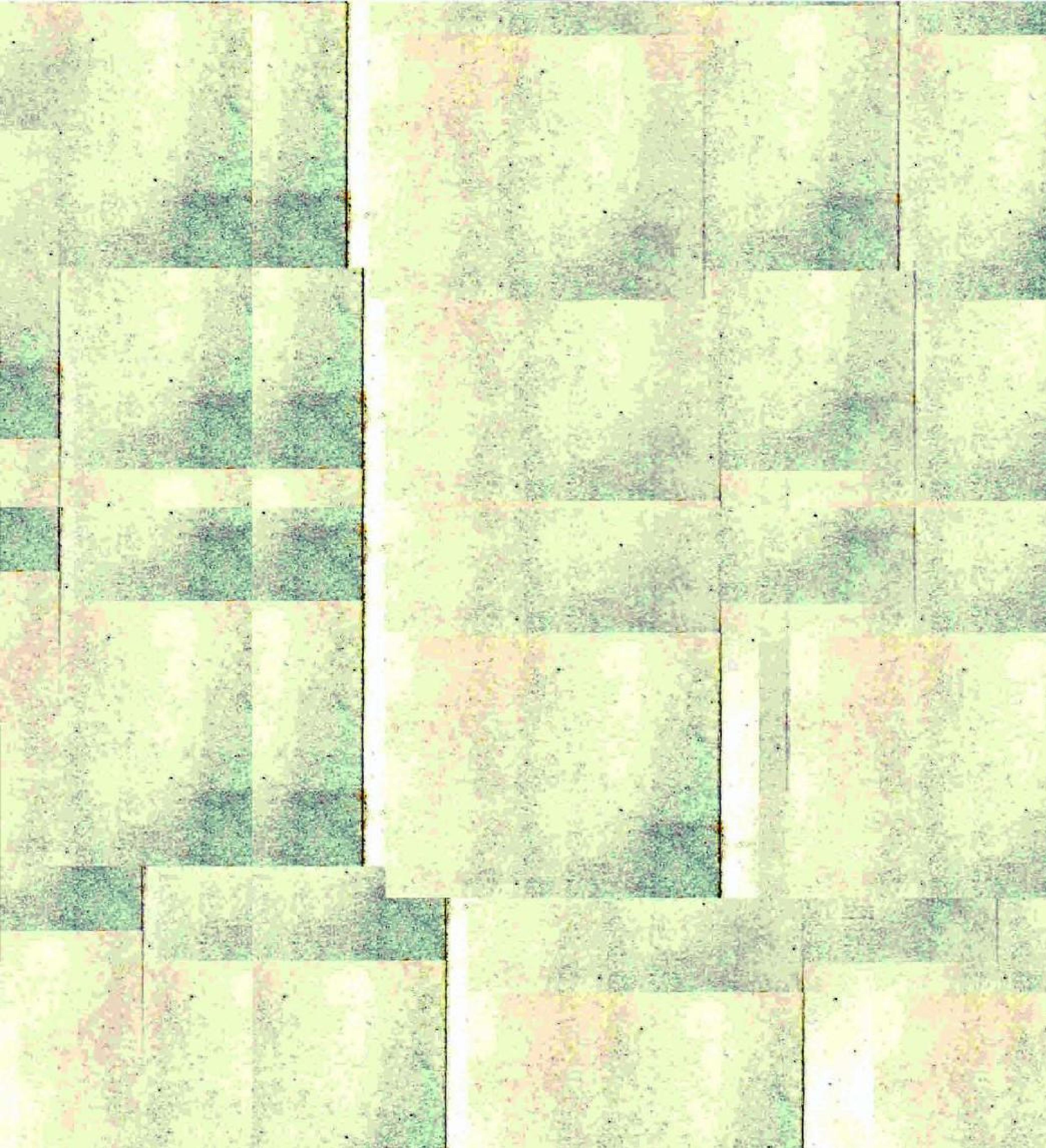


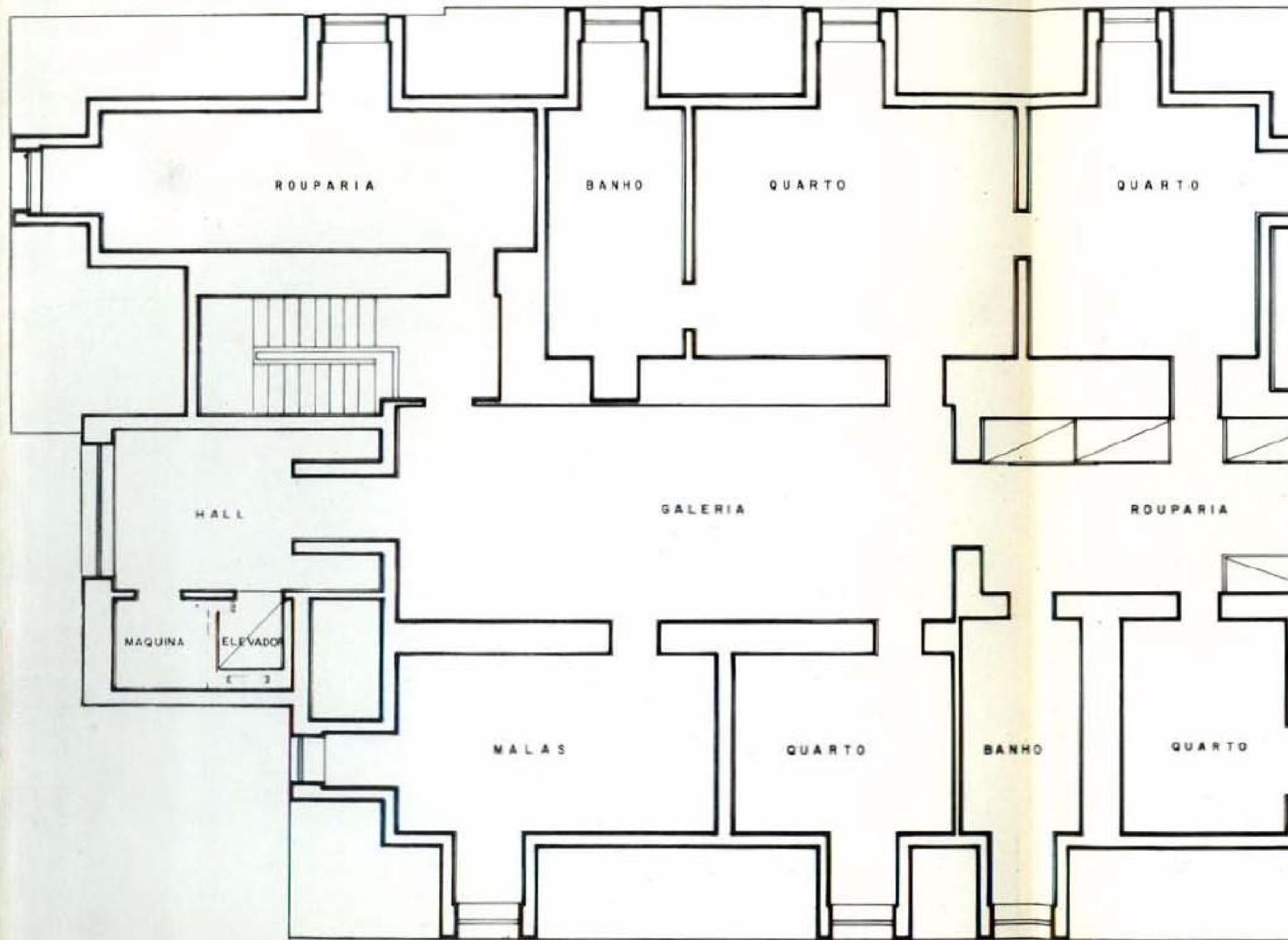


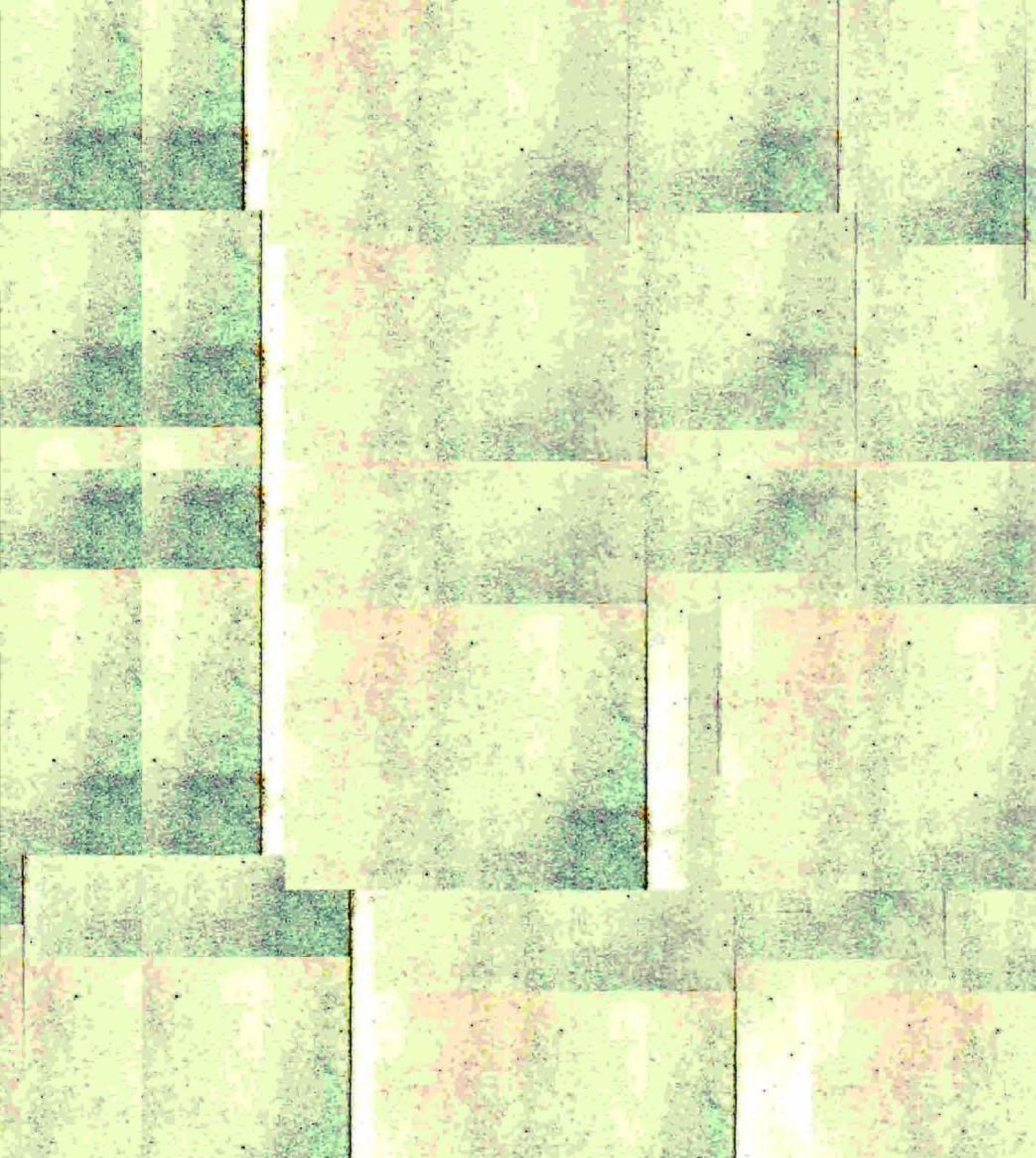


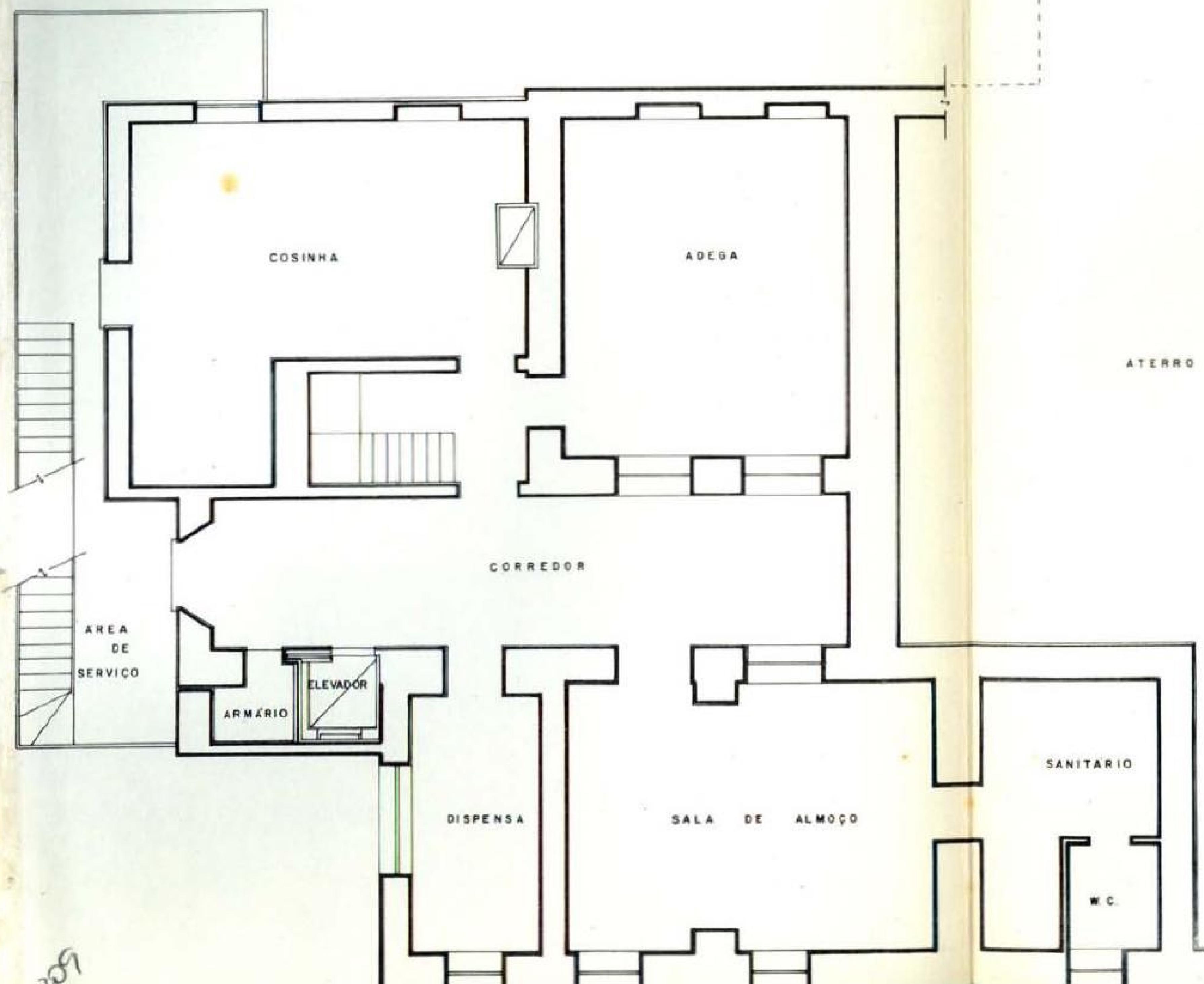
TERRACO

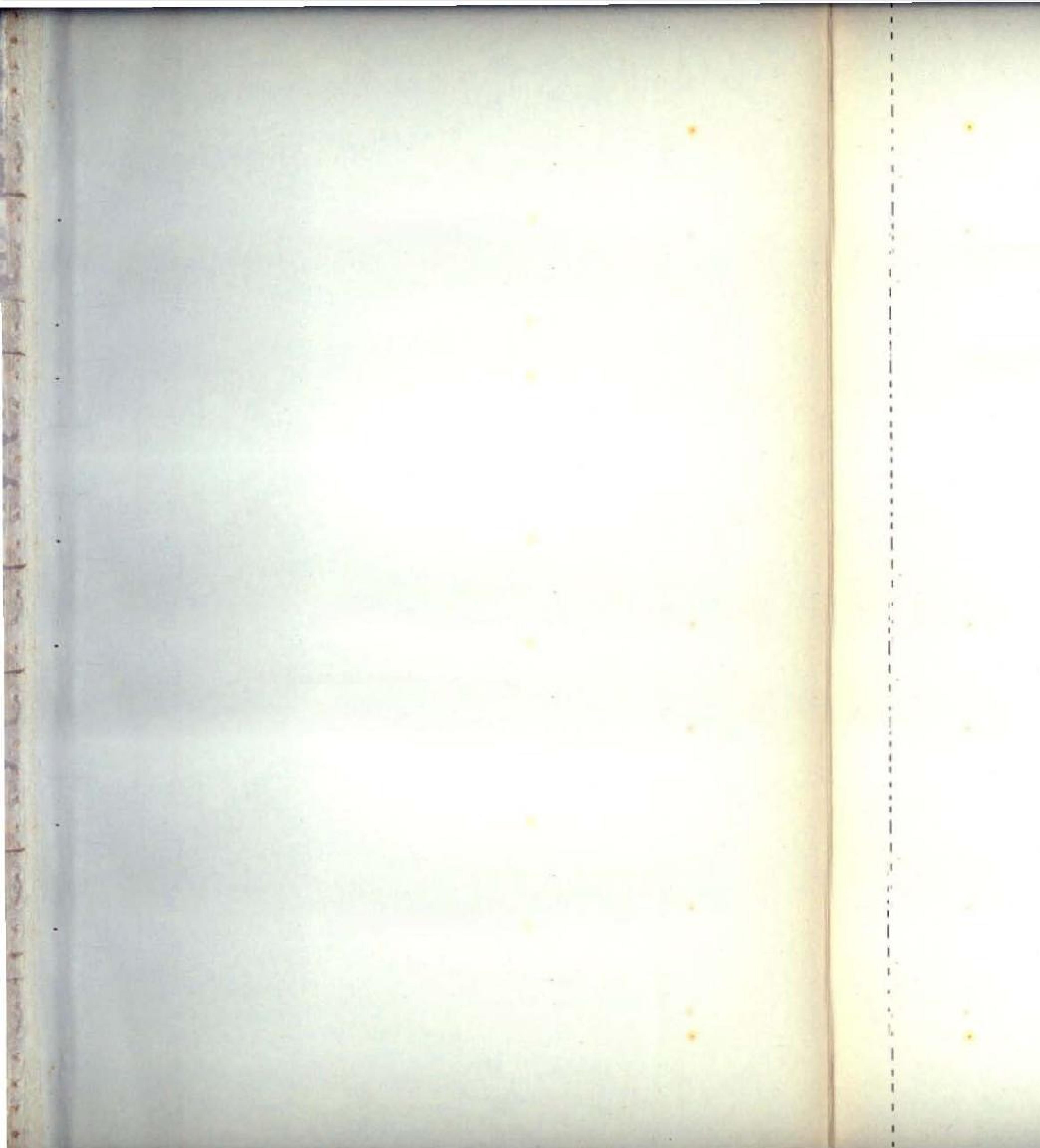










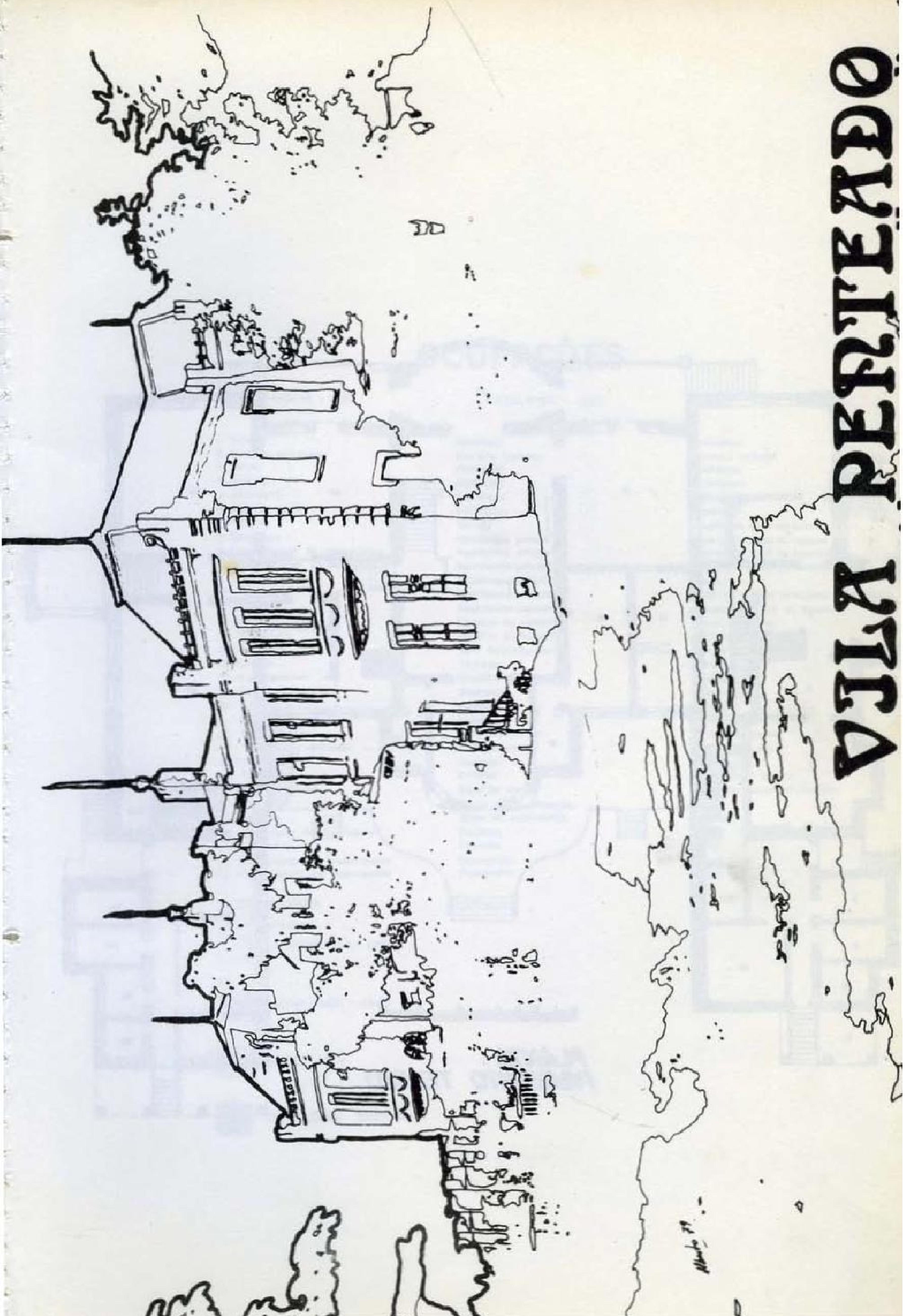


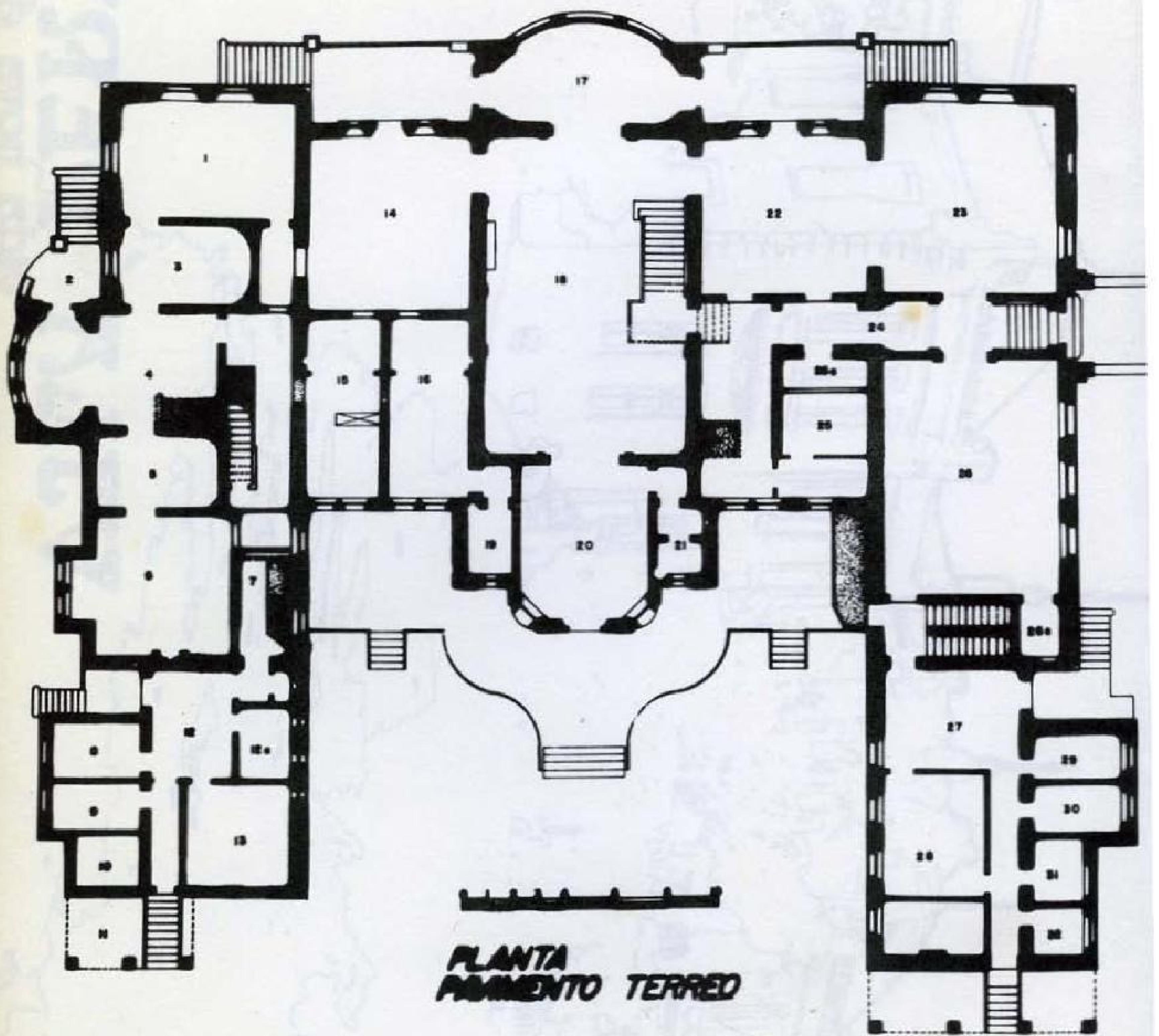
"VILA PENTEADO"

Rua Maranhão, n.º 88.

Levantamento:
Alberto da Silva Prado

**DETALHE DE
PENTEADO**





OCUPAÇÕES

RESIDENCIA - 1910

FACULDADE - 1967

HOJE - 1979

- 1- Salão
- 2- Entrada principal
- 3- Salão
- 4- Segundo
- 5- Escritório
- 6- Sala de jantar
- 7- Toilette
- 8- Despense
- 9- Dependência de empregados
- 10- Dependência de empregados
- 11- Lavanderia
- 12- Coço
- 13- Cozinha
- 14- Sala de bilhar
- 15- Dormitório
- 16- Dormitório
- 17- Terraço
- 18- Segundo
- 19- Benfeiro
- 20- Escritório
- 21- Benfeiro
- 22- Sala Luis XV
- 23- Sala Maria Antônia
- 24- Corredor
- 25- Tocador
- 26- Sala de jantar
- 27- Coço
- 28- Cozinha
- 29- Escritório da governante
- 30- Despense
- 31- Dependência de empregados
- 32- Dependência de empregados

- Biblioteca
- Entrada fechada
- Biblioteca
- Biblioteca
- Biblioteca
- Biblioteca
- Toilette
- Residência zelador
- Cadeira de história
- Cadeira de história
- Sala de professores
- Terraço
- Segundo
- Benfeiro
- Portaria
- Benfeiro
- Sala de aulas
- Sala de aulas
- Corredor
- Bebedor
- Sala de aulas
- Setor de publicações
- Setor de publicações
- Cozinha
- Cozinha
- Topografia
- Topografia

- Biblioteca
- Entrada fechada
- Biblioteca
- Biblioteca
- Biblioteca
- Biblioteca
- Quarto da casa do casseiro
- Vago
- Sala de visitas do casseiro - a) Benfeiro
- Costela da casa do casseiro
- Sala de aulas
- Secretaria
- Vago
- Terraço
- Segundo
- Benfeiro
- Portaria
- Benfeiro
- Sala de aulas
- Sala de aulas
- Corredor
- Benfeiro - a) piso
- Sala de aulas - a) depósito
- Copa
- Depósito
- Vago
- Vago
- Vago
- Vago

ALTERAÇÕES

PAREDES INTERNAS



RESIDENCIA - 1902



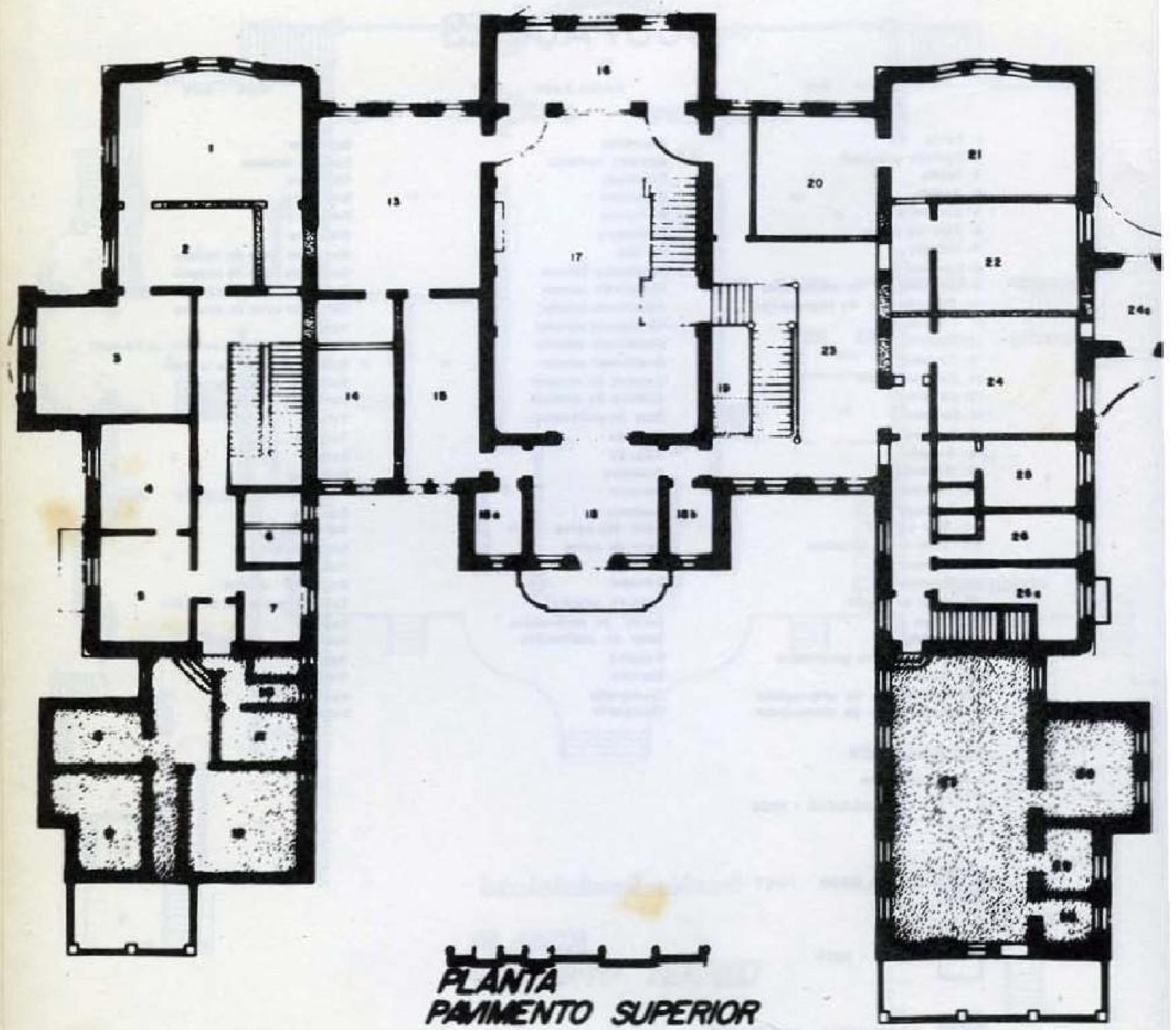
FACULDADE - 1967



HOJE - 1979



ESTRUTURA CONSTANTE



OCUPAÇÕES

RESIDÊNCIA - 1910

FACULDADE - 1967

HOJE - 1979

I- Quarto do casal	Sala de aula	Arquivo de plantas CPEU
II- Dormitório	Sala de aula	Arquivo de plantas CPEU
III- Quarto de vestir	CPEU	Sala de aula CPEU
IV- Quarto de vestir	CPEU	CPEU
V- Dormitório	CPEU	CPEU
VI- Banheiro	Banheiro	Banheiros
VII- Quarto de estudos	Banheiro	Banheiros
VIII- Quarto de empregada	CPEU	Sala de desenho
IX- Quarto do governante	CPEU	Sala de desenho
X- Banheiro	Banheiro	Banheiro
XI- Banheiro	Banheiro	Banheiro
XII- Reserva	Sala de aula	Sala de desenho
XIII- Dormitório	Seção de aulas	Sala de reunião da pos-produção
XIV- Dormitório	Diretoria	Vaga
XV- Dormitório	Diretoria	Vaga
XVI- Salas	Seção de pessoal	Vaga
XVII- Vazio de segredo	Vazio de segredo	Vazio de segredo
XVIII- Sala de ater	Depósito de trabalhos de aulas	a-Banheiro Administracão e RRH
XIX- Poco do elevador	Cadeira de flores aplicada	b-Almoxarifado
XX- Quarto de vestir	Sala de aulas	Secretaria
XXI- Dormitório	Sala de aulas	Secretaria
XXII- Dormitório	Segredo	Sala de pesquisas
XXIII- Segredo	Contabilidade	Segredo
XXIV- Dormitório	Tesouraria	Sala de pesquisas
XXV- Banheiro	Banheiro	Banheiro
XXVI- Banheiro	Sala de aulas	Vaga a-Vaga
XXVII- Dependencia do governo	Depósito de trabalhos de aulas	Vaga
XXVIII- Dependencia do governo	Depósito de trabalhos de aulas	Vaga
XXIX- Dependencia do governo	Depósito de trabalhos de aulas	Vaga
XXX- Dependencia do governo	Depósito de trabalhos de aulas	Vaga

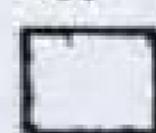
ALTERAÇÕES

PAREDES INTERNAS



RESIDÊNCIA - 1902

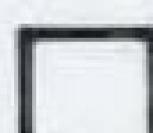
PISO



PARTES DO ANDAR CONSTRUÍDO EM 1907



FACULDADE - 1967

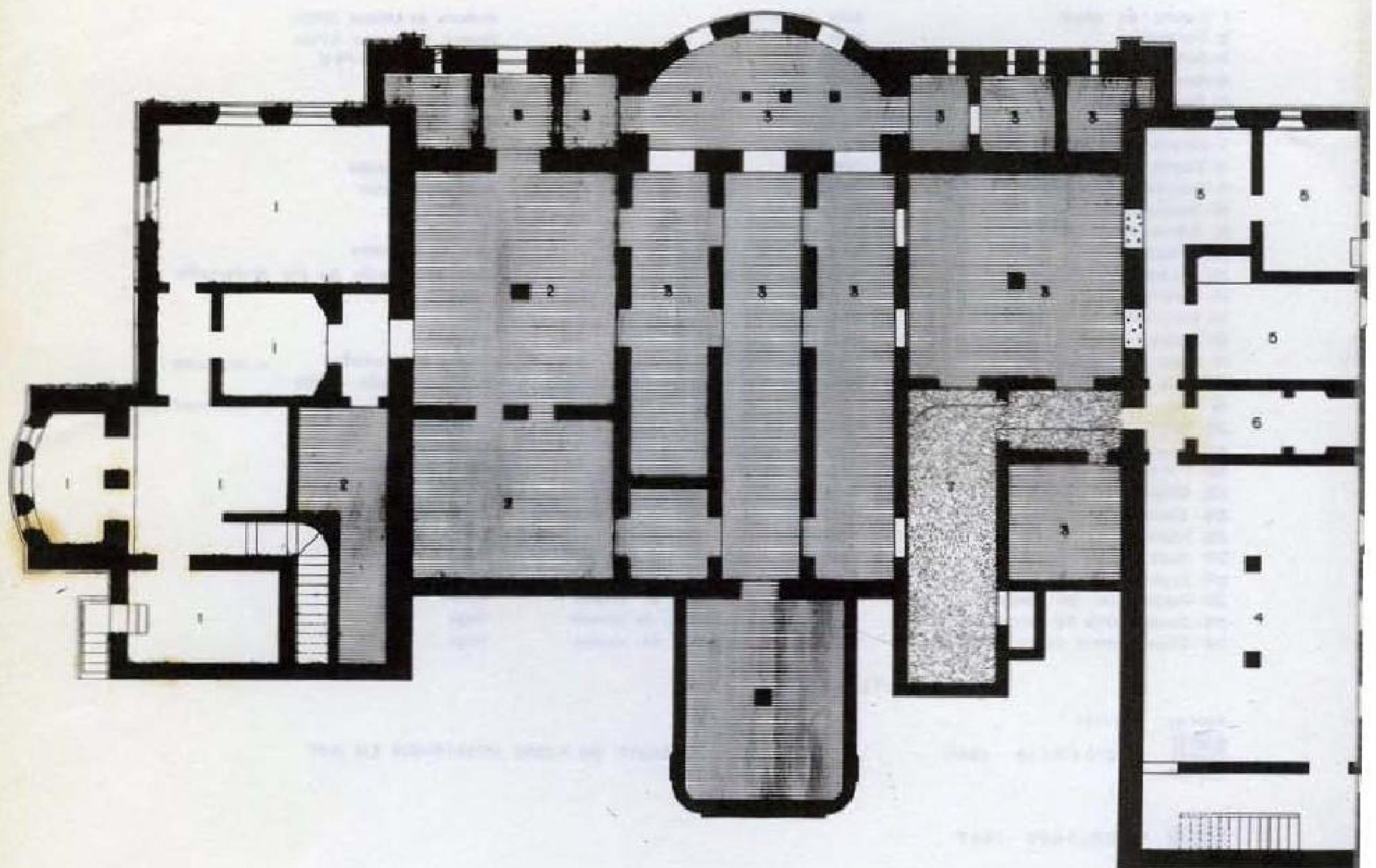


HOJE - 1979



ESTRUTURA CONSTANTE

GRABAGE



PLANTA
PORÃO

0 1 2 3 4 6 8 10

OCUPAÇÕES

RESIDENCIA - 1910

- 1 - Adega
- 2 - Ventilação
- 3 - Ventilação
- 4 - Depósito
- 5 - Depósito
- 6 - Depósito
- 7 - Depósito

FACULDADE - 1967

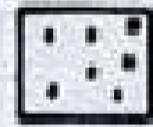
- Grêmio
- Depósito de materiais do grêmio
- Depósito
- Gráfica
- Almoxarifado
- Almoço dos funcionários da gráfica
- Acesso ao depósito

HOJE - 1979

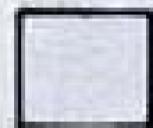
- Vago
- Vago
- Vago
- Vago
- Depósito
- Vago
- Vago

ALTERAÇÕES

PAREDES INTERNAS



FACULDADE - 1967



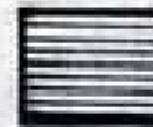
HOJE - 1979



ESTRUTURA CONSTANTE

ALTURAS

PÉ DIREITO



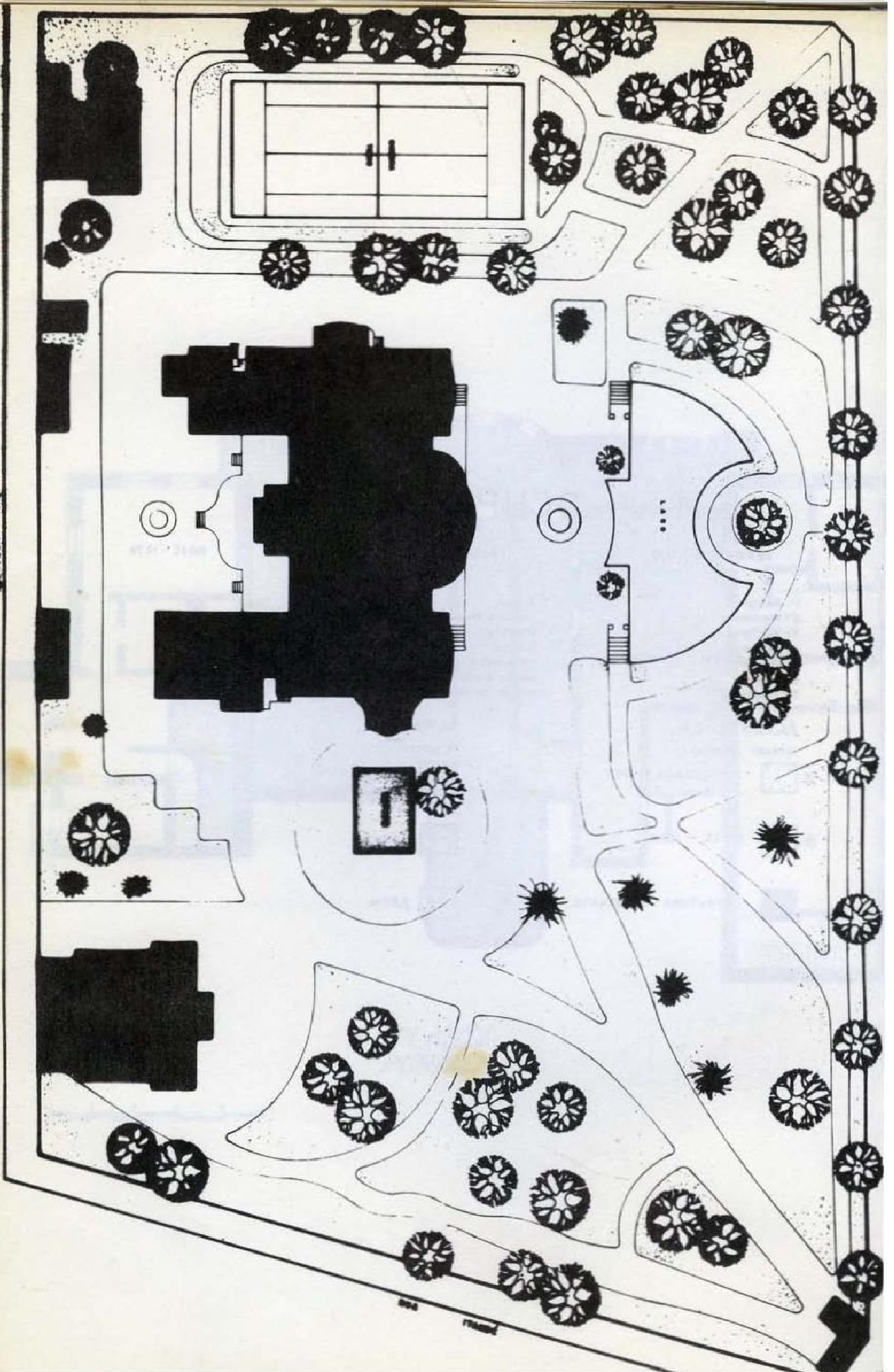
1,00 m



1,80 m



2,80 m

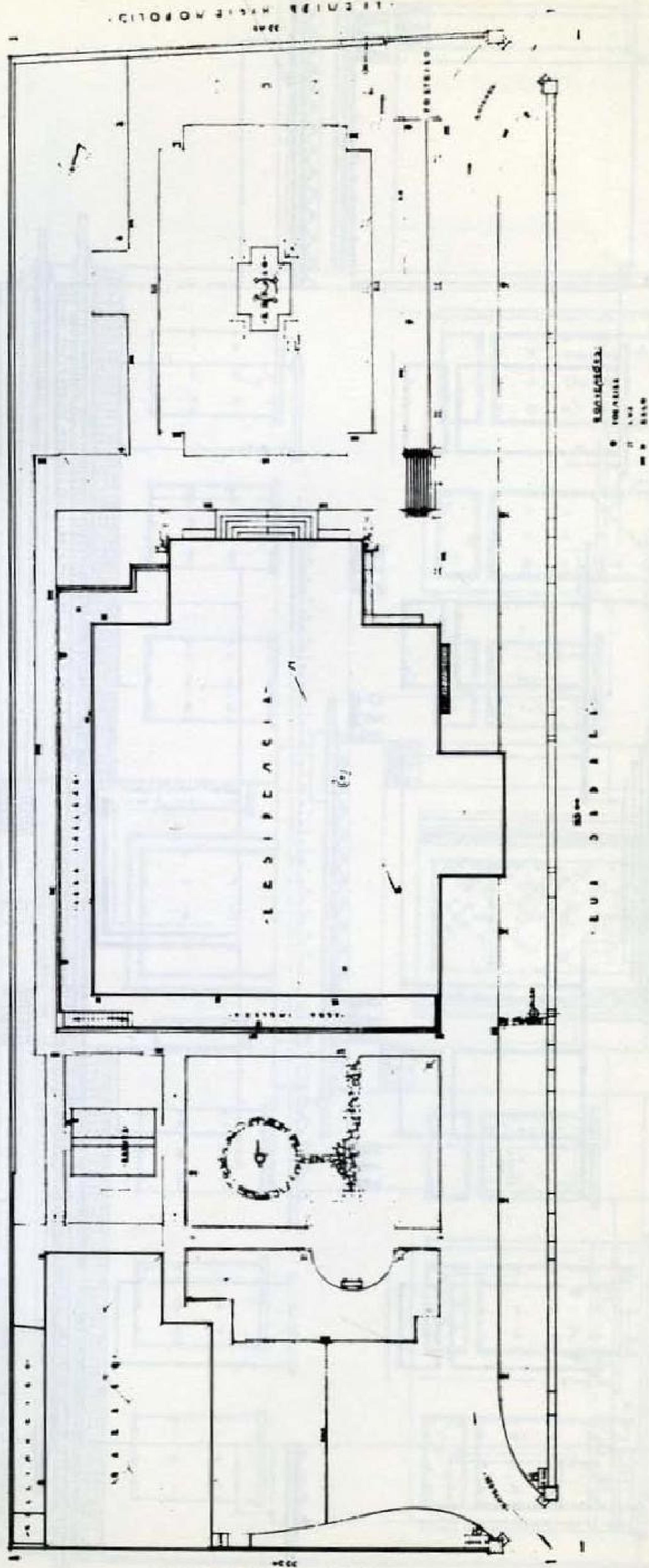
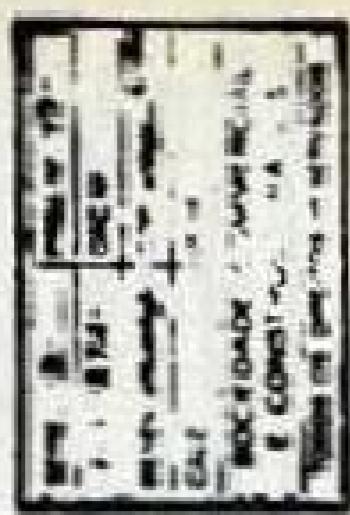


"RESIDÊNCIA CAIO DA SILVA PRADO"

Avenida Higienópolis, n.º 3

Arquivo Caio Prado Jr.

1100 - 1101 - 1102 - 1103 - 1104 -
1105 - 1106 - 1107 - 1108 - 1109 -
1110 - 1111 - 1112 - 1113 - 1114 -
1115 - 1116 - 1117 - 1118 - 1119 -
1120 - 1121 - 1122 - 1123 - 1124 -
1125 - 1126 - 1127 - 1128 - 1129 -
1130 - 1131 - 1132 - 1133 - 1134 -
1135 - 1136 - 1137 - 1138 - 1139 -
1140 - 1141 - 1142 - 1143 - 1144 -
1145 - 1146 - 1147 - 1148 - 1149 -
1150 - 1151 - 1152 - 1153 - 1154 -
1155 - 1156 - 1157 - 1158 - 1159 -
1160 - 1161 - 1162 - 1163 - 1164 -
1165 - 1166 - 1167 - 1168 - 1169 -
1170 - 1171 - 1172 - 1173 - 1174 -
1175 - 1176 - 1177 - 1178 - 1179 -
1180 - 1181 - 1182 - 1183 - 1184 -
1185 - 1186 - 1187 - 1188 - 1189 -
1190 - 1191 - 1192 - 1193 - 1194 -
1195 - 1196 - 1197 - 1198 - 1199 -

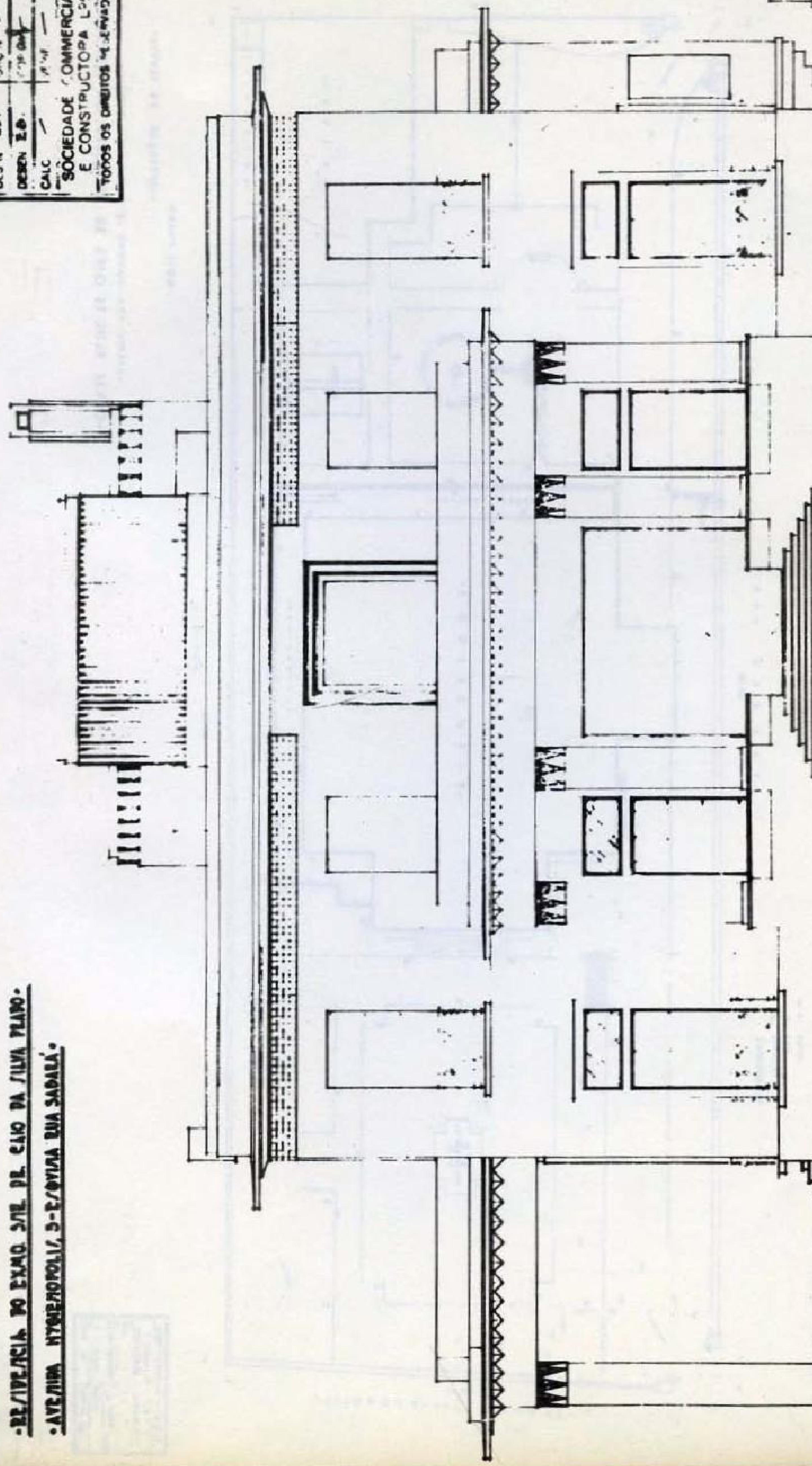


PLANO DE EXCEU PLANO DA SERRA

AVARIA INTERIOR DA SERRA

PROJ. N° 42
ORC. N° 1
DES. N° 221
CALEC -
DESEN. 2.0.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

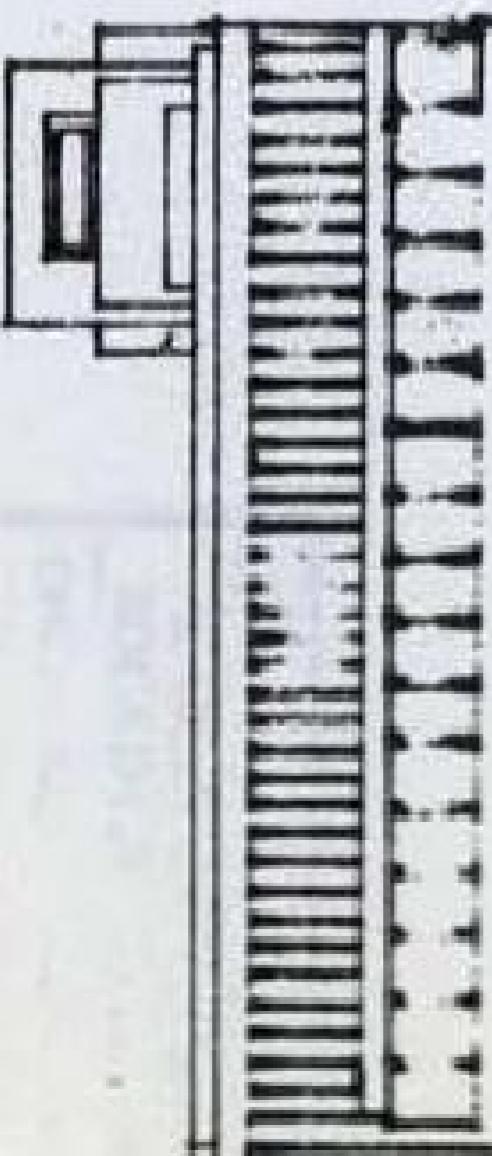
SOCIEDADE COMERCIAL E CONSTRUCTORA LTDA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



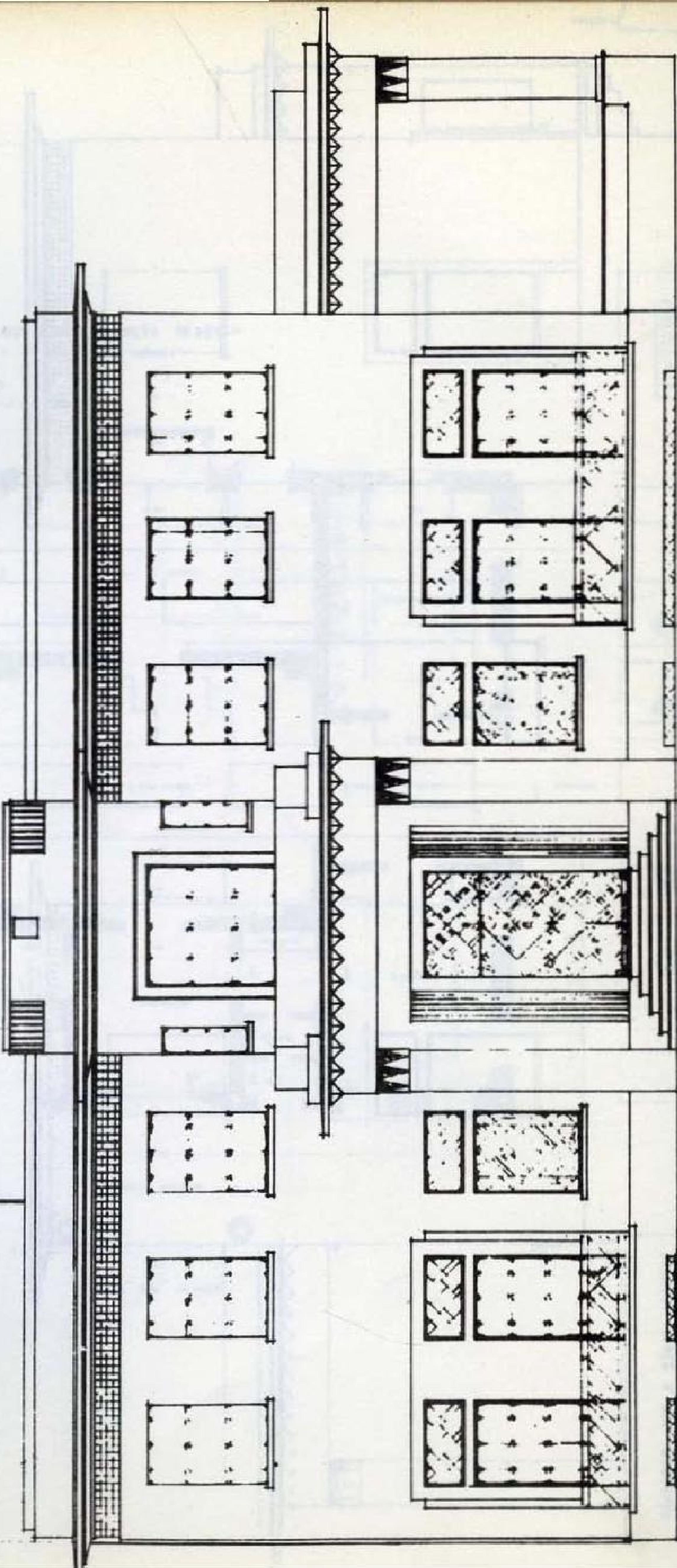
TIPOLOGIA DE MATERIAIS

PLANO DA SERRA

• ATENÇÃO - HABITUAÇÃO DE SISTEMA UNIVARIADO.



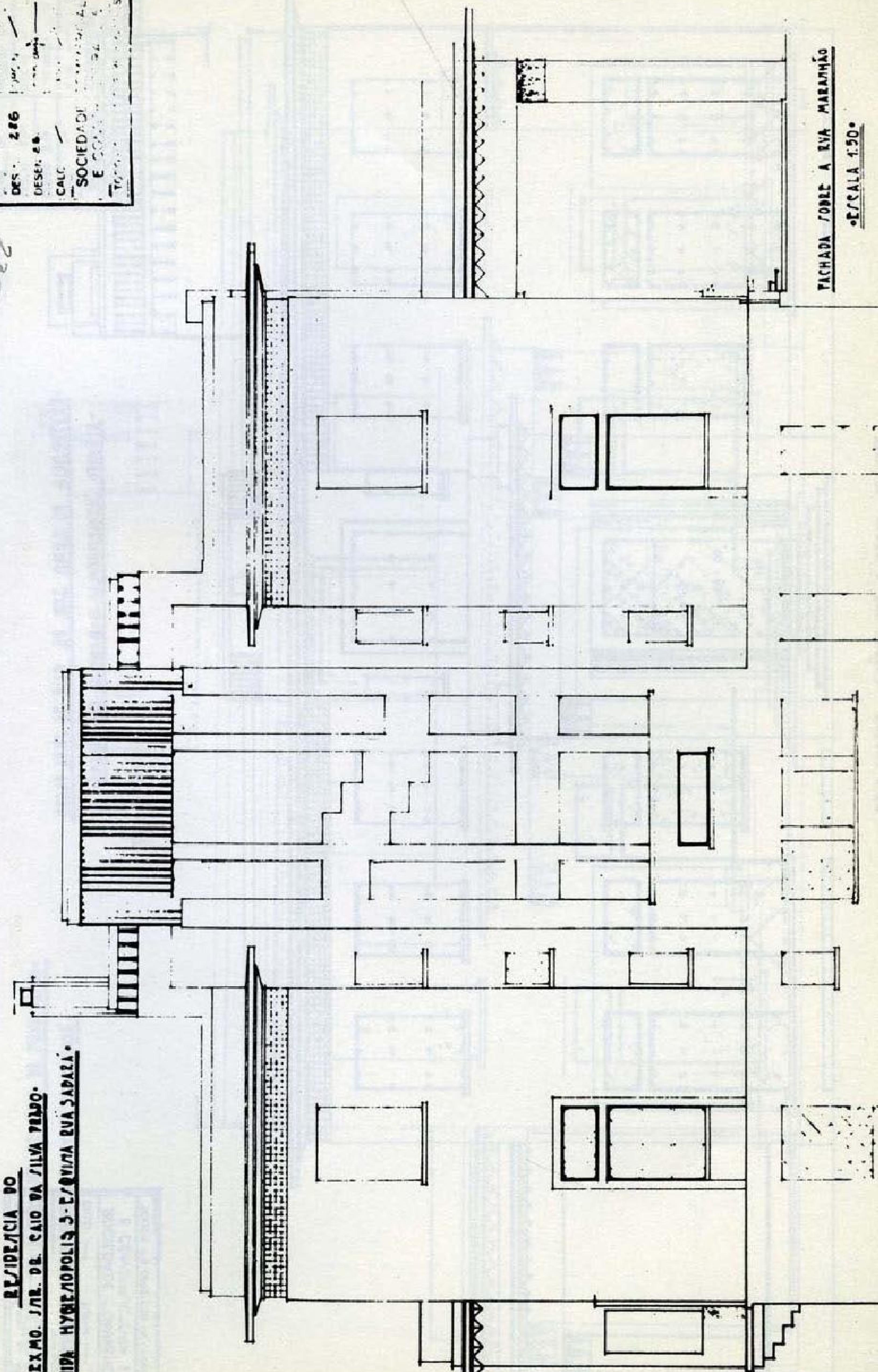
**SOCIEDADE COMERCIAL
E CONSTRUTORA Ltda.**



SEPTEMBER 1945
 DES. 286
 DES. 28
 CALC.
 SOCIEDADE
 E CO
 TRIB
 S

ESTUPENDA 90
 EXMO. JLR. DR. CARLOS DA SILVA MELO
 MINHA HISTORIAS E VIDA PRA SABER.

222



-RESIDENCIA DO EXMO SR. DR. CAIO DA SILVA PRADO-

INTERNA MAREchal FONTELES 3 - RJ - BRASIL

PLANTA DO TERMO TERRITO

Escala 1:50

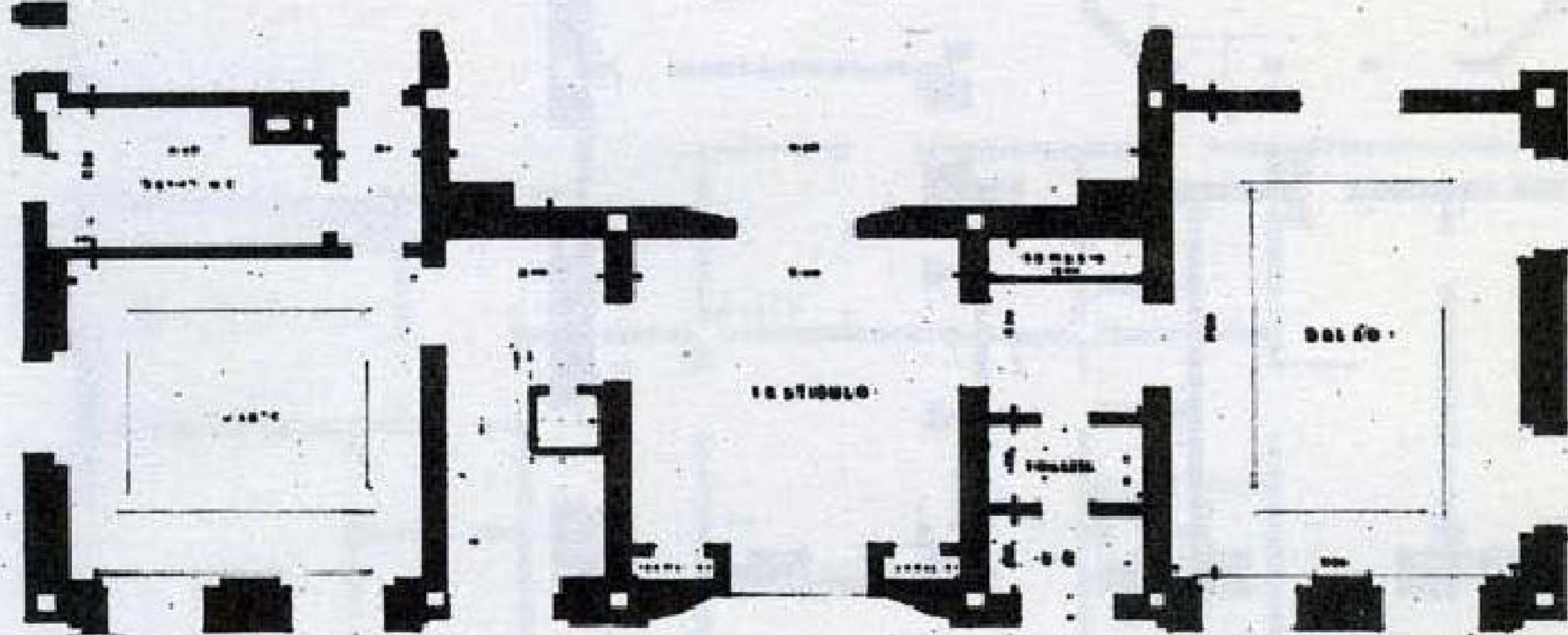
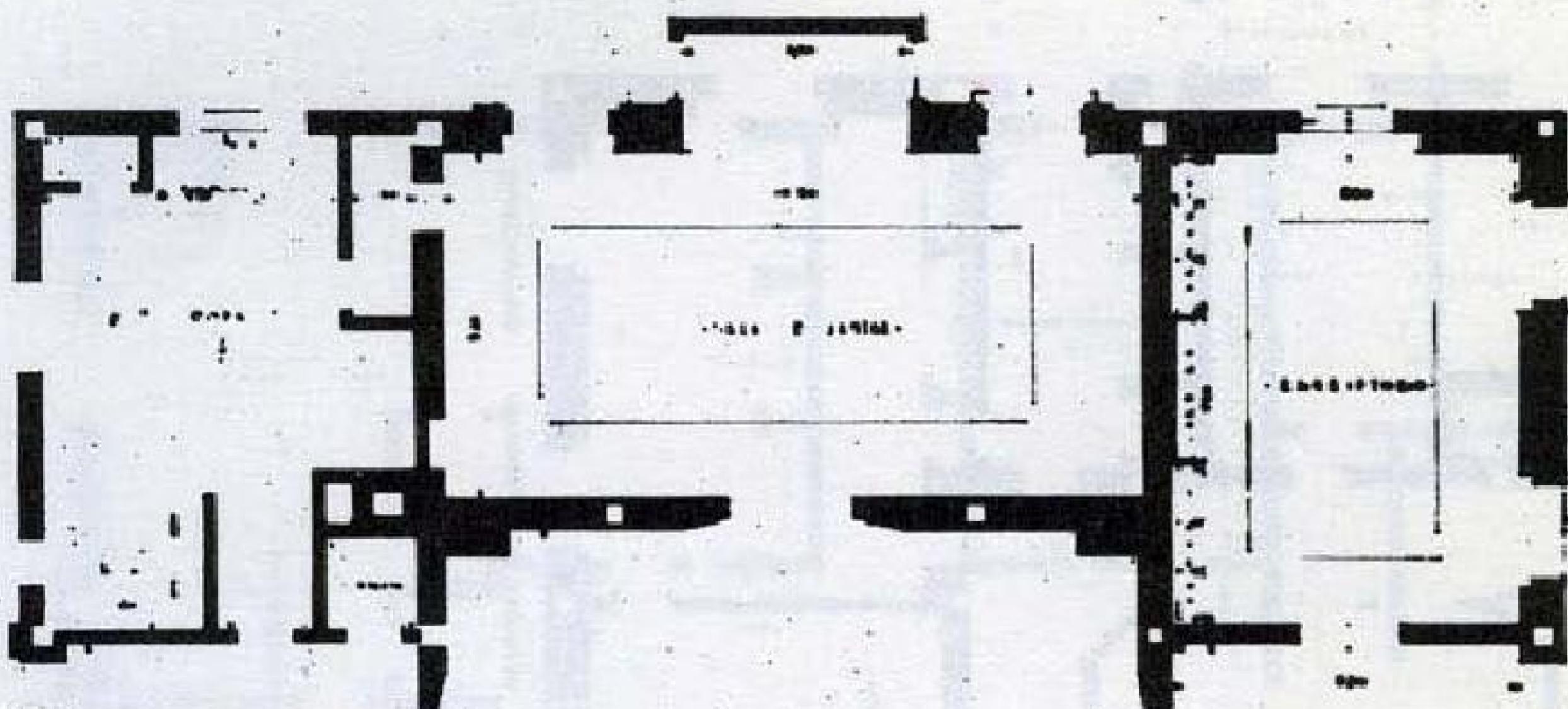
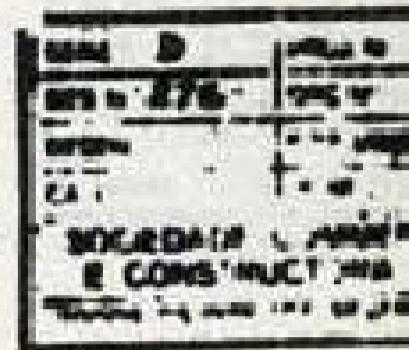


Foto da planta

PLANTA DO RESID.

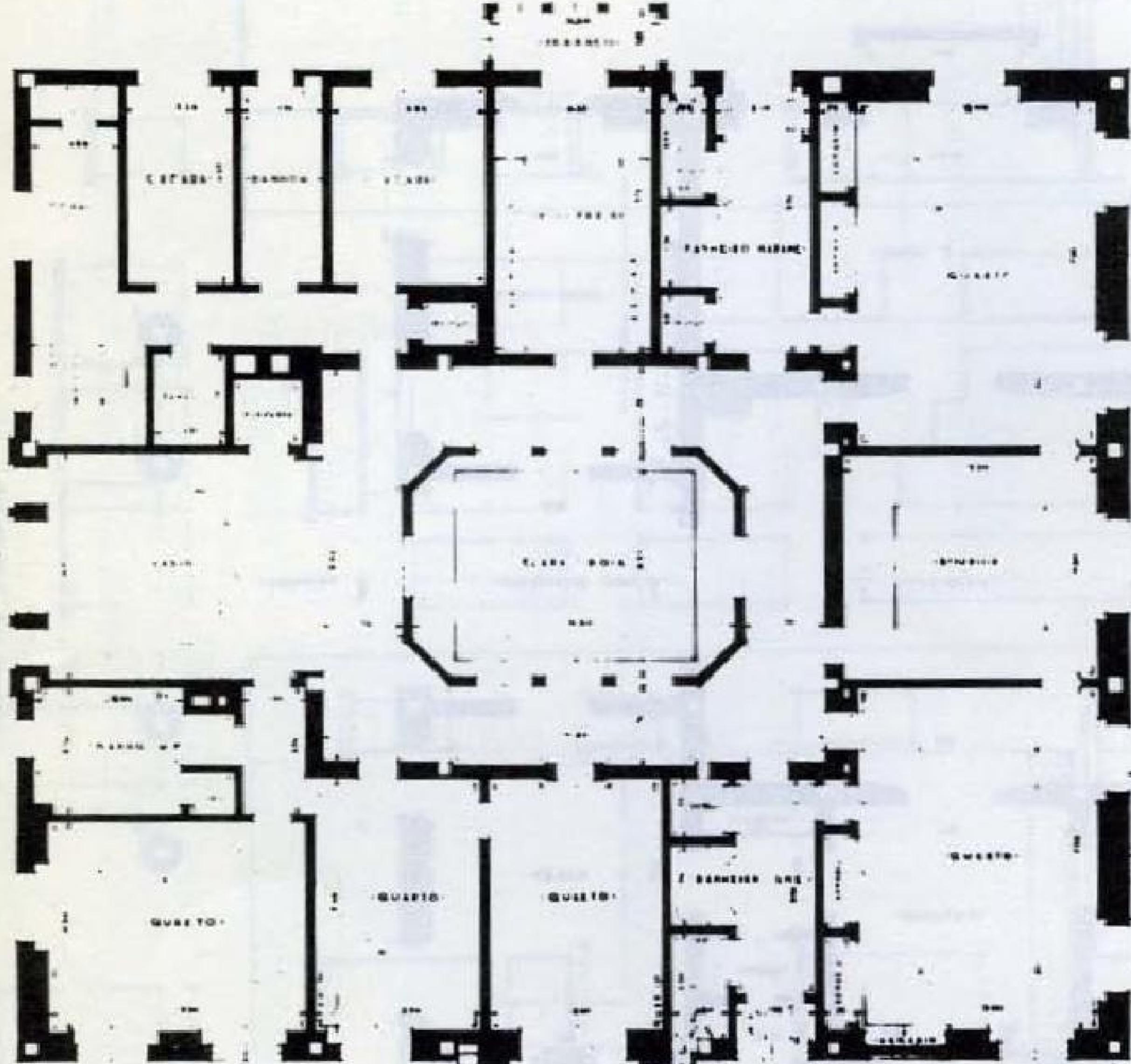
RESIDENCIA PEL PREGO D'AR DE CAIO DA SILVA MELO.

ESTATE OF MARY BOROUDIS 3 - ESTATE OF MARY BOROUDIS

NAME	ADDRESS	TELEGRAMS
WILLIAM H. BROWN	100 E. 12th ST., NEW YORK CITY	W.H.B.
WILLIAM H. BROWN	100 E. 12th ST., NEW YORK CITY	W.H.B.
WILLIAM H. BROWN	100 E. 12th ST., NEW YORK CITY	W.H.B.

PLANTA DO SITIO SUCÉLIO

- 150 -



卷之三

• 100 •

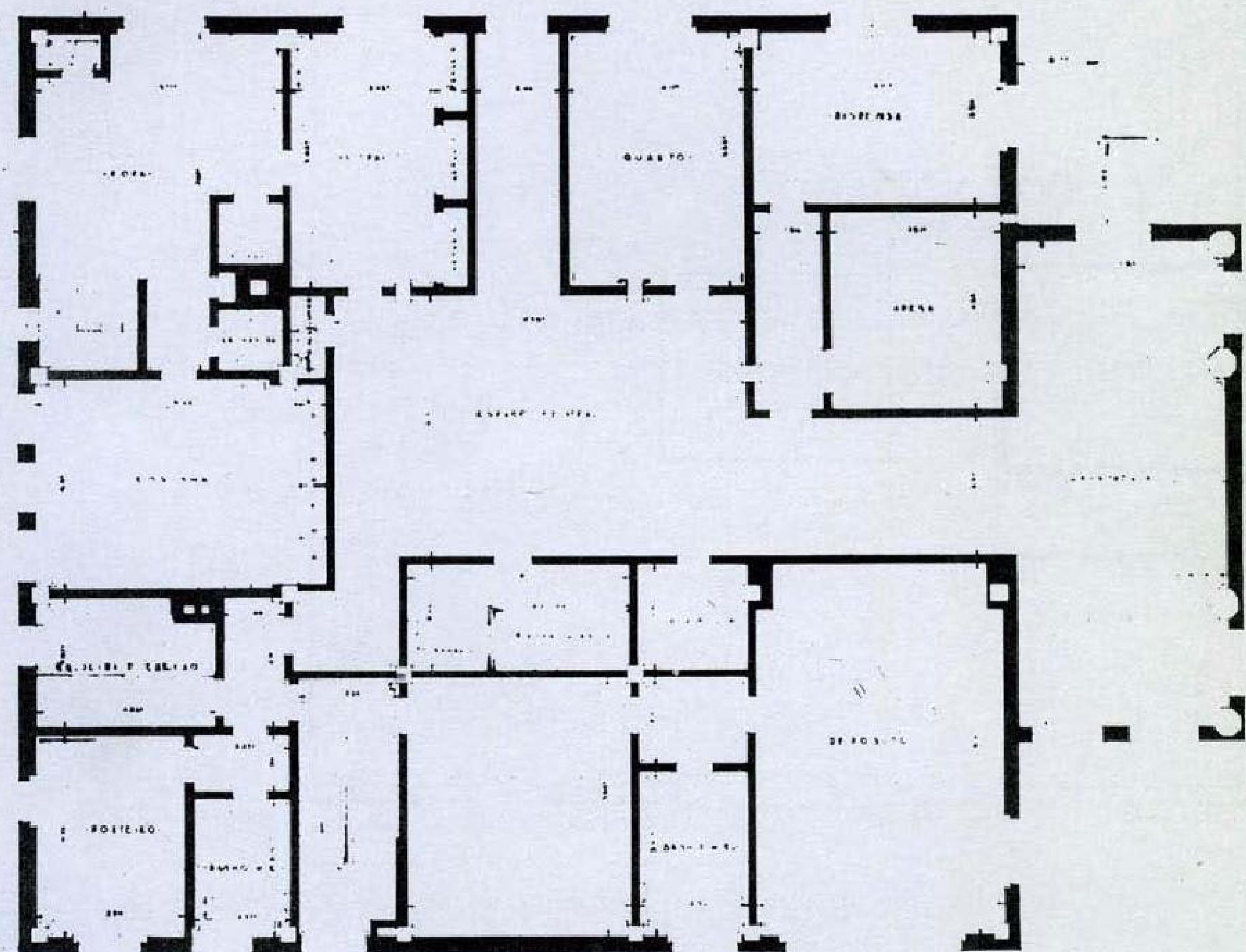
-RESIDENCIA DO EXMO SR. DR. CAIO DA SILVA FILHO-

—**C. CLAUDIO VILLELA** —
—**ESTE E O TEMA DA SÉ** —

-PLANTA DO MUNDO-

• १५० •

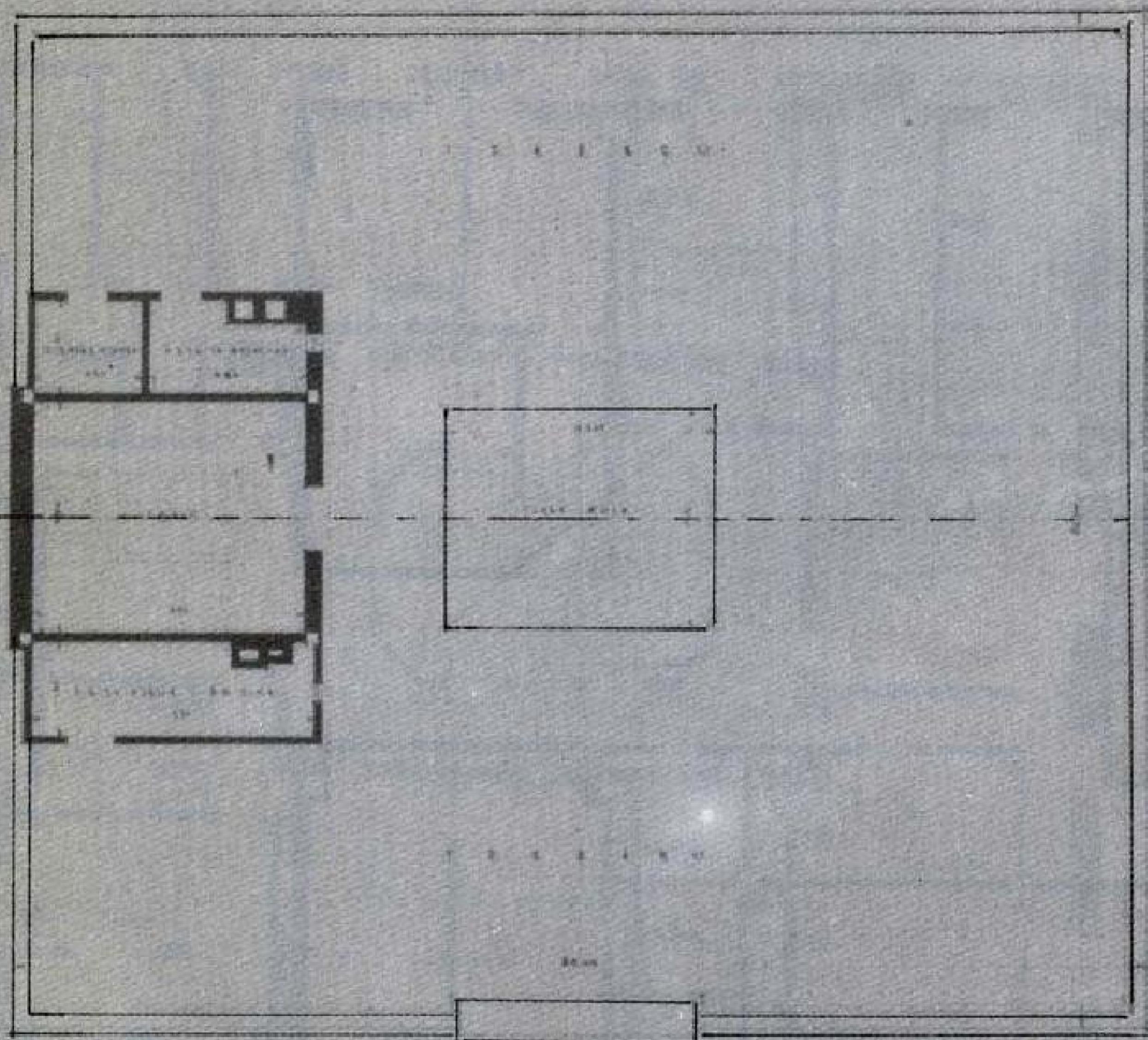
NAME	B	NAME
DATE	275	DATE
CRATE		
CASE		
SOCIEDADE		
ESTABELECIMENTO		
PROPRIETÁRIO		



• FLATTE IVA 98644

ESTADO DE SÃO PAULO
REGISTRO DE CASAMENTO
SANTOS - SP - 1940 - 15 - MARINA LIMA SANTOS
- 1940 - 15 - 1940 - 15 - 1940

三

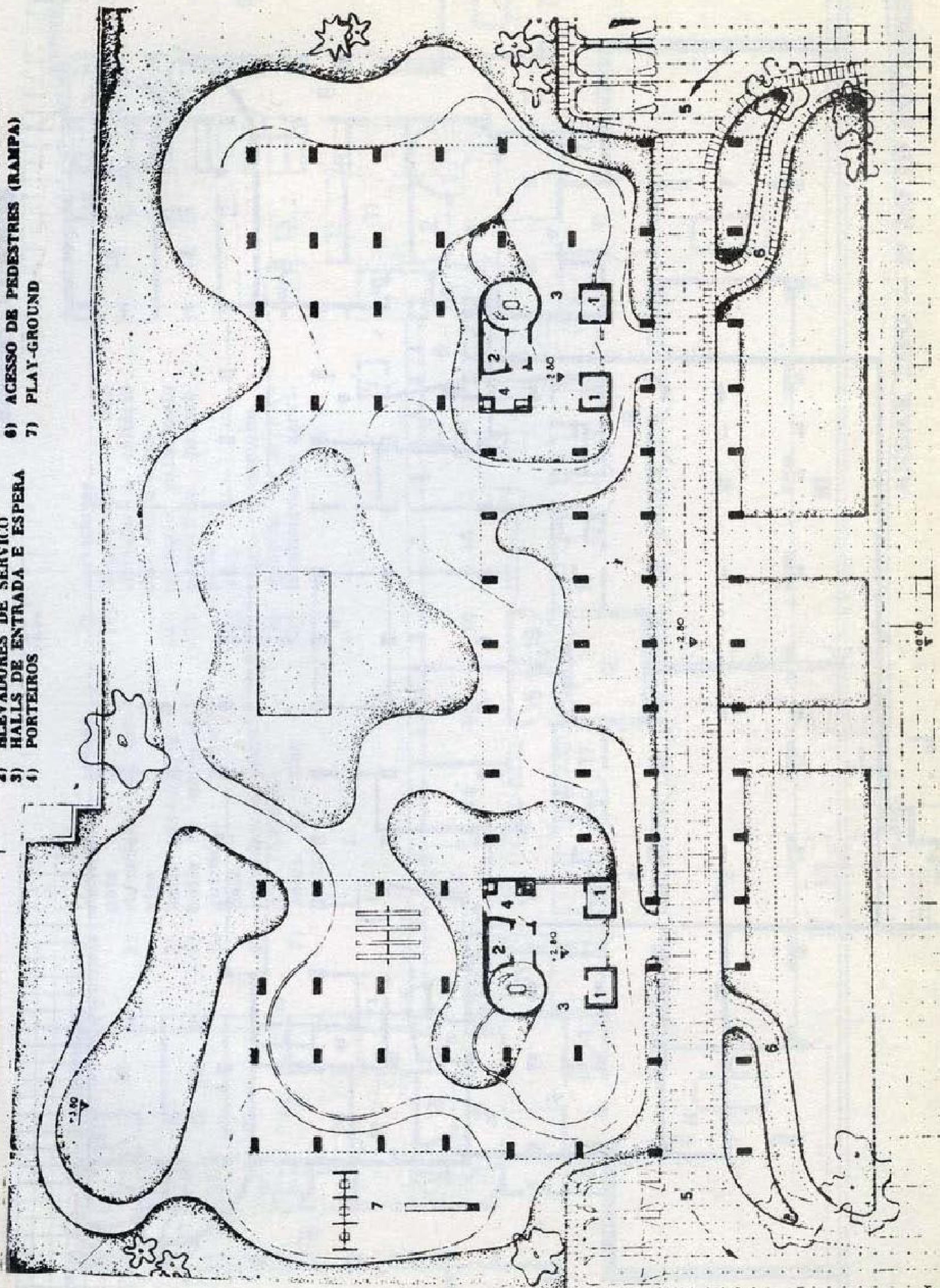


"APARTAMENTOS PRUDÊNCIA E CAPITALIZAÇÃO"

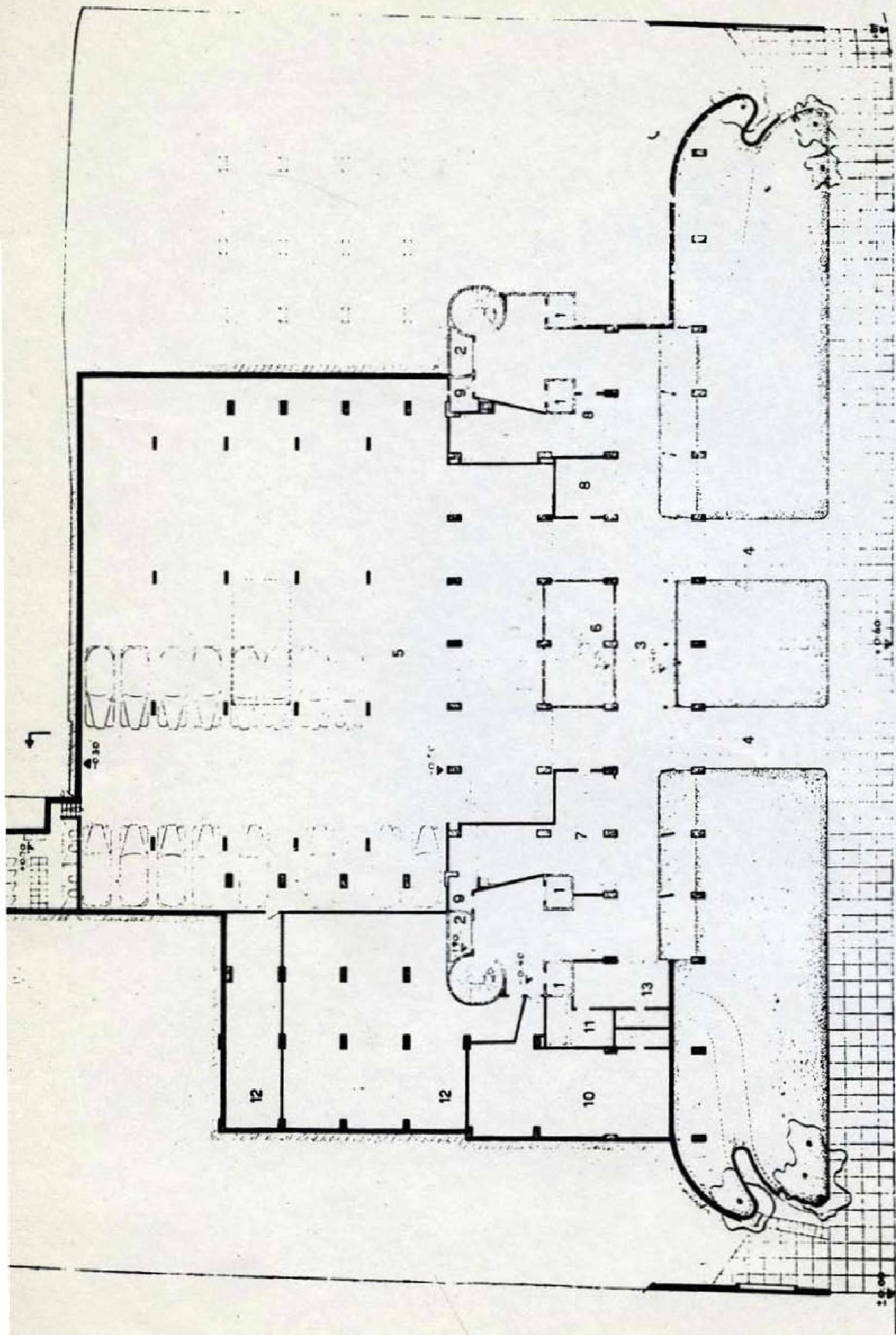
Avenida Higienópolis

Arquivo FAU-USP

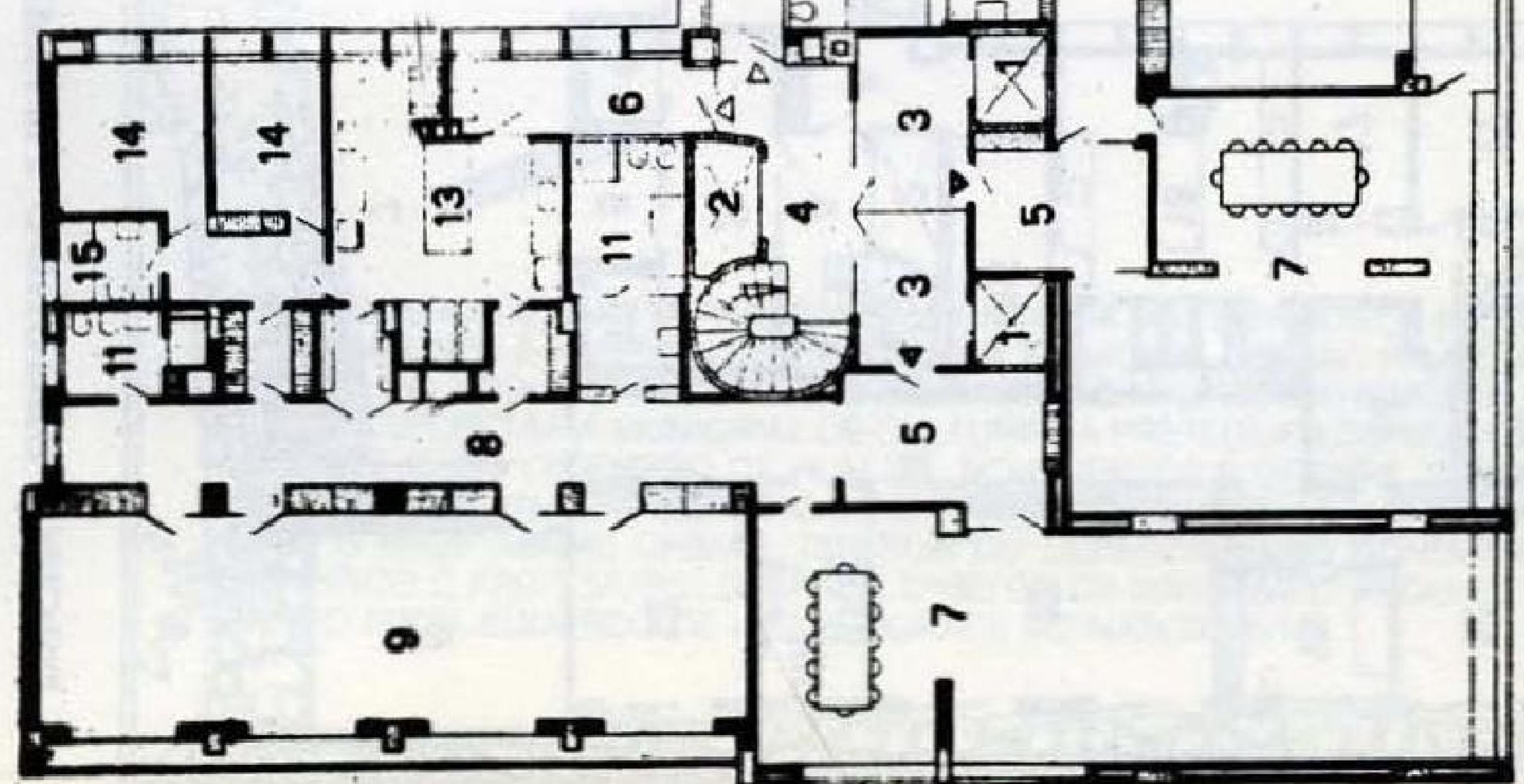
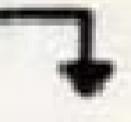
- 1) ELEVADORES (ASCENSORES)
- 2) ELEVADORES DE SERVICO
- 3) HALLS DE ENTRADA E ESPERA
- 4) PORTEIROS
- 5) ACESSO DE AUTOMOVIS (ESTACIONAMENTO)
- 6) ACESSO DE PEDESTRES (RAMPA)
- 7) PLAY-GROUND



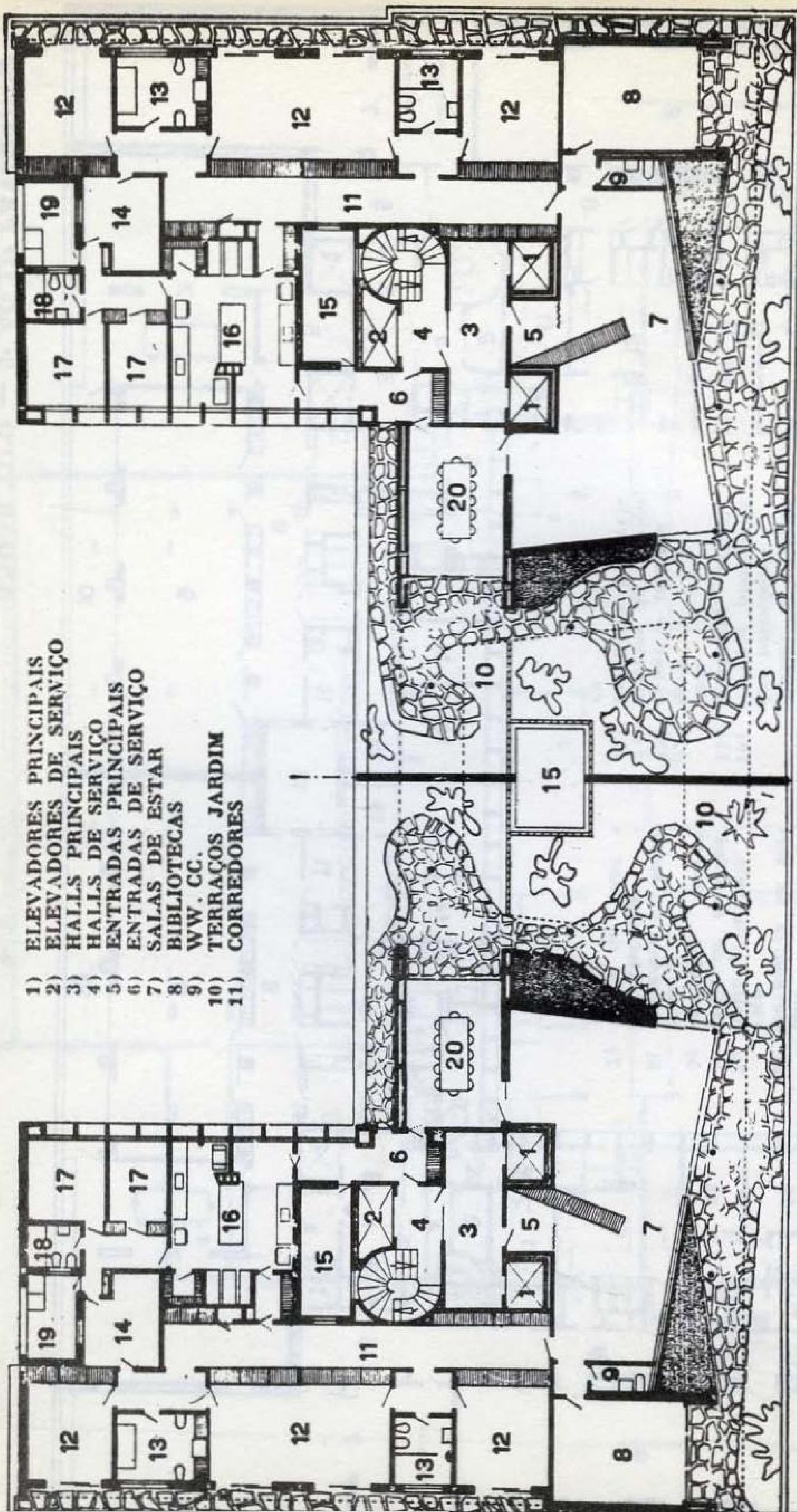
PRIMERO PAVIMENTO



ANDAR TIPO — 3º ANDAR PAVIMENTO



- 1) elevadores principais
- 2) elevadores de serviço
- 3) halls principais de serviços
- 4) halls de estar e jantar
- 5) entradas de serviços
- 6) escadas (terraço)
- 7) salas de estar e jantar
- 8) corredores domésticos — subdivisão a critério dos moradores
- 9) quartos principais
- 10) quartos de serviço
- 11) banheiros principais
- 12) área copas — cozinha
- 13) quartos de serviço
- 14) banheiros de serviço
- 15) sala de estar e jantar



- 1) ELEVADORES PRINCIPAIS
- 2) ELEVADORES DE SERVIÇO
- 3) HALLS PRINCIPAIS
- 4) HALLS DE SERVIÇO
- 5) ENTRADAS PRINCIPAIS
- 6) ENTRADAS DE SERVIÇO
- 7) SALAS DE ESTAR
- 8) BIBLIOTECAS
- 9) WWW. CC.
- 10) TERRAÇOS JARDIM
- 11) CORREDORES

DECIMO SEGUNDO PAVIMENTO

ESTE NÚMERO, DÉCIMO SÉTIMO DA SÉRIE HISTÓRIA DOS BAIRROS DE SÃO PAULO, FOI COMPOSTO E IMPRESSO PELA GRÁFICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO PARA A DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, EM SETEMBRO DE HUM MIL NOVECENTOS E OITENTA, SENDO PREFEITO O DR. REYNALDO EMYGDIO DE BARROS, SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA O PROF. MÁRIO CHAMIE, DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO O PROF. MURILLO MARX E DIRETOR DA DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO O PROF. EDUARDO DE JESUS MORAES DO NASCIMENTO.

PROGRAMAÇÃO GRÁFICA

**Seção Técnica de Divulgação e Publicações
CAPA: Avenida Higienópolis
Arte Final: Ronei Bacelli**

